



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA - PPGLIT

Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

OJO NBORI OJO: vozes ancestrais na cultura e na literatura. Conversas com avós.

Florianópolis
2020

Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

OJO NBORI OJO: vozes ancestrais na cultura e na literatura. Conversas com avós.

Tese submetida ao Programa de Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susan Aparecida de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia de Moraes Lima.

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Izabel Cristina da Rosa Gomes
OJO NBORI OJO: : vozes ancestrais na cultura e na
literatura. Conversas com avós. / Izabel Cristina da Rosa
Gomes Santos ; orientadora, Susan Aparecida de Oliveira,
coorientador, Patrícia de Moraes Lima, 2020.
196 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Literatura, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Literatura Africana. . 3. Avós
Quilombolas. . 4. Avós-Personagens. . 5. Conversações. I.
Oliveira, Susan Aparecida de . II. Lima, Patrícia de Moraes
. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Literatura. IV. Título.

Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

OJO NBORI OJO: vozes ancestrais na cultura e na literatura. Conversas com avós.

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Joana Célia dos Passos, Dr^a
Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC)

Prof. Rossano Lopes Bastos, Dr.
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/SC

Prof. Adilson de Angelo Lopes Francisco, Dr.
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/FAED)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em literatura.

Prof. Marcio Markendorf, Dr.
Coordenador do Programa

Prof.^a Susan Aparecida de Oliveira, Dr^a
Orientadora

Prof.^a Patrícia de Moraes Lima, Dr^a
Coorientadora

Florianópolis, 2020.

Este trabalho é dedicado aos que, comigo, pisaram e pisam descalço os tantos caminhos de pedras e flores.

AGRADECIMENTOS

Kanimambo—obrigada¹

Aos que dão a vida, compartilhem os passos, a casa, *o lenço*, o sangue, os medos, as escolhas, as risadas, a sala de aula, as lágrimas, as aulas, as presenças e minhas tantas ausências, as histórias, as palavras (ditas, ouvidas, escritas), as tantas conversas, enfim, aos que estiveram e estão na estrada comigo.

Aos protetores e mentores, pelo incansável apoio e presença.

¹ Na palavra acima (*Kanimambo*), origem: Moçambique. Tradução: obrigada.

O glossário das palavras aqui presentes está disponível em: http://lusofonia.x10.mx/glossario_africano.htm. Acesso em: 19 jan 2017.

Que você sempre se lembre de estar conectada à alma, se for visão e força o que deseja,
e de estar conectada ao espírito, se for energia e determinação que necessitar para agir pelo
seu próprio bem e pelo mundo,
e, se for sabedoria o que quiser, que você sempre una o espírito à alma, ou seja, una a ação à
paixão, a ousadia à sabedoria, a energia à profundidade...
e convide todos os aspectos da psique para o hierosgamos², esse matrimônio sagrado.

[...]

Assim, que você escolha o que tornar maior, não menor, seu coração, sua mente e sua vida,
que você absorva o que tornar mais profundos, não mais amortecidos, seu coração, sua mente
e sua vida,
que você escolha o que a faça dançar, não mais andar pesadamente nem cochilar, pelo tempo
afora.

(ESTÉS, 2007, p. 17)³

²Hieros gamos = "casamento sagrado" é um termo atribuído ao ritual sexual que representava um casamento entre um deus e uma deusa.

³ *Clarissa Pinkola ESTÉS, norte-americana, nascida em 27 de janeiro de 1945, vive como psicóloga, poeta e escritora.

RESUMO

A tese ***OJO NBORI OJO: vozes ancestrais na cultura e na literatura. Conversas com avós*** versa acerca de conversações com *avós-personagens* e avós Quilombolas do litoral catarinense, especialmente em três Quilombos, a saber: Quilombo Morro do Boi, Quilombo Itapocu e Quilombo Vidal Martins. As conversas, entre literatura e verossimilhanças, firmam-se na presença de *avós-personagens* presentes nas obras do angolano Ondjaki, cujo *corpus* percorre: *Momentos de Aqui* (2002); *Bom Dia Camaradas* (2006); *Os da Minha Rua* (2007); *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* (2009); *A Bicicleta Que Tinha Bigodes* (2012); *Uma Escuridão Bonita* (2013). E, ainda, a presença de Mia Couto com a obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), o conto *Nas águas do tempo* da obra *Estórias abensonhadas* (2012) e o conto *O rio das Quatro Luzes* da obra *O fio das missangas* (2009).

A pesquisa teve como metodologia a conversação, ou seja, a palavra *conversa* teve um lugar especial na condição metodológica desta escrita, bem como na inserção no campo. Nessa pesquisa a conversa foi composta por dimensões entre *avós-personagens* e avós quilombolas e, portanto, configuraram-se em: *Pelo ijèsà, em ritmo sagrado*; dimensão pautada no lugar do sagrado na comunidade, entre as pessoas, e o modo de operar o não-visível; *Pelo iwà, em essência do ser, da partilha*, onde os saberes e as vivências em comunidade e em família estiveram em evidência; *Pelo Muene uabixila, das infâncias*, a dimensão acercou-se das memórias de infâncias, da escola e das brincadeiras; *Pelas mukandas, dos avós*, dimensão que trouxe o desejo de deixar aos que ainda virão as mensagens de respeito, ancestralidade e compreensão do mundo.

Palavras chave: Literatura Africana. Avós Quilombolas. Avós-Personagens. Conversações

ABSTRACT

The thesis *OJO NBORI OJO: ancestral voices in culture and literature. Conversations with grandparents* is about conversations with Quilombolas grandparents of Santa Catarina coast, especially in three Quilombos: Quilombo Morro do Boi, Quilombo Itapocu and Quilombo Vidal Martins. The conversations, between literature and likelihood, are established in the presence of *grandparents-characters* present in the following works of the angolan writer Ondjaki: *Momentos de Aqui* (2002); *Bom Dia Camaradas* (2006); *Os da Minha Rua* (2007); *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* (2009); *A Bicicleta que Tinha Bigodes* (2012); *Uma Escuridão Bonita* (2013). And yet, the presence of Mia Couto with the work *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2003), the tale *Nas Águas do Tempo*, of the work *Histórias Abensonhadas* (2012) and the tale *O Rio das Quatro Luzes*, of the work *O Fio das Missangas* (2009).

The research had as methodology the conversation, that is, the word conversation had a special place in the methodological condition of this writing, as well as in the insertion in the field. In this research, the conversation was composed of dimensions between *grandparents-characters* and Quilombola grandparents and therefore, were configured in: By *ijèsà*, in sacred rhythm; dimension based on the place of the sacred in the community, among people, and the way of operating the unseen; By *iwà*, the essence of being, of sharing, where knowledge and experiences in community and family were in evidence; By *Muene Uabixila*, the childhoods, the dimension approached childhood memories, school and games; For the *mukandas* from the grandparents, a dimension that brought the desire to leave to those who will still come the messages of respect, ancestry and understanding of the world.

Key-words: African Literatura. Quilombolas Grandparents. Grandparents Characters. Conversation

RÉSUMÉ

La thèse *OJO NBORI OJO: voix ancestrales dans la culture et la littérature. Les conversations avec les grands-parents* discute les échanges entre les grands-parents-personnages et les grands-parents Quilombolas de la Côte de Santa Catarina, en particulier dans trois Quilombos, à savoir: Quilombo Morro do Boi, Quilombo Itapocu et Quilombo Vidal Martins. Les conversations, entre littérature et vraisemblance s'établissent avec la présence de grands-parents-personnages présentes dans les œuvres de l'auteur angolais, Ondjaki dont le corpus couvre: *Momentos de Aqui* (2002); *Bom Dia Camaradas* (2006); *Os da Minha Rua* (2007); *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* (2009); *A Bicicleta Que Tinha Bigodes* (2012); *Uma Escuridão Bonita* (2013). En plus, il y a la présence de Mia Couto avec l'œuvre *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2003), le conte *Nas Águas do Tempo*, de l'œuvre *Estórias Abensonhadas* (2012) et le conte *O Rio das Quatro Luzes*, de l'œuvre *O Fio das Missangas* (2009). Par conséquent notre méthodologie nous amène à la conversation, c'est-à-dire que le mot converser a eu une place particulière dans la condition méthodologique de cette recherche, ainsi que dans l'insertion de notre étude de cas. Dans cette recherche, la conversation était composée de dimensions entre les grands-parents-personnages et les grands-parents Quilombolas et, par conséquent, ont été configurées dans: *Par ijèsà*, à rythme sacré; dimension basée sur la place du sacré dans la communauté, entre les personnes, et la manière de faire fonctionner le non-visible. *Par iwà*, par essence d'être, de partager, où les connaissances et les expériences dans la communauté et la famille étaient en évidence; *Par Muene uabixila*, l'enfance, la dimension s'est rapprochée des souvenirs d'enfance, de l'école et des jeux; *Par mukandas*, des grands-parents, une dimension qui a apporté le désir de laisser à ceux qui viendront encore les messages de respect, d'ancestralité et de compréhension du monde.

Mots-Clés: Littérature Africaine. Grands-Parents-Quilombolas. Grands-Parents-Personnages. Conversations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: E lá na próxima curva ele: o mar e ao lado o Quilombo.....	43
Figura 2: A porta sem retorno da Casa dos Escravos, Gorée, Senegal.....	65
Figura 3: Para não mais voltar.....	66
Figura 4: Cais do Valongo – Rio de Janeiro	67
Figura 5: Rio de Janeiro em 1820.....	68
Figura 6: Das placas do Valongo.....	68
Figura 7: Composição Cais do Valongo e seus vestígios	70
Figura 8: Do Valongo e o silêncio das suas pedras.....	71
Figura 9: Quais memórias escondem essas paredes?.....	71
Figura 10: O tempo da escravidão nos países americanos	76
Figura 11: A escravidão moderna.....	80
Figura 12: Terras Quilombolas tituladas e em processo– Brasil/2019	94
Figura 13: Distribuição por cor preta e parda no Brasil.....	108
Figura 14: km 74 –Quilombo Itapocu/SC – margens da BR101.....	131
Figura 15: Cozinhadinha em Territórios do Brincar.....	174

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: População escrava no Brasil – região sul – 1864- 1887.....	50
Quadro 2: População negra em algumas cidades catarinenses.....	50
Quadro 3: Escravos embarcados e desembarcados por ano.....	56
Quadro 4: Crias de pé e crias de peito	57
Quadro 5: Taxa de homicídios de homens negros por 100 mil, por UF (2009 a 2016)	61
Quadro 6: Taxa de homicídios de mulheres negras - 100 mil habitantes por UF. (2009 a 2016)	61
Quadro 7: Embarcações e seus nomes dissimulados	64
Quadro 8: Lugares da escravidão.....	72
Quadro 9: Revogação e os últimos países.....	75
Quadro 10: O caminho da legislação	97
Quadro 11: etapas do procedimento de regularização dos territórios de Quilombos	103
Quadro 12: Da invisibilidade Quilombola brasileira	105
Quadro 13: Certidões expedidas às CRQs - até a portaria nº 88/2019, - DOU 13/05/2019 ..	111
Quadro 14: artigos ABRALIC – relação publicações e temática - nas palavras QUILOMBO – QUILOMBOLAS – QUILOMBISMO	116
Quadro 15: artigos ABRALIC – relação publicações e temática - AVÓS - MAIS VELHOS - LITERATURA AFRICANA.....	118
Quadro 16: Seleção ABRALIC – palavras Quilombo – Quilombolas – quilombismo (2004 – 2018)	195
Quadro 17: Seleção ABRALIC – palavras avós - mais velhos -literatura africana (2004 – 2018)	196

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

CFB – Constituição Federal Brasileira

CNVENB – Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra no Brasil

CONAE – Conferência Nacional da Educação

CPISP – Comissão Pró-Índio de São Paulo

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CRQs – Comunidades Remanescentes de Quilombos

FCP – Fundação Cultural Palmares

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IOM – Organização Internacional para as Migrações

IPN – Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MME – Ministério de Minas e Energia

MS – Ministério da Saúde

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

NUPEIN – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PNPDDH – Política Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGLIT – Programa de Pós-Graduação em Literatura

SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO - KITANGANA IA KUZUNGA: TEMPO DE (RE)VELAR O CAMINHO.....	16
2	DA TRAVESSIA: <i>BESSÁ!</i> — A SUABENÇÃO!	28
2.1	KARINGANA-UA-KARINGANA- ANTES DO ENCONTRO COM O QUILOMBO	41
2.2	MBEJI NI JITETÊMBUA: O CÉU ANTES DO QUILOMBO.....	47
3	DO ACENO: OS PANOS BRANCOS QUE NOS ACENAM.....	85
3.1	JIKULA MESU: QUILOMBOS, PALENQUES, CUMBES, MAROONS, ESTÃO MAIS PERTO DO QUE VOCÊ PENSA.....	88
3.1.1	<i>Manjuandades dos Quilombos e seus tantos números (?)</i>	<i>90</i>
3.1.2	<i>Dos Quilombos em Santa Catarina e das pesquisas que dizem dos Quilombos (ou não)</i>	<i>109</i>
4	DO TEMPO DA CONVERSA: <i>KUKAMBULA</i>	120
	PELO <i>ÌJÈSÁ</i> , EM RITMO SAGRADO	133
	PELO <i>ÌWÀ</i> , EM ESSÊNCIA DO SER, DA PARTILHA	145
	PELO <i>MUENE UABIXILA</i> , DAS INFÂNCIAS	167
	PELAS <i>MUKANDAS</i> , DOS AVÓS	178
	UMA ÚLTIMA PALAVRA	184
	REFERÊNCIAS	185
	APÊNDICES	195
	APÊNDICE 1 – SELEÇÃO ABRALIC - QUILOMBO – QUILOMBOLAS – QUILOMBISMO	195
	APÊNDICE 2 - SELEÇÃO ABRALIC – PALAVRAS AVÓS - MAIS VELHOS -LITERATURA AFRICANA	196

Mo juba akoda⁴

Peço⁵ permissão para revelar um caminho feito em conversa, em passo lento e desafiador dos prazos, em um sedimentar das experiências que se revelaram a cada dia, a cada andar do tempo. Sim, porque o tempo foi e é o grande norteador desta pesquisa, não como o concebemos ocidentalmente, mas em força vital dos acontecimentos.

Peço também permissão para compor minha escrita em conexão com saberes africanos, pautada em uma etimologia africana⁶ por carregar um sentido outro e também por constituir-se em um campo de resistência. Acredito na possibilidade de uma linguagem que nos coloca em conversações entre cultura e saberes. E para isso, chamo Rui (1976)⁷ a dizer das palavras:

É fértil este tempo de palavras
em busca do poema
que foge na curva das palavras
usadamente soltas e antigas
distantes das verdades dos rios
do quente necessário das brasas
do latejar silencioso das sementes
dentro da terra
quando chove. [...]
Produzir na palavra
É semear e colher
É cumprir na escrita
A produção.
Produzir na palavra
É cantar no poema
Todas as raízes
Deste chão.
(RUI, 1976, s/p) grifos meus

⁴ Do iorubá: Eu saúdo os primórdios da Existência

⁵ Escrevo em primeira pessoa do singular, mesmo sabendo de minha ancestralidade, mas por uma ruptura com a linguagem acadêmica e por questionar o destino das escritas: até que ponto atinge quem não pisa na academia e sim outros espaços de vida e de história? Compreendo que, uma escrita no plural coloca-nos em risco da condição de autoria, da narrativa, porque impõe uma forma universalizada e, portanto, da impessoalidade. Acredito na escrita como composição de quem se é, sendo quase impossível dissociar-se de si no momento da produção textual.

Aviso, também, a opção de escrita no feminino, considerando a ousadia que isso representa em uma escrita nascida no masculino plural. Tenho questionado, dentro de minha existência, o tanto de leituras feitas e por mim aceitas, configuradas no masculino plural, então, ousar escrever no feminino, não que esteja direcionando-me para somente leitoras, mas pelo fato de, talvez, criar um estranhamento: o que seria ler algo no feminino sendo homem?

E, ainda, anuncio minha escolha em não usar os recursos x, @, o/a, ou ainda o(a), porque tenho defendido que os textos, artigos, teses, ou dissertações, ao serem publicados atingem o mundo, e o que dizer de quem não enxerga ou tem baixa visão e depende exclusivamente de leitores de tela (softwares de leitura de tela transformam informações visuais de computadores em áudio) para acessar a leitura? Pois bem, esses leitores, ao se depararem com esses recursos, interrompem a leitura, por não reconhecerem como gramática, então, por isso, minha opção em não usar esses recursos, por uma ideia de inclusão das mais diferentes leitoras.

⁶ A origem das palavras dessa etimologia estarão indicadas em nota de rodapé, e, considerando a diversidade linguística africana, em suas 2092 línguas faladas e a presença de oito mil dialetos, reafirmo que as palavras originárias de África serão indicadas somente por região.

⁷ E, pelas dimensões das conversas, minha opção será anunciar um pouco da vida de quem aqui esteve em conversa, portanto, acredito importante fazer as devidas apresentações, e assim seguirei por todo o texto:

*Manuel RUI Alves Monteiro, angolano, nascido em 04 de novembro de 1941, vive de ser escritor, professor de literatura, jurista e cronista. Sugiro a leitura da obra: Quem me dera ser onda (1982).

1 INTRODUÇÃO - KITANGANA IA KUZUNGA⁸: TEMPO DE (RE)VELAR O CAMINHO

E por isso, aviso que a escrita aqui apresentada não segue uma lógica acadêmica, linear e com produto final, ou seja, não é uma escrita elaborada conceitualmente rumo à uma conclusão... Segue um centelhar pelas fronteiras do tempo, entre passado e presente, entre memórias, saberes ancestrais de avós Quilombolas e em conversa com a literatura africana, especificamente com *avós-personagens*. Aviso que *avós-personagens* são personagens fictício-literárias que estiveram presentes não somente no que diz da literatura africana, em especial as obras aqui elencadas, mas principalmente na possibilidade de transcender a ficção e encontrar o que está dentro, contido nas conversas (sejam elas via escuta ou via leitura), por algo que incorpora a realidade e se faz presença. Chamo de *avós-personagens* na tentativa de romper com a ideia de personagens fictícios, pois não tenho certeza se essas avós não vivem por aí escondidas sob o véu da cientificidade ou nos limites da imaginação... E, por isso, convido para o desafio da teoria literária, no que diz do conceito de verossimilhança. Ancoro-me no convite da palavra outra, de um autor (CANDIDO, 2007)⁹ ao desafiar-me a pensar o que de fato aceito (ou não) na leitura de um romance, na convivência de personagens. Afinal, a leitura de um romance pode envolver-nos de tal modo, que por vezes rejeitamos fatos, considerando *inverossímeis*, ou aceitamos considerando-os *verossímeis*. Isso também se deve a estrutura e organização interna de uma escrita literária, principal responsável pela força sedutora de um texto. Então, o que seriam personagens fictícios de uma obra, quais relações com a vida que corre livre e se refaz a cada momento? O que poderia dizer do paradoxo entre ficção e realidade? Afinal,

[...] a verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a expressão da mais lídima verdade existencial. [...] o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2007, p. 55).

Permita-me, então, uma aproximação e aceite ao convite de conversar com avós-personagens e avós Quilombolas do litoral catarinense, especialmente em três Quilombos a saber: Quilombo Morro do Boi (município de Balneário Camboriú/SC); Quilombo Itapocu (município de Araquari/SC); Quilombo Vidal Martins (município de Florianópolis/S

⁸ Origem Angola. Tradução: tempo de velar, vigiar.

⁹ Antonio CANDIDO de Mello e Souza, brasileiro, nascido em 24 de julho de 1918, fez seu desenlace em 12 de maio de 2017, e percorreu a vida como sociólogo, crítico literário e professor universitário.

Nesse conversar, entre realidades e verossimilhanças, marca-se a presença de *avós-personagens* nas obras do angolano Ondjaki¹⁰, cujo *corpus* percorre: *Momentos de Aqui* (2002); *Bom Dia Camaradas*(2006); *Os da Minha Rua* (2007); *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* (2009); *A Bicicleta Que Tinha Bigodes* (2012); *Uma Escuridão Bonita* (2013). E, ainda, a presença de Mia Couto¹¹ com a obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), o conto *Nas águas do tempo* da obra *Estórias abensonhadas* (2012) e o conto *O rio das Quatro Luzes* da obra *O fio das missangas* (2009).

Nas obras, a presença marcante de *avós-personagens* entra em conversa e ressalta os saberes ancestrais, o modo como lidar com o tempo, a vida, as infâncias e os mistérios vida-morte. A literatura compreendida para além das linhas do papel, e em conexão ao vivido, ao que dizem as *mais-velhas*¹² dos Quilombos. Busquei, em *avós-personagens* e *avós Quilombolas*, a possibilidade de compreender o quanto estamos encerrados em uma percepção ocidental de racionalização, conteúdos, interdição e distantes de estéticas que se expressam pela comunhão das pessoas, lugares, tempo e corpo. Acredito em um traçado que eleve a história dos remanescentes Quilombolas e seus repertórios, partindo das memórias e dos processos de resistência em diferentes contextos.

Portanto, anuncio o percurso metodológico, aqui escolhido: a conversação, a qual por vezes chamarei de pura e simplesmente uma conversa (com toda potência que ela envolve), assim: “Ao apostar na conversa buscamos (e eu também busco), na relação de pesquisa, abrir-se ao acontecimento e aos possíveis que ele conjura, mesmo que isso, por vezes, possa significar a necessidade de desconstrução/reconstrução da própria investigação.” (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 33)

E, longe de ser uma roda de conversa, ou perguntas-respostas, e muito menos criar binarismos e impasses entre conversar e entrevistar, a ideia é oferecer um modo de sentir e pensar a pesquisa sob uma lógica outra, não como modelo único de pesquisa, mas como possibilidade e multiplicidade. Considero uma investigação de interesses, assim sendo, assumo a conversa como metodologia de pesquisa, mesmo sabendo os riscos que dela emanam...

¹⁰ ONDJAKI, angolano, nascido Ndalú de Almeida, em 5 de julho de 1977, vive de ser poeta e escritor.

¹¹ MIA COUTO, moçambicano, nascido António Emílio Leite Couto, em 5 de julho de 1955, vive como escritor e biólogo.

¹² Mantenho o conceito africano de *mais-velha* quem ocupa lugar de honra e guarda memórias, saberes e tem como missão entrelaçar passado e presente.

Sim, quiçá uma metodologia fora das previsões dos manuais metodológicos, das normas, das especificidades científicas. Mas também e principalmente por isso, uma metodologia que devir a pesquisa, o encontro, a troca: não há como prever, de antemão, as questões que vão surgir, os objetivos, as discussões a serem tecidas. Assumir a conversa como metodologia de pesquisa significa, portanto, assumir que a investigação não tem objetivos fechados, mas **interesses**. (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 36)¹³ grifos meus.

Portanto uma conversação tecida (também) pelas mãos da ancestralidade o que dizem dos Quilombos, sua existência no litoral catarinense, das relações que permanecem, ensinam e evocam saberes e religiosidades¹⁴. Somos guiados por uma ancestralidade que nos compõe e fortalece os passos, embora muitos ainda a desconheçam ou finjam conhecer... Apresento nossos ancestrais, lembrando que abarcam uma diversidade integradora e nos fazem ser quem somos:

- BANTUS: dividiam-se em dois subgrupos: angola-congoleses e moçambiques. Sua origem estava ligada ao que hoje representa Angola, Zaire e Moçambique e tiveram como destino Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.
- IORUBAS OU NAGÔS – SUDANESES: dividiam-se em três subgrupos: iorubas, jejes e fanti-ashantis, trazidos do sudoeste do continente africano do que hoje é representado pela Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e seu destino geralmente era a Bahia. [...]
- GUINEANOS-SUDANESES MUÇULMANOS - dividiam-se em quatro subgrupos: fula, mandinga, haussas e tapas. Esse grupo tinha a mesma origem e destino dos sudaneses, a diferença estava no fato de serem convertidos ao islamismo.
- FON - maior expressão histórica, política e social do povo se expressou no Benin através do Reino do Dahomey e na Diáspora africana através do vodun. (PRISCO, 2012, p. 01)

13

- Tiago RIBEIRO -Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
- Rafael de SOUZA - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
- Carmen Sanches SAMPAIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

¹⁴ Importa dizer que falo de nossa religiosidade afro-brasileira:

-Batuque: fruto dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, como as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô.

-Candomblé: Do Calundu colonial da Bahia surgem os primeiros terreiros de candomblé e a organização político-social-religiosa.

-Cabula: caráter secreto, fundo religioso e mantinha forte influência da cultura afro-brasileira, sobretudo dos malês, bantos com sincretismo provocado pela difusão da Doutrina Espírita nos últimos anos do século XIX.

-Culto aos Egungun: tem por finalidade preservar e assegurar a continuidade do processo civilizatório africano no Brasil, é o culto aos ancestrais masculinos, originário de Oyo, capital do império Nagô, implantado no Brasil no início do século XIX.

-Umbanda: sincretiza elementos do catolicismo, espiritismo, religiões afro-brasileiras e a religiosidade indígena. A palavra umbanda deriva de m'banda, do quimbundo "sacerdote" ou "curandeiro".

-Quimbanda: ramificação da umbanda, cujo princípio é trabalhar respeitando as leis da Umbanda, uma vez que estas entidades são comandadas pelas entidades da Umbanda, que é sua matriz.

-Xambá: religião afro-brasileira ativa em Olinda, Pernambuco. Alguns afirmam que este culto está praticamente extinto no país.

-Omolocô: culto originário do Rio de Janeiro com práticas rituais e de culto aos Orixás e que aceita cultos aos Caboclos, aos Pretos-velhos e demais Falangeiros de Orixás da Umbanda.

(PRISCO, 2012)

Ao seguir por essa nossa ancestralidade, opto por falar de uma cultura da ancestralidade, que funciona por operação molecular sem, no entanto, restringir-se a um país ou continente, mantendo, ao mesmo tempo, suas características singulares e sua organização molar. E por acreditar que possa ser percebida em todo o planeta, assumo que por motivos “[...] históricos e ideológicos, fiz opção pela ancestralidade africana e pelo recorte de pensar a África que interessa ao Brasil, e pelo Brasil que se africanizou desde essa África aqui reconstruída. (OLIVEIRA, s/d, p. 02)¹⁵

E nesse alinhavo, contemplar o dizer de *avós-personagens* presentes no *corpus* escolhido tomou a conversação como um aspecto metodológico, considerando firmemente que “numa conversação tudo muda e tudo flutua e seus equilíbrios são apenas provisórios. Essa é, aliás, a condição de existência de uma interação [...]” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 141)¹⁶ A essa escolha soma a ideia de um triangular entre a literatura africana (obras aqui escolhidas), saberes de avós Quilombolas e meu olhar, que neste momento, vindo de uma cultura ocidental, desconstrói-se e desloca-se de lugar, altera-se pelo reconhecimento da outra história velada. Portanto, a partir dos rizomas de vida, elejo a conversação como possibilidade de refletir, transitar, ouvir, rever e apreender; pois em uma conversa é quase impossível determinar um ponto de chegada, pelo contrário o que se sabe inicialmente é o ponto de partida, dispara trajetórias, mas não os determina. Agora, acerca de qual rumo a conversação toma, isso é imprevisível, afinal depende dos sujeitos envolvidos, e não há como explicitar as regras que sustentam essa atividade polifônica, pois no momento da conversa surge uma ‘partitura invisível’ (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) da ética da escuta, do dizer de si, das pessoas e com pessoas.

A conversação exige uma postura: a escuta, sem pressa, do pensar juntos, de *compartir*¹⁷ a experiência, então te pergunto: quais relações possíveis entre conversar e pesquisar?

¹⁵ Eduardo David de OLIVEIRA - Universidade Federal da Bahia, suas pesquisas envolvem: ética, filosofia latino-americana, filosofia contemporânea, cosmovisão africana, filosofia afrodescendente, estudos afro-brasileiros, história e cultura africana e afro-brasileira, literatura africana e ancestralidade.

Sugiro:

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. s/d. Disponível em: http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf.

Acesso em: 16 jun 2019.

¹⁶ Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, francesa, nascida em 1943, vive de pesquisar acerca da enunciação linguística.

¹⁷ Empréstimo do espanhol, porque acredito na força etimológica dessa palavra e portanto, será grafada em itálico.

Quais os efeitos da conversa como metodologia de pesquisa? Que sentidos essa opção provoca em nós e nas ações de pesquisa vividas? Perguntas que soam como perguntas-convite... convite para forçar o pensamento a pensar, a fazer(se) perguntas, sem a preocupação de respondê-las. Convite para suspender o já conhecido, movimentando saberes e certezas, e quiçá, estranhar, arriscar, inventar. Convite à leitura deste texto cujo desejo de conversar sobre (nossos) modos de **aprenderensinarpesquisar** é o que nos mobilizou em sua (e também minha) escritura. (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 25) grifos dos autores

E por dizer, por conversação, revelo meu desejo: gostaria de conversar contigo, acerca do que foi possível nesta pesquisa, do que foi possível traduzir em palavras (mesmo sabendo dessa impossibilidade tradutiva), quais lugares (literários ou não) foram visitados, e o que ficou dessa experiência. E aqui trago o que me sustentou nessa escolha metodológica, para que ao fim desta leitura seja possível um pensar outro, a partir do que foi escrito:

Escrito entre diferenciais generacionales o educativas, geográficas o geopolíticas, sociales o históricas, biográficas o culturales, fuimos capaces de hablarnos: de ponde em común lo que pensamos o lo que nos hace pensar, de elaborar juntos el sentido o El sin sentido de lo que nos inquieta o nos cuestiona, de tratar de decir lo que aún no sabemos decir y de tartar de escuchar lo que aún no comprendemos. Um modo de resistir al allanamiento del lenguaje producido por esta lengua colonial 'neutra' em la que se articulan los discursos científico-técnicos, por esa lengua colonial moralizante em la que se articulan ciertos discursos 'críticos', esa lengua que pretende não ser más que um mero instrumento, sin voz, átona o monótona, aspirante a la objetividad universal, indiferente tanto em lo que refiere al hablante/ escritor como em lo que se refiere ao escuchante/lector.¹⁸ (GIULIANO, 2017, p. 69)¹⁹

Sendo assim, a dizer-te do tempo relacionado ao pensamento cíclico, e também mítico, considerando os povos africanos, há um encaixe (e não uma linha) que sustenta a tradição e os tempos (passado, presente e futuro), podendo-se transitar entre eles especialmente pela memória. Insisto em dizer, neste tempo de *Kitangana ia kuzunga*²⁰, que a conversação e o tempo regem as palavras aqui dispostas e assumem uma escolha metodológica para esta composição de escrita. Sendo a conversação como algo ao qual assumo os riscos, e entendo como “[...] uma forma de exposição: me exponho à intempérie da incompreensão, da intraduzibilidade, do que

¹⁸ Por minha livre tradução:

Escritos entre diferenças geracionais ou educacionais, geográficas ou geopolíticas, sociais ou históricas, biográficas ou culturais, pudemos conversar: do que pensamos ou do que nos faz pensar, para elaborarmos juntos o significado ou o absurdo do que somos inquietos ou nos questionando, tentando dizer o que ainda não podemos dizer e tentando ouvir o que ainda não entendemos. Uma maneira de resistir ao colapso da linguagem produzida por essa linguagem colonial "neutra" na qual os discursos técnico-científicos são articulados, por aquela linguagem colonial moralizante em que certos discursos "críticos" são articulados, por aquela linguagem que finge não ser mais que um mero instrumento, sem voz, sem tensão ou monótono, aspirando à objetividade universal, indiferente tanto em relação ao falante / escritor quanto no que se refere ao ouvinte / leitor.

¹⁹ Facundo GIULIANO - Universidad de Buenos Aires Facultad de Filosofía y Letras.

²⁰ Origem Angola. Tradução: tempo de velar, vigiar. E também de re-velar...

não sou capaz de dizer, da impotência. E me exponho, também, ao que virá e não se pode saber de antemão, me exponho à outra exposição. E assim, penso.” (SKLIAR, 2018, p. 13)²¹

E quanto ao tempo, assumo como conceito não ocidental, combinação de diversas temporalidades, por mais pleonástico que possa parecer, e para isso chamo Mbembe (2017)²² para compor a conversa e desconstruir tudo que aprendi sob uma visão condicionada em um tempo linear, trancada dentro de ponteiros ou dentro de folhas de um calendário a ser folheado carregando para longe fatos, memórias e pessoas. E aqui, embora a conversa pareça longa (citação longa, como se diria academicamente), penso ser fundante para ampliar o conceito tempo:

Pensar de modo relevante sobre este tempo que está aparecendo, este tempo que passa, significou **abandonar as visões convencionais**, pois essas só percebem o tempo como uma corrente que transporta os indivíduos e as sociedades de um segundo plano para o primeiro plano, com o futuro necessariamente emergindo do passado e seguindo esse passado, sendo ele próprio irreversível. Mas de interesse central foi aquele tempo peculiar que poderia ser chamado de **tempo da existência e da experiência, o tempo do enredamento**. (MBEMBE, 2017, p, 39) Grifos meus

E Mbembe (2017), mais uma vez, coloca-me diante de um pensar acerca de abandonar as visões convencionais, tão arraigadas dentro de mim. E postula o tempo da existência e do enredamento, ou seja, um tempo de encaixes entre passado, presente e futuro, nada linear, simplesmente encaixes... Deixa-me perante um tempo não linear o qual não se arrasta em desenrolamento apagando o passado e adicionando o que ainda vem, como uma esteira sem fim e sempre no mesmo sentido: para frente. Afinal, consiste em “um entrelaçamento de presentes, passados e futuros que retêm suas profundidades de outros presentes, passados e futuros, cada era conduzindo, alterando e mantendo as eras anteriores.” (MBEMBE, 2017, p. 39-40). E por essa conversa, é possível compreender, também, a ruptura com um modelo simplista do tempo que também abarca oscilações, instabilidades, e coloca em questão, que o tempo e as formações sociais africanas não apontam para um único ponto, pelo contrário, abarcam distintas trajetórias, sejam elas consonantes ou não, na verdade volto aos entrelaçamentos e também o que torna as trajetórias paradoxais. Porque é possível supor que, “[...] o presente como experiência de um tempo é precisamente o momento em que diferentes formas de ausência se misturam: ausência

²¹ Carlos Bernardo SKLIAR, argentino, nascido em 1960, pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e da Área de Educação da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Argentina. Vive a escrever livros acerca da educação e inclusão.

²² Joseph-Achille MBEMBE, camaronês, nascido em 1957, vive como filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário.

daquelas presenças que já não são mais e que se lembra (o passado), e ausência daquelas outras que ainda virão e que são antevistas (o futuro).” (MBEMBE, 2017, p. 44).

E por derrubar os modelos lineares e também romper com as correntes que tornam tudo tão ordenado, por vezes esse pensar levou muitos a entender o ‘tempo’ como desordem e caos, como impossibilidade de mensurar os fenômenos ou de explicar suas complexidades, subestimando seus itinerários. Lembro do entendimento de caos, melhor dizendo de caos-mundo e chamo Glissant (2011)²³ para ampliar essa conversa e romper com a ideia de confusão ou de entropia. Assim, ao pensar o tempo não linear e não caótico, retomo o conceito de caos-mundo, no qual,

O caos-mundo não é nem fusão nem confusão: ele não reconhece a amálgama uniformizada – a integração voraz – nem o nada tumultuoso. O caos não é ‘caótico’. Mas a sua ordem oculta não pressupõe hierarquias, preexcelências – línguas deleitas ou povos-príncipes. O caos-mundo não é um mecanismo com chaves. (p. 94)

Então, volto ao tempo da existência, experiência e enredamento, não sob uma linha fixa de acontecimentos, e sim assumindo o caos-mundo que percorreu esta escrita, e, portanto, o desafio está, também, em compreender que, “A atividade e a mudança estão na base do conceito de tradição. [...] As sociedades africanas movem-se num quadro dinâmico, onde a migração dos grupos constitui simultaneamente uma metáfora e uma metonímia significativas.” (AGUESSY, 1981, p. 08)²⁴.

Digo que tudo se fez em presente e passado, perto e longe, entre o lido e o pensado, entre literatura e leituras (as tantas possíveis dessa palavra). E por aqui, componho um traço da literatura, o qual acredito percorrer a escrita que segue: “La literatura crea movimientos, devenires, creando palabras. El ‘entre’, lo que está en el medio, es un umbral, es una zona de indefinición, y es lo que permite la creación y el devenir.”²⁵ (GASTÓN, 2013, p. 171)²⁶ Então, por aqui a literatura entra em conversa pela possibilidade de fazer de si um lugar, algo da dimensão do corpóreo. E, por uma conversa também literária que seja capaz de

²³ Édouard GLISSANT, nascido na Martinica em 21 de setembro de 1928, e fez o deslanche em 03 de fevereiro de 2011. Viveu sendo escritor, poeta, romancista, teatrólogo e ensaísta

²⁴ Honorat AGUESSY, beninense e autor. Sugiro a leitura de seu artigo: “Visões e Percepções Tradicionais”. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXoaXN0b3JpYWVhZmFmaXV2fGd4OjNjZmE5ZjEwOWRkZTYzNDY>. Acesso em: 27 dez 2019.

²⁵ Por minha livre tradução:

A literatura cria movimentos, movimentos, criando palavras. O "entre", o que que está no meio, é um limiar, é uma área de indefinição, e é o que permite a criação e o tornar-se, o devir.

²⁶ Gastón BERALDI, professor da Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Suas pesquisas envolvem: Ética, Estética, Filosofia da educação, e ensino da filosofia.

[...] desbordar la realidad acabada, inventa otros sentidos y otros valores. La literatura impulsa la vida hacia lo informe, hacia lo inacabado, hacia el desborde, hacia la desmesura, hacia lo móvil. La literatura es asunto de devenir, dejar de ser lo que se era, inventar a vida de nuevo. El devenir siempre está entre. La vida nunca logra acabarse porque es creación, no mera consumación. (BERALDI, 2013, p.170-171).²⁷

Eis a ideia: trazer possíveis conversações ‘entre’, desde a primeira linha. Persigo (des)alinhar alguns pontos e mesclá-los sem necessariamente colocá-los em ordem cronológica dos fatos, das conversas, da inserção do campo, ou seja, uma escrita que dispensa blocos de assuntos e excessivas conclusões, porque creio em uma pesquisa em estado de inacabamentos e por que não, encaixes? Ou melhor, assumo uma pesquisa pautada em uma poética da relação, a qual trago Glissant (2011) para compor comigo minha tentativa de escrita, ancorada na “poética da Relação (que é, assim, uma parte da estética do caos-mundo) pressente, pressupõe, inaugura, reúne, espalha, continua e transforma o pensamento desses elementos, dessas formas, desse movimento.” (p. 95)

Então, o que posso dizer do andamento desta escrita são três momentos, talvez academicamente chamados de capítulos, mas que decidi nomear: **Da Travessia, Do Aceno e Do Tempo da Conversa**, desvelados em fruição de pensares, e, portanto, não me sinto no direito de revelar o que cada momento traz, afinal *Kitangana ia kuzunga* também significa velar por algo. Convido a percorrê-los.

Obi dé junbai²⁸

O que dizer de um caminho trilhado com os pés na areia e tornozelos acarinhados pelo mar? Afinal, é pelo mar que delinheio o caminho da pesquisa, do Quilombo, das africanidades. O que dizer do tempo de espera e não do meu tempo apressado de ser ou atrasado de estar... O que dizer de um aprendizado por outras mãos? Ou ainda, pela espera de: *quando você voltar, no tempo que for, vou pegar nas tuas mãos e te ensinar a renda de bilro*²⁹...

Penso no desejo da pesquisa pelos saberes ancestrais Quilombolas, na tentativa de rasurar fronteiras totalizadoras, em pré-condição de uma relação equânime entre competência global e legitimidade local, e aqui qual seria o significado de ser presença, por qual mão e olhar

²⁷ Por minha livre tradução:

[...] transbordar a realidade acabada, inventa outros sentidos e outros valores. A literatura direciona a vida para o relatório, para o inacabado, para o transbordamento, para o excesso, para o móvel. A literatura é uma questão de se tornar, deixando de ser o que era, inventando a vida novamente. Tornar-se sempre está entre. A vida nunca acaba porque é criação, não mera consumação.

²⁸ Origem Guiné-Bissau. Tradução:

obi dé = ouve

Junbai = convívio, serões noturnos típicos nas sociedades de convivência, em que membros de uma família ou comunidade se reúnem para “contar coisas”.

²⁹ Avó Jucélia Beatriz Oliveira - Quilombo Vidal Martins – Florianópolis/SC. (setembro/2018).

escolhemos acreditar, compor nossas vidas? Nessa busca, retomo uma discussão, a meu ver, pertinente acerca de uma concepção multicultural de direitos humanos, e anoro-me no que Santos (1997)³⁰ defende considerando que, diante da história, quem de fato desapareceu da história, vencidas ou vencedoras? E quem a conta, sempre a partir de quem vence, emana uma capacidade absoluta de vitória que extermina qualquer possibilidade de sobrevivência das vencidas. Então, por qual regulação social estariam os direitos humanos e também o que se pode elencar como uma política cultural? Fico a pensar que, embora o reconhecimento mundial da política de direitos humanos, e existe uma tensão, a qual

[...] repousa, por um lado, no facto de tanto as violações dos direitos humanos como as lutas em defesa deles continuarem a ter uma decisiva dimensão nacional, e por outro lado, no facto de, em aspectos cruciais, as atitudes perante os direitos humanos assentarem em pressupostos culturais específicos. [...] ora, falar de cultura e de religião é falar de diferença, de fronteiras, de particularismos. Como poderão os direitos humanos ser uma política simultaneamente cultural e global? (SANTOS, 1997, p. 13)

Eis um desafio de amplitude muito maior que as palavras aqui escritas, porque diante da história escamoteada, e do grande massacre da globalização, penso ser necessário rever conceitos e quem sabe permitir-se uma definição de globalização que esteja a serviço das sensibilidades e das tantas dimensões sociais (também políticas) e culturais. Afinal, relações que se originam de diferentes fenômenos de globalização não seriam globalizações? (SANTOS, 1997) E, entre global e local, o que emerge e o que imerge, sem percebermos os tantos movimentos de supressão? Penso, ainda que a globalização “[...] é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival.” (SANTOS, 1997, p. 14) Ou seja, estamos falando de presença, e de capacidade de alterar a vida e a história das pessoas, nesse sentido opera-se a condição de uma globalização de cima para baixo ou de baixo para cima, especificamente dizendo: globalização hegemônica ou globalização contra-hegemônica, a qual considero que “[...] cosmopolitismo e património comum da humanidade são globalizações de baixo-para-cima.” (SANTOS, 1997, p. 18) - sic. E, por que seria tão importante trazer aqui essa discussão? Porque diante da história que se pretende conversar, é fulcral pensar em uma globalização contra-hegemônica, ou de baixo para cima, e para isso há de se rever os direitos humanos a partir dos multiculturalismos, única

³⁰ Boaventura de Sousa SANTOS, nascido em São Pedro de Alva, Quintela, no dia 15 de Novembro de 1940, vive de ser sociólogo e professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, por ele conheci o que seria o verdadeiro ‘sul’.

condição para uma relação equilibrada e potencializadora de competência global e local, para se compreender a presença sem aniquilamento, simplesmente presença cultural, presença de vida e história.

Mas, qual seria a dimensão principal desta escrita, quais conexões foram possíveis? A ideia foi um percurso metodológico, que percorreu o mapeamento da escravidão e os espaços de resistência até chegar aos Quilombos do litoral catarinense. Compreender o mar como (de)esperança, o Cais do Valongo como entrada principal do processo escravo no Brasil, a ilha de Gorée (Senegal) como principal entreposto que abastecia de escravidão as colônias do Novo Mundo, o Quilombo como resistência (distintos significados e contextos), as relações do quilombismo³¹ como modos de estar e a constituição ser Quilombola hoje, enquanto sobrevivência e reconhecimento das terras. Compreender interdições, tempo de espera, tempo de silêncios, conversas soltas escapando do que eu acreditava conduzir, solidão e acolhidas.

Foi o desejo de chegar ao litoral pelo mar como fronteira-não-fronteira e de percorrer os indícios culturais das vozes de *mais-velhas*, avós Quilombolas e *avós-personagens*, sua presença também nas diferentes falas, que me disseram do melhor tempo de nossas vidas e revelaram o tempo para frente e para o antigamente... Momentos em que entrei em casas e também em casas de oração, em acolhida e pé descalço. Invoco, também, uma dimensão de religiosidade presente, elaborada a partir da diáspora, cujas raízes africanas eclodem a cada palavra, e também pelos orixás que protegem esta escrita, então, “Desfrutem da companhia de Nanã (orixá que protege minhas palavras), esta anciã poderosa e sábia, o orixá de nossas inesquecíveis (mães e avós), orixá que é a própria vida e a própria morte.” (MARTINS, 2011, p. 25)³²

E aqui não posso deixar de falar nos silêncios... Peço licença aos orixás para falar de Nanã:

Fechem os olhos e pensem em uma mulher de cabelos brancos, envelhecida pelos muitos anos que viveu, ativa e poderosa, justa e bondosa, entretida em reunir material para feitura de um boneco de barro. Esta anciã tomará a forma que vocês imaginarem e vestirá as roupas que vocês confeccionarem para ela. Ela poderá estar sentada em uma cadeira de balanço, lendo um livro para os netos, ou dançando em um terreiro da Bahia. Poderá, até estar sentada tomando chá com as amigas da mesma idade, ou a bordo de um avião, em um vôo internacional. Uma coisa é certa: **os olhos desta senhora impressionam pelo brilho que transcende os tempos e nos remonta aos primórdios.** (MARTINS, 2011, p. 25-26) - sic. grifos meus

³¹ Sugiro a leitura de:

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: documentos da militância pan-americana. Petrópolis: Vozes, 1980.

³² Cléo MARTINS, brasileira, nascida Cleofe de Oliveira Martins em 11 de junho de 1956. Vive como escritora e romancista brasileira.

Sim pelos olhos impressionantes e também por se fazer em silêncio, ou talvez em muitos silêncios, retorno em especial ao dia em que voltei ao Quilombo Itapocu, em uma tarde de domingo. A BR 101 movia-se em ligeirezas, entre caminhões e muitos carros, movimento que escondia um viver ali do lado da BR, tão perto e tão longe de tudo. Levei uma flor (Flor das avós ou Nanã)³³ para minha avó Quilombola e ao encontro de nossas mãos, um silêncio envolveu aqueles instantes, seus olhos falavam, os meus lacrimejavam e depois de um tempo não medido pelo relógio ela disse: *Sabia que tu voltava, quando o tempo deixasse, esperei, e estás aqui agora...*³⁴ Senti, naquele momento um murmúrio de poesia: “Ela memorizava a minha voz, desde o momento que me reconheceu na travessia do rio” (COUTO, 2003, p. 136), ou seria nas tantas outras travessias? E chamo, também, para a conversa a AvóAgnette³⁵, que me guia nesse saber caminhar a passos lentos e firmes, a sentir o silêncio e a ternuras faladas.

[...] e a avó Agnette continuava a partilhar as noites comigo, contando, inventando, alterando as estórias todas, as de antigamente, as do presente e as outras, como se o tempo fosse o saco de ar com bolinhas que ela gostava de rebentar, como se, às 2h da manhã — entre risos de cumplicidade, olhares de fascínio que acendiam a madrugada, ternuras faladas como se fossem verdades de ofertar — ela me dissesse, devagarinho, com a voz convicta e os factos arrumados caoticamente, que o futuro não era uma coisa invisível que gostava de ficar muito à frente de nós mas antes — ela dizia como frase de adormecimento mútuo —, **antes um lugar aberto, uma varanda, talvez uma canoa onde é preciso enchermos cada pedaço de espaço com o riso do presente e todas, todas as aprendizagens do passado**, que alguns também chamam de antigamente... (ONDJAKI, 2007, p. 143). grifos meus.

Eis que o caminho está em aberto, pelo mar ou pelo asfalto, por avós Quilombolas e *avós-personagens*. Então, venha! Porque já foi anunciado o que fazer: “[...] é preciso enchermos cada pedaço de espaço com o riso do presente e todas, todas as aprendizagens do passado [...].” (ONDJAKI, 2007, p. 143). E, portanto, anuncio que a hipótese deste aprendizado de pesquisa

³³ Trago a musicalidade para referenciá-la:

Oxumarê me deu dois barajás
Pra festa de Nanã
A velha deusa das águas
Quer mugunzá
Seu ibiri enfeitado com fitas e búzios
O ponto pra assentar
Mandou cantar
Ê, Salubá!
Ela vem no som da chuva
Dançando devagar seu ijexá
Senhora da Candelária, abá
Pra toda a sua nação iorubá

Oxumarê me deu dois barajás
Pra festa de Nanã
A velha deusa das águas
Quer mugunzá
Seu ibiri enfeitado com fitas e búzios
O ponto pra assentar
Mandou cantar
Ê, Salubá!
Ela vem no som da chuva
Dançando devagar seu ijexá
Senhora da Candelária, abá
Pra toda a sua nação iorubá

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CWSG_zKRCKw. Acesso em: 22 jul 2019.

³⁴ Avó Maria de Borba Marcelino (Vó Dica), Quilombo Itapocu – Araquari/SC. (janeiro/2019).

³⁵ Avó do universo de avós-personagens desta pesquisa e que mais adiante receberá as devidas apresentações. Já aviso que segui a grafia usada pelo referido autor, ou seja, os nomes seguem sem separação.

delineou-se pela voz ancestral, pela linguagem literária ou melhor pela linguagem nascida na fronteira entre a oralidade e a escrita, pelos indícios culturais das vozes de *mais-velhas*, sua presença compondose em tempos, medos, incertezas, mas também em vida e **aprendizagens do passado.**

2 DA TRAVESSIA: *BESSÁ!* — A SUABENÇÃO!³⁶

Mo juba akoda
Mo juba aseda
Atiyo ojo
Otiwo oorun
Ikorita meta ajalaye
Enyin Baba-nla mi, iba
Iba ni mo wa fi igha yi je
Ki nto maa lo
E ma je iba naa o wun mi
Bi ekolo ba juba ile
Ile a lanu fun
Iba ni mo je o,
E la na ko mi (RIBEIRO, 1998, p. 54)³⁷.

Eu saúdo os primórdios da Existência.
 Saúdo o Criador.
 Saúdo o sol nascente.
 Saúdo o sol poente.
 Saúdo as três encruzilhadas que unem o mundo visível ao invisível.
 Meus antepassados, eu os saúdo.
 Meu tempo presente é para fazer saudações.
 Antes que eu inicie minha caminhada,
 Não deixem de ouvir minhas saudações e me abençoem.
 Quando a minhoca saúda a terra,
 A terra se abre para que ela entre.
 Eu os saúdo.
 Abram caminho para mim. (Iba-iorubá)³⁸

*Enyin Baba-nla mi, iba*³⁹. E assim, após minha *iba*, inicio a caminhada: não tive convivência com avós, nem maternos e nem paternos, mas carrego comigo suas ancestralidades, contadas por algumas tias e pouquíssimo por minha mãe. Evoco aqui, a ancestralidade pela religiosidade *iorubá* na qual a vida não se finda com a morte, ou pela palavra *átúnbi*: processo divino de continuação da vida, portanto, marcas do indelével, dos sentidos e saberes, os quais compõem também uma experiência ética. (OLIVEIRA, 2012) E por esse sentido pauto minha compreensão por diferentes fontes dos saberes africanos, os quais se compõem em um

³⁶ Origem: Angola. Tradução: sua benção.

³⁷ Ronilda Iyakemi RIBEIRO, Mestre e Doutora em Psicologia e Doutora em Antropologia Social (África Negra) pela Universidade de São Paulo. Patronesse do Egbé Omó Oduduwa in Brasil. Ialorixá (Religião Tradicional Iorubá).

³⁸ Enunciado oral iorubá: *iba* – saudações. Ressalto que, “Entre os principais enunciados orais iorubás incluem-se os *adura* - rezas; *iba* - saudações; *oriki* - evocações; e *orin* - cantigas.” (RIBEIRO, 1998, p. 54). Anuncio que esta escrita afina-se com os povos de Angola e Moçambique (em recorte de literatura), e as relações com os iorubas, iorubanos ou iorubás, povos do sudoeste da Nigéria, que me ensinam os primeiros passos caminhada. E justifico: “Os *iba*, formas de saudação dos Orixás, dos ancestrais, dos mestres e anciãos, são utilizados antes de qualquer oferenda, [...]. Convictos de que o respeito favorece o acesso à força vital (*axé*), os iorubás utilizam os *iba* ao iniciarem todo e qualquer ritual. Para dar início a seja o que for, deve-se solicitar permissão aos mais velhos e aos ancestrais.” (RIBEIRO, 1998, p. 55).

³⁹ Origem do iorubá. Tradução: Meus antepassados, eu os saúdo

entrelaçar da vida, do sentir, da fé, e da certeza de que a morte ‘física’ não extingue as presenças, são somente diferentes formas de estar. E por aqui, convido para dizer de mim, desta escrita e conversações e para se manter em conversa Conceição Lima⁴⁰, cuja relação poética entra em contato comigo, já por anos de conversa literária:

Quando eu não sabia que era eu
 Quando eu sentia que o mundo era meu
 Quando eu não sabia o mundo que era eu
 A casa crescia em pernas de pedra com quartos enormes salas enormes
 o enorme telhado de telhas vermelhas e aquela varanda que não tinha fim.
 [...]
 Eram contos antigos que me fascinavam eram lendas da casa que me embalavam e
 eu gostava daquele tom na voz do meu pai.
 E eu escutava, depois dormia, depois sonhava.
 Eu não meditava, eu não perguntava, eu não decifrava.
 Porque eu buscava a voz do sótão quando fugia com as borboletas
 e eu voava com as viúvinhas quando corria e me escondia atrás dos troncos.
 Porque eu amava o sussurro dos canaviais
 Quando a verdade falava no grande quintal.
 E eu dormia em paz, a casa era limpa no centro do anel. (LIMA, 2012, p. 64- 66)

Anuncio a linha que atravessa esta escrita construída pelo remendar da rede de pesca das mãos de uma das minhas *mais-velhas*⁴¹, ou pelo chá de capim limão trazido por minha *mais-velha* sempre nas horas mais difíceis⁴², ou pela cadência do *tunctuntá* da renda de bilro de uma avó Quilombola⁴³ que conheci no caminho, ou ainda por um meu *mais-velho* ‘Salata’ e suas histórias que não escrevia no quadro de giz⁴⁴, e por eles, o tempo e o saber têm outros significados. Ele, o tempo, atravessa, entrecruza, alinhava a escrita que aqui se fez. A noção do tempo, relação entre a vida e a morte, entre o que se faz presença de diferentes formas, para além do físico, para além do passado, é algo que permanece e costura uma conversa. Assentava-se em fluidez, em conceito de experiência, de vida, de saberes e em uma maneira outra de considerar o tempo. Porque em um primeiro momento a frase *tudo em seu tempo e tudo tem um tempo*⁴⁵ causou-me estranhamento, e mais ainda o susto em perceber que estar “atrasada” e “adiantada” perdia o nexos durante a pesquisa, em especial porque *cada situação se cumpre no*

⁴⁰ Nascida Maria da Conceição de Deus LIMA, em 8 de dezembro de 1961, São Tomé e Príncipe, traz em suas obras a força da poesia são-tomense e por aqui se faz presença em conversa e em poética.

⁴¹ Minha mais-velha Arcy Pacheco dos Santos, que além de estar nesta vida como sogra, também me ensina o tempo da conquista de estar na sua família.

⁴² O cheiro de chá de capim limão, invadindo a casa e trazido pelas mãos da mais-velha Dina (para quem a conhece sabe o significado místico daquele chá), que além de minha mãe, é a certeza de que chuva não quebra ossos, e de que o tempo diz coisas as quais não ouvimos.

⁴³ Avó Jucélia Beatriz Oliveira - Quilombo Vidal Martins – Florianópolis/SC. (setembro/2018)

⁴⁴ Meu mais-velho Salata, professor da minha infância, que me trouxe a educação sob uma perspectiva inovadora para a época (década de 70), e eu só descobri isso anos depois, já na graduação. Pelas mãos dele, pelo que mostrou ser possível, sigo hoje na educação.

⁴⁵ Avó Jucélia Beatriz Oliveira - Quilombo Vidal Martins – Florianópolis/SC. (setembro/2018)

*tempo que for preciso*⁴⁶. Leva-me a pensar que o tempo numérico, matemático, escalonado em divisões e subtrações, não faz sentido sob a perspectiva do pensamento africano. Atréada em medir o tempo pelo calendário, e também pelo tempo da escrita da tese (4 anos, que efetivamente não somam 48 meses escrevendo...). Afeita pela ordem dos minutos, horas, dias, semanas, meses e anos em uma racionalidade ocidental, senti já nos primeiros passos que o tempo não seria assim tão exato, enfileirado de acontecimentos, pois há algo que move em outra direção, em *madurecência*, em espera, em permissão do tempo ao que ele queira. Portanto, uma composição entre o acontecido, e o que está imediatamente acontecendo, a força do agora. Lidar com essa operação temporal implica aprendizado em composição

[...] do transcorrer inexorável da vida, do fruir do tempo, do construir da biografia. Sabe-se mais por que se é velho, porque se viveu o tempo necessário da aprendizagem. A aprendizagem não é uma esfera isolada da vida, como a nossa escola, mas um processo que se realiza a partir de dentro, participativamente. Aprende-se à medida que se faz, que se vive. Com o passar do tempo, os mais velhos vão acumulando um conhecimento a que o jovem só terá acesso quando tiver passado pelas mesmas experiências. (PRANDI, 2001, p. 52).⁴⁷

E nesse transitar pelo tempo, o que tive pelo caminho foram os aprendizados de avós emprestadas, pois há outras dimensões de convivência... Tive *mais-velhas* que compuseram minha infância, adotaram peraltices de cachos rebeldes e entenderam meus pés, sempre sem chinelo. Penso que pisar descalça é uma conexão com algo maior, com o que fui, o que sou, o que lembro, e o que me esforço em melhorar. Talvez essa seja uma das minhas melhores respostas para dizer de mim: sou pés descalços.

O que compõe minha caminhada está nessa ancestralidade adotada, porque fui adotada por diferentes *egbomi*⁴⁸, em distintos momentos. E nessa relação fui tecendo o que hoje chamo de “eu”, e o que referencio como ‘*minhas mais-velhas*’ de hoje e de ontem. E por falar em ontem, retomo aqui um encontro de ontem (sábado - dia 03/06/17), quando encontrei um *mais-velho* de nome Bi⁴⁹, cabelo grisalho, sorriso aberto que, num dia ensolarado, me levou para conhecer a ponte Hercílio Luz⁵⁰, por outro ângulo: pelo mar. Ainda sinto o cheiro de óleo do

⁴⁶ Avó Jucélia Beatriz Oliveira - Quilombo Vidal Martins – Florianópolis/SC. (setembro/2018)

⁴⁷ José Reginaldo PRANDI, brasileiro, nascido em 1946, vive de ser sociólogo, professor e escritor.

⁴⁸ A palavra ebômi, do iorubá egbomi, significando "minha mais velha", são os saberes de quem viveu mais experiências e compreende diferentes temporalidades. Aqui, por opção já anunciada, chamo de minha mais-velha.

⁴⁹ Sou escoteira e pertencço ao Grupo Escoteiro Continente 67/SC. Esse fragmento aconteceu em uma atividade com o Grupo Ilhas Guará 65/SC, situado em Coqueiros, Florianópolis/SC. Quanto ao Bi (Chefe escoteiro há mais de 30 anos pertencente ao Grupo Escoteiro do Mar Ilhas Guará) é homem de poucas palavras, olhar profundo e vive entre o mar e a terra, entre fogueiras e sorrisos envergonhados.

⁵⁰ Localizada em Florianópolis/SC, foi tombada como patrimônio histórico, artístico e arquitetônico do município de Florianópolis em 04 de agosto de 1992. Recentemente (dezembro/2019) reaberta ao público para passagem de pedestres e para algumas linhas do transporte público.

motor do barco de madeira, o vento desmanchando meus cachos (ainda rebeldes) e o frescor da água que respingava no rosto. Naquele dia, eu, tomada de entusiasmo falava sem parar e ele só dizia: *olhe minha filha e sinta o mar*. E ontem, depois de quase dois anos, nos encontramos em terra, e ele sem muito jeito me diz: *continue e quando quiser voltar ao mar, fale comigo...* Não posso deixar de ser atravessada por essa frase, o quanto me chama a voltar, a ser e a escrever. O quanto essa ancestralidade empurra-me e convida a escrever, por isso aqui estou embalada pelo barulho da chuva que escorre agora pela calha, e ensaio uma ‘conversa’. Melhor dizendo, penso nas possíveis conversas entre o que escrevo, sinto, vejo e as revelações do caminho. Penso ainda no significado de escrever, e aqui não falo dos tão conhecidos desafios de se colocar no ‘papel’, falo da tentativa de ser fiel ao vivido, de deixar um conversar para os que ainda virão (*Ero eyin ntele*)... E assim, chamo Skliar e Bárcena (2015)⁵¹ que me fizeram pensar acerca do escrever:

Quizá porque escribir, escribimos, es como no haber muerto. Al contrario: hay demasiada vida cuando las palabras salen a recorrer los sitios abandonados o aquellos demasiado trillados, los oscuros pasadizos donde el cuerpo no pasa o está demasiado cómodo. [...] Decir lo que ya se ha dicho, pero con otras palabras. Buscar el secreto que nunca nos confesamos. [...] Escribir pisando arenas movedizas. Escribir para confesar lo inoportuno. Para darle lentitud a la quimera. Para hablar con las almas en tumbas, con cada lirio, con los vagabundos y sus perros. Escribir para imaginar lo que aún no hemos sido. Para escapar de nosotros y pocas veces reencontrarnos. Escribir para merodear la diferencia. Para escucharla. (p.07)⁵²

Portanto, escrever para ouvir... e minha opção desta escrita não seguirá uma rota previsível determinada por uma formatação acadêmica tradicional, sei também que *ojo nbori ojo*⁵³ estará presente em pontos de renda de bilro, em rede de pesca, em um tempo não linear, mas especialmente presente na tentativa de deixar falar tão somente por sua própria voz, o povo do qual tanto respeito, e que passou (e passa) pelo crivo de uma ocidentalização polêmica. E para ampliar, chamo novamente Mbembe (2001) acerca de um conjunto de rituais retóricos:

⁵¹ Fernando BÁRCENA, Filosofía y ciencias a educación, Universidad Complutense de Madrid.

⁵² Por minha livre tradução:

talvez porque escrever, escrever para nós, é como não ter morrido. Pelo contrário: há muita vida quando as palavras passam por lugares abandonados ou muito espancados, as passagens escuras onde o corpo não passa ou é muito confortável. [...] dizer o que já foi dito, mas em outras palavras. Encontrar o segredo que nunca confessamos. [...] Escrever pisando na areia movediça. Escrever para confessar o inconveniente. Para diminuir a quimera. Conversar com as almas em sepulturas, com cada lírio, com os vagabundos e seus cães. Escrever para imaginar o que ainda não fomos. Para escapar de nós e raramente se encontrar novamente. Escrever para espreitar a diferença. Para ouvi-la.

⁵³ Do iorubá: Um dia vai e outro vem.

[...] o **primeiro** ritual contradiz e refuta as definições ocidentais da África e dos africanos, apontando para as falsidades e preconceitos que elas têm como pressupostos; o **segundo**, denuncia o que o Ocidente fez (e continua fazendo) à África em nome destas definições; o **terceiro**, fornece as chamadas provas que, ao desqualificarem as representações ficcionais do Ocidente sobre a África, e ao refutarem a afirmação de que este detém o monopólio da expressão do humano em geral, supostamente abrem um espaço em que os africanos podem finalmente narrar suas próprias fábulas em uma linguagem e **voz que não podem ser imitadas, porque são verdadeiramente suas.** (p, 182). grifos meus

E por serem verdadeiramente suas, atendo-me às vozes que circundaram as conversações, as quais tiveram uma impossibilidade de prever seu rumo, somente seu início. (SKLIAR, 2018) Creio que somos atravessados, por diferentes dispositivos de linguagem, mas o que de fato dizemos e deixamos dizer? Qual transparência das palavras escolhemos, e por qual véu escondemos o tempo de dizer? Volto à ideia das conversações, da singeleza do gesto, da fluidez de uma conversa sem traves, assim,

Pienso en la conversación, entonces, en las conversaciones. Estamos afectados por esos dispositivos de diálogo, de información y de comunicación que, sin dudas, entorpecen todo el tiempo lo que quisiéramos decir y decirnos. Las palabras parecen perder su transparencia, su percepción, su reacción y dan vueltas y se esconden, acechan y naufragan. En cierta manera creo en un lenguaje habitado por dentro y no apenas revestido por fuera. Como la piel, también el lenguaje toma a veces la forma de un latido cardíaco o de una agitación del respirar o de un extraño y persistente movimiento; otras veces, se convierte en muralla, en defensa, en contención. Me gustaría no utilizar el lenguaje solo como recubrimiento o encubrimiento de la vida. Quisiera ser capaz de un lenguaje como sentido y no solo en lo que puede sonar a un cierto sensualismo. El lenguaje como desorden, como desobediencia, como una suerte de rebelión frente a un mundo que cada vez nos hace hablar más brevemente y más de prisa. El mundo que nos envejece más de prisa. Quisiera un lenguaje a flor de piel, o una piel a flor de lenguaje. (SKLIAR; BÀRCENA, 2015, p. 12)⁵⁴

Reafirmo, que a palavra *conversa* terá um lugar especial na condição metodológica deste texto, bem como na inserção no campo, importa dizer que seguirei pelo que acredito de conversações, sem tomar o modelo perguntas e respostas, e sim como algo possível de um nascedouro de fraternidade, cujo destino final se ignora. E trago a imagem que vivi com a avó Quilombola Tia Balbina, que me recebeu em sua mesa de café, na cozinha de ladrilhos

⁵⁴ Por minha livre tradução: Penso na conversa, então, nas conversas. Somos afetados por esses dispositivos de diálogo, informação e comunicação que, sem dúvida, atrapalham o que gostaríamos de dizer e dizer o tempo todo. As palavras parecem perder sua transparência, sua percepção, sua reação e elas se escondem, espreitam e naufragam. De certa forma, acredito em uma língua habitada por dentro e não apenas revestida do lado de fora. Como a pele, a linguagem também às vezes toma a forma de um batimento cardíaco ou de uma agitação da respiração ou de um movimento estranho e persistente; outras vezes, torna-se um muro, em defesa, em contenção. Eu gostaria de não usar a linguagem apenas como uma cobertura ou ocultação da vida. Eu gostaria de ser capaz de uma linguagem como significado e não apenas no que pode soar como um certo sensualismo. A linguagem como desordem, como desobediência, como uma espécie de rebeldia diante de um mundo que nos faz falar cada vez mais rápida e rapidamente. O mundo que nos envelhece mais rapidamente. Eu gostaria de uma linguagem para a pele, ou uma pele para a flor da linguagem.

coloridos, onde nossa conversa fluía entre cantorias de amor, em aparições do *outro lado*, em como as crianças crescem... na mesa lá estava eu, a Quilombola Dani e a avó Tia Balbina, não estávamos atreladas em perguntas e respostas e sim em fluência, eram nossos corpos conversando em puro sabor das palavras, sem controle, em confissão de saberes. É na conversação que se percebe a unidade e fragilidade de cada um, nossas impotências, limites, onde nasce uma escuta profundamente ética, não linear e é exatamente o efeito da conversa em nós que move o pensar, (SKLIAR, s/d)⁵⁵ E por ser não linear está em completa conexão ao tempo que aqui defendo, portanto essa conversação, como escolha metodológica, tem aporte ao dizer de *avós-personagens*, avós Quilombolas e no que eu digo. Sigo por uma ideia de triangular de ideias, idas e vindas do dizer e do pensar, por isso um transitar entre passos literários por *avós-personagens* e pela história em recorte Quilombola de Santa Catarina. Assumo aqui a essência da conversa com teóricos, traços da história, personagens literários e pessoas as quais se dispuseram a conversar. Sei que essa escolha subverte o que se entende por um texto de doutoramento, afinal, já tinha anunciado a ruptura com essas amarras acadêmicas na intenção de deixar o texto voar para diferentes esferas. Portanto, uma metodologia de escuta, de mergulho no que diz o literário (e talvez isso também rompa com os caminhos tradicionais da teoria literária ou da literatura comparada), e no dizer das pessoas e ao que levaram suas memórias, como conversa, simples assim... Isso posto, considero que,

Una conversación no es lo mismo que un experimento de diálogo, según el cual las partes toman turnos, aguardan, preguntan y responden con una alternancia serena. Una conversación es la unidad mínima de una comunidad de amistades, cuya síntesis es la afección, el tumulto, la sobreposición, el desborde. Una conversación no tiene tema específico. Si de verdad se conversa, enseguida el tema se deriva hacia la deriva y su resultado es siempre la perplejidad al preguntarnos: ¿de qué estábamos conversando? Una conversación es un conglomerado de rostros, gestos, voces y silencios. Es el cuerpo quien conversa, no el conocimiento previo. Una pregunta arquea el cuerpo y una posible respuesta lo inclina hacia delante. Las palabras inesperadas sacuden, despiertan, encienden, ofenden, desesperan, revuelven. ¿Una conversación es lo contrario del? porque lo digo yo? ¿El yo no tiene ninguna trascendencia en la conversación porque se diluye en la potencia del? **nosotros?** (SKLIAR, 2018, p. 11-14)⁵⁶grifos meus

⁵⁵ Do que pensei após ver a entrevista-conversa:

SKLIAR, Carlos. ¿Cuál es el valor de la conversación para la educación? (s/d). Disponível em: <https://www.institutoarcor.org.br/es/multimedia/3?sort=nuevos&categoria=&search=carlos+skliar#>. Acesso em: 20 nov 2019.

⁵⁶ Livre tradução minha:

Uma conversa não é o mesmo que um experimento de diálogo, segundo o qual as partes se revezam, esperam, perguntam e respondem com uma alternância serena. Uma conversa é a unidade mínima de uma comunidade de amigos, cuja síntese é afeição, tumulto, sobreposição, excesso. Uma conversa não tem um tópico específico. Se você realmente fala, então o tópico muda à deriva e o resultado é sempre perplexo quando perguntado: do que estávamos falando? Uma conversa é um conglomerado de rostos, gestos, vozes e silêncios. É o corpo que fala, não o conhecimento prévio. Uma pergunta arqueia o corpo e uma possível resposta o inclina para frente. Palavras

Eis a força dessa conversação: *O eu não tem significado na conversa porque está diluído no poder do "nós"*, muito próximo da ideia de *ubuntu*⁵⁷, ou seja, eu sou porque nós somos, uma filosofia do nós (uma humanidade para todos/as), uma teia de relações, eu diria rizomas de muita profundidade, afinal estamos a conversar acerca de uma cosmovisão “[...] do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados).” (MALOMALO, 2010, p. 19)⁵⁸.

Muito embora, o *ubuntu* tenha sido interpretado sob um olhar político⁵⁹ por africanos e suas diásporas, gostaria de marcar aqui essa relação de um eu que é diluído para se fazer um nós, aspecto de difícil percepção ocidental e essencial para se pensar o tempo e as conversações aqui propostas. Trago, para ampliar a conversa, o filósofo Louw (2010), que me faz pensar no quanto o *ethos* *ubuntu* tem a aprimorar a ética ocidental:

Isso não significa negar a intensidade com que esses valores são expressos pelos africanos. Mas o mero fato de serem expressos intensamente por africanos não torna, por si só, esses valores exclusivamente africanos. Entretanto, embora a compaixão, o calor humano, a compreensão, o cuidado, a partilha, o humanitarismo etc. sejam sublinhados por todas as principais cosmovisões, ideologias e religiões do mundo, eu gostaria, no entanto, de sugerir que o *ubuntu* atua como uma justificação distintivamente africana dessas formas de se relacionar com os outros. O conceito de *ubuntu* dá um sentido distintivamente africano e uma razão ou motivação distintivamente africanas para uma atitude amorosa para com o outro. (LOUW, 2010, p. 06)

Então, por essa atitude amorosa com quem nos acerca, proponho um convite de proximidades, uma urgência singular que me habita: “[...] de conversar apenas, de pensar a corazón abierto, de um gesto abrazador, de la amorosidad com cualquiera, de pensar juntos lo impensado, de quedarnos perplejos ante la invitación de la palabra do outro.” (GIULIANO,

inesperadas tremem, acordam, inflamam, ofendem, desesperam, mexem uma conversa é o oposto de "Porque eu digo". O eu não tem significado na conversa porque está diluído no poder do "nós"

⁵⁷ A esse conceito, conversei com a seguinte ideia, a qual me marca nesta caminhada:

“O verdadeiro *ubuntu* se opõe a tendências totalitárias levando a pluralidade a sério. Ao mesmo tempo em que constitui o “ser pessoa” por meio de outras pessoas, ele valoriza o fato de que “outras pessoas” sejam assim chamadas, justamente porque, em última análise, nunca podemos “ficar inteiramente na pele delas” ou “enxergar completamente o mundo através de seus olhos”. Portanto, quando o “*ubuntuísta*” lê “solidariedade” e “consenso”, ele também lê “alteridade”, “autonomia” e “cooperação” (observe: não “cooptação”).” (LOUW, 2010, p. 07)

*Dirk LOUW, psicólogo e filósofo da África do Sul.

⁵⁸ Bas’Ilele MALOMALO, teólogo congolês e doutor em Sociologia.

⁵⁹ Quando se fala de que ao longo da história a reinterpretação teve cunho político, refiro-me ao que diz Malomalo (2010):

“O *ubuntu* luta contra os reducionismos impostos pela razão indolente no fazer política e economia. A democracia participativa em todos os campos é tida como um valor. A economia não se reduz ao crescimento. Este tem a ver também com o social e com o cultural.” (p. 21).

2017, p. 47)⁶⁰. E, por “pensar juntos o impensado, de ficar perplexo diante do convite da palavra” retomo o caminho que ainda não andei, ou já teria andado em outros tempos ancestrais?! Não, não sei ao certo as coisas do futuro. Sei que por vezes será preciso voltar aos próprios passos deixados na areia, por isso “Escrevo teu nome na areia nua Escrevo a Sul, para nomear A casa que me habita.” (LIMA, 2015, 1, p.3). E, quem sabe, encontrar novos jeitos de continuar, de se manter em movimento, em corpo, em lutas, vivo.

Assim, pelas palavras em lutas, confesso que o caminho não tem sido fácil, porque duas de minhas *mais-velhas* estão fragilizadas pelo tempo e isso torna o caminho mais difícil, faz com que eu precise acreditar que elas não sofrem, mesmo com a memória em despedida. Mas, volto ao que assumi: o compromisso com a escrita, com as pessoas e com a ancestralidade. Então, busco uma linguagem que me tome para além da pele, atinja as entranhas e toque a alma. Preciso desse exercício de dizer, de conectar, de desalisar a palavra (COUTO, 1997), de fazer sentido entre o lido, o pensado, o tempo que me circunda e o vivido. Sim, pensei em desistir por muitas vezes, justamente pelos enfrentamentos ocorridos nas universidades deste país... Lembro uma *mais-velha* que conheci, dizia ela da necessidade de sempre ter papéis para provar, inclusive sua religiosidade, seu terreiro: “*Eu tenho o alvará e ninguém pode me impedir. Se a polícia endoidar e quiser ir ali (no terreiro), eu vou mostrar estes documentos.*” Dona Natalina – Quilombola da Toca da Cruz. (BOTEGA, 2016, p. 102)⁶¹. E, diferente da Natalina que lutava para provar sua fé e sua religiosidade, eu (e tantos como eu) precisava provar meus caminhos, minha pesquisa, lutas por se manter na Educação e pela Educação. Difícil sustentar os passos assim, provando por papéis o que se viveu, e vendo tantos retrocessos...

Porque manter os passos por si já é uma luta, considerando que a pesquisa não esteve e nem estará em tranquilidade, há o tempo que diz o que quer, há as interdições (porque não permitir a entrada também revela algo, é também exercício de pensar...), há o meu olhar que não consegue acomodar em um só momento, os entraves, as dúvidas, o lugar que não o meu e as memórias que não as minhas e precisam de respeito.

Reflico acerca do sentido de ser capaz de uma linguagem como significado, o quanto abarca a conversação como fundante do sujeito, e o quanto estamos embrenhados na materialidade discursiva da palavra de outra pessoa, no exercício dessa escuta e na acolhida de

⁶⁰Livre tradução minha: [...] de conversar, de pensar com o coração aberto, de um gesto de abraçar, de amorosidade com qualquer um, de pensar juntos o impensado, de ficar perplexo diante do convite da palavra do outro.

⁶¹Aqui, levada pelas mãos da pesquisadora e amiga Gisely Pereira BOTEGA, brasileira e pesquisadora, referencio a pesquisa que me apresentou a “Toca”. Sugiuro a leitura: BOTEGA, Gisely Pereira Toca de Santa Cruz (SC): tramas das mulheres negras, Quilombolas e yalorixás nos processos de socialização com as crianças. 2016. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação.

suas pluralidades. Considerando especialmente que é pela “[...] pluralidade das narrativas, enquanto possibilidade de afirmação de vozes outras, que (se) abrem espaços novos para o social, para a busca de valores compartilhados e de novos sentidos de comunidade e democracia.” (ARFUCH, 2010, p. 31).⁶²

E agora, ainda com o som da água na calha, fico diante do que foi meu primeiro passo *Ojo nbori ojo* e penso no significado: Um dia vai e outro vem. Penso quando me deparei, com as palavras Iorubá (RIBEIRO, 1998, p. 61):

“Igba kan nlo, Igba kan nbo

Ojo nbori ojo
Ero iwaju nlo,
Ero eyin ntele”

Um tempo está partindo, outro está chegando

Um dia vai e outro vem
Os da frente (os velhos) estão indo
os de trás (os jovens) os estão seguindo (dando-lhes
continuidade).

Um tempo está partindo, outro está chegando... É assim, que me coloco nesta escrita, diante de que realmente “[...] conhecer a África, é, sem dúvida abrir os olhos a matrizes que nos compõem, que interferem em nosso modo de ser, em nossa forma de estar no mundo.” (CHAVES, 2000, p. 13)⁶³ E, considerando as similitudes e as diferenças desses processos, instaura-se uma verticalidade de conhecimentos acerca da história dos povos africanos e seus repertórios, e aqui compreendo que em distintas expressões culturais há distintos valores éticos e estéticos em composição e matrizes de cosmovisão Indígena, Africana, Europeia, Asiática, enfim, uma grande constelação de saberes, entretanto, sem abreviar o valor desses tantos saberes, particularizo os saberes de matriz Africana, e ressalto que as produções africanas mantêm-se, de certa forma ainda distantes das preocupações dos centros de pesquisa e ensino das universidades brasileiras. (CHAVES, 2000). Acredito que trazer a África para mais perto é muito além de verbetes, ou alguma reduzida menção nos livros didáticos da história africana (língua, danças, cantos, nomes), ou uma lembrança do dia 20 de novembro, ou do nome Zumbi dos Palmares. O que precisamos, é “mais que isso, talvez muito mais que isso, o que temos da África é a presença de valores e de elementos formadores do modo brasileiro de perceber o mundo.” (RIBEIRO, 1998, p. 52).

Vale dizer que, alguns movimentos políticos e teóricos apontam para a superação das limitações e o crescimento dessas produções passando a ser objeto de interesse no cenário

⁶² Leonor ARFUCH, argentina, professora e pesquisadora da Universidade de Buenos Aires. É referência no estudo de relatos biográficos, com ela conversei acerca dos espaços biográficos.

⁶³ Rita CHAVES, brasileira, professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP (FFLCH-USP).

acadêmico. Considero que, muitos são os motivos, porém, os motivos para essa distância “[...] prolongada no tempo e o iniciar-se de uma nova e produtiva relação com as letras africanas, são, elas próprias, um tema de investigação para os estudiosos do fenômeno literário e da nossa sociedade.” (CHAVES, 2000, p. 14).

Nesse caminho, aceno para o atravessamento *além-mar*, expressão tão corriqueiramente apontada, que assume a dimensão de nos colocar em fronteira, o que nos é possível para além das águas e nos conecta ao território africano, e por assim dizer leva-nos em movimento, em processo, em diáspora, em perceber e aceitar o convite o outro. E reafirmo que “**Diáspora** é signo de movimentos complexos, de reveses e avanços, de afirmação e negação, de criação e mimese, de cultura local e global, de estruturas e singularidades, de rompimento e reparação.” (OLIVEIRA, 2012, p. 29). grifos meus

Então, ao aceno de África e no desejo de contar, ainda preservo minha ancestralidade *Griot* e já anuncio que em sua atuação na sociedade africana os *Griots* assumem grande importância na memória profunda do povo, por sua figura é o “responsável pelo entendimento sensível do Tempo Histórico em seu entrelaçamento inelutável com o Espaço.” (WALDMAN, 1998, p. 228)⁶⁴. E, pensando nesse entrelaçamento, foram tantos *mais-velhos* que percorreram comigo e ensinaram formas de contar, maneiras de conectar-se ao mundo, aos seres vivos e não vivos, ao povo da mata (tão presente comigo neste momento), modos de contar pelo corpo, pela voz e pelo silêncio... Formas de ver e sentir o caminho (e também o mar)⁶⁵. E por falar em mar, aqui retomo outro mais-velho (meu pai), que no verão nos levava para acampar no litoral catarinense, e desde sempre, lembro um ritual só nosso: bem ao fim de tarde, nos olhávamos em silêncio, sem nada dizer e entrávamos no mar calmo, e lá ficávamos a conversar até quando o lusco-fusco chegasse, até quando não fosse possível distinguir quem andava na areia, e era

⁶⁴ Maurício WALDMAN, brasileiro, nascido em 2 de dezembro de 1955, vive de ser antropólogo e geógrafo.

⁶⁵



Eu, ele e o mar (década de 80).

hora de se despedir do mar. Conversávamos sobre a vida, sobre nós, sobre o mar, sobre tantas coisas... Hoje quando entro no mar nessa hora, mesmo em mares e tempos distantes, tenho a impressão que essas conversas envolvem meu corpo e minha alma... Talvez, por isso, anos depois, após ter visto o mar pelas mãos do chefe Bi tenha sido um reencontro com um ancestral...

Evoco aqui a *Avó Catarina*, que coloca sabedoria no meu caminhar: “Mas o mistério residia no todo, na mistura física da alma e do corpo, do tempo e do passado, da **verdadeira ponte** que ela era já entre este e o seu próximo mundo.” (ONDJAKI, 2002, p. 64). Grifos meus.

Retomo, ao pensar na ideia de ponte, o termo *griot*, origem francesa, compõe a função dos que transmitiam a tradição histórica: poetas, arautos, cronistas, genealogistas. No contexto anterior à colonização, em sociedades hierarquizadas, os *Griots* assumiam o papel de conselheiros dos chefes de Estado, são de grande importância em alguns povos de África, como Mandê, Mandinga, Songhai, entre outros povos. *Griots* (homens) e *Griottes* (mulheres) contadoras de histórias estão geralmente dispostos em três categorias: os músicos, os embaixadores e cortesãos, os genealogistas. (HAMPATÉ BÂ, 2010)⁶⁶ Chamo a poesia para me amparar nas histórias, nos Griots e nas memórias:

E os velhos griots
os velhos griots que detinham os segredos
de ontem e de antes de ontem
Os velhos griots que pelas chuvas contavam
a marcha do tempo e os feitos da tribo
Os velhos griots que dos acertos e erros
forjavam o ténue balanço
Os velhos griots que da ignóbil saga
guardavam um reto registro
Os velhos griots que na íris da dor
plantaram a raiz do micondó
partiram
levando nos olhos o horror
e a luz da sua verdade e das suas palavras . (LIMA, 2012, p. 14).

Portanto, a oralidade está em minha memória, consolida a caminhada reforçada pela palavra falada, memória afetiva que me sustenta e referencia dentro da tradição oral, e trago o espírito inventivo de *Griots e Griottes* e práticas de transformar o invisível em algo acessível por suas audiências, em possibilidade de pertencimento. A atuação dessa oralidade compõe aspectos ritualísticos entre cotidiano e passado, em uma ‘cultura acústica’ na qual ouvido (e não o olho) é o órgão de recepção/percepção por excelência. E, sob esse aspecto, a mente opera

⁶⁶ Amadou HAMPATÉ BÂ, malinês, nascido em 1901, fez seu deslance em 15 de maio de 1991. Viveu como escritor.

em diferente configuração, em recurso ao ritmo, dança, música, repetição, retórica, metáforas, enfim, artifícios de memória. Esse exercício constitui-se nas narrativas, mitos, provérbios, histórias ouvidas ou contadas, em conciliação com o corpo, em distintas condições de *performance*, “[...] em uma semântica que abarca o mundo, (na qual) o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso.” (ZUMTHOR, 2007, p. 77)⁶⁷.

Portanto, nesse pensar, *Griots* e *Griottes* estão personificados nas *mais-velhas* que estiveram/estão/estarão comigo. Foram e serão o caminho pelo qual sou chamada a percorrer, ao traçar da tradição oral, porque me ensinam:

Não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência. [...] Ninguém é contador de histórias a menos que possa relatar um fato tal como aconteceu realmente, de modo que seus ouvintes, assim como ele próprio, tornem-se **testemunhas vivas e ativas** desse fato. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 208) *grifos meus*.

Ressalto a potência da tradição oral, por via dos territórios africanos, na grande escala de relações, aspectos e recuperação da vida, embora que sob um primeiro olhar pareça caótico é uma composição, um movimento de descortinar a ordem cartesiana do pensar, melhor dizendo, um pensar que se opõe ao individualismo, difere do racionalismo cartesiano e altera radicalmente a ideia de ‘penso, logo existo’ para ‘sou parte de um todo, logo existo’, contribuindo para um pensar e estar em comunhão com a comunidade. E desse pensar, converso com Sodré (2018)⁶⁸, acerca de um modo

[...] afro de pensar tipificado no sistema nagô, que é de fato uma forma intensiva de existência (forma que a passagem do biológico ao simbólico, ou ao espiritual é quantitativamente significativa), com os processos filosóficos próprios. “Afro” não designa certamente nenhuma fronteira geográfica e sim a especificidade de processos que assinalam tanto diferenças para com os modos europeus quanto possíveis analogias. (SODRÉ, 2018, p. 16)

E acerca desse pensar nagô, no qual impulsiona pessoas e sua comunhão com o mundo, em pluralidade, abre-se a pensar também suas individualidades, portanto, não em combate, mas sim em convivência, ligação em que o espiritual e o físico não se dissociam, caminham em arranjo, em potencialidade que nos permite transitar entre o conhecimento (tantos e de tantos contextos) e coloca-nos em linguagem, em atitude corpórea de escuta, e de comunidade, que se

⁶⁷ Paul ZUMTHOR, suíço, nascido em 5 de agosto de 1915. Fez seu deslance em 11 de janeiro de 1995 e viveu como crítico literário, historiador da literatura e linguista.

⁶⁸ Muniz SODRÉ de Araújo Cabral, brasileiro, nascido em 12 de janeiro de 1942. Vive como jornalista, sociólogo e tradutor, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Escola de Comunicação.

assume como “[...] uma entidade dinâmica com três esferas, a saber: a dos vivos, a dos mortos-vivos (“ancestrais”) e a dos ainda não nascidos.” (RAMOSE, 2010, p. 09)⁶⁹. Ainda acerca do pensar africano, não posso deixar de dizer da conversa com Grosfoguel (2007)⁷⁰ acerca das manobras excludentes, e aniquiladoras que operam privilegiado

[...] as políticas identitárias (identity politics) dos brancos ocidentais, ou seja, a tradição de pensamento e pensadores dos homens ocidentais (que quase nunca inclui as mulheres) é considerada como a única legítima para a produção de conhecimentos e como a única com capacidade de acesso à ‘universidade’ e à ‘verdade’.
(GROSFOGUEL, 2007, p. 32).

Ou seja, creio estarmos diante (e novamente) de racismos, e aqui persigo o racismo epistêmico, cuja força subjuga conhecimentos, considerando tudo que seja não ocidental como inferioridade e, nessa perspectiva age como se o outro não tivesse inteireza racional, cultural e emocional e, portanto, é dado como inferior. E isso institui uma senda para violências justificadas, aceitas e por nome de uma superioridade que se legitima aniquiladora. O próprio termo ocidental remonta a uma metáfora geográfica como se o planeta pudesse ser dividido meramente por uma linha (perceba que imaginária) e assim elege uma forma de pensamento que polariza norte e sul, ocidente e oriente, consolidando e legitimando superioridades e dominação. Assim, sob o pretexto divisório, chamo Santos (2010) a me dizer dessas linhas, cuja “divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente” (p. 32) E daqui, deste lado da linha, penso no saber diluído, apagado e aniquilado, penso no que se tornou cientificamente legitimado e no que foi drasticamente eliminado. Assumo uma dimensão sociopolítica para esta conversa e trago a ideia da ecologia de saberes, a qual nos amplia a uma visão mais abrangente “[...] daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para que aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral.” (SANTOS, 2010, p. 66).

E que tudo isso reverbera em tambores de *além-mar...*

⁶⁹ Mogobe Bertrand RAMOSE, filósofo sul-africano, professor de filosofia na Universidade da África do Sul em Pretória. Ele popularizou a filosofia africana, e especificamente a filosofia Ubuntu, com ele conheci a ideia de estarmos juntos e do significado de nós.

⁷⁰ Ramón GROSFOGUEL, sociólogo porto-riquenho pertencente ao Grupo Modernidade/Colonialidade e professor associado da Universidade da Califórnia, Berkeley.

2.1 KARINGANA-UA-KARINGANA⁷¹- ANTES DO ENCONTRO COM O QUILOMBO

É pelo prazer de uma cama de vento, pelas muitas mãos e passos marcados na areia fina ou na terra molhada, pelos abraços fraternos, que luto com *chrónos* para vencer minha ideia ocidental de um tempo irreversível. Penso no esforço de permitir-me um tempo circular, que sob uma concepção africana, elege um modo outro de lidar para além dos relógios (agora digitais) em que tudo funciona a *full time*, sem descanso, sem parada, mantendo acessos ininterruptos da internet, de arquivos e de redes ‘ditas’ sociais. Aquela sensação (ocidental) de que o tempo nos move sempre para frente, ou de que estamos sempre sem tempo ou atrasados. Preciso do tempo *áion* (KOHAN, 2004)⁷² comigo, o tempo não mensurável, para me fortalecer, para me lembrar o quanto corro o risco de ser atropelada pelo tempo da academia, pelo tempo do que chamamos trabalho ou pelo tempo não sentido (ou sem sentido?). Preciso dessa força aiônica para vencer os desafios da pesquisa a qual me propus. Especialmente por conta da possibilidade de conversar com outros modos de ver o mundo e suas realidades, as quais “[...] podem ser, ao mesmo tempo, diferentes e próximas das nossas e, outras vezes, borrar, completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver.” (MEYER; SOARES, 2005, p. 31)⁷³.

Assim, por entre mar e terra, e sempre descalça, acredito e preciso dessa possibilidade de percurso de escrita, de ‘contar coisas’, de estruturar-se na quebra de padrões, ao desafio do silêncio (e foram muitos), ao parar para escutar, e, especialmente ao modo como transitar, lidar, tratar e triangular conversas, então recorro ao que me diz Hampaté Bâ, em seu saber acerca desse trilhar na pesquisa:

A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador (e também a pesquisadora) estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se ‘à escuta’ (2010, p.212) (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 212)

⁷¹ Origem: termo da tradição Ronga. Significado: era uma vez

⁷² Walter Omar KOHAN é professor de Filosofia da Educação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Retomo ao que Kohan resalta sobre o tempo, designado por mais de uma palavra: *chrónos* (tempo sucessivo), *kairós* (proporção, momento crítico, oportunidade) e *áion* (duração, intensidade, imensurável). Sugiro a leitura de: Kohan (2004, 2007).

⁷³ Dagmar Elisabeth Estermann MEYER, brasileira, professora e busca nas pesquisas as questões: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Rosângela de Fátima Rodrigues SOARES, brasileira, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisa acerca da formação de professores, juventude, corpo, gênero e sexualidade.

Fico à escuta...Na tentativa de escutar o que o tempo e o caminho conversaram, inicio pelo que chamo de descobertas de um caminho tão (des)conhecido.

*Karingana-ua-karingana*⁷⁴...

A década era de 80, o lugar Paraná, o carro uma Brasília 75 bege⁷⁵ (e não amarela como consagrou a canção), a estação verão. Éramos uma família de ‘loucos’, meu pai tinha fascínio pelo mar catarinense e assim todo verão empreendíamos uma longa viagem pela BR 101 ainda não duplicada para acampar no litoral catarinense, e como a viagem era longa (Curitiba-Santa Catarina) e os equipamentos das barracas muitos.

Saíamos de casa ainda na madrugada. E depois de tanta estrada, assim que atingíamos o Morro do Boi/SC⁷⁶, ainda sem o túnel de acesso por dentro do morro, chegávamos ao ponto da estrada em que o mar despontava soberano e solitário na próxima curva, e ele (meu pai) dizia: “valeu ou não a pena?” Não sei explicar a força dessa frase, talvez uma força vital que segue comigo até hoje, embora que nesse momento sigamos em planos diferentes, a frase é viva, move-me no mundo.

E por muitos verões tínhamos o mesmo ritual, não sabia eu que nascia ali uma conexão que me atravessa: o mar. O tempo passou e por ordens do destino eu passei a morar em São José/SC⁷⁷ e depois de mais um tempo passei a transitar pela BR 101 toda a semana, passava

⁷⁴ Retomando: Origem: tradição Ronga. Significado: era uma vez

⁷⁵ Ela (a Brasília amarela) e eu:



⁷⁶ Localização: Rodovia BR-101, km 141/140, entre Itapema e Balneário Camboriú/SC.

⁷⁷ E pelo caminho da pesquisa minha descoberta acerca da terra que me acolheu:

“A povoação de S. José, ou São José da Terra Firme, foi elevada á categoria de freguezia em 1751, e, por acto da assembléa legislativa da provincia, á categoria de villa em 27 de agosto de 1832. Em 1820, a freguezia se compunha de cerca de 400 fogos e 3.649 commungantes, e, em 1841, o total de sua população era de 6.053 homens livres e 1.635 escravos. (SAINT-HILAIRE, 1836, p. 196) sic – grifos meus

pelo mesmo local em que ouvi a frase: *valeu ou não a pena...* Não imaginava que a cada dia me reconectava com o que seria meu chão de pesquisa: a vida em resistência no litoral.

Figura 1: E lá na próxima curva ele: o mar e ao lado o Quilombo



Fonte: <https://goo.gl/Wd67wp>. Acesso em: 20 jan 2018.

Ali escondido, cortado pelo asfalto, o Quilombo Morro do Boi, e por ali minha conexão com outros territórios Quilombolas. Ressalto que o estado catarinense, contrariando o mito do estado branco, tem em sua composição **17 comunidades remanescentes de Quilombos** (as quais mais adiante serão explanadas), com processos de reconhecimento em aberto. Não, não somos um estado branco! Estamos em caminhada por direitos⁷⁸, por espaços

⁷⁸ Aproveito a conversa para dizer de alguns conceitos importantes nessa caminhada, e os quais têm sido discutidos pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais:

“Povos Tradicionais de Matriz Africana: O conjunto dos povos africanos para cá transladados, e às suas diversas variações e denominações originárias dos processos históricos diferenciados em cada parte do país, na relação com o meio ambiente e com os povos locais.

Comunidades Tradicionais de Matriz Africana Territórios ou Casas Tradicionais - constituídos pelos africanos e sua descendência no Brasil, no processo de insurgência e resistência ao escravismo e ao racismo, a partir da cosmovisão e ancestralidade africanas, e da relação desta com as populações locais e com o meio ambiente. Representam o contínuo civilizatório africano no Brasil, constituindo territórios próprios caracterizados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços à comunidade.

Autoridades Tradicionais de Matriz Africana: São os mais velhos, investidos da autoridade que a ancestralidade lhes confere.

Lideranças Tradicionais de Matriz Africana: São as demais lideranças constituídas dentro da hierarquia própria dos territórios e das casas tradicionais.”

(BRASIL, 2016, p. 18) grifos meus

de discussão, de compreensão de que somos muitos, embora ainda ocorra uma invisibilidade política e também geográfica. (ANJOS, 2015)⁷⁹

Não imaginava que ali, por entre o asfalto tão conhecido estaria minha relação rizomática⁸⁰ (DELEUZE; GUATTARI, 1995)⁸¹ com a vida, com africanidades, com Quilombos, uma caminhada de diferentes passos e ao mesmo tempo em composição de uma unicidade só possível de pensar a partir o que a África apresenta ao mundo. Porque o que escrevo da história é a partir do conceito de rizoma, ou seja, sem começo ou fim, mas sempre no meio das coisas, entre-espço, entre-lugares, pois um rizoma por força própria “se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...] o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36). grifos meus. E o que seria desenraizar o verbo ser, ou ainda se compor pela conjunção e, na condição de uma partícula somatória? Talvez um desafio da língua, de desterritorialização, talvez linhas de fuga que explodem em força e se reconectam em outras linhas... São conexões e não formas.

Por esses rizomas, retomo minha ligação com a África, cujos primeiros encontros estrearam-me descobertas literárias únicas carregadas de sentidos outros, vindos de um continente outro. Encontros literários e ancestrais, e com uma literatura de força, sensibilidade e rara beleza. Retomo minhas africanidades e a potência que isso representa, em especial pelas configurações africanas apontadas por Munanga (2009)⁸² acerca de África (organização política, crenças e visão o mundo, casamento, família) como um rosto, um rosto cultural, uma comunidade cultural que África oferece-nos, algo que nos amplia o conceito de africanidades, ou seja, “A africanidade é esse rosto cultural único que a África oferece ao mundo.” (MUNANGA, 2009, p. 36-37).

Foi, portanto, o transitar entre literatura e oralidade africana que impulsionou minha entrada, no curso de Licenciatura em Letras/Português pela Universidade Federal de Santa

⁷⁹ Rafael Sanzio Araújo dos ANJOS, brasileiro, nascido em 1961, geógrafo, professor da Universidade de Brasília, e seus estudos nos trazem as comunidades Quilombolas do Brasil.

⁸⁰ Ao dizer de rizoma, e na beleza o que isso significa, só penso na “[...] multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

⁸¹ Gilles DELEUZE, nascido francês, em 18 de janeiro de 1925, fez o deslance em 4 de novembro de 1995; Viveu como filósofo e muito me contribui no que diz dos rizomas.

Félix GUATTARI, francês, nascido em 30 de abril de 1930, fez o deslance em 29 de agosto de 1992. Viveu como filósofo, psicanalista e militante revolucionário

⁸² Kabengele MUNANGA, brasileiro-congolês, nascido em 22 de junho de 1940. Vive como antropólogo e professor. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, suas discussões ampliam-me o racismo na sociedade brasileira.

Catarina (UFSC), em 2007⁸³. E por ali minha aproximação com a África foi inevitável (ou já estava a me esperar?), o que me levou para o mestrado⁸⁴ no Programa de Pós Graduação em Literatura pela mesma Universidade, cuja discussão consolidou uma imersão nas literaturas de língua portuguesa do continente africano, bem como na diáspora africana, cujos estudos estão pautados nas pessoas e seus deslocamentos (saberes, culturas e distintas histórias), discursos construídos dentro da diáspora - o deslocar-se pelo mundo. E aqui, destaco estudiosos que ampliaram esses estudos: Gilroy (2001), Glissant (2005), Hall (2009), Hampaté Bâ (2010), Hountondji (2012), Mbembe (2014), Sodré (2018) e Nascimento (2002)⁸⁵. E também, nesse percurso os Estudos da Inf ncia⁸⁶ fizeram-se presente, os quais se pautam em uma dimensão interdisciplinar (sociologia, história, antropologia, psicologia,...), para construir um educar potencializado, permitindo a novidade que as crianças trazem consigo, assim expandem “as fronteiras do campo disciplinar de onde prov m para, na verdade, configurarem uma abordagem renovada [...] da infância como categoria social e das crianças como membros ativos da sociedade.” (SARMENTO; GOUVÊA, 2009, p. 09)⁸⁷.

Nessas experiências literárias questões atravessaram-me e anunciaram um campo teórico-literário dentro de paisagens culturais, fazendo-se emergente a reflexão acerca da media o de línguas e culturas, a fim de romper com as configura es imediatistas e de caráter hegemônicos (ocidentais) que geram apagamentos culturais. Apareciam diante de mim rizomas de culturas não f xas, e sim vivas, suspensas, instáveis, em curso, escondendo negocia es de

⁸³ Anos anteriores eu já tinha encontrado o caminho da conta o de histórias, em especial, os contos africanos e a ancestralidade, que me levou para o curso de forma o de contadores de história pelo SESC/SC, período que afinei meus pensares com parceiro e contador de histórias Celso Sisto e com Gilka Girardelo.

⁸⁴ Disserta o: LUGAR DA INFÂNCIA: Os miúdos narrantes nas obras de Ondjaki. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PLIT0632-D.pdf>. Acesso em: 20 jan 2018.

⁸⁵ Continuando as apresenta es:

Paul GILROY, nascido no Reino Unido, em 16 de fevereiro de 1956. Vive como historiador, escritor e acadêmico.   diretor fundador do Centro de Estudos de Raça e Racismo da University College London.

Stuart HALL, nascido na Jamaica, em 03 de fevereiro de 1932, fez o desenlace em 10 de fevereiro de 2014. Viveu como teórico cultural e sociólogo e atuou no Reino Unido a partir de 1951.

Paulin HOUNTONDJI, nascido na Costa do Marfim, em 11 de abril de 1942. Vive como filósofo, político e acadêmico. Leciona na Universit  Nationale du B nin, em Cotonou, onde   professor de filosofia.

Abdias do NASCIMENTO, brasileiro, nascido em 14 de março de 1914, fez o desenlace em 23 de maio de 2012, viveu sendo poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das popula es negras.

⁸⁶ Indico, ainda, as contribui es de pesquisas vinculadas ao Programa de Pós-Gradua o em Educa o (PPGE/UFSC) e também do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educa o na Pequena Infância (NUPEIN/UFSC). E também referencio o Núcleo de Estudos de Poéticas Musicais e Vocais (GRIOT/NEPOM), vinculado ao Programa de p s-gradua o em Literatura, no qual muitas parcerias foram criadas e percorreram muito desta minha caminhada na UFSC.

⁸⁷ Manuel Jacinto SARMENTO Pereira, nascido português, tem sua vida pautada nos Estudos Sociais da Infância, pela Universidade do Minho, com as discussões acerca da infância, exclusão social, trabalho, educa o e escola. Maria Cristina Soares GOUVÊA, brasileira, vive a pesquisa sob o olhar da História da Educa o: a. história da infância, processos de escolariza o, Infância a território

sentido, embates de temporalidades em processo de transformação. Ressalto que falar de culturas, remete-nos às várias identidades que coexistem em uma mesma sociedade, o que exige aprimorar conceitos acerca da estrangeiridade, alteridade e, especialmente, apreender que “[...] a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio.” (HALL, 1997, p. 20).

E também, ainda acerca da escrita da dissertação, embora não fosse o meu olhar naquele momento, fui abarcada por relações intergeracionais, as quais me levavam a um saber do *mais-velho*, melhor dizendo das *mais-velhas* que ali estavam, afirmando “a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranqüilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens.” (BOSI, 2004, p. 82)⁸⁸ - sic. *Avós-personagens* já se revelavam em saberes outros, os quais eu não imaginava ou imaginava?

Assim, como um pulsar de vida, essas vozes estavam a me seduzir, a dizer para onde olhar, **o que encontrar**, mesmo sem eu saber. Até que, forças rizomáticas explodiram em minha frente, trazendo novamente mar, África, avós, *mais-velhas* e Quilombos.

⁸⁸ Ecléa BOSI, brasileira, nascida em 14 de julho de 1936, fez seu desenlace em 10 de junho de 2017. Viveu como psicóloga e escritora, com ela aprendi acerca da memória dos velhos, saberes que circundam esta tese.

2.2 MBEJI NI JITETÊMBUA⁸⁹: O CÉU ANTES DO QUILOMBO

Antes de **dizer** dos Quilombos, em especial aos localizados no litoral catarinense (recorte desta pesquisa) e sua resistência atravessando o tempo e a geografia, acredito ser fundamental apropriarmo-nos de uma conversa com Fanon (2008)⁹⁰, na qual me traz um modo de pensar não somente a pesquisa, mas também a história que estou prestes a embarcar em travessia: “Não venho armado de verdades decisivas. [...]. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou **dizê-las**, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. (FANON, 2008, p. 25)⁹¹ grifo meu.

Dizê-las, eis a proposta, e para isso chamo as memórias, mas especialmente o que nos fizeram esquecer, porque o apagamento nos aniquila como um povo, como culturas, como pessoas. Porque ao dizer, talvez possamos compreender “[...] ‘quem somos’, por que nos tornamos ‘quem nós somos’ e de que modo isso determina, sem que saibamos, toda a nossa vida social e política atual e futura.” (SOUZA, 2009, p. 32)⁹².

Instaura-se aqui um dos desafios desta escrita: falar de uma história outra, ao que é possível escrever das composições de vida. Um borrar as fronteiras, entre deslocamentos e migrâncias, entre a palavra e sua transversalidade, para compreender, quem sabe, espaços também biográficos, espaços culturais, espaços invisibilizados e de lutas. É o desdobramento da palavra, o desafio de estar diante de uma história outra, que difere de mim, mas está profundamente atrelada a mim. É o desafio de ouvir e escrever, de estar *perto-longe* de um vivido. E nesse compromisso com a vida, fazer-se presente, compor-se em singularidades, é com certeza “O que leva repetidamente a recomeçar o relato de uma vida (minucioso, fragmentário, caótico, pouco importa seu modo) diante do próprio desdobramento especular: o relato de todos”. (ARFUCH, 2010, p. 16)

Assim, inicio **dizendo** de um tempo na história em que a Coroa Portuguesa ambicionava tornar suas colônias produtivas pela exploração da terra, e assim, a mão de obra era o trabalho escravo. Absurdamente pessoas transformaram-se em moeda de troca, contribuindo para o enriquecimento do Reino. Pessoas tornaram-se mercadorias, entretanto ao

⁸⁹ Origem do termo: Angola. Tradução: a lua e as estrelas.

⁹⁰ Frantz Omar FANON, francês de ascendência francesa e africana, nascido em 20 de julho de 1925, fez seu deslance em 06 de dezembro de 1962, viveu como psiquiatra, filósofo e ensaísta, esteve envolvido na luta pela independência da Argélia, e influenciou um pensar acerca da descolonização e da psicopatologia da colonização.

⁹¹ Sugiuro a leitura: FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

⁹² Jessé José Freire de SOUZA, brasileiro, nascido em 29 de março de 1960, vive como sociólogo, professor universitário e pesquisador. Defende as áreas de desigualdade e classes sociais no Brasil.

que se diz a escravidão, ela remonta aos anos de 1500, quando também da escravidão indígena e seu genocídio... Então, não posso deixar de falar, ainda que vergonhosamente, desses números de nossa história brasileira, até porque pouco se ressalta nos livros: “A escravidão dos aborígenes no Brasil durou pouco em termos legais (aproximadamente de 1500 a 1570); contudo, lançou-se mão de várias formas de coerção, bem depois dessa época, para se obter o trabalho indígena.” (SCHWARTZ, 1988, p. 40)⁹³. E ainda, a pensar nessas formas de coerção, retomo ao que os portugueses usaram como ‘expedientes’ para coibir, torturar e comandar os indígenas sob o pretexto civilizatório: a coerção direta sob a forma de escravização, os desmandos jesuítas para aculturação e destribalização, e ainda as manobras religiosas de despedaçar as estruturas indígenas em nome de ‘salvar almas’.

As marcas da exploração estão explícitas nos relatos do tema, enfatizado pela mão de obra escrava (africana e indígena) e no crescente comércio e ‘tratamento’ dispensado aos negros originários da África⁹⁴. Ou seja, a dívida com esse passado nefasto é imensa, ultrapassa o tempo, arrasta-se pelos anos inflando a separação de pessoas em classes, em lutas cotidianas, silenciosas, (in)visíveis, e fomenta “[...] a continuação da reprodução de uma sociedade que ‘naturaliza’ a desigualdade e aceita produzir ‘gente’ de um lado e ‘subgente’ de outro.” (SOUZA, 2009, p. 24).

Portanto, na tentativa de pegar os fios da história (longe e perto ou perto e longe), vale dizer que entre os séculos XV e XIX o horizonte europeu dilatou-se, bem como o Atlântico tornou-se o epicentro da conexão de mundos, o que incide uma mudança repentina nas transações ibéricas e os contatos com África Ocidental e Central, via Oceano Atlântico. Assim sendo, “Os primeiros negros, vítimas de pilhagens e transformados em objectos (sic) de venda pública, chegam a Portugal em 1444. O número de capturados aumenta sensivelmente entre 1450 e 1500.” (MBEMBE, 2014, p. 32).

Considerando que durante o período da escravidão, a presença africana crescia em Portugal devido ao desembarque anual de escravos, o que acarretava um desequilíbrio demográfico de algumas cidades, como Lisboa, Sevilha e Cádiz, cuja população no século XVI era constituída por 10% de africanos.

⁹³ Stuart B. SCHWARTZ, nascido em 04 de setembro de 1940, nos USA, vive como professor de História George Burton Adams na Universidade de Yale, historiador do período colonial, estudioso da escravidão.

⁹⁴ Ressalto ainda, a importância das influências dos africanos e seus descendentes crioulos e mestiços na formação do Brasil, pois, “Raros serão os aspectos de nossa cultura que não tenham sido moldados com a ajuda da mão e da inteligência africanas e afro-brasileiras.” (REIS, 2007, p. 92).

*João José REIS, brasileiro, nascido em 24 de junho de 1952, vive como historiador e sua discussão ancora-se no estudo da história e da escravidão no século XIX.

Nesse processo de diáspora negra, as algemas da escravidão espalharam-se pelas Américas, e importa dizer que a política escravocrata teve diferentes formas de exploração do trabalho na terra, por exemplo, no Brasil a mão de obra escrava sustentou o ciclo do açúcar, do café e do ouro, diferentemente do que incidiu “Nos engenhos de açúcar, em Cuba, (onde) os senhores permitiram que os escravizados tivessem locais próprios para o plantio, [...]. Em São Domingos, os negros também trabalharam na criação do gado.” (LEITE, 2016, p. 01)⁹⁵.

O sistema escravocrata, sua potência em apagar culturas e vidas⁹⁶, pautou-se em marginalização, perversidade e desumanidade. Lembrando que esse sistema foi responsável por aproximadamente (os registros não são precisos por conta dos tantos que vieram em navios clandestinos) cerca de 12,5 milhões de pessoas foram roubadas de suas casas, entre 1500 e 1867. Ou seja, “10 milhões chegaram aos seus destinos nas Américas. [...] dos 5,5 milhões de pessoas que tinham como destino o Brasil, apenas 4,9 milhões desembarcaram em portos brasileiros.”⁹⁷

E, vergonhosamente, “Conhecemos, também, o destino que tiveram: lavoura, criação de animais, trabalho urbano nas cidades ou, no caso de algumas mulheres, a casa grande, como arrumadeiras, cozinheiras, babás ou ainda, para ‘desfrute do sinhô’.” (BARBOSA, 2005, p. 10)⁹⁸ Sendo que, no Brasil, o tráfico negreiro representou 38% de todo o comércio de escravizados entre África e as duas Américas. Ressalto a presença escrava em: Alagoas, Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe. (LEITE, 2016).

Aqui, em recorte com a pesquisa, destaco Santa Catarina, a partir dos registros de um viajante que aponta os seguintes números para o estado: “[...] em 1812, a população já se elevava a 33.049 almas, inclusive 7.578 escravos e 665 negros e mulattos libertos; [...] em 1840,

⁹⁵ Carlos Roberto Saraiva da Costa LEITE, brasileiro, pesquisador e coordenador do setor de imprensa do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, R/S.

⁹⁶ No desejo de ampliar a questão dos apagamentos, acredito ser válido trazer para a conversa Sodré (2018): “sabe-se que boa parte dos africanos trazidos como escravos era composta de presos políticos por lutas contra hegemônicas na África. Muitos deles eram pessoas de alto nível intelectual. Enquanto da Europa vinham degredados, da África vinham príncipes, princesas e sacerdotes, a exemplo de Otampê Ojaó, filha gêmea do Alaketu (rei de Ketu), fundadora do primeiro terreiro de Ketu na Bahia, sucedida por sua filha brasileira Iya Akobiodé. Uma elite africana formou-se aqui por meio de um implícito pacto simbólico entre indivíduos de etnias diferentes [...]. (p. 91).

⁹⁷ Dados levantados pelo historiador David Eltis, da Universidade de Emory, em Atlanta. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070405_crianças_escravas_pu.shtml. Acesso em: 15 nov 2018.

⁹⁸ Paulo Corrêa. BARBOSA, brasileiro, professor, sua vida de pesquisador ancora-se na educação jovens e adultos, educação étnico-racial, educação e comunidades remanescentes de quilombos e educação e gênero. Indicado como um dos dez finalistas ao prêmio Jabuti 2013, na categoria didático e paradidático.

a 66.218, sendo 53.707 livres e 12.511 escravos.” (SAINT-HILAIRE, 1836, p. 45)⁹⁹ sic. Os números seguem, como mostra o quadro:

Quadro 1: População escrava no Brasil – região sul – 1864- 1887¹⁰⁰

REGIÃO	1864	1874	1884	1887
Brasil	1.715.000	1.540.829	1.240.806	723.419
Paraná	20.000	11.249	7.768	3.513
Santa Catarina	15.000	15.250	8.371	4.927
Rio Grande do Sul	40.000	98.450	60.136	8.442

Fonte: REIS, 2007. Adaptação da autora, 2018.

Portanto, ao olhar esses números, é inegável a presença negra na história do estado catarinense, ou seja, mais uma vez, não fomos e não somos um estado branco! Temos sim, também hoje a presença marcante de uma população negra, a qual faz seu viver em cidades como:

Quadro 2: População negra em algumas cidades catarinenses¹⁰¹

CIDADE	POPULAÇÃO	POPULAÇÃO NEGRA	LOCALIZAÇÃO MESORREGIÃO
Joinville	515.288	12.837	Norte Catarinense
Florianópolis	421.240	18.787	Grande Florianópolis
Blumenau	309.011	4.838	Vale do Itajaí
São José	209.804	10.861	Grande Florianópolis
Chapecó	183.530	5.551	Oeste Catarinense
Itajaí	183.373	6.680	Vale do Itajaí
Criciúma	192.308	11.330	Sul Catarinense
Jaraguá do Sul	143.123	2.587	Norte Catarinense
Palhoça	137.334	5.245	Grande Florianópolis
Lages	156.727	37.800	Serrana

Fonte: IBGE, censo 2010, as 10 cidades mais populosas¹⁰². Elaborado pela autora, 2018.
Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 15 nov 2018.

⁹⁹ Augustin François César Prouvençal de SAINT-HILAIRE foi botânico, naturalista e viajante francês, nascido em 4 de outubro de 1779.

¹⁰⁰ Aviso que, para os quadros aqui figurados, optei por não usar porcentagem e sim números absolutos por acreditar em conversas diretas e não disfarçadas em %...

¹⁰¹ Os números da população negra não estão somados aos que se declararam pardos.

¹⁰² Até o momento desta pesquisa, só estava publicado o censo de 2010.

E, ao olhar para essas cidades, tão embranquecidas na mídia, reflito quais invisibilidades revelam, significados de dizer de si e de reconhecimento. O que são processos de pertença e autodeclaração em uma sociedade que por muito tempo apagou (literalmente) vidas e também heranças culturais de um povo? O que acontece é um apagamento da população, um branqueamento dos números, o que talvez, leve-nos aos fios de uma história cuja insanidade violenta foi norteadora contra o que há de mais sagrado: a vida.

Falo da escravidão, a qual muitos historiadores diferem no que diz do início desse processo no Brasil, ou seja, há os/as que creditam a Martim Afonso de Souza, primeiro a introduzir escravos/as no Brasil (1520), e também primeiro donatário da Capitania de São Vicente. “[...] Outros, entretanto, atribuem a Duarte Coelho, em 1535, a triste primazia da importação de escravos.” (BARBOSA, 2005, p. 10)

Questiono-me quanto ao tempo, o início dessa história que me embarga, dói minha pele e minha alma. E aqui não quero demarcar um tempo antes e um tempo depois e sim um tempo em curso, que me move interrogar acerca do que instala o tempo, e reconhecer que, “[...] cada época se reveste de significações contraditórias aos olhos dos diferentes atores [...] (e) pensar o estatuto do tempo próprio que é o tempo em estado nascente ou, melhor ainda, o tempo em curso.” (MBEMBE, 2015, p. 388).

O desafio de dizer do tempo e das pessoas que perderam suas referências, suas vidas. Torturadas, trancafiadas em navios, em senzalas, em relações de poder e violência. Escrever acerca dos horrores da escravidão implica compreender um tempo na história entre ganância, comércio humano e violação de leis. Porque a violação, ou seria escamoteação das leis, vem desde os três acordos diplomáticos¹⁰³ assinados entre Portugal e o Reino Unido com relação ao tráfico de pessoas. O primeiro acordo data de 1810, **Tratado de Aliança e Amizade**, que restringia o comércio de africanos às possessões portuguesas no continente africano, na costa nos territórios de Cabinda e Molembo. Em, 1815, tem-se o **Tratado de 22 de janeiro de 1815**, assinado durante o Congresso de Viena, abolindo adicionalmente o tráfico de escravos da costa africana a norte da linha do Equador. E por fim, a **Convenção Adicional ao Tratado de 22 de janeiro de 1815 ou Convenção de 1817**, a qual adicionou artigos ao tratado de 1815, cujo

¹⁰³ A saber:

▪ Tratado de Amizade, disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7405?locale=en>. Acesso em: 28 mai 2019.

▪ Tratado de 22 de Janeiro de 1815, disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1866/convencao_adicional.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 mai 2019

▪ Convenção de 1817, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carlei/antioresa1824/cartadelei-39430-8-novembro-1817-569614-publicacaooriginal-92834-pe.html>. Acesso em: 28 mai 2019.

ajuste previa o direito de visita recíproco da marinha de guerra de ambas as nações (Portugal e Reino Unido) e a formação de tribunais mistos (comissões) para julgar os traficantes que ignorassem a determinação do Tratado de 1815.

Ou seja, a proibição desse atentado à vida, já existia. É inconcebível a clandestinidade, o jogo de interesses, manobras as quais direcionavam o lucro e o poder. Se pelos tratados a proibição já existia, o que dizer das pessoas que chegaram ao Brasil nesse período, especialmente na vigência da lei nacional Diogo Feijó que proibia o tráfico de pessoas no Brasil (1831)¹⁰⁴, e mesmo assim a permanência do crime de escravidão¹⁰⁵... Essas pessoas estariam livres, visto que a lei indicava a proibição, seriam então ‘Africanos Livres’. Não, não seriam, porque a força dos interesses e do discurso, burlava mais uma vez o direito à vida, criando a seguinte situação: mesmo sendo pessoas livres, pois quando aqui chegaram a prática de escravizar já era proibida, estavam obrigados a viver sob a tutela do Estado, afinal os recém-chegados ‘precisariam de auxílio para adaptação ao novo lugar’... E, portanto, no Brasil, teriam que passar catorze anos servindo ao Estado ou a particulares na condição de serviçais ou como ‘trabalhadores livres’ (sem salário) até atingirem o prazo previsto para serem emancipados. Entretanto, estavam sujeitos ao trabalho compulsório e eram “alugados” por particulares para serem levados para o fundo das senzalas, ao lado de tantos outros irmãos que ali já jaziam suas vidas como escravos, pois estes teriam entrado no país em tempos que as leis ‘permitiam’ o tráfico... Óbvio que os ‘livres’ não tinham seus direitos reconhecidos, até mesmo porque quem fiscalizaria, quem iria até as fazendas e enfrentaria os senhores das terras, a elite política e os traficantes transatlânticos que, por sinal, eram os mesmos que circulavam pela cidade e tinham seus desmandos na política do país? Vale dizer que os navios, interditados ao atracarem aqui,

¹⁰⁴Lei Diogo Feijó, de 7 de novembro de 1831: “Declara livres todos os escravos vindos de fôra do Imperio, e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html. Acesso em: 01 ago 2018.

¹⁰⁵ Ressalto um panorama das leis vigentes nesse período:

- Lei Diogo Feijó contra o tráfico 7/11/1831 - Declara livre todos aos escravos vindos de fora do império, e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos.
- Lei Euzébio de Queiroz contra o tráfico 4/9/1850 - Estabelece medidas de repreensão do tráfico de africanos neste império.
- Regulamentação da Lei Euzébio de Queiroz 5/6/1954 - Declara desde quando deve ter lugar na competência dos Auditores da Marinha para processar e julgar os reos mencionados no art 43º da lei nº 581 de 4/9/1850, e os casos que devem impostos pelos mesmos Auditores às penas de tentativa de importação de escravos.
- Lei do ventre livre 28/9/1871 - Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nasceram desde a data libertos os escravos da Nação e outras.
- Lei do sexagenário 28/9/1885. - Regula a extinção gradual do elemento servil.
- Lei Áurea 13/5/1888. - Declara extinta a escravidão no Brasil.
- Lei Afonso Arinos 3/7/1951 - Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça ou cor.
- Alteração Lei Afonso Arinos, nova redação 20/12/1985 - Inclui entre as contravenções a prática de atos resultantes de preconceito de raça, cor, de sexo, de estado civil, dando nova redação à lei 1390 de 3/7/1951.

seriam todos os escravos (a carga humana) e o restante da tripulação confiscada e levados para a Capital, porém, na maioria dos casos registrados, a tripulação fugia, ficando somente as pessoas sequestradas de suas terras. Aos que ficavam tinham dois destinos: a transferência para instituições do governo ou leilão de particulares, ou seja, na prática, poucos registros das instituições e, na clandestinidade, muitos foram direto para as senzalas. Africanos livres? Não na prática. Já o discurso revela interesses:

Do que se vem a tirar por conclusão, que o Commercio da Escravatura he licito, não só por que não é feito em pirataria, e força armada, e sim por convenção, e á avença dos mesmos Potentados Africanos; mas porque até disso lhes **resulta melhoramento, e proveito, e a maior felicidade**. Porque aquelles Gentios vem entrar no centro do Christianismo, e da **verdadeira Religião**, bem que esse não seja o verdadeiro objecto, que fomenta aquelle Commercio. Porque com este resgate se evita a imensa mortandade que aquelles miseraveis Povos sofrião, principalmente em Guné, em que tambem se incluíão os prisioneiros ele guerra; cujo resgate huma vez que venha a cessar, elles tornarão ao antigo uso dos seus infames e tiranos sacrificios. (BARRETO, 1837, p. 20)¹⁰⁶ sic- grifos meus

Assim, embora a legislação “garantissem” aos africanos livres moradia, um ofício, vestimentas, alimento, aproveitava-se também para catequizar (leia-se aculturar um povo) os preceitos cristãos da ‘**verdadeira Religião**’ e o Estado usava a condição de tutela para esconder suas intenções e interesses econômicos em manter a escravidão, agora sob o discurso de proteção gratuita, afinal aos africanos livres a “[...] obrigação de trabalhar era apenas recompensa por seu sustento e **cuidados.**” (MAMIGONIAN, 2017, p. 54)¹⁰⁷ grifos meus. E aqui, questiono o destino (cruel e perverso) dos que chegaram ao país ilegalmente... Quais estratégias dos senhores e principalmente dos parlamentares da época usadas para escamotear, disfarçar e lucrar com a escravidão ilegal? Parece-me que aqui há um silêncio em relação a esse período e aos “ajustes legais” para a ilegalidade, ou seja, a ilegalidade compartilhada, tolerada, acobertada por uma sociedade e por um governo escravocrata, sempre em nome do progresso econômico, levando-nos a compreender que a ascensão acelerada, especialmente do ciclo do café, esteve atrelada a ilegalidade da escravidão. Entretanto, o contrabando beneficiou também “[...] pequenos e médios investidores e consumidores atraídos pelo negócio da **carne humana barata.**”¹⁰⁸ Essa ‘democratização’ da propriedade escrava revigorou a instituição escravocrata.” (MAMIGONIAN, 2017, p. 07). Grifos meus.

¹⁰⁶ Domingos Alves Branco Muniz BARRETO, brasileiro, nascido na segunda metade do século XVIII, e fez seu deslance na cidade do Rio de Janeiro em 1831.

¹⁰⁷ Beatriz Galotti MAMIGONIAN, brasileira, pesquisadora da área da história e concentra-se na abolição do tráfico de escravos e nas transformações da escravidão no século XIX.

¹⁰⁸ Aqui não posso deixar de conectar ao que diz Elza Soares:

Importa dizer, ainda, das muitas manobras de ‘agentes’ que acionavam diferentes papéis desde donos dos barcos e tripulações, comerciantes, funcionários das alfândegas, juízes, padres, ministros, conselheiros, delegados como também, professores de português, cuja manobra era forjar o idioma como se fossem residentes no país, e para isso “as autoridades e funcionários públicos brasileiros que recebiam parcela dos lucros em troca dos serviços que somente eles poderiam prestar.” (CONRAD, 1985, p. 119-120)¹⁰⁹. Ou seja, tramavam provas de propriedade em um sistema de conivência envolvendo muitos interesses, e assim sendo todos se protegiam. Um paralelo com a situação política atual?

E falando em manobras, considerando que a proibição da escravidão, muitos navios tinham dupla documentação para o caso de serem ‘confiscados’, e sob a desculpa de arribada¹¹⁰ o desembarque das ‘cargas humanas’ não se dava mais nos portos como o Rio de Janeiro e sim em praias mais afastadas da fiscalização e do controle, e aqui menciono que o litoral de Santa Catarina¹¹¹ tornou-se, assim como o litoral paranaense - Paranaguá, bases para o tráfico ilegal, ou seja, a ligação entre os pontos comerciais do Rio de Janeiro e da África Oriental. Volto aos registros do viajante Saint-Hilaire confirmando essas arribadas ‘intencionais’, pois segundo documentos “[...] durante muito tempo a ilha de Santa Catharina serviu apenas de abrigo transitorio aos corsarios que então eram numerosos, e aos navios que por qualquer circunstancia necessitavam arribar.” (SAINT-HILAIRE, 1836, p. 19) sic.

Assim, diante a proibição e as manobras de desembarque surge outra categoria: o comércio interno de escravos (entre províncias e, claro, tudo na ilegalidade) feito por meio de

[...] Que fez e faz história Segurando esse país no braço O cabra aqui não se sente revoltado Porque o revólver já está engatilhado E o vingador é lento Mas muito bem intencionado	E esse país Vai deixando todo mundo preto E o cabelo esticado Mas mesmo assim Ainda guardo o direito De algum antepassado da cor Brigar sutilmente por respeito	Brigar bravamente por respeito Brigar por justiça e por respeito De algum antepassado da cor Brigar, brigar, brigar A carne mais barata do mercado é a carne negra
--	---	---

A carne. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/elza-soares/a-carne.html>. Acesso em: 29 maio 2019.

¹⁰⁹ Robert Edgar CONRAD, nascido em 6 de setembro de 1928, autor do livro: Tumbeiros. O tráfico escravista para o Brasil.

¹¹⁰ Quando uma embarcação, sob qualquer motivo, entra em um porto que não seu destino, nem escala.

¹¹¹ Essa ilegalidade pode ser encontrada nas documentações das Províncias, os quais não estão em foco neste momento. Porém, trago um dado que revela a manobra:

“Tomando como base o batismo dos africanos novos que passaram pelas paróquias do Desterro, Lagoa e Ribeirão nas décadas de 1810 e 1820, período em que se registrou o maior fluxo de entrada de africanos na Ilha, é possível saber de que áreas do continente africano eles provinham. Aproximadamente 69,4% eram da África Centro-Ocidental (Congo, Angola, Benguela); 21,7% eram da África Oriental (Moçambique); e 8,9% da África Ocidental (Costa da Mina). Esse perfil de africanos que passaram a integrar a população escrava da Ilha é muito semelhante ao da cidade do Rio de Janeiro.” (MAMIGONIAN, 2017, p. 13-14) grifos meus.

Muita coincidência a semelhança não?

cabotagem¹¹², barateando o processo e claro obtendo-se maiores lucros. Portanto, pelo mar, pela costa brasileira o comércio era mantido e não por acaso esta escrita é atravessada pelo mar, pelo que traz e pelo que leva...

E por essas manobras os números representam a morte. Um cálculo difícil, considerando os horrores que representam, aqui, penso não somente nos desembarcados ilegalmente, mas os que ficaram no mar, ou seja, os números dos escravos **embarcados e desembarcados** por ano. “Não à toa, o Atlântico foi nomeado pelas populações negro-africanas que o atravessaram como ‘calunga grande’. Se vocês não sabem o que é calunga grande, eu vos digo: é o termo utilizado para designar o oceano como ‘o **grande cemitério**’.” (RUFINO, 2019, p. 15)¹¹³ grifos meus

É preciso fazer a conta da morte, números que escamoteiam as vidas:

¹¹² Navegação costeira, realizada em águas de um país.

¹¹³ Luiz RUFINO Rodrigues Júnior, brasileiro, professor, escritor e pesquisador. Suas pesquisas abordam: conhecimentos, educações e linguagens outras. Crítica Decolonial, antirracismo, processos de formação em diferentes contextos educativos, processos identitários, outras pedagogias e educações nas culturas populares.

Quadro 3: Escravos embarcados e desembarcados por ano

ANO	EMBARCADOS	DESEMBARCADOS	ÓBITOS	EVENTOS HISTÓRICOS
1525	Embarcados: 404	Desembarcados: 283	Óbitos: 121	1ª viagem negreira direta África-Américas
1560	Embarcados: 855	Desembarcados: 598	Óbitos: 257	Início do tráfico de escravos contínuo do Brasil
1641	Embarcados: 11.511	Desembarcados: 9.011	Óbitos: 2500	Início das exportações de açúcar Caribe Oriental
1655	Embarcados: 13.224	Desembarcados: 11.195	Óbitos: 2029	Ingleses conquistam a Jamaica
1695	Embarcados: 24.293	Desembarcados: 20.112	Óbitos: 4181	Descoberta de ouro em Minas Gerais (Brasil)
1697	Embarcados: 37.104	Desembarcados: 31.853	Óbitos: 5251	Franceses obtêm São Domingos pelo tratado de Rywsick
1756	Embarcados: 64.980	Desembarcados: 56.582	Óbitos: 8398	Início da Guerra dos Sete Anos
1776	Embarcados: 87.146	Desembarcados: 77.745	Óbitos: 9401	Guerra da Independência dos USA
1789	Embarcados: 92.413	Desembarcados: 81.055	Óbitos: 11358	Reformas borbônicas abrem portos coloniais da Espanha para os escravos
1791	Embarcados: 107.578	Desembarcados: 94.875	Óbitos: 12703	Início da revolução de São Domingos
1808	Embarcados: 42.845	Desembarcados: 37.554	Óbitos: 5291	Em vigor a abolição do tráfico de escravos britânico e norte-americano
1830	Embarcados: 87.883	Desembarcados: 78.663	Óbitos: 9220	Tratado de comércio anglo-brasileiro que proíbe o tráfico de escravos
1850	Embarcados: 46.329	Desembarcados: 38.995	Óbitos: 7334	Brasil abole o tráfico de escravos
1866	Embarcados: 877	Desembarcados: 722	Óbitos: 155	Última viagem negreira transatlântica documentada chega às Américas

Fonte: <https://slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em: 22 jan 2018. Adaptação¹¹⁴ da autora, 2018.

¹¹⁴ Ressalto, aqui, a visibilidade da morte. Os dados da coluna **óbitos** não constava no site de busca, eles foram obtidos a partir da subtração embarcados e desembarcados, e muito mais que números, ou uma simples conta, penso ser importante evidenciar a presença da morte em números, em pessoas que ficaram na travessia.

Qual é o significado desses números (pessoas e mortes) para os estudos da diáspora e compreensão acerca do vivido no Atlântico durante esse período e o que refletem ao período de agora? O que é pensar acerca desses números, nos quais comportavam crianças?

Os dados da infância indicam que, “Pelo menos 775 mil crianças africanas foram escravizadas e levadas para o Brasil nos primeiros cinquenta anos do século XIX”¹¹⁵. E ainda, no período ilegal do tráfico, o deslocamento de crianças para a escravidão aumenta porque entre elas havia menor resistência à escravidão. Menor resistência? Ou estamos falando de corpos subjugados, crianças comercializadas?

Quadro 4: Crias de pé e crias de peito

PERÍODO	CRIANÇAS TRANSPORTADAS EM TUMBEIROS	CRIAS DE PEITO	CRIAS DE PÉ	MÉDIA ANUAL
1734 - 1769	9.220	2.217	7.003	542
1731-1770	Estimativa 21.680	-	-	-

Fonte: (GUTIÉRREZ, 1989, p. 62)¹¹⁶. Adaptação da autora, 2018.

O que seria essa categoria ‘crias de pé e de peito’? Estariam sim também ligas ao comércio, assim as crianças que já caminhavam e mediam até quatro palmos (crias de pé) eram pagas impostos e as crianças bebês de colo (crias de peito) era isentas desses tributos e compunham uma só cabeça (mãe e criança). E por não pagarem impostos, há um registro lacunoso dessas crianças embarcadas nos tumbeiros. Dentro da estimativa (entre 1731 e 1770) de 21.680 crianças embarcadas “Desse total, 76% corresponderiam a crias de pé e o restante a bebês de colo. Os números, sem dúvida, ressaltam pelo seu elevado montante absoluto.” (GUTIÉRREZ, 1989, p. 62)

Desses números, qual significado da diáspora, das perdas, das crianças, dos adultos, das torturas, de uma sociedade conivente com tudo isso com requintes de crueldade, enfim, não só a morte física, mas também a morte da liberdade. Penso nos atentados diários contra vidas, ou seja, um período de crimes e mortes. E porque a morte não ficou no passado, ela ronda, fica escondida nos números, mas ali está:

¹¹⁵ Dados disponíveis em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070405_crianças_escravas_pu.shtml. Acesso em: 20 jan 2018.

¹¹⁶ Dario Horácio GUTIERREZ Gallardo, brasileiro, leciona, pesquisa e orienta na área de História da América, em particular nos seguintes temas: identidades americanas, escravidão, história agrária e história demográfica.

Por isso não os confundo com outros mortos.
 Porque eles vêm e vão mas não partem
 Eles vêm e vão mas não morrem.
 Permanecem e passeiam com passos tristes que assombram o barro dos quintais
 e arrastam a indignidade de sua vida e sua morte pelo ermo dos caminhos com um
 peso de grillhões.
 [...]

Urgente é o apelo que arde por onde passam
 Seus corações deambulam à sombra nas plantações.
 Por isso não os confundo com outros mortos
 [...]

Para aplacar sua sede de terra e de morada
 Para acalmar a revolta, a espera demorada.
 Eles porém marcharão sempre, não dormirão
 recusarão a tardia paz da sepultura, o olvido
 acesa sua cólera antiga, seu grito fundo
 ardente a aflição do silêncio, a infâmia crua.
 [...]

(LIMA, 2012, p.22)

A morte ronda percorrendo o passado e o agora, e isso me dói profundamente: olhar a morte como aparato logístico, como pena, como impunidade, como legislação e como ilegalidade. O que me aterroriza é a presença da morte sempre atingindo negros, pobres, escravos, descendentes de escravos e mestiços, ou seja, segundo estudos (CARVALHO FILHO, 2004)¹¹⁷ há pouquíssimos relatos de brancos e da elite nesse rol de condenados. Vale dizer que, nesse período, no Código Criminal de 1830 e Código do Processo Criminal de 1832 e em decretos de leis a prática da morte servia como exemplo. Ressalto a Lei de 10 de junho de 1835¹¹⁸, a qual submetia à morte sumária os escravos (supostamente) assassinos de seus senhores e não concedia direito a recorrer pela mudança da pena, argumentar ou mesmo ter seus corpos já sem vida devolvidos aos seus familiares¹¹⁹, e estabelecia o voto de somente dois terços dos jurados do tribunal para a condenação à forca. Portanto, “Escravo condenado à morte, era escravo enforcado. Lance-se, logo, a corda e pendure o réu.” (PIROLA, 2009, p. 08)¹²⁰. O condenado era sujeito a um cortejo nas ruas mais movimentadas para ser visto por todos que ali estivessem fazendo da morte um espetáculo: “Art. 40. O réu com o seu vestido ordinario, e preso, será conduzido pelas ruas mais publicas até á forca, acompanhado do Juiz Criminal do

¹¹⁷ Luís Francisco CARVALHO FILHO, brasileiro, nascido em São Paulo, em 4 de dezembro de 1957.

¹¹⁸ Lei revogada oficialmente somente em 1890. O registro do último escravo (Francisco) enforcado pela pena de morte data de 28 de abril de 1876, na cidade de Pilar, província de Alagoas. Sugiro a leitura de: RIBEIRO, João Luiz de Araújo. A lei de 10 de junho de 1835: Os escravos e a pena de morte no Império do Brasil, dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ, 2000.

¹¹⁹ Código Criminal 1830 - Art. 42. Os corpos dos enforcados serão entregues a seus parentes, ou amigos, se os pedirem aos Juizes, que presidirem á execução; mas não poderão enterralos com pompa, sob pena de prisão por um mez á um anno. (sic). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm. Acesso em: 26 mai 2019.

¹²⁰ Ricardo Figueiredo PIROLA, brasileiro, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

lugar, aonde estiver, com o seu Escrivão, e da força militar, que se requisitar.” (BRASIL, 1830, s/p) - sic.

E não somente a morte a rondar, mas os discursos também revelavam o absurdo da violência, do desprezo, da manobra em favor de uma parcela da sociedade em detrimento de outra, que no caso muito maior em número. Digo isso, pois um imersão nos Anais da Assembleia Legislativa, na sessão de 15 de setembro de 1830 (BRASIL, 1982), cuja ordem do dia era a discussão da abolição, da pena de morte, revela muito mais que palavras:

A pena de morte deve com effeito ser abolida nos casos políticos, porém não nos casos de homicídio e **para conter a escravatura, pois que esta é a unica. pena que a pôde conter.** (p. 512) sic - grifos meus

E pois, **para bem do meu paiz quo eu voto â favor da pena de morte** em alguns casos; e eu ousou dizer com todo o orgulho, que não cedo em humanidades a pessoa alguma ao contrario desejo quo. se saiba que eu, deputado do Brazil em 1830, **votei contra a .penra de morte nos casos políticos;** e a favor della quando a severidade das leis deve exigir vingança do sangue derramado, ou para **assegurar nossa existência contra os escravos.** (p. 512) sic - grifos meus

Comtudo esta pena pella sua terribilidade, será certamente a mais efficaz; isto é, fará mais impressão sobre os espíritos. Quem duvida quo tende o Brazil tres milhões de gente livre, incluídos ambos os sexos e todas as idades, este numero não chegue para arrostar dous milhões de escravos, todos ou quasi todos capazes de pegarem em armas? Quem, senão o terror da morte, fará conter esta **gente imoral** nos seus limites? (p. 512-513) sic - grifos meus

As penas applicadas à escravatura, disse-se, não deveriam entrar no codigo criminal; mas sim fazerem o objecto de uma legislação especial Além dos escravos, ha no Brazil uma .classe .de individuos, cujos habitos são **em tudo semelhantes aos dos escravos,** e que por uma miseravel quantia vão fazer um assassinato. Estes homens só com o terror da morte se podem corrigir. (p. 513) sic - grifos meus

Insisto ainda sobre a necessidade **da pena morte ao menos para os escravos,** que até assassinão por duas patacas, e que escapos à esta pena e comdenados a uma prisão ver-se hião livres até do trabalho. Este .argumento é contraproducente porquanto se os escravos matão por tão pequena somma, é signal de **que não temem semelhante pena.** (p. 513) sic - grifos meus

Demais, grande parte das **hordas africanas** admittem a metempsychose, e crêem que morrendo voltão a .disfructar das delicias .de sua cara-pátria e lançando um golpe de vista .pelo .Brasil, eles **são talvez os únicos que se suicidam porque a morte é a noite do dia** inquieto e penoso que se chama vida, é o leito de repouso para o **desditoso escravo.** (p. 513) sic - grifos meus

Quanto aos meus grifos¹²¹, o que estaria silenciosamente articulado no interior desses discursos? Qual postura da classe exploradora escravocrata diante o dito na Assembleia?

¹²¹ E, aqui, meu grifo pausa no registro do viajante:

“se em Santa Catharina não se commettem tantos crimes como nas demais províncias, é certamente, ' em grande parte, porque ahí não existem muitós escravos.” (SAINT-HILAIRE, 1836, p, 48). Sic. Pergunto qual olhar europeu esse viajante revela?

Confesso uma inquietação que me toma conta, talvez por perceber nesses discursos tão antigos e tão atuais os “[...] poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades.” (FOUCAULT, 1996, p. 08-09)¹²². E aqui não quero respostas prontas, mas quem sabe ensejar um pensar para pesquisas atentas ao paradoxo discurso e leis.

Volto a refletir no quanto difícil é aquilatar a morte e os números, já que dizemos de pessoas, de anos a fio de roubo de vidas, de muito dinheiro e interesses, da criação de estigmas que refletem até hoje. E os números da morte persistem. Não consigo naturalizá-los e nem tampouco nossas mortes cotidianas no Brasil, a marca histórica e absurda de “62.517 homicídios, [...] equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, que corresponde a 30 vezes a taxa da Europa.” (CERQUEIRA, 2018, p. 03)¹²³. A dimensão da violência nem sempre é revelada em todas as mídias, talvez ligeiramente anunciada em discretos noticiários, mas a verdade que mais me dói é, que no Brasil: “São 63 mortes por dia, que totalizam 23 mil vidas negras perdidas pela violência letal por ano [...]”¹²⁴ Fico a pensar nessa conta absurda: a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, e o que dizer para essas famílias que perderam seus jovens filhos? O que recebem da justiça? Como ficam em seus lares desolados? É a morte que ronda, números da violência que atravessaram o Atlântico e por aqui permanecem. Porque,

Nossos mortos não partiram.
Estão na densa sombra.
Os mortos não estão sobre a terra.
Estão na árvore que se agita,
Na madeira que geme,
Estão na água que flui,
Na água que dorme,
Estão na cabana, na multidão;
Os mortos não morreram...
Nossos mortos não partiram...(DIOP, 1960, s/p)¹²⁵

E a morte passou a ser estudo e é registrada em um atlas, é a existência do Atlas da Violência, o qual revela números de 2016, em que a taxa de homicídios de pessoas negras foi duas vezes e meia superior à de não negra, segundo o Atlas

¹²² Michel FOUCAULT, francês, nascido em 15 de outubro de 1926, fez seu deslance em 25 de junho de 1984. Viveu como filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor.

¹²³ Daniel CERQUEIRA, brasileiro, pesquisador, doutor em economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

¹²⁴ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-chama-de-escandalo-morte-de-23-mil-jovens-negros-por-ano-no-brasil/>. Acesso em: 10 ago 2018.

¹²⁵ Birago DIOP, senegalês, nascido em 11 de dezembro de 1906, fez seu deslance em 25 de novembro de 1989. Viveu como poeta e contador de histórias do Senegal.

[...] a taxa de homicídios de indivíduos não negros diminuiu 6,8%, ao passo que a taxa de vitimização da população negra aumentou 23,1%. Assim, em 2016, enquanto se observou uma taxa de homicídio para a população negra de 40,2, o mesmo indicador para o resto da população foi de 16, o que implica dizer que 71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas. (CERQUEIRA, 2018, p. 04)

Pergunto-me o que seriam os números da morte? Revelação de como a vida é tratada? Não me conformo com esses números, e quando eles alinham-se com vidas/morte o que fazer em prol de quem lutamos, se a vida é fragilizada a cada linha das tabelas abaixo?

Quadro 5: Taxa de homicídios de homens negros por 100 mil, por UF (2009 a 2016)

REGIÃO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Brasil	34,3	36,5	35,1	36,7	36,7	38,5	37,7	40,2
Paraná	23,2	22,5	20,3	23,2	17,5	17,4	19,2	19,0
Rio Grande do Sul	22,2	25,3	22,7	23,8	22,3	28,3	30,1	36,8
Santa Catarina	13,1	13,3	14,2	17,4	11,6	15,0	20,6	22,4

Fonte: (CERQUEIRA, 2018, p. 26) Adaptação da autora, 2018.¹²⁶

Quadro 6: Taxa de homicídios de mulheres negras - 100 mil habitantes por UF. (2009 a 2016)

REGIÃO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Brasil	4,9	5,2	5,3	5,5	5,4	5,4	5,2	5,3
Paraná	4,0	3,4	3,5	4,3	3,5	3,7	2,9	2,5
Rio Grande do Sul	3,6	3,8	2,1	3,7	3,1	4,6	5,1	4,9
Santa Catarina	2,0	3,6	1,2	3,7	3,3	4,3	4,0	5,1

Fonte: (CERQUEIRA, 2018, p. 26) Adaptação da autora, 2018.

¹²⁶ “Os números de Negros foram obtidos somando pardos e pretos, enquanto os Não-negros se deu pela soma dos brancos, amarelos e indígenas, todos os ignorados não entraram nas contas.” Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em: 10 ago 2018.

Considero aqui a vida/morte de homens e mulheres negras no Brasil especialmente na região sul, e mais uma vez, os números revelam pessoas, ou melhor, aqui revelam mortes. Fazendo um recorte em Santa Catarina, a pensar que no que as tabelas apontam no ano de 2016, tivemos 5.100 homicídios de mulheres negras e ainda 22 400 homicídios de homens negros, mais uma vez é inaceitável naturalizar esses índices, essas porcentagens.¹²⁷ Fico a pensar no que representam em relação à população brasileira, o que significa a morte rondando casas, famílias, escolas, ruas, lideranças de movimentos sociais. Um panorama das políticas e da violência letal no Brasil, as pessoas morrem diariamente, a vida escorre e isso deve (ou deveria) ser considerado em profunda reflexão acerca do direito à vida.

Não posso deixar de mencionar que a morte também visitou lideranças sociais e não somente a vereadora Marielle Franco (†14/03/2018), alerta para o fato que desde 2014, pelo menos 24 líderes comunitários, ativistas e militantes foram mortos, assassinados. Ressalto algumas mortes recentes¹²⁸:

– A morte do líder Quilombola Nazildo dos Santos Brito, 33 anos, da Comunidade de Remanescentes de Quilombo Turê III, na divisa dos municípios de Tomé-Açu e Acará, no nordeste do Pará - abril/2018.

– Em Barcarena foram mortos, em crimes de autoria desconhecida, Paulo Sérgio Almeida Nascimento, segundo-tesoureiro da Associação dos Caboclos Indígenas e Quilombolas da Amazônia (Cainquiama) – março/2018.

– Fernando Pereira, também liderança da Cainquiama – dezembro 2017. Denunciava crimes ambientais das mineradoras e conflitos fundiários na região.

Até o momento, nenhuma pessoa foi presa pelos crimes e fico a perguntar, o que significa as tristes e assustadoras estatísticas¹²⁹ direcionadas às lideranças das comunidades do campo: “em 2017, foram 71 mortes, 22% delas de lideranças; em 2018, ainda sem número final computado, de 24 assassinatos registrados, 54% das vítimas eram lideranças.” Portanto, se somarmos as mortes nos centros urbanos, os números serão ainda mais alarmantes, especialmente porque esses números, ou melhor, essas mortes são de lideranças indígenas, **Quilombolas**, comunitárias, sindicais e de trabalhadores rurais. E aqui me pergunto: se são, na sua maioria, *Defensores dos Direitos Humanos*, quais vidas estão sendo preservadas? Sabe-se

¹²⁷ Anuncio que os dados aqui selecionados estão na publicação do Atlas/2018 que contempla até o ano de 2016. Portanto, até o momento não teve nova publicação.

¹²⁸ Informação disponível em: <https://nocaute.blog.br/2018/04/16/lider-Quilombola-e-assassinado/>. Acesso em: 10 ago 2018.

¹²⁹ Informações disponíveis em: <https://apublica.org/2019/04/sem-politicas-sociais-defensores-seguem-em-risco-de-morte/>. Acesso em 28 mai 2019.

que a Política Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos (PNPDDH) tem o dever de articular e assegurar “medidas protetivas à pessoa que promove e defende direitos humanos e que, em função de sua atuação e atividades nessas circunstâncias, encontra-se em situação de risco e de ameaça.”(BRASIL, 2007, s/p)¹³⁰ Entretanto, no atual governo, essa não parece ser a pasta de maior interesse e a restrição orçamentária impede a proteção das vidas ameaçadas, e ainda, a não articulação de políticas públicas também é um dos entraves do programa, sem contar por não ter um marco legal¹³¹, o programa, mesmo que atualmente atenda 538 defensoras de direitos humanos em todo o país, pode ser dissolvido a qualquer momento, ou seja, e a vida? Fica em último plano.

Pergunto-me ao direito à vida e à segurança da população no Brasil? Pergunto-me quanto a “Certidão de óbito” expedida a cada minuto neste país:

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.
(EVARISTO, 2017, s/p)¹³²

¹³⁰ Decreto nº. 6.044/2007. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/programas-de-protecao/ppddh-1/sobre-o-ppddh>. Acesso em: 28 mai 2019.

¹³¹ O projeto de Lei 4575/2009 institui o programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos - PPDDH, no âmbito da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, e entre outras solicitações pede a garantia de igualdade de representação entre Estado e sociedade no conselho deliberativo nacional do PPDDH. Porém, tramita a espera de votação. A última situação foi registrada em 06/06/2018 com a apresentação do Requerimento de Urgência na apreciação pelo Deputado Chico Alencar (PSOL-RJ). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=422693>. Acesso em: 28 mai 2019.

¹³² Aqui preciso dizer desta Conceição, a Conceição Evaristo, brasileira, e fundamental na luta pela afirmação da identidade negra no país, especialmente na literatura. Aos 73 anos, foi recentemente (novembro/2019) homenageada pelo prêmio Jabuti e condecorada cidadã honorária de São Paulo. Da conversa:

“Aos 73 anos ainda pretendo escrever muito, mas às vezes me pergunto se esse reconhecimento não se deu de forma muito tardia, quando penso que minha primeira publicação foi em 1990. Isso marca também a trajetória da mulher negra brasileira, para se afirmar fora dos espaços de oportunidade.”

Embora, meu foco aqui seja a literatura africana, não tenho como deixar de pensar no que nos compõe como literatura afro brasileira, a dizer de Conceição:

“Se for pensar na literatura negra brasileira, começa com Machado de Assis, passa por Cruz e Souza, Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis. Agora, a crítica literária também nasce e é desenvolvida num país onde relações raciais são relações profundamente racistas, mas que não assumem esse racismo. Um grande exemplo de uma crítica racista é aquela crítica que nega a condição negra de Machado de Assis.

E por negreiros, volto ao horror de ser trancafiado em navios, aos muitos que pelo mar ficaram, e também ao pouco revelado desses horrores. Um desses é a camuflagem encontrada nos nomes das embarcações dos navios tumbeiros, em alusão ao termo tumba-caixão. Os registros dessas embarcações, bem como os números referentes aos escravos embarcados e desembarcados dessas viagens, têm sido reunidos pela Universidade Emory (Georgia, Estados Unidos) em parceria com o site <http://slavevoyages.org/>, cujas pesquisas pautam-se em especial ao comércio transatlântico de seres humanos. Segue alguns nomes reveladores da camuflagem:

Quadro 7: Embarcações e seus nomes dissimulados

NOMES	POPULAÇÃO EMBARCADA e a presença da morte
Boa Intenção (1798 a 1802)	Escravos transportados:845 Escravos desembarcados no Brasil:769 Mortes durante a viagem:76
Brinquedo dos Meninos (1800 a 1826)	Escravos transportados: 3.179 Escravos desembarcados no Brasil:2.959 Mortes durante a viagem:220
Caridade Quatro embarcações (1799 a 1836)	Escravos transportados: 6.263 Escravos desembarcados no Brasil:5.871 Mortes durante a viagem:392
Feliz Destino (1818 a 1821)	Escravos transportados: 1.139 Escravos desembarcados no Brasil:1.035 Mortes durante a viagem:104
Feliz Dias a Pobrezinhos (1812)	Escravos transportados:355 Escravos desembarcados no Brasil: 235 Mortes durante a viagem: 120
Regeneradora ¹³³ (1823 a 1825)	Escravos transportados: 1.959 Escravos desembarcados no Brasil:1.800 Mortes durante a viagem: 159

Fonte: <https://slavevoyages.org/american/database>. Acesso em: 21 jan 2018. Adaptado¹³⁴ pela autora, 2018.

Nós sempre estudamos Machado de Assis como escritor branco. Há a crítica que nunca apresentou que Castro Alves também tinha ascendência negra. Os retratos que vemos dele são retratos em que ele parece um português. Mas ele também tem ascendência negra. Há outras fotos em que dá pra ver Castro Alves como um mestiço brasileiro.”

Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-a-quest%C3%A3o-racial-n%C3%A3o-%C3%A9-para-o-negro-resolver-1.389051>. Acesso em: 23 dez 2019.

¹³³ Vale dizer da Regeneradora “Nas primeiras duas viagens, o roteiro era de ida e volta: Pernambuco — Luanda — Pernambuco. A partir da terceira viagem, a segunda do capitão Bento José, o tour aumentou: Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.” Ou seja, prova de que Santa Catarina estava na rota do comércio humano.

Disponível em: <https://slavevoyages.org/american/database>. Acesso em: 21 jan 2018.

¹³⁴ Reafirmo os números da morte. Na tabela, os dados mortes durante a viagem não figuravam no site de busca. Coloco a morte em contabilidade para trazê-la de um ocultamento, e por entender que números também podem ser uma denúncia. Assumo isso.

E pelas embarcações fico a pensar no que seria olhar pela última vez a sua terra? Aqui me deparo com a Ilha de Gorée, no Senegal, maior porto de partida de africanos escravizados para as Américas. É um local de grande simbolismo, em contraponto ao Cais do Valongo no Brasil (falarei dele mais adiante) onde se dava a chegada dos escravos. Na condição de patrimônio pela UNESCO, declarada em 1978, apesar de receber cerca de 200 mil visitantes por ano, está longe de ser um patrimônio visitado com a devida honraria. A ilha, tendo uma representatividade histórica no tráfico de africanos, reserva a memória infame de ser uma das *portas de saída* do tráfico de pessoas, muito embora alguns historiadores ainda camuflam os números dos navios que dali partiram. A Casa dos Escravos, hoje um museu, revela a última parada antes do embarque, e nela penso o que seria deixar sua terra para nunca mais voltar? Penso no significado de estar na ‘porta sem retorno’, nos que passaram pela porta, mas também nos que ficaram do outro lado do Atlântico, restando-lhes tão somente a memória dos seus ancestrais, que saíram, foram capturados, para nunca mais voltar...

Figura 2: A porta sem retorno da Casa dos Escravos, Gorée, Senegal



Fonte: <http://www.fernandoorgambides.com/tag/chalupa-a-la-isla-de-gore/>. Acesso em: 15 nov 2018.

Figura 3: Para não mais voltar



Fonte: <http://www.aridaz.com/door-of-no-return/aside-format-maa-ngi-fii-rekk.html>. Acesso em: 15 nov 2018.

Fico a pensar nos rastros deixados por essa história perversa, e deparo-me com o local por onde essas embarcações deixaram ‘suas mercadorias’, porque tem na história brasileira uma *porta de entrada* para tudo isso, e a essa chamam Cais do Valongo, na cidade do Rio de Janeiro, no qual somente entre 1811 e 1831, passaram cerca de 1 milhão de pessoas africanas. Trazer esse cais que, agora por decisão da UNESCO é reconhecido como Patrimônio Mundial - *Sítio Arqueológico Cais do Valongo* (RJ), é também pensar na cena de um crime, digno de investigações, escavações, perícias, provas e evidências, enfim, procedimentos capazes de remontar um crime cometido há séculos com milhões de vítimas, que exige não somente uma investigação documental, mas uma equipe interdisciplinar (geografia, arqueologia, história, sociologia) na intenção de trazer a verdade para a superfície, literalmente. E por aqui, fico a pensar: se a ditadura cívico-militar não é reconhecida pelo governo atual (nem tampouco foi um ‘movimento’), imagine o que seria pensar em trazer a verdade à tona em relação à escravidão?

Figura 4: Cais do Valongo – Rio de Janeiro



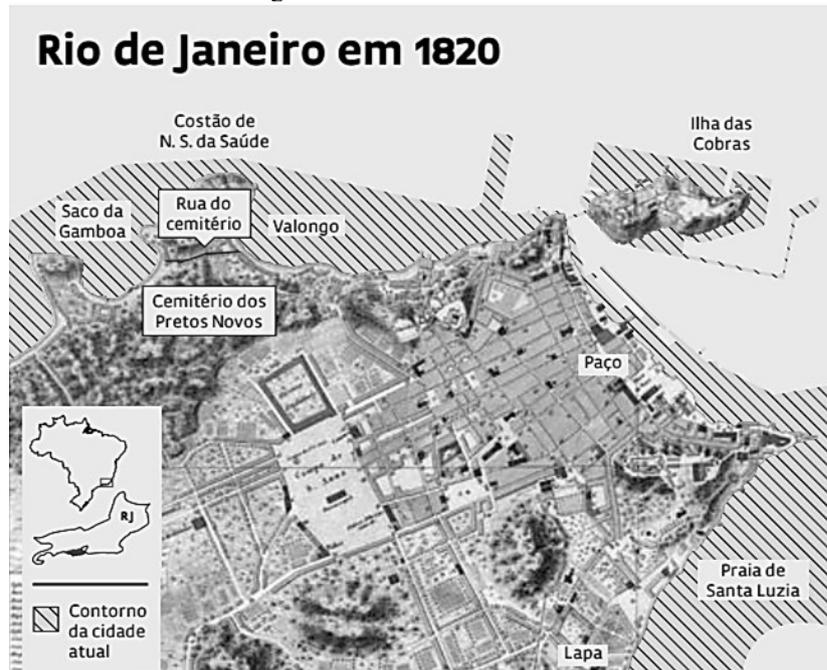
Fonte:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/RJ_Rio_de_Janeiro/rj_valongo_fotos_oscar_liberal_14.jpg.
Acesso em: 10 ago 2018.

Atento-me ao que diz a placa, aos rastros de um apagamento da história: “Foi construído em 1811 para o desembarque e comércio de africanos escravizados. **Remodelado** em 1843 como Cais da Imperatriz, foi aterrado em 1911 para dar lugar à Praça do Commercio. Em 2011 foi **redescoberto** nas obras Porto Maravilha.” O que seria **remodelado**? Na verdade, foi coberto com cimento para dar lugar ao Cais da Imperatriz, em recepção para Teresa Cristina (futura mulher de Dom Pedro II). Já aqui temos um apagamento, visto que com certeza havia outros lugares para ‘cimentar’, por que justo ali, chão em que as evidências estavam à flor da terra? Sem contar que, na mesma região, havia casas de ‘carne’ (casas de comércio de negros), o lazareto (local onde os escravos doentes eram enviados assim que desembarcavam), e também o cemitério dos Pretos Novos¹³⁵ o qual é um dos maiores cemitérios de escravos das Américas, e era ali, sob a fina camada de terra que eram enterrados (entre 1769-1830) os chamados ‘pretos novos’ (escravos recém desembarcados) que não suportaram a viagem, estimava-se que abrigou cerca de 20 mil corpos.

¹³⁵ Hoje Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos (IPN). Maiores informações em: <http://pretosnovos.com.br/>. Acesso em: 10 ago 2018.

Figura 5: Rio de Janeiro em 1820



Fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/12/24/ossos-que-falam/>. Acesso em: 10 ago 2018¹³⁶.

Retornando ao que diz a placa do Cais do Valongo, o que seria **redescoberto**? Em algum momento ele foi reconhecido, descoberto por algum fio da história, ou estaríamos dizendo de apagamentos, mais uma vez? Foi a partir das obras do “Porto Maravilha/RJ”, em função as Olimpíadas de 2016, que a cena do crime escravidão voltou à flor da terra.

E, quanto a placa ao lado a menção: “sítio reconhecido pela UNESCO – rota do Escravo”.

Figura 6: Das placas do Valongo



Fonte: acervo pessoal, 2019.

¹³⁶ Revista Pesquisa FAPESP - Edição 190. dez. 2011.

Penso nos dizeres “resistência, liberdade, herança”, e após um ano do reconhecimento (09 de julho de 2017), pouco foi feito de ações no complexo desse sítio arqueológico. Ainda não foi executada a construção do museu nacional “Memorial da Diáspora”, pois esbarra na ocupação do local por setor privado¹³⁷, e é bem conhecido que a UNESCO não aceita uma organização privada em local de tombamento. Portanto, a construção do museu, bem como a desocupação do local pela organização privada são condições basilares para a manutenção do título, ou seja, corre-se o risco de perder o título de Patrimônio Mundial. E, ainda, na época das escavações foi encontrado um acervo gigantesco de peças arqueológicas em todo perímetro do cais, o qual foi entregue para a prefeitura da cidade com a promessa de ser abrigado e exposto, e ainda permanece inacessível tanto para a comunidade quanto para pesquisadores.

Mas o que isso representa para os fios dessa história, as tentativas de enterrar o passado e provas de que existiu e marcou o tempo com a evidência da morte? É inacreditável que o Brasil, sendo o país com segunda maior população negra do planeta, sendo o que mais escravizou pessoas, e responsável por grande parte da diáspora, ainda finge não saber dessa história.

Aqui, embora esse não seja o rumo dessa conversa (e talvez seja), penso no que diz as possibilidades de aproximação dos conceitos memória e patrimônio. No que a memória geral/coletiva toma e, “obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente”. (NORA, 1993, p. 17-18)¹³⁸. E, quando me deparo com ‘o que se perde quando os olhos piscam’¹³⁹ fico a pensar na condição do tempo, ou melhor, em dois modos de tempo: o acontecido e o de agora, a relação com o que de fato a memória abarca para uma coletividade de pensar. Seriam as ruínas a se refazerem para além do concreto do chão, das placas de memoriais, das declarações da UNESCO, habitando tempos diferentes? Talvez seja importante pensar que, “As ruínas atendem às funções de antiguidade, continuidade, finalismo e sequência do passado, ou seja, não somente colocam aquele que as admira como herdeiro daquela criação como une aqueles dois momentos, passado e presente.” (MENEGUELLO, 2008, p. 84)¹⁴⁰. E a pensar nos lugares

¹³⁷ Publicação:

Após 1 ano de tombamento, Cais do Valongo corre risco de perder título - Maior porto escravagista da história precisa de obras. Publicado em 09/07/2018 - 18:37 Por Isabela Vieira - Repórter da Agência Brasil-Rio de Janeiro. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/apos-1-ano-de-tombamento-cais-do-valongo-corre-risco-de-perder-titulo>. Acesso em: 18 ago 2018.

¹³⁸ Pierre NORA, historiador francês, nascido em 17 de novembro de 1931. Traz em seu percurso a discussão do lugar da memória.

¹³⁹ Empréstimo musical da canção de mesmo nome, da banda O Teatro Mágico - 12ª faixa do álbum A Sociedade do Espetáculo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vnLvEcuHM0>. Acesso em: 12 mai 2019.

¹⁴⁰ Cristina. MENEGUELLO, brasileira, pesquisadora na área de História Contemporânea e acerca do debate memória-patrimônio.

de memória, retomo o Cais do Valongo que está ali, na superfície da história, considerado pela UNESCO, mas e sua acessibilidade? Se esse patrimônio mundial está em igual importância de memória e referência ao Campo de Concentração de Auschwitz ou Hiroshima, em que ambos recebem anualmente milhões de visitantes e tributos em honra e respeito (e também vergonha) a esses crimes para a humanidade, quais são as honrarias recebidas no Cais? O que o lugar desdobra em memória, em saberes, em um passado perto, em um tempo outro? Porque tenho refletido muito acerca desses lugares de memória, e o modo como são significados, pois

O que importa [...] não é a identificação do lugar, mas o desdobramento de que este lugar é a memória. Considerar um monumento como um lugar de memória não é simplesmente fazer a sua história. Lugar de memória, portanto: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens (mulheres) ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. (NORA, 1993, p. 11-32)

Minha preocupação, embora discutir os lugares de memória leve para outra conversa, parte do problema do esquecimento da escravidão e convoca para pensarmos a defesa da cultura imaterial e da territorialidade Quilombola, a qual atravessa nossa conversa desde a primeira linha... Volto ao Cais:

Figura 7: Composição Cais do Valongo e seus vestígios



Fontes:

<http://portal.iphan.gov.br/galeria/detalhes/504/sitio-arqueologico-cais-do-valongo-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em: 10 ago 2018

<http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/12/24/ossos-que-falam/>. Acesso em: 10 ago 2018

Figura 8: Do Valango e o silêncio das suas pedras



Fonte: acervo pessoal, 2019

Figura 9: Quais memórias escondem essas paredes?



Fonte: acervo pessoal, 2019

Parece que não há interesse de mostrar os fios da história, volto a dizer do evidente apagamento da história. Ou seja, um sítio de muitas evidências de que a escravidão existiu, um crime contra a humanidade, contrariando o que alguns atuais políticos teimam em afirmar que não existiu:

Quadro 8: Lugares da escravidão.

Barbados	Estátua da abolição ou de Bussa – localizada na América Central.
Benin	Forte de São João de Ajudá.
Curaçao	Estátua de Tula ou Desenkadená (quebrando correntes) – localizada na costa da Venezuela.
Gana	Castelo de São Jorge – construído pelos portugueses em 1482. – localizado no golfo da Guiné.
Granada	Parque submarino na Baía Moilinere- costa da Venezuela
Haiti	Monumento Negro Marrom (NegMawon) – sobreviveu ao último terremoto haitiano
Jamaica	Monumento Canção da Redenção
Martinica	Memorial Cap 11 memória e fraternidade.
Serra da Leoa	Castelo da Ilha Bunce, entreposto de escravos para as colônias Carolina do Sul e Geórgia/ atual Estados Unidos.
Zanzibar	Memorial da escravidão Zanzibar, localizado na Tânzania.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/11-lugares-de-memoria-da-escravidao-na-africa-e-no-caribe/>. Acesso em: 15nov 2018.

A escravidão não existiu? Infelizmente, vergonhosamente, para muitos “É como se fossem páginas viradas, destinadas a amarelar. Engano. O presente é composto por várias camadas de passado.” (MAMIGONIAN, 2017, p. 49).

Bom, por estar conversando acerca de memória, abro uma reflexão ao que significa, de verdade, "lugares de memória" especialmente penso no que o espaço físico (material) corrobora como suporte de formação para uma memória coletiva (imaterial). Sob quais esquecimentos (ou não) isso opera? Chamo para conversar, então, a AvóCatarina, que me segredou há muito tempo: “estórias magníficas de um mundo que está tão perto de nós no dia-a-dia, que nem chegamos a vê-lo” (ONDJAKI, 2002, p. 85). Então, o que de fato vemos e defendemos não somente para os que aqui estão, mas também para os que ainda virão, que são minorias e lutam por suas histórias? Acredito que, seja

[...] por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. [...], Mas se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco a necessidade de construí-los, se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles pra deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. (NORA, 1992, p.12).

E volto ao mar, sem deixar de pensar o que nos acena do outro lado, minha tentativa em pegar os fios de uma história (ontem e agora) indignante, que muito tem de horrores e por isso a dificuldade em lidar com os números e relatos acerca da escravidão e da coisificação das pessoas. Não me canso de dizer que estamos falando de pessoas. E nessa tentativa, ressalto um movimento no país que talvez possa entrar em conexão com a verdade, com a memória não somente como algo a ser lembrado, mas como algo referente à justiça, ou seja, “o dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro e não a si.” (RICOEUR, 2007, p. 101)¹⁴¹.

Não espere aqui um traço fiel da história que nos foi contada, o que tenho a apresentar são os fios apodrecidos e minha angústia em dizer de uma esquina do tempo tão complexo de compreender tanto sob parâmetros emocionais, como humanos e políticos. E por políticos, o grande ‘jogo’ da elite brasileira¹⁴² visto que “Em 1872, numa população de 9.930.478 habitantes, 1.510.000 eram escravos, isto é, 15,2% da comunidade brasileira.” (ORTIZ, 1999, p. 23)¹⁴³. E, por aqui, chego ao ano de 1888, no que chamaram de ‘abolição da escravatura’ a qual não previu nenhum tipo de inclusão social, mantendo distinção social entre a casa grande e a senzala, uma segregação genocida, instituída e sustentada por uma estrutura cruel, violenta e marcada pela morte. Assumo, aqui o termo entre aspas por entender a mentira e incoerência de dimensão gigantesca e que atravessa os anos; uma tentativa de denunciar essa mentira cívica, porque depois de 131 anos, “Trata-se este, na verdade, de um assunto sobre o qual muito se fala - quase sempre contra - mas do qual, geralmente, pouco se conhece.” (NASCIMENTO, 1998, s/p)

¹⁴¹ Paul RICOEUR, FRANCÊS, nascido em 27 de fevereiro de 1913, fez seu deslance em 20 de maio de 2005, viveu como filósofo e sua discussão esteve em torno da memória.

¹⁴² Ressalto que o número exato da população nesse momento não é preciso, em função de que o último grande Censo populacional ocorreu em 1872.

¹⁴³ Renato ORTIZ, brasileiro, professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

E, então, como chegamos aos 13 de maio de 1888? Chamo para conversa Abdias do Nascimento (1998), em seu pronunciamento “sob a proteção de Olorum”, pois acredito na necessidade de uma conversa profunda acerca da legenda tão bem maquinada de sermos um país de plena "democracia racial", porque sob essa égide, sustenta-se uma interpretação dos fatos sempre em prol de um conjunto de argumentos cujo propósito é fazer acreditar na inexistência do racismo, da exclusão, das mortes, da escravidão. Porque impregnados por esses argumentos e interpretações, a opressão reina, sem culpa e em benefício de salvar uma sociedade. Absurdo! Sem contar que isso,

[...] também contamina as relações na maioria dos países da chamada América Latina, resultando, invariavelmente, na hegemonia dos brancos - ou daqueles que assim se consideram e são considerados - sobre os negros e os índios. É assim no México, na Colômbia, na Venezuela, no Equador, no Peru e nos países da América Central e do Caribe. Disso não escapa sequer a Cuba socialista [...]. (NASCIMENTO, 1998, s/p)

Uma contaminação que extrapola os anos, permanece e manifesta-se em números, em geografias invisíveis, e em tanto a dizer...falo de uma propaganda oficial que se preocupou em construir uma máscara da suposta tolerância, bondade e humanitarismo. Pura mentira, pois a história passa longe e aporta-se em ambições coletivas de relações de poder. Retomo ao pronunciamento, porque é preciso um momento de parada, de escuta intensa para compreender essa dimensão:

A tentativa de *vender* a abolição como produto da benevolência de uma princesa branca é parte de um quadro maior, que inclui outras fantasias, como a "colonização doce" - suave apelido do massacre perpetrado pelos portugueses na África e nas Américas - e o "lusotropicalismo", expressão que encerra a contribuição lusitana à construção de uma "civilização" tropical supostamente aberta e tolerante. Talvez do tipo daquela por eles edificada em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, quando a humilhação e a tortura foram amplamente usadas como formas de manter a dominação física e psicológica de europeus sobre africanos.[...]

Foi assim que chegamos ao 13 de maio de 1888, quando negros de todo o País – pelo menos nas regiões atingidas pelo telégrafo – puderam comemorar com euforia a liberdade recém-adquirida, apenas para acordar no dia 14 com a enorme ressaca produzida por uma dúvida atroz: o que fazer com esse tipo de liberdade? Para muitos, a resposta seria permanecer nas mesmas fazendas, realizando o mesmo trabalho, agora sob piores condições: não sendo mais um investimento, e sem qualquer proteção na esfera das leis, o negro agora era livre para escolher a ponte sob a qual preferia morrer. Sem terras para cultivar e enfrentando no mercado de trabalho a competição dos imigrantes europeus, em geral subsidiados por seus países de origem e incentivados pelo Governo brasileiro, preocupado em branquear física e culturalmente a nossa população, os brasileiros descendentes de africanos entraram numa nova etapa de sua **via crucis**. De escravos passaram a favelados, meninos de rua, vítimas preferenciais da violência policial, discriminados nas esferas da justiça e do mercado de trabalho, invisibilizados nos meios de comunicação, negados nos seus valores, na sua religião e na sua cultura. Cidadãos de uma curiosa "democracia racial" em que ocupam, predominantemente, lugar de destaque em todas as estatísticas que mapeiam a miséria e a destituição. (NASCIMENTO, 1998, s/p)

Considerando, ainda, que o Brasil¹⁴⁴ foi o último país das Américas a revogar oficialmente a escravidão (entendendo que isso não ocorreu nas devidas dimensões), tendo em vista que, economicamente, o tráfico de pessoas consolidou-se pelo Atlântico “Nesses termos, a rentabilidade apresentada por esse comércio deve ser incorporada como uma das principais motivações para o desenvolvimento da escravidão africana.” (BARBOSA, 2005, p. 10).

E quanto aos demais países, os números continuam infames:

Quadro 9: Revogação e os últimos países

PAÍS	REVOGAÇÃO
Cuba	1886
Brasil	1888
Zanzibar	1897
Etiópia	1942
Arábia Saudita	1962
Mauritânia	2007

Fonte: <https://nacoesunidas.org/>. Acesso em: 21 jan2018. Adaptado pela autora, 2018.

A pensar nesse vergonhoso atraso, 2007, em termos de história, foi praticamente ontem. E, ao conversar com os tantos atrasos, abro aqui uma conversa breve com a literatura brasileira e trago a voz de Conceição Evaristo, brasileira, escritora e que percebe além de atrasos, os maquiamento de um país dado a dizer em plena democracia racial:

Do reconhecimento, sim. Mas ainda está em atraso, sem sombra de dúvidas. O campo do nosso reconhecimento vem se abrindo não pela boa vontade do outro, mas pela persistência do negro. Um fato marcante foi a Flip de 2016, quando um grupo de intelectuais negras, lideradas por Giovana Xavier, chama a Flip de “Arraiá da Branquidade”. Quando foi em 2017, Joselia Aguiar, que era curadora da Flip, muda o rosto do evento, quando o homenageado é Lima Barreto. E fui uma das homenageadas, e outros intelectuais também foram. [...] Na medida que vamos reivindicando com muita veemência o nosso lugar na literatura brasileira, isso chama atenção e leva as pessoas mais sensíveis a prestarem atenção, a procurarem essa autoria negra, mas porque demos o primeiro grito.¹⁴⁵

¹⁴⁴ E por falar em tempo e em anos, fundamenta nossa discussão dizer da importância do renascimento dos movimentos negros, a partir da década de 1970, pois foi recuperada uma tradição “[...] capitaneada nas décadas de 1950 e 1960 por Abdias do Nascimento (1978), o centenário da abolição em 1988 representou um momento de reflexão crítica, e não mais uma celebração ufanista. Eles conseguiram emplacar como a data maior da negritude brasileira, não a data da Lei Áurea, mas a da morte de Zumbi, o líder do Quilombo dos Palmares.” (REIS, 2007, p. 99).

¹⁴⁵ Entrevista Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-a-quest%C3%A3o-racial-n%C3%A3o-%C3%A9-para-o-negro-resolver-1.389051>. Acesso em: 23 dez 2019.

Resquícios de uma lógica escravocrata...

Voltando a pensar nas Américas, o quanto de pessoas foi convertido em mercadoria, o quanto o capitalismo naturalizou o comércio humano e o animismo, o quanto de vidas foram fragmentadas, culturas apagadas, a crença em subalternidade e desses resquícios, quanto ainda permanece? Questiono-me quanto ao assombramento para as tantas pessoas, e aqui falo não somente dos anos apresentados anteriormente, mas da permanência dessas violências, o grande sobressalto de “[...] de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e, de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida”. (MBEMBE, 2014, p. 19) E, se estamos a falar de assombro, fico a pensar no que representa, em quantidade de pessoas e tempo de escravidão, o mapa abaixo:

Figura 10: O tempo da escravidão nos países americanos



Fonte: <https://goo.gl/XF3qKx>. Acesso em: 21 jan 2018

Foi na escravidão, no colonialismo, que o conceito negro foi constituído, partindo do apagamento de sua cultura, a transformação em mercadoria, ou seja, sua invisibilidade enquanto sujeito. É justamente, a visão eurocêntrica de civilização que age na construção da inferioridade negra, nas políticas de segregação e de dominação, e no mito de superioridade racial. E aqui recorro à ideia do pensamento abissal (SANTOS, 2010), o qual age por linhas unilaterais separando culturas, saberes, pessoas, vidas, cuja capacidade implacável incide em criar distinções entre um lado ou outro da linha, em forças visíveis e invisíveis, em radicalizar os lados e estruturar uma realidade social.

E, portanto, não há como mensurar a linha abissal, os reflexos da catástrofe humana que foi a escravidão, o apagamento, a coisificação dos corpos, o valor de mercado, e o lucro que foi o tráfico de pessoas. Há de se marcar bem, foram pessoas trancafiadas em navios, despojadas de seus bens e sujeitas a uma lógica colonial pautada na loucura de dispositivos de violência, de predação e captura, da insanidade do capitalismo e animismo, a promulgação de uma superioridade absurda e desumana. Resquícios de um delírio que atinge a todos nós e permanece refletido no tempo atual de humanidades subalternas, visando não apenas liquidar o ‘inimigo’, mas também fazer-se acreditar a necessidade de zoneamento, de uma violência pura e necessária. Quem seria mesmo o inimigo, o ser inferior? Sob quais amarras e muros ainda caminha a humanidade? Estaríamos diante de uma categoria da diferença, seja,

À semelhança de outros tempos, o mundo contemporâneo é modelado e condicionado profundamente por estas formas ancestrais da vida cultural, jurídica e política, que são a da clausura, da cerca, do muro, do campo, do cerco, e, no final das contas da fronteira. [...] Nossas vozes se levantam para proclamar que o universal humano ou não existe ou limita-se ao que é comum, não a todos os homens (e mulheres), mas apenas a alguns deles (delas). (MBEMBE, 2014, p. 51)

Porém, antes de dizer desse tempo, é preciso afrontar uma discussão na esquina do tempo (mais contemporânea) em que a Europa deixou de ser o centro da gravidade do mundo e que urge a necessidade de compreender as diferenças a partir da experiência negra e das imagens construídas por um sistema escravista vindo do colonialismo, pela lógica da autocontemplação, do enclausuramento em que Negro e Raça tem os mesmos significados imaginários para a sociedade europeia. (MBEMBE, 2014).

A proposta aqui é enfrentar os perigos e possibilidades das pontas da história, pensamento europeu/ocidental que por si teve a tendência de colocar-se não em pertença mútua, mas em manifestação do seu ser sempre por primeiro e da inexistência de outra pessoa. E insisto em dizer a relação com o pensamento abissal, em que “Tudo aquilo que é produzido como

inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o ‘outro’.” (SANTOS, 2010, p. 22-23) Assim sendo, entre os dois lados da linha, para além, só há a inexistência, a ausência, a invisibilidade, ou seja, em apagamento, em esquecimento.

A reflexão, aqui proposta, pauta-se em compreender como essa construção social está entrelaçada a um projeto moderno do conhecimento e de governação¹⁴⁶, de intolerância, de uma existência subalterna, de uma percepção mercantilista do capitalismo (quando corpos são transformados em mercadoria), ou seja, essas designações

[...] primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa, a sua aparição no saber e no discurso moderno sobre o homem (e, por consequência, sobre o humano e a Humanidade) foi, se não simultâneo, pelo menos paralelo; e, desde o início do século XVIII, constituiu, no conjunto, o subsolo (inconfessado e muitas vezes negado), ou melhor, o núcleo complexo a partir do qual o projecto (sic) moderno de conhecimento – mas também de governação – se difundiu. (MBEMBE, 2014, p. 10)

Dentro das linhas que a história traçou, conceitos foram fundidos e confundidos, em especial interesse da governação, em força do delírio e nesse delírio, como centro do racismo exala o fato de o “[...] Negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender.” (MBEMBE, 2014, p. 11) É a negação da humanidade, do outro como ser, implode em legitimação da opressão, da exploração, do aculturamento, da indiferença, e do apagamento cultural. A redução de corpos a uma mera aparência (pele, cor) concede “[...] um estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americano em particular fizeram do Negro e da Raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada.” (MBEMBE, 2014, p. 11) E, ao que parece, em nome dessa loucura elege-se a diferença como condição de subalternidade, ou seja, o reconhecimento distorcido e inadequado imposto a determinados grupos, revelando lógicas capitalistas e segregadoras. (SILVÉRIO, 2006)¹⁴⁷ Ao pensar nesse reconhecimento distorcido, questiono a força castradora de um fenômeno de intimidação o qual, sob o único quesito da cor da pele e de sua ancestralidade, desarticula um grupo humano por meio da negação de sua própria existência, de sua personalidade, cultura, religiosidade e também pelo direito de estarem em suas terras. Reduzindo identidades e conferindo o estigma de inferioridade, de coisa. É a coisificação das pessoas, a paranoia das regras, categorias e números, rentabilidades, poder, a

¹⁴⁶ Governação é um termo vindo do português de Portugal, equivale a governança para nós ou governamentalidade em Foucault. No caso, governação é o termo usado pela tradutora portuguesa, pode ser traduzido como governança.

¹⁴⁷ Valter Roberto SILVÉRIO, brasileiro, traz sua pesquisa focada em: transnacionalismo negro, diáspora africana, educação, ação afirmativa e afro-brasileiros.

racionalização do mundo em lógicas da forma-dinheiro, em que tudo pode deter um valor-mercado. E, portanto, disso volto ao que o racismo tem feito ao redor do mundo e na profundidade dele, ou seja, falo vítimas, de mortes (física, cultural e emocional), trago o que Munanga (2019) evoca acerca dos racismos e do que me faz pensar acerca do vivido no Brasil: “Sem dúvida, todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras vítimas e não vítimas.” (s/p)

E é justamente o silêncio que também mata. Mata por não aparecer nas estatísticas a morte nas periferias, por escamotear os números na educação, na saúde, mata pelo não dito, pelo silenciamento das manifestações ou mesmo pelo abafamento das palavras, sejam elas escrita ou faladas. E Munanga (2019) assalta-me ao dizer do silêncio que fere e mata por duas vezes, ou seja, fisicamente e os números estatísticos comprovam isso: “[...] e mata na inibição da manifestação da consciência de todos, brancos e negros, sobre a existência do racismo em nossa sociedade.” (s/p) Portanto, é a morte. A morte física, política ou simbólica, mas sempre será a morte.

E se a morte é presente, o que dizer da presença da escravidão no mundo? E, se estivermos falando em números atuais? Segundo dados recentes cerca de 40 milhões de pessoas¹⁴⁸ no ano de 2016 estiveram sujeitas a alguma forma de escravidão moderna¹⁴⁹.

Portanto, falar de escravidão não é tão distante quanto os fios (apodrecidos) da história que mercantilizaram corpos, vidas, culturas. Só que, os números são pessoas e não se pode naturalizar ou fingir que não existe. Faz-se urgente pensar os direitos das 40 milhões de pessoas, ou seja, “Erradicar a escravidão faz sentido, moralmente, politicamente, logicamente e economicamente. A escravidão e seus componentes, trabalho forçado e tráfico são os principais multiplicadores negativos econômicos.” (FORREST, 2016, p. 04)¹⁵⁰ - tradução livre.¹⁵¹

¹⁴⁸ Dados apresentados por Global Slavery. Disponível em: <https://goo.gl/ivXqnu>. Acesso em: 21 jan 2018.

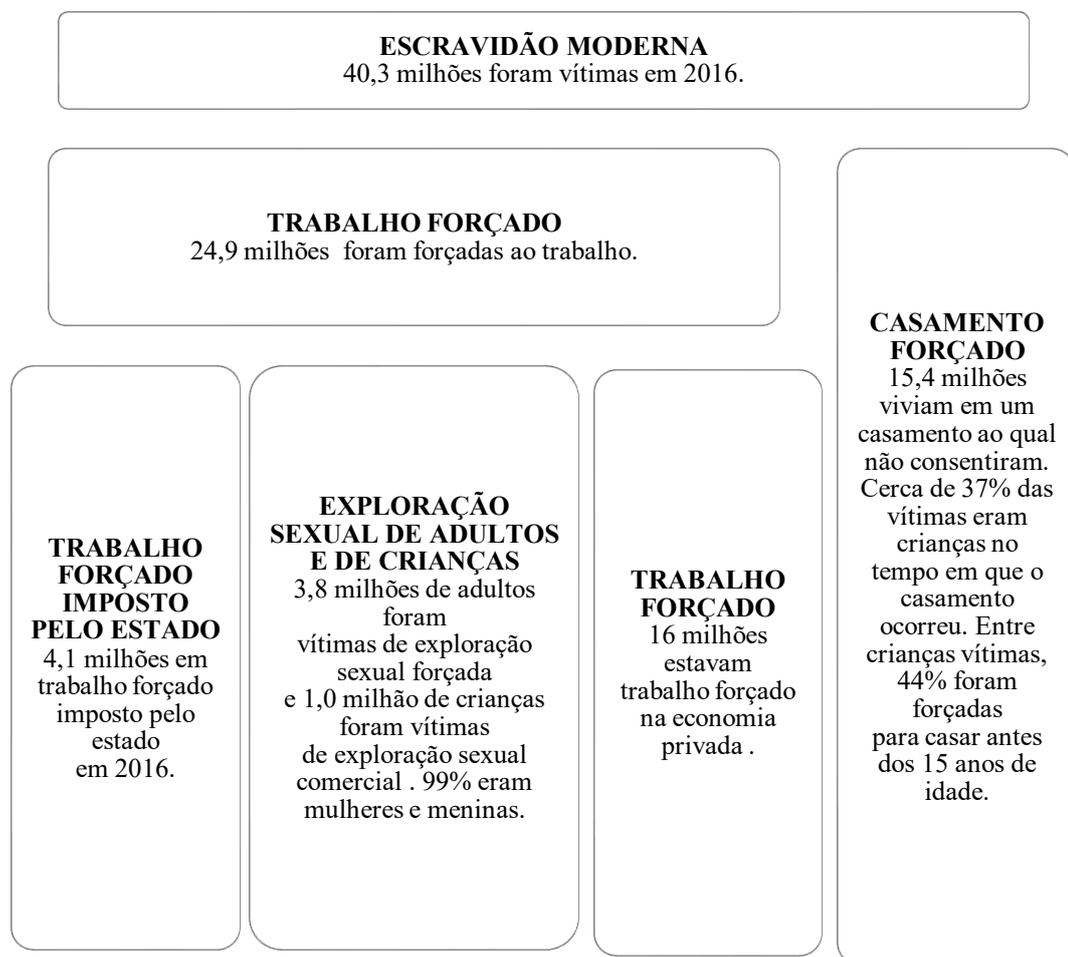
¹⁴⁹ Não, não estamos longe do trabalho escravo, sugiro a leitura da notícia de 05/05/2018:Força-tarefa do Ministério Público do Trabalho catarinense (MPT-SC), auditores-fiscais do Ministério do Trabalho (MTb) e Polícia Rodoviária Federal (PRF) resgatou 34 pessoas em situação de trabalho escravo em Santa Catarina. O caso foi registrado na última semana, entre os dias 3 e 4 de maio. Os empregados teriam sido aliciados para a extração de madeira em Rancho Queimado, na Grande Florianópolis. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/05/forca-tarefa-resgata-34-pessoas-em-situacao-de-trabalho-escravo-em-sc-10331667.html>. Acesso em: 22 mai 2019.

¹⁵⁰ Andrew FORREST, fundador da Walk Free, A Walk Free realiza pesquisas para construir a base de evidências mais abrangente do mundo sobre a escravidão moderna - o Índice Global de Escravidão.

¹⁵¹ Original: “Eradicating slavery makes sense, morally, politically, logically and economically.” (FORREST, 2016, p. 04)

Na 72ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas¹⁵², ocorrida entre 19 e 25 de setembro de 2017, foi apresentada uma pesquisa desenvolvida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Fundação *WalkFree*, em parceria com a Organização Internacional para as Migrações (IOM), revelando que das 40 milhões de pessoas, vítimas da escravidão moderna, uma estimativa complementar do trabalho infantil, confirma que cerca de 152 milhões de crianças, com idade entre 5 e 17 anos¹⁵³, foram sujeitos a trabalho infantil. E ainda, entre os 40 milhões de vítimas da escravidão moderna, cerca de 25 milhões eram de trabalho forçado e 15 milhões em casamento forçado.

Figura 11: A escravidão moderna



Fonte: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_575479.pdf. Acesso em: 20 jan18.

Adaptação da autora, 2018

¹⁵² Maiores informações em: <https://nacoesunidas.org/assembleia-geral-da-onu-inaugura-sua-72a-sessao-com-foco-nas-pessoas/>. Acesso em: 21 jan 2018.

¹⁵³ Ressalto aqui, que, conforme a Convenção sobre os Direitos da Criança, “Para os efeitos da presente Convenção, entende-se por criança todo ser humano menor de 18 anos de idade, salvo se, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes.” Informação disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ConvDirCrian.html>. Acesso em: 20 jan18.

São pessoas!

Terrivelmente, essa escravidão gera um lucro de mais de 13 bilhões de dólares em todo o mundo a cada ano. São números que revelam uma tolerância chocante de exploração¹⁵⁴, a mercantilização do corpo permanece e está muito perto. Aqui evoco, após 18 anos, as palavras da Declaração e Programa de Ação adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, a qual aconteceu em 31 de agosto a 08 de setembro de 2001, em Durban – África do Sul. A referida Declaração diz no item 28:

Condenamos veementemente o fato de que a escravidão e as práticas análogas à escravidão ainda existam hoje em partes do mundo e instamos os Estados a tomarem medidas imediatas, em caráter prioritário, para por um fim a tais práticas as quais constituem violações flagrantes dos direitos humanos.¹⁵⁵

Assim, realmente acredito que precisamos olhar-nos, cuidar-nos, “[...] então irá se tornar muito difícil tolerar atrocidades como a escravidão. [...] são pessoas reais como eu e você, todas merecedoras dos mesmos direitos, dignidade e respeito em suas vidas.”¹⁵⁶

A escravidão, o escravizar, o mito da democracia racial¹⁵⁷, as lutas e as resistências fazem-se presente nesta escrita na tentativa de compreender (e também na contemporaneidade) a dualidade da carne transformada em coisa e o espírito em mercadoria como produção da máquina social e da indissociável marcha do capitalismo. Sabe-se que não basta conhecer a história africana (antes, durante e depois da colonização), urge-nos uma questão de perceber a história dada pelo colonizador e a história que os colonizados também registram, pois “Mesmo quando o postulado da igualdade entre os seres humanos é admitido, a colonização é, por vezes, justificada em nome da ‘civilização’.” (MBEMBE, 2001, p. 170). E por essa ação visceralmente marcada pela destruição retomo o que chamamos de respeito. Seria um esvaziamento semântico? Afinal, o que atribuir tanta dissimulação, tanta manobra destrutiva, em nome de uma ‘igualdade’ que desconsidera tudo o que não seja igual, ou seja, um respeito só aos iguais

¹⁵⁴ Aqui sugiro o tocante trabalho da fotógrafa Lisa Kristine que documentou e escravidão moderna, que fingimos não saber. Material fotográfico disponível em: <https://www.lisakristine.com/shop-image-collection/modern-day-slavery/>. Acesso em: 21 jan 2018.

Indico ainda sua conferência TED, em janeiro de 2012, disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=213&v=9TPFLHvn024. Acesso em: 21 jan 2018.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://goo.gl/dZr4C1>. Acesso em: 17 jan 2018.

¹⁵⁶ Transcrição conferência Lisa Kristine, disponível em: <https://goo.gl/QCRrHa>. Acesso em: 21 jan 2018.

¹⁵⁷ Vale dizer que o mito da democracia racial foi construído sob a ideia de mistura, de um povo misturado: “Trata-se realmente de um mito, pois a mistura não produziu a declarada democracia racial, como demonstrado pelas inúmeras desigualdades sociais e raciais que o próprio mito ajuda a dissimular dificultando, aliás, até a formação da consciência e da identidade política dos membros dos grupos oprimidos.” (MUNANGA, 1996, p. 216).

e por si isso bastaria... Chamo para conversa Sennett (2004)¹⁵⁸ que me assombra ao assinalar a ordem da obediência: “As pessoas não são tratadas com respeito simplesmente em obediência a uma ordem de que isso deva acontecer. O reconhecimento mútuo tem de ser negociado; esta negociação envolve as complexidades tanto do caráter pessoal quanto da estrutura social.” (p. 295).

E, portanto, pelo atrelamento de uma máquina de poder, arrastam-nos a naturalizar o que deve ser respeitado e o que não deve, reforçando minha ideia de esvaziamento semântico. É na imersão dessas questões que acredito na urgência de experiências que valorizem a história sob referenciais dinâmicos, fecundos e inclusivos. Importa resistir aos produtos de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo (MBEMBE, 2014) que tem devastado conhecimentos alternativos e subalternizado grupos sociais, cujas práticas pautam-se em saberes outros não legitimados. E por aqui, continuo a pensar na destruição do outro, no ordenamento hegemônico, perdoe-me a repetição da palavra, não encontro outra que possa dizer do que sinto agora em relação à conversa que tive com Sodré (2018) acerca da consequência disso ao longo da história e do domínio planetário das terras e dos povos ditos ‘exóticos’, ou seja, dos ditos muito diferentes e, portanto sem direito a respeito, pois

[...] as tropas dos conquistadores pilhavam ouro e corpos humanos, enquanto os evangelizadores (jesuítas, franciscanos), **pilhavam almas**. A violência civilizatória da apropriação material era, na verdade, precedida pela violência cultural ou simbólica – uma operação de ‘semicídio’, em que extermina o sentido do Outro – da catequese monoteísta, para qual o corpo exótico era destituído de espírito, ao modo de um receptáculo vazio que poderia ser preenchido pelas inscrições representativas do verbo cristão. O semicídio ontológico perpetrado pelos evangelizadores foi o pressuposto do genocídio físico. (p.102)

Pilhavam ouro, corpos humanos e almas... Inaceitável que isso ainda aconteça, e percorra cotidianos e realidades, disfarçados em um discurso de supremacia, civilizatório e opressor. Basta observar os atuais discursos políticos e também religiosos, as perdas e os retrocessos, os ataques à educação, aos povos tradicionais, à educação e universidades, sim, discurso de um governo (e sua massa apoiadora) que soterra e diz abertamente dos rumos sem que ninguém se levante contra, como se estivéssemos anestesiados pelas bestialidades ditas de tanto incrédulas que possam ser... Isso me lembra, em certa medida, uma personificação da transparência, no sentido de se ficar tão transparente a ponto de desaparecer, e aqui chamo um *mais-velho* literário¹⁵⁹ para conversa, Odonato, que de tanto que o país lhe doía foi assumindo

¹⁵⁸ Richard SENNETT, nascido em Chicago, em 1 de janeiro de 1943. Vive como sociólogo e historiador, professor da London School of Economics, do Massachusetts.

¹⁵⁹ Personagem do livro *Os Transparentes* (ONDJAKI, 2013a)

um desaparecer: “- não, não é todo o povo. há alguns que são transparentes. acho que a cidade fala pelo meu corpo...” (p. 265). E ele, Odonato, foi tomando forma transparente e me assusta a pensar nessa imagem, pois essas manobras políticas atuais parecem ter essa intenção: deixar-nos transparentes a ponto de sermos sucumbidos. E aqui, a imagem de ficar transparente vem pelas mãos da AvóKunjikise¹⁶⁰:

AvóKunjikise viu-o de costas, com o sol diluído, e tremeu como não tremia há muito, fechou os olhos, fez força, queira chorar duas ou três lágrimas para purgar rapidamente a visão
 mas a verdade é límpida e conhece veredas secretas para chegar ao seu destino
 - Nato... - chamou, baixinho
 Odonato virou-se devagar, não deixando à velha espaço ou sombra para dúvidas
 o sol dividido em porções de intensidade, quente e perpendicular àquela hora, o sol, os seus feixes de luz viajantes de distância e imensidão sideral, atravessaram o corpo daquele homem sem obedecer aos limites lógicos da sua anatomia
 havia luz que o contornava e a luz que já não o contornava
 - Nato... o teu corpo... – a velha pôs as duas mãos sobre o peito, como fazia desde menina, quando se queria acalmar acanhados raios solares, de magreza extremada, fiapos tristes da cor amarela, atravessavam Odonato nas zonas periféricas do seu corpo esguio, nos rebordos da cintura, nos joelhos, também nas costas das mãos e nos ombros, a luz longínqua passava como se um corpo humano, real e sanguíneo, pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante [...]
 AvóKunjikise olhou-o nos olhos, que era um modo de falar com aqueles que não entendiam bem o seu umbundu, disse-lhe muitas coisas, coisas adivinhadas e sabidas há muito, mas só agora, naquele instante quente, finalmente entendidas.
 - eu vi o futuro – murmurou a velha.
 (ONDJAKI, 2013a, p. 34)¹⁶¹

AvóKunjikise avisa: o futuro tão atual nas tantas pilhagens continua nas manobras de ‘transparentar-nos’.

Estamos diante de forças destrutivas, muito bem elaboradas, que atingem (**verbo no presente**) pessoas em sua alteridade, seu sentido, como também seus saberes e aqui falo de epistemicídio, ou seja, destruição de todo um saber local, ancestrais, “[...] desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presentes na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas.” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 49)¹⁶².

Ao traçar os fios da história entre escravidão no Brasil, África e mundo, os conceitos Negro e Raça (MBEMBE, 2014) construídos por interesses caóticos, e ainda entre o números

¹⁶⁰ Reitero aqui na conversa a participação especial da AvóKunjikise, avó-personagem que circula no livro Os transparentes, o qual sugiro a leitura...

¹⁶¹ Aviso que nesta obra o autor usa como recurso gráfico de poucas pontuações, na intenção de uma fluidez de leitura. Portanto, não estranhe a falta de acentuação gráfica.

¹⁶² Continuando as apresentações:

Maria Paula MENESES, nasceu em Maputo- Moçambique, é pesquisadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

(e pessoas) escravizadas na atualidade, busco compreender o poder devastador de uma única história, o que nos foi contado, mas especialmente o que nos foi escondido interfere ao que se vê/conhece/acredita hoje. E do que nos foi contado, tudo nos foi sob uma visão reducionista, ou seja, ainda a pensar nos conceitos Negro e Raça, que passou a ser a grande naturalização (acho deprimente essa palavra, mas não encontro outra para este agora) da relação vencidas e vencedoras, veja que:

São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles (povos originários): astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduzem-se a uma única identidade: **índios**. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da África como escravos: achantes, iorubas, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de **negros**. (QUIJANO, 2005, p. 249)¹⁶³

Penso na palavra *nkali*, na relação com o poder, com o que querem que acreditemos, e por si perceber as relações de poder que encobrem uma única história. *Nkali* traduz-se por ser maior que o outro, ou seja, “[...] Como nossos mundos econômicos e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. (ADICHIE, 2009, p. 01) ¹⁶⁴ Não se pode fechar os olhos. Eis o grande perigo!

¹⁶³ Aníbal QUIJANO, peruano, nascido em 17 de novembro de 1928, fez seu deslance em 31 de maio de 2018. Viveu como sociólogo e pensador humanista, suas pesquisas desenvolveram o conceito de colonialidade do poder.

¹⁶⁴ Transcrição da palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie: “Perigo de uma história única”, publicada em outubro de 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em: 22 jan 2018.

* Chimamanda Ngozi ADICHIE, nigeriana, nascida em 15 de setembro de 1977. Vive como escritora e militante das causas pela vida.

3 DO ACENO: OS PANOS BRANCOS QUE NOS ACENAM...

E da travessia, o caminho se faz, ‘sempre a favor das águas’, ou quem sabe a favor das conversações, pois o que se tem por estas palavras aqui tecidas podem, quiçá, revolver ideias, retomar caminhos, ou traçar geografias de um Brasil tão afro. Penso, ainda, na escolha metodológica, da qual não posso perder do horizonte e da qual chamei para me ancorar Skliar (2018), e na força que essa escolha tem de romper métricas, pois uma conversa não tem um destino certo. Pelo contrário, o que proponho é um transitar, não sob a forma do “porque eu digo”, mas sob a forma de “aglomerado de rostos, vozes e silêncios.” (SKLIAR, 2018, p. 12) E, por aqui, a conversa aporta no que de literário há nas coisas, em especial no sentido da palavra aceno, a qual sempre me vem a imagem de panos brancos a balançar no ar, em movimentos circulares, a dizer de si, a dizer volte seu olhar, ou ainda a dizer *volte sempre aqui...* Penso, ainda, que nas conversas há também acenos, afinal:

[...] conversar se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto sobre um saber, mas **sobre suas ressonâncias em nós**, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo. (SKLIAR, 2018, p. 12) grifos meus

Então, a pensar nas ressonâncias em nós, e por estarmos a falar acerca de acenos, tomo a liberdade de chamar um *avô-personagem* que conheci pela leitura de Mia Couto (2012), e que entra em conversa pela imagem dos acenos e por ter uma forte conexão ao que diz de travessias e de acenos. Aqui avô e neto navegam diariamente, ao fim da tarde, em um lago deserto com seu barco equilibrando-se nas águas e na neblina. O avô consegue enxergar na outra margem os acenos dos panos brancos e responde aos acenos com seu pano vermelho, o neto, nada percebe. É a visão por meio do olho que vê sonhos. Algo a ouvir:

[...] Vovô era dos que se calam por saber e **conversam mesmo sem nada falarem**.
 [...] Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. A maneira como me apertava era a de um cego desbengalado. No entanto, era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em **flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver**.
 Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava, ensonada. Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha, E eu lhe imitava.
 -Sempre em favor da água, nunca esqueça!
 Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem. (COUTO, 2012, p. 9-10) grifos meus

E, pela ressonância que as águas trazem, esse *avô-personagem* remete-me a avós Quilombolas que conversei, pelo que fazem dos silêncios, do dizer com os olhos, com os gestos, o modo como contam de suas religiosidades, saberes e ancestralidade. E pela memória vem o Tio Risca (avô Quilombola – Itapocu), quando da primeira cena do documentário Catumbi¹⁶⁵:

Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufaralhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecendo no suave embalo. O avô calado, espiava as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos. (COUTO, 2012, p. 10)

Sim, pelo silêncio da imagem, e também do gesto de acolhida quando nos conhecemos, mas principalmente pelo seu aceno quando parti daquela conversa, em um dia de sol aberto, de céu claro, e do vento que batia nos meus cabelos, sentados em sua varanda. Fico a pensar, exatamente, no ponto de parada desta escrita. Considere uma parada para respirar, para deixar a conversa tomar outro rumo (ou não). E por isso, volto ao que me faz dos acenos, e aos olhos que conseguem ver os sonhos, além das margens, além da cacimba¹⁶⁶:

[...] nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.
- **Me entende?** (COUTO, 2012, p. 16) grifos meus

A tentativa aqui é simplesmente aprender a ver, a manter a memória, a lutar para que não ocorra os apagamentos, mas, principalmente manter um pensar povoado de vozes distintas, de modos de sentir, enfim, o que “aprendemos da igualdade e na igualdade? Curiosa diferença de foco.” (SKLIAR, 2018, p. 13)

Volto aos panos brancos da outra margem, e simplesmente comparto a leitura:

¹⁶⁵ Sugiro o curta-metragem Itapocu dirigido por André Senna, que além da sensibilidade imagética, conta a história do Catumbi, manifestação sincrética do lugar vinculada a Nossa Senhora do Rosário, padroeira daquela Igreja. O curta foi contemplado em 2016 no Prêmio Catarinense de Cinema, e agora tenho a honra de dizer que será exibido no 23º Festival de Cinema Ecrans Noirs (13 a 20 de julho de 2019) em Yaoundé, capital da República dos Camarões.

*O curta foi exibido na competitiva de Curtas-metragens Internacionais, sendo o único representante de fora do continente africano na categoria.

Foi pelo Catumbi – documentário que entrei no Quilombo Itapocu, mas essa conversa vem mais pra frente...E o Tio Risca se fez presente nessa conversação.

¹⁶⁶ Nevoeiro denso.

[...] me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: **a água e o tempo são irmãos gêmeos**, nascidos do mesmo ventre. **E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer.** A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem (COUTO, 2003, p. 17). grifos meus

Aceno com panos brancos da outra margem, a ver quem chega por aqui, nesta escrita.

3.1 JIKULA MESU¹⁶⁷: QUILOMBOS, PALENQUES, CUMBES, MAROONS, ESTÃO MAIS PERTO DO QUE VOCÊ PENSA¹⁶⁸.

Sim, *jikula mesu* — abre os olhos e também os ouvidos ao que diz Mbembe (2014), ao som das lutas diárias, do que nos faz plural, e nos movimenta pelo mundo. O que nos move em resistência, em acreditar nos laços de convivência, na permanência dos aprendizados, no que nos faz um processo de entrelaçamento com o mundo, e das.

[...] diferentes maneiras de o habitar, de onde provém precisamente a efectiva (sic) pluralidade de culturas e de modos de vida. Dizê-lo não significa de todo ocultar a brutalidade e o cinismo que ainda caracterizam o encontro dos povos e das nações. Trata-se simplesmente de recordar um dado imediato, inexorável, cuja origem se situa sem dúvida no início dos tempos modernos — isto é, **o irreversível processo de mistura e entrelaçamento das culturas, dos povos e das nações**. (MBEMBE, 2014, p. 303) grifos meus

E especialmente nisso, compreender que a escravidão também instituiu uma rota de invisibilidade e negação dos direitos e dos territórios Quilombolas, uma invenção de branqueamento e de um imaginário de conformidade e de uma “[...] democracia racial que buscou apagar da memória social as lutas e as dores da escravidão.” (CARRIL, 2017, p. 05)¹⁶⁹.

Sim, abrir os olhos, ao que esteve/está muito perto, em luta de resistência de homens, mulheres, descendentes de uma África tão perto. Nessas aprendizagens, evoco também as mulheres Quilombolas, guerreiras, anônimas, de prestígio político, afetivo e simbólico: Dandara e Acotirene, Anastácia, Luiza Mahin, Tereza de Benguela, Aqualtune, Zeferina, Maria Felipa de Oliveira, Adelina Charuteira, Rainha Tereza do Quariterê, Mariana Crioula, Esperança Garcia, Maria Firmina dos Reis, Maria Felipa Aranha, Nã Agontimé, Tia Simoa, Zacimba Gaba, Nzinga¹⁷⁰, mas também as tantas Marias, Lúcia (*in memorium*), Natalina,

¹⁶⁷ Origem do termo: Angola. Tradução: abre os olhos!

¹⁶⁸ Os Quilombos e seus distintos nomes: “Quilombos, mocambeiros ou Mocambos no Brasil; Palenques na Colômbia e em Cuba; Cumbes na Venezuela; Maroons no Haiti, Jamaica e nas demais ilhas do Caribe francês.” (BARBOSA, 2010, p. 10).

¹⁶⁹ Lourdes de Fátima Bezerra CARRIL, brasileira, professora titular da Universidade Federal de São Carlos (Campus Sorocaba) e pesquisadora nas áreas: comunidades Quilombolas, territorialidade, segregação espacial, social e racial urbana, educação e cultura.

¹⁷⁰ Alguns registros históricos e orais dessas mulheres:

- Dandara - companheira de Zumbi
- Acotirene - Provável nome da mãe de Zumbi
- Anastácia - Ajudou escravos quando eram castigados, ou facilitando a fuga.
- Luiza Mahin- articulação da Revolta dos Malês (1835) e da Sabinada (1838).
- Tereza de Benguela - líder do Quilombo de Quarterê - Mato Grosso.
- Aqualtune - considerada mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi.
- Zeferina- liderança responsável pelas lutas do Quilombo, organizava índios e escravizados que fugiam.

Guida, Sueli, Noeli, Balbina, Ladi, Daniela, Alessandra, Moca (Dilma Maria), Antonia, Jucélia, Dica (Maria)... e também aos guerreiros de grande afeto: Tio Coen, Tio Risca, Altair... Ancestralidade Quilombola situada nas lutas travadas pela liberdade, lutas de ontem e que permanecem, na tentativa de assegurar a desmarginalização social, econômica, educacional e cultural, especialmente o direito das terras. Indica que as relações desses grupos não podem ser consideradas somente por tamanho ou pelo número de membros e sim pelo *compartir* das experiências, pela trajetória comum e coletiva, na força das relações, contatos, conflitos e continuidade enquanto grupo, não somente em um sentido interno, mas também enquanto permanência social. Pergunto-me em que tempo estamos?

As ressonâncias das culturas, em simbiose ou em conflito – poder-se-ia dizer: em polka ou em laghia – na dominação ou na libertação, que abrem à nossa frente um desconhecido incessantemente próximo e diferido, cujas linhas de força por vezes se deixam adivinhar, para logo se furtarem. Deixando-nos a imaginar o seu jogo, que simultaneamente desenhamos – para **sonhar ou agir**. (GLISSANT, 2011, p. 128) grifos meus.

Então volto a questionar quais são os entendimentos e construções teóricas feitas **sobre** outras pessoas, quando o mais sensato seria **acerca** de outras pessoas. Questiono-me quanto aos discursos e também às práticas, relações desiguais de força, composição de tensões, territórios de embates. Minha preocupação é justamente como dizer sem aculturar, domesticar, sem reduzir a algo conhecido, previsível, ou pior, sem tornar ‘uma qualquer’ e sem perceber que o Outro, a Outra, é o impensado e o que disponho não é possível para apreender as diferenças que

-
- Maria Felipa de Oliveira - líder na Ilha de Itaparica, Bahia. Lutava para libertar seus descendentes e avós.
 - Adelina Charuteira – líder no Maranhão, filha de uma escravizada com um senhor e arrecadava dinheiro vendendo charutos, com essa articulação descobria vários planos de perseguição aos escravos.
 - Rainha Tereza do Quariterê - guerreira no Quilombo do Quariterê - Cuiabá. Comandou toda a estrutura política, econômica e administrativa do Quilombo.
 - Mariana Crioula - mucama em Vila das Vassouras, RJ. Juntou-se aos escravizados na maior fuga de escravos da história fluminense em 1838.
 - Esperança Garcia: escravizada em uma fazenda em Nazaré do Piauí. Em 1770 dirigiu uma petição ao Presidente da Província de São José do Piauí denunciando maus-tratos físicos de que era vítima, ela e seu filho,
 - Maria Firmina dos Reis - Negra, filha de mãe branca e pai negro, fez de seu primeiro romance, Úrsula (1859) em crítica à escravidão.
 - Maria Felipa Aranha -, liderou o Quilombo do Mola, no Tocantins.
 - Nã Agontimé - fundou o “Querebentã de Zomadunu” – conhecida como Casa das Minas-Jeje.
 - Tia Simoa - A Preta “Tia Simoa” negra liberta que, ao lado de seu marido (José Luís Napoleão) liderou em Fortaleza a “Greve dos Jangadeiros”.
 - Zacimba Gaba- princesa angolana e acabou no Espírito Santo. Provocou uma revolta das pessoas escravizadas contra a Casa Grande e liderou um Quilombo onde foi rainha.
 - Nzinga - Ginga, Jinga, Singa, Zhingá e outros nomes da família linguística Banto (ou Bantu). Também conhecida pelos nomes portugueses de Ana de Souza, rainha Dona Ana e pelas formas híbridas como rainha Ana Nzinga. Reinou absoluta durante quarenta anos sobre Ndongo (1623 a 1663) e, a partir de 1630, também sobre Matamba. Informações retiradas de: <https://nossapolitica.net/2019/03/mulheres-que-lutaram-escravidao/>. Acesso em: 22 jul 2019.

nos compõem. Reflito, ainda, acerca do sentido de ser capaz de escrever uma linguagem como significado, o quanto abarca o dialogismo como fundante do sujeito, e o quanto estamos embrenhados na materialidade discursiva da palavra, no exercício da escuta e na acolhida de pluralidades. Considerando especialmente que é pela “[...] pluralidade das narrativas, enquanto possibilidade de afirmação de vozes outras, que (se) abrem espaços novos para o social, para a busca de valores compartilhados e de novos sentidos de comunidade e democracia.” (ARFUCH, 2010, p. 31).

Aqui sou tomada pelas tantas vozes (as que falam por mim, que estão comigo no meu discurso do meu hoje e as tantas outras do caminho) das avós e avôs Quilombolas, das filhas e filhos Quilombolas, das crianças Quilombolas, e deparo-me com a questão: diante de qual tempo estariam os relatos? Quais vozes inscrevem-se na memória? Portanto, as perguntas remetem para a temporalidade em constituição. Indicam para a extensão do que seria ‘nós’, em exercício de alteridade e em pluralidade de olhares e de direção.

Paro, então, diante de uma atitude de escrita e de uma escuta plural... As palavras (minhas e do Outro) então seriam capazes de desmanchar uma urupema, a saber, de como é feita, o arco, a fibra, a palavra. (FELINTO, 1983)¹⁷¹ O que teríamos a ouvir entre fibras e tessituras? Seria mesmo a escrita de uma vida, da vida de alguém? A escrita de uma história que também é minha, que percorre a minha ancestralidade, a nossa.

3.1.1 Manjuandades¹⁷² dos Quilombos e seus tantos números

É em território da temporalidade e do discurso, entre um eu e um você, entre o meu hoje e o teu hoje que se configura o espaço da escrita e da escuta, espaço que proponho em relação aos Quilombos. E aqui me questiono a extensão do que seria ‘nós’, em exercício de que “o indivíduo, a comunidade, a terra são inextricavelmente entrelaçados no processo de criar história.” (GLISSANT, 1992, p.105)¹⁷³

¹⁷¹ Marilene Barbosa de Lima FELINTO, brasileira, nascida em 1957, é jornalista, escritora, tradutora, romancista e cronista.

¹⁷² Origem: Guiné-Bissau. Tradução: significado de coletividade, grupos de convivência de pessoas da mesma geração, geradores de grande solidariedade, expressa na participação coletiva em cerimônias que respeitem a qualquer um dos seus membros.

¹⁷³ Por minha livre tradução: l'individu, la communauté, la terre sont inextricablement liés dans le processus de création de l'histoire.

Então, como escrever da vida no Quilombo, que mesmo em lutas por direitos de cidadania, as comunidades remanescentes de Quilombos¹⁷⁴ ainda são desconhecidas da maioria, porém ressalto que a organização Quilombola não foi uma experiência exclusivamente brasileira, fizeram-se presente também nas Américas, países que assumiram o regime escravocrata. Vale dizer, por exemplo, que na América hispânica existe o equivalente do quilombismo¹⁷⁵, a marronagem, porém em ambos o conflito, as opressões, as fugas e a ‘liberdade’ permanecem, assim, marronagem ou quilombagem “[...] eram frutos das contradições estruturais do sistema escravista e refletiam, na sua dinâmica, em nível de conflito social, a negação desse sistema por parte dos oprimidos.” (MOURA, 1981, p. 12-13)¹⁷⁶. Portanto, para além do símbolo de resistência negra à escravidão, o quilombismo configura-se como espaços culturais e jurídicos. (NASCIMENTO, 1980). Assim, ao que diz Quilombola, busco compreender que por estar enraizado a um discurso

[...] histórico colonial, centrado na fuga como elemento de repressão, e depois baseado na reinvenção do Quilombola com símbolo da luta negra no Brasil [...], acabou por reforçar a ideia do Quilombola como outro da história, o Quilombo original que e buscado ainda hoje ao se decidir judicialmente por um viés de continuidade Quilombola através do marco temporal, sem observar a história através das descontinuidades da violência e das hibridizações que atravessam os grupos, sendo necessário [...] mostrar a sua ação, através da arqueologia das práticas Quilombolas. (NERI, 2017, p. 198).

O que mais me assusta: é como se essa história não nos pertencesse ou tivesse ficado no passado. Coloco em questão, ainda, o termo *remanescente*, o qual ficou por muito tempo atrelado a uma visão limitativa, levando a ideia de algo cristalizado, fixo. Assim, acredito que tanto o termo *remanescente* quanto *Quilombo*, estão em curso, e, portanto, estamos conversando acerca de uma organização política e social que almeja a garantia de direitos e que nos remete quase invariavelmente ao par: “[...] memória-direitos: em se tratando de remanescentes, o que está em jogo é o reconhecimento de um processo histórico de desrespeito.” (ARRUTI, 2008, p. 327).

¹⁷⁴ Destaco: ‘comunidade remanescente de Quilombo’ é uma categoria social recente, e representa a força social no meio rural e urbano, dando outra significação para o conhecido como comunidades negras rurais ou terra de pretos. (ARRUTI, 2006.)

* José Maurício Paiva Andion ARRUTI, brasileiro, professor e pesquisador das comunidades Quilombolas e povos indígenas, em especial Políticas de Reconhecimento, Território, Memória e Educação.

¹⁷⁵ Ressalto em especial: “O quilombismo, contudo não indica apenas o Quilombo no seio da floresta e com difícil acesso. Ao contrário indica todas as associações que os negros conseguiram estabelecer as margens ou mesmo no sistema colonial [...]” (NERI, 2017, p. 156).

* Jefferson Crescencio NERI, brasileiro, pesquisador do direito e das questões Quilombolas.

¹⁷⁶ Clóvis Steiger de Assis MOURA, nascido em 1925, fez seu deslance em dezembro de 2003. Viveu como sociólogo, jornalista, historiador e escritor.

Todavia, há um aspecto contemporâneo, dinâmico, e, portanto, ao pensar em remanescentes Quilombolas ou em Quilombo, é necessário compreender como uma experiência estabelecida historicamente na constituição social brasileira e, com certeza, não se encaixa em um grupo social estagnado no tempo ou composto de uma cultura homogênea, pois se configura pela capacidade de sustentarem relações com os demais segmentos da sociedade. A ideia de homogeneização pode agir também como apagamento das diferenças existentes no interior dos grupos e comunidades e aqui ressalto a especificidade de cada comunidade remanescente, seja urbana ou rural. Por assim dizer, estamos diante de disputas entre o que diz a história, a antropologia, a mídia, a sociedade, as leis e as decisões judiciais, cada esfera movendo-se conforme seus interesses.

E ao evocar o Quilombo, sou tomada ao que diz a identidade Quilombola, a força dessa palavra avança e por onde passa deixa atravessamentos, pois o termo Quilombo não mais está associado tão somente a uma parcela de terra, mas sim a toda uma luta, lugares de resistência rural e urbana. Metáfora de resistência, e, portanto, considerar o Quilombo na contemporaneidade indica compreender que as relações desses grupos não podem ser consideradas somente por sua localização geográfica ou demográfica, e sim pelo *compartir* das experiências, pela trajetória comum e coletiva, na permanência das narrativas, e na força da continuidade enquanto grupo. (O'DWYER, 2010)¹⁷⁷. Portanto, o perigo de cair na alienação do termo Quilombola, se caso simplesmente não percebermos que por trás do que diz a história contada há, sem dúvida, uma cadeia subjetiva de exploração. (NERI, 2017).

Reflico quanto ao que a juridicidade traz para esse campo, o que temos das leis assegurando direitos e vidas. Os direitos enquanto algo distante do real, o lugar da dominação, e, ainda, o que fazemos em relação ao patrimônio cultural Quilombola, e a garantia de seus territórios? E isso impulsiona a pensar juntos: *a questão é estamos lá, somos e sempre seremos Quilombolas, ainda que com diferenças, é o meu povo, e eu preciso de ajuda para nos mantermos, para que nossas crianças continuem sendo e sabendo o que é ser Quilombola.*¹⁷⁸ E por essas palavras, que me impulsionam e deslocam um pensar, chamo Sodré (2018) que compõe esse dizer de permanência e visibilidade, especialmente de uma subjetivação, que ocupa em primeiro plano

¹⁷⁷ Eliane Cantarino O'DWYER, brasileira, antropóloga, professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Suas pesquisas discutem a elaboração de relatórios de identificação e laudos antropológicos.

¹⁷⁸ Quilombola Daniela Cristina Borba. Quilombo Itapocu. Novembro/2018.

a experiência simbólica do mundo, o primado rítmico do existir, o poder afetivo das palavras e ações, a potência da realização das coisas, as relações interpessoais concretas, a educação para a boa vida e para boa morte, o paradigma comunitário, a alegria frente ao real e o reconhecimento do aqui e agora da existência. (p. 100)

E ao tomar os teóricos que por aqui estão em conversa, compreendo que há um espaço a ser construído no que se diz da identidade, das narrativas, e que não se nega uma reconstrução, em especial, ao que se diz do Quilombo. Importante dizer que essa reconstrução pauta-se em uma ampliação para “a diversidade de experiências que a colonialidade armadilhou como negras, que em verdade, criaram diferentes histórias e formas de viver e conviver em territórios, [...]” (NERI, 2017, p. 157).

Portanto, onde estariam essas comunidades pelo país? Quais são suas lutas? Quem são os sujeitos políticos que estão nessas lutas? Por quais caminhos trilham seus processos diante leis que por vezes interpretam os Quilombos como algo isolado, alheio aos seus direitos?

A Fundação Cultural Palmares (FCP)¹⁷⁹ aponta mais de 3 mil comunidades Quilombolas distribuídas pelos seguintes estados brasileiros: Amazonas, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Ou seja, no que diz de resistência, os Quilombos cursam o território brasileiro¹⁸⁰ não como única, mas como a mais representativa luta contra a escravidão. Em recorte, anuncio Santa Catarina com somente uma comunidade titulada (Invernada Dos Negros em Campos Novos/SC):

[...] Os 15 títulos entregues pelo Incra em 23 de janeiro de 2017 vêm se somar a outros 4 outorgados em 2014, garantindo às 84 famílias a propriedade de 639,1935 hectares dos 7.952,9067 reconhecidos como terra Quilombola pela Presidência do Incra em 2008, é a única terra Quilombola em Santa Catarina titulada.¹⁸¹

As outras 17 comunidades estão em processo, melhor dizendo, permanecem em longa espera¹⁸²

¹⁷⁹ A FCP tem por fim preservar a cultura afro-brasileira. Foi o 1º órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. Informações em: <https://goo.gl/M547Dv>. Acesso em: 20 jan 2018.

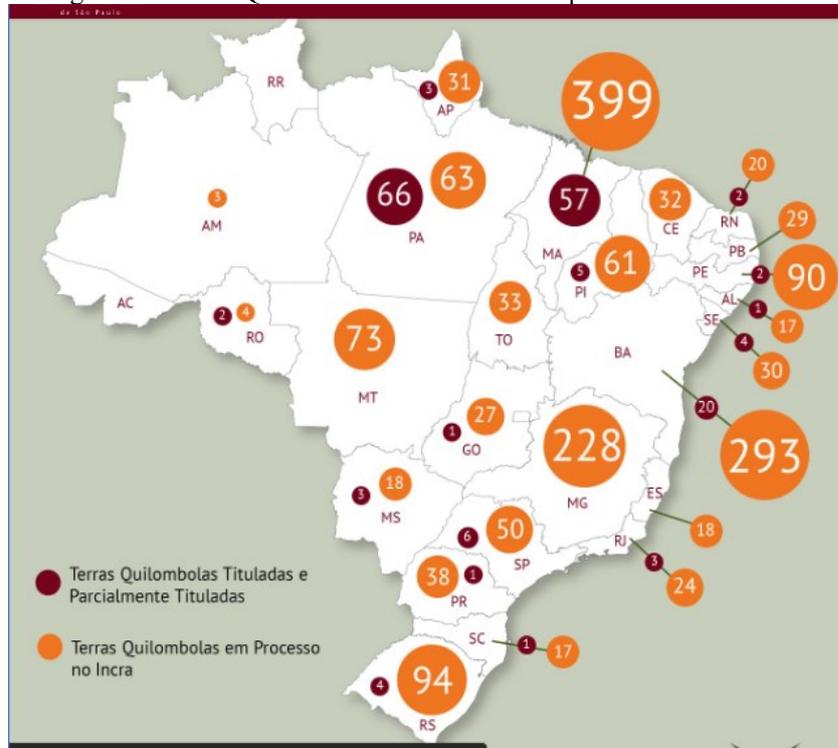
¹⁸⁰ Os únicos estados brasileiros que não registram ocorrências de comunidades Quilombolas são o Acre e Roraima, além do Distrito Federal. (BARBOSA, 2005)

¹⁸¹ Informações disponíveis em: <http://cpisp.org.br/terras-Quilombolas-janeiro-territorio-Quilombola-invernada-dos-negros-e-parcialmente-titulado/>. Acesso em: 22 mai 2019.

¹⁸²E aqui, registro que há uma disparidade de dados entre a Fundação Cultural Palmares e o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) órgão, até então detentor dos dados referentes aos processos das terras Quilombolas. Portanto, por opção metodológica, os números aqui apresentados partirão dos acessos disponíveis da Fundação Cultural Palmares.

E o absurdo aí se instala: esperar, provar, esperar... Por assim, lembro uma faixa em um dos movimentos de luta: “Só a titulação garante o futuro Quilombola!” E lembro, também, que em 20 de novembro de 1995, sete anos após a Constituição Federal reconhecer o direito dos Quilombolas à propriedade de suas terras através do artigo 68 do ADCT, a Terra Quilombola Boa Vista, no Pará, recebeu sua titulação¹⁸³. E, a contar por hoje, ano de 2019, pouco se caminhou, considerando que no intervalo de 24 anos, menos de 300 terras Quilombolas foram tituladas e em recorte de Santa Catarina, somente uma titulação conquistada, a comunidade Quilombola Invernada dos Negros.

Figura 12: Terras Quilombolas¹⁸⁴ tituladas e em processo– Brasil/2019



Fonte: <http://cpisp.org.br/>. Acesso em: 23 dez 2019.

Assim, além dos Quilombos instituídos no vergonhoso período da escravidão, muitos se constituíram após o 13 de maio de 1888 e, também por doações de terras por antigos proprietários aos escravos, decadência da lavoura e ou permanência dos escravos nas fazendas após abandono de seus donos e mesmo terra doadas a santos, como situação de origem de várias comunidades rurais. Isso confere uma grande importância para entender a diversidade na

¹⁸³ Lembro que a titulação é o último passo do processo, e afirmo minha opção por considerar os dados da FCP, a qual no ano de 2017 (dados mais recentes) certificou 103 comunidades remanescentes dos Quilombos. Desde o início de suas atividades, a fundação certificou 2.962 comunidades, entretanto até a titulação pouquíssimas conquistaram “o registro no cartório” do título das terras. Uma vergonha essa lentidão...

¹⁸⁴ Vale dizer que, segundo o OBSERVATÓRIO TERRAS QUILOMBOLAS, vinculado a Comissão Pró Índio de São Paulo (CPISP), há 1850 Terras Quilombolas encontradas, porém somente menos de 300 estão tituladas. Informação disponível em: <http://cpisp.org.br/>. Acesso em: 23 dez 2019.

formação dos Quilombos, bem como compreender a relação com a terra e suas reivindicações como remanescentes, como direitos. Penso que esse olhar se afina ao que revelam as “[...] performances discursivas, corpóreas e dos gestos, que mostram exterioridades das identidades culturais individuais e coletivas.” (NERI, 2017, p.192). Por assim dizer,

As lutas por reconhecimento de direitos das comunidades Quilombolas devem ser compreendidas à luz do fenômeno da etnicidade, na medida em que há um processo de demarcação de uma identidade que se constrói no campo político por meio da afirmação da diferença em busca da igualdade. O campo de lutas que denomino **campo Quilombola** se constitui como espaço simbólico, onde o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social acerca das identidades e da unidade desses grupos. (SANTOS, 2014, p. 173)¹⁸⁵. Grifos meus.

Portanto, o *campo Quilombola* em luta pela implementação dos direitos territoriais reflete o fracasso da ‘lei 601 ou lei das terras de 1850’¹⁸⁶, que intencionava a perspectiva privada da terra. O Quilombo anuncia a noção de terras coletivas, o que desestabiliza além do modo de convivência também o modelo da propriedade privada como único acesso e uso da terra, ou seja, povos indígenas e também Quilombolas, apresentam outras possibilidades de uso e relações com o território. Estamos a falar de sujeitos, o que nos exige pensar em suas historicidades, e também em suas contemporaneidades. Porque nesse percurso Quilombola, vindo pelo passado da história, a luta era pela libertação do trabalho escravo, e vindo pela contemporaneidade, a luta é pela terra, pela emancipação do trabalho. (FIABANI, 2005)¹⁸⁷.

Portanto, espaços de tensão, lutas e direitos, e, para contextualizar apresento um breve percurso da juridicidade que envolve a questão Quilombola. E por aqui, a conversa é com Neri (2017) que traz o termo (juridicidade) pautado na medida em que as identidades culturais Quilombolas propõem conteúdos e interpretações ao Direito, em especial a *legislação voltada para o povo Quilombola e suas terras*, da qual seus dados verdadeiros nunca foram suficientemente levantados, ou seja, a proposta é discutir uma reestruturação da discursividade jurídica, estabelecendo a possibilidade de uma ligação entre as representações jurídicas e as práticas Quilombolas, ao ponto de se produzir, quem sabe, novas interpretações e possibilidades. Considerando, a partir dessa conversa a necessidade de uma adequada proteção aos interesses jurídicos das comunidades Quilombolas, portanto, a necessidade de conceber,

¹⁸⁵ Simone Ritta dos SANTOS, brasileira, socióloga, com pesquisa na área das comunidades remanescentes de quilombos e políticas de proteção social.

¹⁸⁶ Chamada Lei 601 ou Lei de Terras, de 1850, proibia a aquisição das terras a não ser por via da compra, ou seja, convertia a terra em mercadoria de alto valor e acessível à somente parte da população, ou seja, dificultava-se para a outra parte da população (ex escravos, trabalhadores livres e imigrantes) a aquisição da terra.

¹⁸⁷ Adelmir FIABANI, brasileiro, professor de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, pesquisa sobre Comunidades Negras do Brasil, Relações Étnico Raciais e História da África.

“um espaço jurídico de cunho social reflexivo, em que os movimentos contraculturais do Direito possam ter garantido seu espaço de formação e legitimação.” (NERI, 2017, p. 90). E aqui a discussão está na ‘doença história idealista’, a qual mesmo após séculos ainda se justifica como ‘natural’ a não percepção da ação Quilombola, suas práticas, territorialidades, como quem esteve (porém invisibilizado) em presença no Brasil e no mundo. E que, por via jurídicas, precisa por primeiro passar por um processo de autodefinição, como se suas práticas e ancestralidade por si não sejam suficientes para se comprovar quem se é. Assim,

‘remanescentes de Quilombo’ deu lugar a uma comunidade autodefinida pelo critério da ancestralidade negra e com uma territorialidade caracterizada pelo uso comum da terra. [...] do ponto de vista administrativo o processo de identificação: baseado na autoatribuição étnica das comunidades, de reconhecimento feito através da certificação da Fundação Cultural Palmares, e cuja demarcação e titulação das terras [...] deve ser instruída de levantamentos cartográficos e de redundantes laudos antropológicos. (NERI, 2017, p. 119).¹⁸⁸

Por essa conversa, penso nas especificidades das comunidades Quilombolas, e o que de fato significa o processo de identificação: baseado na autoatribuição étnica das comunidades, afinal, essa não seria uma questão a ser contemplada pela comunidade¹⁸⁹ considerando suas especificidades? Sem esse entendimento, de realidades, decisões, “mais difícil ainda se torna a possibilidade de criar uma interpretação diaspórica, pela qual as distintas realidades jurídicas pudessem trazer acréscimos transculturais ao ordenamento jurídico.” (NERI, 2017, p. 120).

Apresento abaixo, ainda sob necessária ressignificação, um caminho das leis:

¹⁸⁸ Neri defende, considerando as etapas de titulação que: “Em nosso ver, o Processo de Certificação da FCP já é um elemento suficientemente capaz para gerar o interesse público da Desapropriação, e os laudos antropológicos mais exaustivos, por economia processual, deveriam ser parte da fase administrativa da desapropriação.” (2017, p. 119)

¹⁸⁹ Retomo aqui, a especificidade do Quilombo Morro do Boi/SC, no qual nem toda a comunidade admitiu sua autoatribuição étnica

Quadro 10: O caminho da legislação

<p>Constituição Federal de 1988 Artigos 215 e 216 – Direito à preservação de sua própria cultura; Artigo 68 do ADCT – Aos remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.</p>
<p>Lei Nº 7.668, de 22 de agosto de 1988: Autoriza o Poder Executivo a constituir a FCP.</p>
<p>Lei Nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989 (Lei Caó): Define os crimes resultantes de preconceito de raça/cor.</p>
<p>Portaria Incra n.º 307, de 22 de novembro de 1995 Determina que as comunidades remanescentes de Quilombos, como tais caracterizadas, inseridas em áreas públicas federais, arrecadadas ou obtidas por processo de desapropriação, sob a jurisdição do INCRA, tenham suas áreas medidas e demarcadas, bem como tituladas.</p>
<p>Lei n. 9.393, de 19 de dezembro de 1996 Dispõe sobre o Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural – ITR, sobre pagamento da dívida representada por Títulos da Dívida Agrária e dá outras providências.</p>
<p>Lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997: Altera os arts. 1º e 20 da Lei 7.716, de 5 de Janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo no art. 140 do decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.</p>
<p>Lei nº. 9.636, de 15 de maio de 1998 Dispõe sobre a regularização, administração, aforamento e alienação de bens imóveis de domínio da União, altera dispositivos dos Decretos-Leis nº 9.760, de 5 de setembro de 1946, e nº 2.398, de 21 de dezembro de 1987, regulamenta o § 2º do art. 49 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.</p>
<p>Portaria MINC n.º 447, de 2 de dezembro de 1999 Delega a competência à titular da Presidência da Fundação Cultural Palmares.</p>
<p>Portaria FCP n.º 40, de 13 de julho de 2000 Estabelece normas que regerão os trabalhos para a identificação, reconhecimento, delimitação e demarcação, levantamento cartorial, e titulação das terras ocupadas por comunidades remanescentes de Quilombos.</p>

Resolução MEC/FNDE n.º 14, de 16 de maio de 2001

Estabelece as orientações e diretrizes para assistência financeira suplementar a projetos educacionais no âmbito dos Programas de Correção do Fluxo Escolar – Aceleração de Aprendizagem e Paz na Escola, da Educação Escolar Indígena e das Áreas Remanescentes de Quilombos, para o ano de 2001.

Decreto n.º 3.912, de 10 de setembro de 2001

Regulamenta as disposições relativas ao processo administrativo para identificação dos remanescentes das comunidades dos Quilombos e para o reconhecimento, a delimitação, a demarcação, a titulação e o registro imobiliário das terras por eles ocupadas.

Decreto de 21 de março de 2002

Institui Grupo de Trabalho com a finalidade de propor e implementar ações voltadas ao desenvolvimento sustentável dos remanescentes das comunidades dos Quilombos e dá outras providências.

Decreto Nº 4.228, de 13 de maio de 2002: Institui, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas.

Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003: Estabelece as diretrizes e bases para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Decreto de 13 de maio de 2003

Institui Grupo de Trabalho com a finalidade de rever as disposições contidas no Decreto nº 3.912, de 10 de setembro de 2001, e propor nova regulamentação ao reconhecimento, delimitação, demarcação, titulação, registro imobiliário das terras remanescentes de Quilombos e dá outras providências.

Lei n.º 10.683, de 28 de maio de 2003

Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências.

Decreto Nº 4.886, de 20 de novembro de 2003: Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial – PNPIR e dá outras providências.

Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003:

Art. 2 - Consideram-se remanescentes das comunidades dos Quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. § 1 - Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos Quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

<p>Convenção 169 da OIT (Dec. 5051/2004): Direito à autodeterminação de Povos e Comunidades Tradicionais.</p>
<p>Portaria FCP n.º 6, de 1º de março de 2004 Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades de Quilombos da Fundação Cultural Palmares.</p>
<p>Instrução Normativa Incra nº 16, de 24 de março de 2004 Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos Quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.</p>
<p>Decreto Nº 5051 de 19 de abril de 2004: Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT - Povos Indígenas e Tribais.</p>
<p>Decreto Nº 5.520, de 24 de agosto de 2005: Institui o Sistema Federal de Cultura e dispõe sobre o Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura.</p>
<p>Instrução Normativa Incra n.º 20, de 19 de setembro de 2005 Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desinversão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos Quilombos de que tratam o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.</p>
<p>Resolução FNDE n.º 09, de 28 de março de 2006 Estabelece as orientações e diretrizes para assistência financeira suplementar aos projetos educacionais, no âmbito do Ensino Fundamental, em áreas remanescentes de Quilombos, para o ano de 2006.</p>
<p>Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007: Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Art. 3 -I-Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;</p>
<p>Ato Regimental da AGU de nº 7, de 11 outubro de 2007 Entre outras determinações, este ato regimental confere a atribuição ao Departamento de Patrimônio Público e Probidade Administrativa a atuação em ações desapropriatórias, possessórias, reivindicatórias de titulação de áreas de remanescentes de Quilombos (art. 8º, inciso III, alínea c).</p>

Decreto nº 6261, de 20 de novembro de 2007: Dispõe a gestão integrada para o desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola.

Portaria Fundação Cultural Palmares nº 98 de 26 de novembro de 2007: Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da FCP, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras.
Art. 1 - Instituir o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres, para efeito do regulamento que dispõe o Decreto nº 4.887/03.

Decreto Nº 6.853, de 15 de maio de 2009: Aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas da Fundação Cultural Palmares – FCP, e dá outras providências.

Instrução normativa INCRA nº 57, de 20 de outubro de 2009: Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desinversão, titulação e registro das terras

Art. 1 - Estabelecer procedimentos do processo administrativo para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desinversão, titulação e registro das terras ocupadas pelos RCQ.

Lei Nº 12.214, de 26 de janeiro de 2010: Estima a receita e fixa a despesa da União para o exercício financeiro de 2010.

Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010: Estatuto da Igualdade Racial

Art. 39 - O poder público promoverá ações que assegurem a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para a população negra, inclusive mediante a implementação de medidas visando à promoção da igualdade nas contratações do setor público e o incentivo à adoção de medidas nas empresas e organizações privadas.

Fonte: http://www.palmares.gov.br/?page_id=106. Acesso em: 21 jan 2018.

Adaptação da autora, 2018.

Atenho-me ao que afirma a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988), sob o artigo 215, “garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988, p.01) e sob o artigo 216, em que “Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências¹⁹⁰ históricas dos antigos Quilombos.” (BRASIL, 1988, p. 01), portanto, os direitos Quilombolas adquirem uma significação atualizada e estariam mais que assegurados, evidente se não fosse pelas forças ocultas do poder e do interesse (ou desinteresse) político.

Nesse sentido, o artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 (ADCT) leia-se: “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecido a propriedade definitiva, **devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.**” (BRASIL, 1988, p.01)¹⁹¹, estaria a Constituição de 1988, cem anos após a mentira da ‘abolição da escravatura’, a garantir não somente as terras ocupadas pelas comunidades remanescentes Quilombola, mas assegurar a potencialidade de o grupo não desaparecer, visto que o artigo assegura a sobrevivência do grupo e não o seu etnocídio e epistemicídio? Porque é evidente que, na realidade, essa proteção jurídica está longe de ser efetivada... Aqui, o artigo 68, entrelaça-se ao que diz o art. 1º, inciso III, que assegura a “a dignidade da pessoa humana”, portanto, resguardar a identidade cultural e étnica dos Quilombolas, suas terras e a forma de comprovação desse direito não está dissociado da dignidade humana. Nesse pensar, ao que se refere ao direito e lutas Quilombolas, questiono o que é conferido ao Estado, o que de verdade é observado: o respeito e não a violação do direito? A promoção de que **todas** as pessoas usufruam o direito; a proteção de não permitir que os direitos sejam violados? O que de fato acontece por vias jurídicas, efetivamente? (LUCENA, 2014)¹⁹². E ainda, a pensar na legislação que seria para assegurar direitos, retomo o decreto nº. 6.040, de fevereiro de 2007, no artigo 3, segundo parágrafo, no que infere acerca do povo negro e sua cultura:

¹⁹⁰ Lembrando que, “Reminiscências são saberes inatos, são conhecimentos tradicionais transmitidos pelas gerações, que podem se expressar em tradições, coisas e lugares que a comunidade reconhece como parte integrante da sua história.” (BEDESCHI; ZANCHETTA, 2008, p. 26)

* Luciana BEDESCHI, brasileira, integra o Laboratório de Justiça Territorial- LabJuTa da Universidade Federal do ABC UFABC. Desenvolve pesquisa sobre a questão urbana, regularização fundiária e os conflitos fundiários urbanos nas áreas do Direito Público.

*Maria Inês ZANCHETTA, brasileira, jornalista, tem participações no Instituto Socioambiental (ISA) trabalha com o tema povos indígenas.

¹⁹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 jan 2018.

¹⁹² Danielle Cabral de LUCENA, brasileira, procuradora federal da Advocacia Geral da União (AGU) com atuação na PFE/Incrá.

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos **povos indígenas e Quilombolas**, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações.¹⁹³ (grifos meus)

Fico a pensar no que significa a indicação do decreto de apenas territórios Quilombolas (não estou a pensar nos territórios indígenas, embora isso seja uma boa conversa), considerando a amplitude dos territórios negros, sejam eles rurais ou urbanos, e que não estão contemplados na definição de Quilombolas, mas são tradicionais na medida que guardam saberes culturais e locais, ou seja, há de se rever o conceito de territórios tradicionais, pois creio que uma parte da população ainda segue em invisibilidades.

Então, e diante de um longo caminho da titulação, elejo um quadro nada promissor neste processo das etapas do procedimento de regularização dos territórios de Quilombos previstas pelo Decreto n.º 4887/2003¹⁹⁴:

¹⁹³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 11 nov 2018.

¹⁹⁴ Lembrando:

Decreto n.º 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos Quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm. Acesso em: 12 dez 2019.

Quadro 11: etapas do procedimento de regularização dos territórios de Quilombos

ETAPA	DESCRIÇÃO
1ª etapa Início do procedimento	Procedimento de regularização do território por iniciativa do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), ou por requerimento de qualquer interessado, entidade ou associação representativa Quilombola
2ª etapa Autodefinição da comunidade	Declaração de auto-definição-remanescente de comunidade de Quilombos
3ª etapa Inscrição da declaração de autodefinição	Inscrição da autodefinição no Cadastro Geral junto à Fundação Cultural Palmares que expedirá a certidão de registro
4ª etapa Identificação e delimitação do território pelo INCRA	Reuniões do grupo técnico interdisciplinar do INCRA e comunidade para apresentação do trabalho e procedimentos a serem adotados Elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) das terras com base em estudos técnicos, para caracterização espacial, econômica e sociocultural do território, composto das seguintes peças: i)relatório antropológico; ii)planta e memorial descritivo; iii)cadastro das famílias; iv)cadastro dos demais ocupantes e detentores de títulos de domínio; v)levantamento da cadeia dominial do título de domínio; vi)especificação de sobreposição de áreas de Quilombos sobre unidades de conservação, áreas de segurança nacional, áreas de faixa de fronteiras ou situadas em terras de marinha e em terras de estados e municípios; vii) parecer conclusivo da área técnica sobre a legitimidade da proposta de território e adequação dos estudos
5ª etapa Publicação do RTID	Publicação do resumo do RTID no DOU e do estado no qual se localiza o território
6ª etapa Notificação dos interessados	Notificação dos ocupantes do território a ser realizada pelo INCRA sobre prazo para apresentação de contestação ao RTID
7ª etapa Apresentação de contestações	Contestação ao RTID pelos interessados no prazo de 90 dias
8ª etapa Consulta a órgãos federais	Consulta aos órgãos federais[14] para manifestarem-se concomitantemente no prazo de 30 dias sobre o RTID
9ª etapa Julgamento das contestações	Julgamento das contestações ao RTID pelo Comitê de Decisão Regional do INCRA
10ª etapa Publicação de aprovação definitiva do RTID	Publicação de portaria de aprovação definitiva do RTID pelo INCRA que reconhecerá e declarará os limites do território Quilombola a ser titulado
11ª etapa Análise da situação fundiária	Análise da situação fundiária do território pleiteado, considerando-se a possibilidade de reconhecimento da incidência dos mesmos sob áreas públicas ou privadas após o julgamento das contestações[15]
12ª etapa Procedimento desapropriatório	Realização de procedimento desapropriatório de particulares, que possuam títulos de domínio particulares válidos
13ª etapa Reassentamento dos ocupantes não Quilombolas	Reassentamento de ocupantes não Quilombolas pelo INCRA, caso preencham os requisitos da legislação agrária
14ª etapa Demarcação do território	Demarcação do território pelo INCRA
15ª etapa Concessão do título	Concessão do título de reconhecimento de domínio pelo INCRA à comunidade Quilombola, em nome da respectiva associação legalmente constituída
16ª etapa Registro do imóvel	Registro cadastral do imóvel pelo INCRA
17ª etapa Registro do título	Registro do título no Registro de Imóveis de acordo com a Lei Federal de Registros Público

Fonte: <http://www.global.org.br/blog/direito-a-terra-das-comunidades-remanescentes-de-Quilombos-o-longo-e-tortuoso-caminho-da-titulacao/>. Acesso em: 12 dez 2019.

E o que posso dizer diante os dois quadros acima? Um, indicador de proteção jurídica, o outro, etapas previstas para a titulação das terras, ambos indicativos em favor do povo Quilombola. Ledo engano, o que indicam os dois quadros é justamente uma morosidade em assegurar direitos, uma invisibilidade legitimada e que, para muitos, desconhecida. Porque há um imenso abismo entre uma comunidade receber a certificação Palmares e conquistar a titulação de sua terra. Abismo que segue a cada dia engolindo comunidades, saberes, desgastando tantas das *mais-velhas*, criando até um desesperançar nos olhos de quem só quer estar onde está: em suas terras.

E aqui, penso na invisibilidade geográfica do país em relação ao que, de fato, nos aparece como dados, números, comunidades, enfim, de qual geografia estamos a conversar? Visto que, até o momento desta escrita, os dados oficiais (evaporaram dos sites do governo) e nada se diz ao referente aos processos de titulação deste ano de 2019. Minhas buscas recaíram no, já mencionado anteriormente, Observatório Quilombola (2019), reafirmando a existência de Quilombos contemporâneos “como uma realidade latino-americana. Tais comunidades são encontradas na Colômbia, Equador, Suriname, Honduras, Belize e Nicarágua.”¹⁹⁵ E por aqui, minha conversa é numérica: o que temos de dados brasileiros de terras Quilombolas, comunidades, famílias, e também literatura Quilombola? Veja: de 1995 até 2019, temos tão somente 181 terras tituladas, dentre elas, 139 tituladas por governos estaduais, 42 tituladas pelo governo federal. E que, segundo dados de nosso desgoverno, há 3.386 comunidades Quilombolas distribuídas pelo país em todas as regiões do Sul até a Amazônia. E mais, ao considerarmos a população brasileira, o que conhecemos da população Quilombola? E se estivermos conversando acerca de superfície territorial, conhecemos os números referentes ao território brasileiro, e dentro desse número o que sabemos das terras Quilombolas, quantas famílias as formam, quem são?

¹⁹⁵ Aqui as informações foram retiradas de: <http://cpisp.org.br/direitosQuilombolas/observatorio-terras-Quilombolas/>. Acesso em: 22 dez 2019.

Quadro 12: Da invisibilidade Quilombola brasileira

Área Territorial Brasileira ¹⁹⁶	8.510.820,623 km ²
Área Territorial das Comunidades Quilombolas	Desconhecida
População Brasileira - Projeção para 2019	210.147.125 milhões
Comunidades Quilombolas Distribuídas pelo País	3.386
População no estado de Santa Catarina - projeção 2019	7.164.788
População Quilombola no estado de Santa Catarina - projeção 2019	Desconhecida
População das Comunidades Quilombola/Famílias - Projeção 2019	Desconhecida
Comunidades Quilombolas Tituladas entre 1995 e 2019 - Intervalo de 24 Anos	181
Terras Quilombolas Encontradas em Processo - Dados de 2019	1850

Fonte: IBGE - elaboração da autora, 2019.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 22 dez 2019.

Como assim “desconhecida? Estamos diante, então, de uma geografia da invisibilidade, como um país, um Brasil Africano, não conhece, não divulga, e deliberadamente esquece seus cidadãos? E por essa invisibilidade, chamo para conversar Dantas (2016)¹⁹⁷, pois,

Tal significado tem como resultado precisamente a invisibilidade que o africano tem no mundo, mas como pode ser invisibilidade se há uma visibilidade? Precisamente porque o que está visível, numa análise mais nítida, não é o africano em sua própria constituição, e sim a forma como o outro os vê e julga como eles devem ser. Isto significa que a identidade africana é, principalmente para uma sociedade eurocêntrica, reduzida a um estereótipo que contribui para o esclarecimento daquela sociedade e nunca da africana. Esse “paradoxo” é um processo de racismo epistêmico em que se movimenta através de uma legitimação identitária e retira a possibilidade reconhecer a produção “não-ocidental” de conhecimento. (p. 414)

Sinto-me numa busca de dados oficial e deparo-me com desencontro de informações em sites ditos oficiais. Não compreendo como haver dados tão precisos quando o assunto é

¹⁹⁶ Para a superfície do Brasil foi calculado o valor de 8.510.820,623 km², publicado no DOU nº 53 de 19/03/2019, conforme Resolução Nº 01, de 18 de março de 2019. Informação retirada de: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 22 dez 2019.

¹⁹⁷ Luís Thiago Freire DANTAS, brasileiro, professor, sua pesquisa decorre das discussões em: Filosofia Africana, Ensino de Filosofia, Estudos Pós-coloniais e Decoloniais e Hermenêutica.

população brasileira, e nada exatos quando se busca especificidade dessa mesma população. Fora o próprio embranquecimento de cidades e, em consequência, o desaparecimento de populações da cartografia oficial brasileira. Porque é isso: um desaparecimento das cartografias, dos livros, das pesquisas, e de si mesmo. Retomo a imagem de Odonato, em evidente processo de “transparentar-se”:

do bolso esquerdo Odonato retirou um minúsculo papel e, sob um olhar seco de despedida e ternura, escreveu umas linhas rápidas para depois se debruçar sobre si mesmo e roer com os dentes caninos o pedaço de corda que o atava ao prédio o galo viu Odonato progredir nos céus, solto, livre, abanando o corpo conforme o vento, primeiro para os lados, sobrevoando o prédio onde o galo espantado e quieto se encontrava, depois subindo repentinamente, deixando no ar, descaído como uma bola imperfeita, o amarrotado bilhete que o galo, por falta do que mais fazer, aliada a um certo apetite, debicou, abriu, e visto que a matéria empapada se revelava mole e tragável, acabou por ingerir letra por letra, palavra por palavra.
(ONDJAKI, 2013a, p. 422)

Passaram-se 48.114 dias¹⁹⁸ de um 13 de maio de 1888, e o que temos? Um país que ainda age como imperial, que simplesmente reafirma uma imagem, em relação à população de matriz africana, de ex-escravos, como fugidos do trabalho e foras da lei. Não, essa imagem segue longe da realidade, o que temos são Quilombos rurais e urbanos, que sim têm saberes ancestrais, memórias de luta, e configuram-se dentro da vida contemporânea, e por hoje a luta é por trabalho, saúde, condições dignas para se manterem onde estão. Parece-me uma falta de comprometimento político e esmagadoramente um preconceito em relação ao pensamento social presente (sim) nos desmandos judiciais.

Fico a pensar nas tantas histórias de lutas dos Quilombos deste país, mas especialmente nas tantas pessoas que, ao ouvirem falar de terras Quilombolas ainda associam terras com poder (pensar tão colonial), ou pior, indagações tão absurdas: “Mas existe Quilombo no Brasil inteiro? Não seria só em Palmares? Mas, o que eles fazem? Mas, Quilombo em Santa Catarina, não querida, você está enganada, aqui não tivemos escravidão, somos todos frutos da imigração e de trabalhadores, não temos negros aqui.” A essas indagações, e muitas outras que ouvi no período desta pesquisa, penso o que indica as pessoas não saberem da existência de Quilombos, de remanescentes, de uma parte ‘transparente’ da população, por quais cartografias (e interesses) esses números foram e estão sendo escamoteados? Por que o número real dos pertencentes à matriz africana (e afro-brasileira) estaria em manobra de transparentar-se? Pergunto acerca do que mapas, paisagens, registros fotográficos (satélite), escalas,

¹⁹⁸ Cálculo feito entre 13/05/1888 e 05/02/2020 = 131 anos, 8 meses, e 20 dias.

mapeamento, enfim, o que da geografia humana (urbana, agrária, econômica, política, cultural e demográfica) e ainda da geografia física (geomorfologia, climatologia, biogeografia, hidrogeografia e especialmente a geocartografia) contemplam questões Quilombolas? Que diriam as palavras?

Deixei longe o clarim.
Vim ouvir a alegria das rosas
Ébrias gaiivotas
Esta frescura tingindo de princípio o teu canto.

Além dos retalhos do mapa
Vim tocar as tábuas da profecia.

Acostumo-me ao perpétuo fogo
Na frente de Acra.

Que diriam as palavras

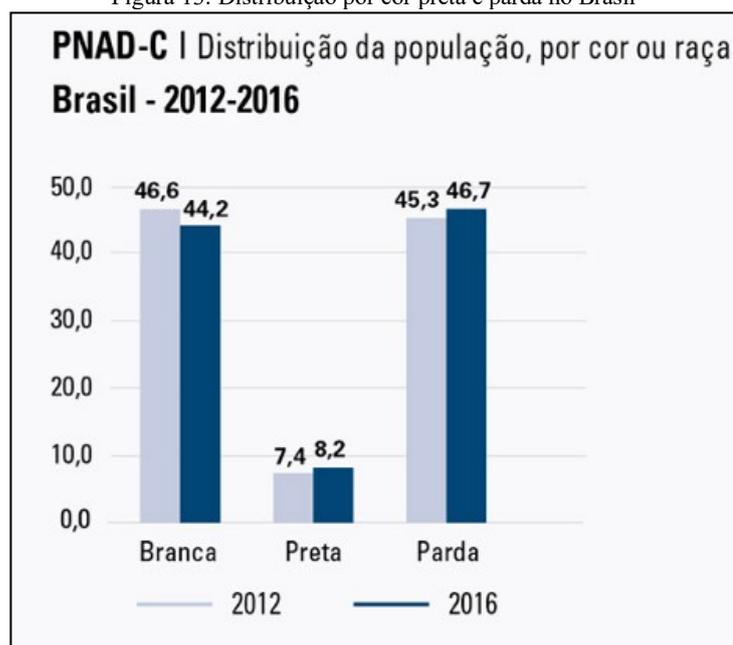
O que diriam
Sobre o árduo fulgor da tua mortalha?
(LIMA, 2011, p 65) grifos meus

O que teria a nos dizer essa questão? Afinal, diante da escassez de informações da geografia humana brasileira, venho a conversar com o geógrafo Anjos (2015) que traz a ideia de uma geografia oficial e invisível do Brasil, e ressalta que,

[...] não podemos perder de vista que a questão demográfica continua sem resposta ou representação satisfatória, pois os métodos de aferição oficial do povo brasileiro levam à subestimação do número real de cidadãos de matriz afro-brasileira no país. No primeiro censo, de 1872, a cor da pele definia lugares na sociedade colonial-imperial, em que grupo étnico e condição social eram indissociáveis. Essa herança colonialista sofreu pequenos ajustes ao longo do século XX, **mas se mantém na essência**. O método de aferição do IBGE continua agrupando os indivíduos em brancos, pretos, amarelos e pardos, considerando brancos, pretos ou amarelos os que assim se declararem e classificando os demais como pardos. (ANJOS, 2015, p. 385) grifos meus

Essa vergonhosa herança colonialista ainda se mantém, talvez com pequenos disfarces, mas ali está presente, basta olhar com mais atenção aos números:

Figura 13: Distribuição por cor preta e parda no Brasil



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 22 dez 2019.

Talvez aqui esteja o maquiamento dos números de um Brasil Africano invisível na geografia, pois o que de fato define pardo ou preto é, via Censo e a minha pergunta: quais consequências de se dizer quem é, morando em um país que em nada valorizou a cultura africana e sua contribuição para o país? Chamo Anjos (2015) para um pensar acerca do que seria esses números se, de fato, estivessem considerando os diferentes graus de ascendência africana:

Lembramos que, a “pardo”, associa-se indefinição de sua identidade, de seu lugar na sociedade e de sua referência ancestral, em suma, de sua territorialidade. [...] São milhares de homens, mulheres e crianças que sentem que ainda não têm um lugar definido na estrutura social do país. Assumindo que a população considerada “parda” nesses Censos é de fato um povo com diferentes graus de ascendência africana e indígena, fica evidente que a população brasileira com referência no continente africano não é minoria, mas maioria. (ANJOS, 2015, p. 386)

Questiono o quanto ainda não sabemos de nós mesmos, um país tão África e tão Brasil, o quanto ainda há referências, informações geográficas e históricas cuja evidência esteja em valores coloniais, e que a desinformação “da população brasileira no que se refere ao continente africano continua sendo um entrave estrutural para uma real democracia racial no país.” (ANJOS, 2015, p 387) Então, estamos a conversar, também, acerca de gestão de informação geográfica oficial, e, portanto, ao que nos revela o Censo não está somente nos números finais, mas revelam-se, ainda, na necessidade de rever os processos, e de mudança nos modos de

aferição da população. A partir desses números e do entendimento desses “truques” que abafam um Brasil real, penso na urgência da

criação das condições necessárias a um censo demográfico mais realista, que retrate melhor a diversidade étnica brasileira e, conseqüentemente, os estereótipos sobreviventes e resistentes. Esse tema é complexo, porque significa mudar os métodos de aferição da população e, por conseguinte, o registro oficial de um Brasil africano, até aqui invisível. (ANJOS, 2015, p 387)

Pergunto: diante de quais jogos e agentes estaríamos? Ainda inexplicável uma luta para se dizer quem é, herdeiras de quem, para provar reconhecimento? Não sei dizer, o que sei são das dores que sinto ao deparar com números tão irreais, com histórias de vidas tão longe e perto, tão reais, e ao mesmo tempo quase insólitas, afinal o que seria ouvir de uma *mais-velha: Filha, tem a lei, mas eu preciso provar quem eu sou, que eu já estava aqui mesmo antes de descobrirem as pedreiras, pelos meus netos*¹⁹⁹. E por ali, fiquei tomada pelo silêncio, numa conversa com os olhos. Olhei ao redor, a simplicidade da casa, a imagem de uma santa na estante, as paredes de madeira escura, o chão de madeira desgastado por tantas idas e vindas e que agora recebem as marcas da cadeira de rodas. A caneca de metal com café quente ainda rodopiava em minha mão, senti sua mão na minha, ela apertou devagarinho, não disse mais nada e nem eu. Ali, estava eu a viver o poema *Viajantes*:

Traziam poentes e estradas
A sede do horizonte os chamava.
-a quem pertence tu?
Assim estendia nossa avó
A caneca de água ao viajante.
(LIMA, 2011, p. 38)

3.1.2 Dos Quilombos em Santa Catarina e das pesquisas que dizem dos Quilombos (ou não)²⁰⁰.

Não somos um estado branco, talvez embranquecido por políticas, e com informações geográficas manipuladas sob uma lógica ainda colonial. Já conversamos acerca disso, mas como o rumo da conversa é imprevisível, volto ao assunto, e por aqui abordo uma marcação

¹⁹⁹ Avó Quilombola Dona Guida. Quilombo Morro do Boi. Agosto/2018.

²⁰⁰ Conforme relatório da Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas (DFQ) do Inbra, dos 17 processos de regularização Quilombola abertos em Santa Catarina, apenas três estão em andamento. Informações retiradas de: <https://tnsul.com/2018/destaque/mpf-trabalha-pela-regularizacao-de-17-areas-Quilombolas-em-sc/>. Acesso em: 14dez 2019.

contábil da existência de Quilombos em Santa Catarina, via informações da Fundação Palmares e, ainda, sob registros em base de dados da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) quais pesquisas tratam das questões Quilombolas relacionando-as com a literatura.

Porque já disse de um esquecimento absurdo, tanto na gestão das informações geográficas como também em outros campos. Somos uma nação negra, sem dúvida, basta olha atentamente aos números, ainda que escamoteados. E assim sendo, urge pensarmos na importância de conhecermos quem somos, onde estamos, o que estudamos e visibilizamos nas pesquisas, na contribuição das áreas. Porque não concebo esse não saber, esse desconhecer quem somos, porque nascemos de África. Concordo com Cunha Júnior (1997)²⁰¹ ao dizer que, “[...] não é possível conhecer a História do Brasil sem o conhecimento da História dos povos que deram início à nação brasileira. A exclusão da História Africana é uma, dentre as várias demonstrações do racismo brasileiro.” (p. 67)

Então, duas perguntas regeram este momento da escrita:

—e há Quilombos em Santa Catarina?

—e há pesquisa de Quilombos na ABRALIC?

3.1.2.1 *Da conversa: e há Quilombos em Santa Catarina?*

A resposta é sim. Ou talvez a melhor resposta seria: *jikula mesu* — abre os olhos!

²⁰¹ Henrique Antunes CUNHA JÚNIOR, brasileiro, nascido em 1952, escritor, professor Titular da Universidade Federal do Ceará, e envolvido na militância das causas Negras no Brasil.

Quadro 13: Certidões expedidas às CRQs - até a portaria nº 88/2019, - DOU 13/05/2019

REGIÃO	UF	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	ETAPA	PORTARIA
Sul	SC	Abdon Batista Campos Novos	Invernada Dos Negros	Certificada	04/06/2004
Sul	SC	Praia Grande Mampituba	São Roque	Certificada	10/12/2004
Sul	SC	Porto Belo	Valongo	Certificada	10/12/2004
Sul	SC	Garopaba	Morro Do Fortunato	Certificada	13/12/2006
Sul	SC	Paulo Lopes	Santa Cruz	Certificada	02/03/2007
Sul	SC	Monte Carlo	Campo Dos Poli	Certificada	02/03/2007
Sul	SC	Balneário Camboriú	Morro Do Boi	Certificada	05/05/2009
Sul	SC	Santo Amaro da Imperatriz	Tabuleiro	Certificada	05/05/2009
Sul	SC	Treze de Maio	Família Thomaz	Certificada	05/05/2009
Sul	SC	Santo Amaro da Imperatriz	Caldas Do Cubatão	Certificada	06/07/2010
Sul	SC	Garopaba	Aldeia	Certificada	27/12/2010
Sul	SC	Florianópolis	Vidal Martins	Certificada	25/10/2013
Sul	SC	Capivari de Baixo	Ilhotinha	Certificada	18/03/2014
Sul	SC	Joinville	Beco Do Caminho Curto	Certificada	10/05/2019
Sul	SC	São Francisco Do Sul	Tapera	Certificada	10/05/2019
Sul	SC	Araquari	Itapocu	Certificada	10/05/2019
Sul	SC	Araranguá	Rosalina ²⁰²	Aguardando análise técnica	

Fonte: <http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-sc-13052019.pdf>. Acesso em: 22 jul 2019.

Adaptação da autora, 2019

²⁰² A Fundação Cultural Palmares registra esta comunidade com o nome de Rosalina, mas a comunidade a identifica como Maria Rosalina.

“Tem esse nome porque são as duas senhoras mais antigas. Escolheram esse nome e tem estigma do nome, porque era considerado buraco quente, muitas brigas, guerras, muitos problemas sociais, econômicos e, por isso, muitas famílias migraram para fora do quilombo. [...]” (SANTA CATARINA, 2018, p. 38)

E diante da ideia de uma geografia do invisível, recorro as tantas pessoas que me afirmaram, com toda convicção de suas realidades, a inexistência de ‘gente do Quilombo’ em Santa Catarina. E aqui nem menciono os Quilombos urbanos, tão perto do cotidiano da capital catarinense, que permanecessem em lutas por seus direitos, nisto referencio o Quilombo do Morro da Queimada (ainda em processo de reconhecimento), e também a Comunidade Quilombola Vidal Martins. No quadro acima, assinaei os lugares pelos quais transitei, mesmo sabendo que tinha tanto a percorrer... Reflito acerca do campo Quilombola, em lutas e em afirmação das diferenças, dos direitos, assim por vezes, é um exercício que

[...] exige dos sujeitos lancem mão de múltiplas estratégias (jurídicas, burocráticas, econômicas, políticas, científicas), pois nesta luta das classificações, impõem-se relações de forças materiais e simbólicas de entre os diversos interesses em jogo. No campo Quilombola, os múltiplos interesses em jogo passam a ser mediados pelos discursos e pelas práticas dos agentes que ‘jogam’ com as classificações do que seja igualdade, diferença ou do que seja Quilombola em um processo dinâmico e racional. (SANTOS, 2014, p. 173)

E o silêncio agora me toma, chamo a Avó Agnette para me compor desse silêncio, do que vivi: “Gosto muito de ti — a Avó não falou nada e continuou a andar, mas apertou a minha mão devagarinho. — Gosto muito das nossas conversas, mesmo quando às vezes nem conseguimos dizer nada.” (ONDJAKI, 2009, p. 114)

O silêncio.

Agora sou tomada por ele, quase paralisada a pensar nas relações que percorrem este conversar, este esperar... Penso no que vi, no que pisei, na entrada de um chão (para mim sagrado): os Quilombos. Penso na menina Quilombola: *“você viu as nossas terras e a gente aqui nessa casinha, mas eu sou líder da minha turma na minha escola e vou fazer eles saberem que aquelas terras são nossas, tu quando voltar vai me ver lá, na árvore mais alta...”*²⁰³ e aqui também não tinha como dizer algo, eu só olhava aqueles olhos brilhantes e nada disse.

Ou ainda, a pensar na minha relação com o mundo, com o que ainda reverbera em mim: *“Aqui somos uma família, tios e tias de todo mundo, irmãos e irmãs, não importa o resto, aqui construímos nossa vida e aqui ficaremos. Mas vocês estão convidados a participar de nossa mesa, cada um trouxe um pouquinho de comida, e o que importa é estarmos juntos, é o que a gente partilha de verdade”*²⁰⁴. E neste momento, naquele momento, sou levada a pensar no significado de ser comunidade, nas relações que estavam naquela grande mesa de madeira (do dia da pré estreia do documentário Catumbi), entre risos e pessoas, chamo para a conversa o

²⁰³ Menina Quilombola. Quilombo Vidal Martins. Agosto/2018.

²⁰⁴ Quilombola Daniela Cristina. Quilombo Itapocu. Novembro/2018.

povo Dagara²⁰⁵, que traz a ideia de comunidade como algo essencial para a vida: “[...] é onde as pessoas se reúnem para realizarem um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras.” (SOMÉ, 2007 p. 35). A comunidade como experiência de verdade, e naquela mesa muitos não sabiam quem eu era, o que importava era um sair do lugar, um encontro outro. E por me tirar do lugar, fazer-me experiência sou tomada pelo caminho da poética da relação, a qual é conjectura, o que se faz na construção, em ecossistema: “Aquilo que, provindo de uma tradição, entra na Relação; aquilo que, defendendo uma tradição, autoriza a Relação; aquilo que, tendo abandonado ou refutado toda a tradição, funda um outro pleno-sentido da Relação; aquilo que, nascido da Relação, a contradiz e a contém.” (GLISSANT, 2011, p, 93).

As relações, o modo de lidar com a vida, minha vontade era tirar os calçados e ficar descalça, seria mais eu, de verdade. O que tenho é o tempo de agora, de madurecência, de refletir, de silêncios e de *dalonga-longa*.²⁰⁶

3.1.2.2 *Da breve conversa: e há pesquisa de Quilombos na ABRALIC?*

Penso ser de grande importância revisitar os passos, conversar com as publicações da área e, a partir disso, entrecruzar pensares. Justifico minha escolha nesse banco de dados por ser um espaço de discussões ampliado da literatura comparada pelo país e que contempla as especificidades da área, e meu vínculo com a área das literaturas, em especial, as literaturas africanas de língua portuguesa. O levantamento consta no apêndice e as conversas seguem em curso, não somente com os ‘*achadouros*’²⁰⁷ da pesquisa, mas especialmente ao que não foi encontrado, afinal as ausências também são reveladoras.

²⁰⁵ Vale dizer que,

“O povo Dagara é encontrado principalmente nos países de Gana, Costa do Marfim e Togo, na costa oeste africana. [...] Em 1882, quando o conselho europeu, na Bélgica, tentou dividir esse grande continente africano, acabou separando o povo Dagara em três nações diferentes. Algumas centenas de milhares de dagaras estão em Burkina Fasso; outras centenas de milhares, em Gana; e um número menor, na Costa do Marfim. Essa separação ocorreu como resultado da natureza arbitrária dos poderes coloniais, que não aceitavam as comunidades tribais como nações.” (SOMÉ, 2007, p. 15). Grifos meus.

* Sobonfu SOMÉ, nascida e criada em Burkina Faso, seu nome significa "A Mantenedora do Ritual", seu desenlace aconteceu em 14 de janeiro de 2017, viveu como professora e escritora, especializada em tópicos de espiritualidade.

²⁰⁶ Origem: Angola. Tradução: esperança.

²⁰⁷ Palavra emprestada das conversas poéticas com Manoel de Barros (2003),

* Manoel Wenceslau Leite de BARROS, brasileiro, nascido em 19 de dezembro de 1916, fez seu desenlace em 13 de novembro de 2014. Viveu como poeta, com ele aprendi o tempo das lesmas e das coisas de barriga no chão... Aprendi, também, a usar “a palavra para compor meus silêncios.”

A Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC²⁰⁸, criada no Brasil (Porto Alegre/RS), no ano de 1986, reúne professoras universitárias, pesquisadoras e estudiosas de Literatura Comparada em esfera nacional. Os objetivos são de promover os estudos comparatistas nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras por meio de seminários, simpósios e cursos destinados ao público acadêmico.

Tomando como suporte dados da linha do tempo apresentados no site da ABRALIC, compartilho uma breve conversa com a seleção de trabalhos²⁰⁹, com enfoques nas palavras QUILOMBO – QUILOMBOLAS – QUILOMBISMO no período entre 2004 e 2018, cujo recorte temporal incide no ano de 2004, quando se tem as primeiras certificações da Fundação Palmares em Santa Catarina, a saber: o Quilombo Invernada dos Negros e o Quilombo São Roque. E, nesse primeiro momento da pesquisa foi o que pensei ser necessário para encontrar subsídios para compreender de que modo as questões Quilombolas estariam (ou não) presentes na área da literatura comparada. E, no desejo de conversações, nesse recorte de tempo encontrei poucas pesquisas²¹⁰ que figuravam sob os descritores escolhidos.

Dentre as pesquisas encontradas, destaco, ainda, a partir da leitura integral dos trabalhos encontrados, os aspectos históricos, bem como a preocupação em visibilizar o Quilombo em sua plenitude cultural, literária e social. E aqui, a conversa teve rumo um pouco diferente de minha proposta de pesquisa (conversas com a literatura africana), mas encontrei pontos em comum no artigo, publicado na ABRALIC/2016: **Quilombismo/maroonage: revisões da escravidão e o ideal libertário na literatura negra contemporânea das Américas**²¹¹, que, teve como ancoragem a literatura brasileira, jamaicana e americana, e analisou como o ideal Quilombola é presença nessas literaturas, e ainda trouxe uma revisão da escravidão e dos personagens ali presentes. Vale dizer que: “Escritos ao longo de um período de três décadas, os romances exemplificam a persistência com que a discussão do direito à liberdade tem-se constituído em forma de exame e reavaliação crítica da história negra na América e da contribuição dessa etnia para a formação cultural do continente.” (SILVA, 2016, p. 6544)

²⁰⁸ Informações do site: <http://www.abralic.org.br/>. Acesso em: 15 jan 2018.

²⁰⁹ A autoria dos trabalhos e seus respectivos títulos estão dispostos nos apêndices.

²¹⁰ Aviso que, infelizmente, algumas informações não estiveram presentes no site de alguns eventos da ABRALIC, ficando especialmente faltando a quantidade de artigos apresentados, e ainda a ausência do evento nos anos 2009 e 2010.

²¹¹ SILVA Denise Almeida. Quilombismo/maroonage: revisões da escravidão e o ideal libertário na literatura negra contemporânea das américas. In: XV ABRALIC - Textualidades Contemporâneas – 2016. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491573372.pdf. Acesso em: 22 dez 2019.

* Denise Almeida SILVA, brasileira, professora e suas pesquisas pautam-se em identidade, minorias, memória, violência, literaturas pós-coloniais de língua inglesa, literatura brasileira (especialmente a afro-brasileira), literaturas negras anglófonas.

E ainda, uma visão bem interessante no artigo: **Quilombos editoriais**²¹², publicado na ABRALIC/2017, que trouxe um pensar acerca das publicações afro-brasileiras e o acesso e permanência no mercado editorial. Considerando uma aproximação à ideia do quanto as questões africanas e afro-brasileira estão invisibilizadas e por assim dizer compõem uma geografia do invisível. A abordagem aqui traz o conceito de lutas do Quilombo, a resistência também configurada nas lutas editoriais²¹³ dessa literatura ainda em processo de garantia de circulação, ou seja:

[...] estabelecer uma organização para se opor ao discurso dominante é um grande passo para a construção de uma comunidade, ou mesmo uma rede de sociabilidade, no sentido de criação e integração de um grupo que partilha valores culturais e estéticos. É importante ressaltar que estes valores culturais e estéticos não são os mesmos que vigoram no sistema dominante, nem os reforçam, mas são criados e mantidos dentro da perspectiva e experiência do oprimido, rompendo com “os estereótipos que o estigmatizam”. (RODRIGUES, OLIVEIRA, 2017, p. 5000)

Preocupa-me pensar no universo de trabalhos publicados e nos poucos *achadouros*, o que revelam essa relação contábil publicação e visibilidade das questões? Estaríamos diante, e novamente, de uma geografia do invisível? Diante um país tão África e tão Brasil, por que as pesquisas não contemplam a temática Quilombolas e literatura? Urge conversar acerca disso:

²¹² RODRIGUES, Fabiane Cristine; OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Quilombos editoriais. ABRALIC – congresso internacional - 2017 In: Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522244789.pdf. Acesso em: 20 dez 2019.

*Fabiane Cristine RODRIGUES; brasileira, pesquisadora e professora. Atua principalmente com os seguintes temas: literatura afro-brasileira e produção editorial.

*Luiz Henrique Silva de OLIVEIRA, brasileiro, professor, pesquisa os temas: negrismo; literatura afro-brasileira; literatura brasileira; edição, história e memória cultural.

²¹³ Ainda, em conversa com esse artigo, trago a fala de Conceição Evaristo (73 anos), em entrevista recente, acerca das publicações e Acesso em:

Minha primeira publicação acontece em São Paulo, com o grupo Quilombhoje de literatura, um grupo de escritores afro-brasileiros, homens e mulheres, que organizam a publicação para entrar no campo literário. Em 1990, aos 44 anos, tive minha primeira publicação nos Cadernos Negros. Em um ano o grupo se organiza para publicar poemas e no outro para publicar prosas. Vim a São Paulo recentemente para o lançamento do 42º caderno. Fora do Rio de Janeiro, o primeiro público que se organiza e recebe minha literatura é em São Paulo. A partir de 1990, que tenho uma relação com o grupo Quilombhoje*, isso me leva a quase todo ano vir a São Paulo. Às vezes até mais de duas vezes por ano. Ultimamente minha relação com São Paulo aumentou e se aprofundou com prêmios e exposições que ganhei na cidade.

Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-a-quest%C3%A3o-racial-n%C3%A3o-%C3%A9-para-o-negro-resolver-1.389051>. Acesso em: 23 dez 2019.

*Sugiro, ainda, uma imersão no site: <http://www.quilombhoje.com.br/site/>.

Quadro 14: artigos ABRALIC – relação publicações e temática - nas palavras QUILOMBO – QUILOMBOLAS – QUILOMBISMO

Ano	Artigos encontrados	Quantidade artigos publicados	Local/
2018	02	420	Uberlândia/MG
2017	02	697	Rio de Janeiro/RJ
2016	01	669	Rio de Janeiro/RJ
2015	02	400	Belém/PA
2014	0	Não informado	Belém/PA
2013	01	492	Campina Grande/ PB
2012	0	218	Campina Grande/PB
2011	0	Não informado	Curitiba/PR-
2008	03	Não informado	São Paulo/SP
2007	0	Não informado	São Paulo/SP
2006	0	Não informado	Rio de Janeiro/RJ
2004	0	Não informado	Porto Alegre/RS

Fonte: <http://www.abralic.org.br/>. Acesso em: 21 dez 2019. Elaboração da autora, 2019.

Confesso: no curso da pesquisa, pelos horizontes aos quais fiquei a olhar, foi necessário ampliar a conversa, porque, de certa maneira, minha conversa com os trabalhos acima foi aos poucos morrendo e me senti isolada no campo da pesquisa. Estaria mesmo sozinha na conversa que rumou para avós Quilombolas e *avós-personagens* dentro da literatura africana? Nessa geografia acadêmica, penso ser necessário, e talvez fulcral, a conversa com os caminhos metodológicos... E, assim, a busca precisou ser repensada, rever as lentes da pesquisa sob outros descritores. Uma maior aproximação, agora, com relação à presença dos: AVÓS - MAIS VELHOS - LITERATURA AFRICANA, no período entre 2004 e 2018.

E dentre os *achadouros*, dada a devida acuidade aos textos, destaco o artigo **Cecília e Carolina: A Representação das Avós em Luandino Vieira e Mia Couto**²¹⁴, publicado na ABRALIC/2015, cuja aproximação à conversa aqui proposta, já se faz presente no título, em especial no referencial das avós de Luandino Vieira e de Mia Couto. O artigo traz uma

²¹⁴ SILVA, Ana Claudia da. Cecília e Carolina: A Representação das Avós em Luandino Vieira e Mia Couto. ABRALIC 2015. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455907839.pdf. Acesso em: 19 dez 2019.

*Ana Claudia da SILVA, brasileira, professora e busca pesquisas no campo das literaturas brasileiras de fronteira, com ênfase na literatura espírita e na literatura para não adultos, estudos de formação na arte narrativa dos contadores de histórias.

aproximação com uma comunidade Quilombola, e a presença das avós nas obras dos dois autores. A conversa veio mais próxima ainda, ao deparar-me com a *Vavó Xíxi, avó-personagem* forte e determinada que percorre o conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de Luandino Vieira²¹⁵. Ressalto que nossa conversa estreita-se ao encontrar:

Nas narrativas africanas de língua portuguesa, encontramos também a presença das avós como agentes da memória cultural familiar e comunitária, bem como porta-vozes do mundo feminino, geralmente confinado ao espaço doméstico. Sua sabedoria não advém da ciência e tecnologia, mas da natureza e das tradições, isto é, do conjunto de conhecimentos e valores das culturas africanas transmitidos de geração para geração pela oralidade[...]. (SILVA, 2015, p. 02).

E, ainda, pelo conceito de morte, ou melhor, do entendimento da morte e da vida, conversa muito presente com uma das *avó-personagens* que estará em conversa mais para frente nesta escrita e já mencionada anteriormente, a Avó Catarina... Vejamos o conceito:

O conceito de ancestral minimiza o sentimento de descontinuidade da morte, afastado pela ideia de que a morte é o processo pelo qual a força vital do ser humano se desintegra e, novamente, pelos ritos funerários, se **reintegra no plano da ancestralidade; ora, a comunicação entre os ancestrais e os vivos se dá através de ritos presididos pelos mais velhos**. A eles, portanto, cabe a comunicação com os mortos, o que torna seu papel social ainda mais relevante e fundamental, visto que a incomunicabilidade como os ancestrais, ou o desrespeito a eles, pode trazer enormes prejuízos para a comunidade. (SILVA, 2015, p. 03). Grifos meus

Vale a conversação com este artigo, também pela aproximação que faz com a linguagem literária utilizada tanto por Luandino quanto por Mía Couto, evidenciando a luta de uma permanência linguística, momento forte nesse aspecto em ambas as obras.

E, ainda em conversa contábil, o mesmo ocorreu nessa busca, a relação publicação e temática. E, aqui penso na participação, publicação e visibilidade, abro para outra conversa, mas ainda conectada aos números das publicações acadêmicas... E da literatura, em âmbito Brasil, o que temos? Parece-me, ainda limitado a quem pode fazer literatura, a quem pode ser premiado, remonta aos tempos de quem pode ir aos bailes (e dançar), usar o mesmo bonde, passar pela mesma rua, em que pessoas brancas dominam pelo colonialismo, pela hierarquia, pelo poder, pela supremacia branca. Por isso, importa dizer tanto da literatura quanto dos estudos literários, afinal onde estão os lugares, as geografias invisíveis?

²¹⁵, José Luandino VIEIRA nascido José Vieira Mateus da Graça em 4 de maio de 1935, vive de ser escritor e tradutor Recebeu a nacionalidade angolana por seu envolvimento na militância da independência de Angola.

Então, a pensar nos números encontrados na ABRALIC, chamo para conversa a pesquisadora Dalcastagnè (2012)²¹⁶, que muito me amplia quando de suas pesquisas editoriais no país:

Só para citar alguns números, em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: **93,9% dos autores são brancos**. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 14) grifos meus

Acredito, portanto, ser importante pensar acerca destes números acadêmicos:

Quadro 15: artigos ABRALIC – relação publicações e temática - AVÓS - MAIS VELHOS -LITERATURA AFRICANA

ANO	ARTIGO ENCONTRADO	Local	ARTIGOS PESQUISADOS
2018	01	Brasília/DF	420
2017	Nenhum	Rio de Janeiro/ RJ	697
2016	Nenhum	Rio de Janeiro/RJ	669
2015	03	Belém/PA,	400
2014	01	Belém/PA	119
2013	05	Campina Grande/PB	492
2012	Nenhum	Campina Grande/PB	118
2011	01	Curitiba/PR	Sem informação
2008	Nenhum	São Paulo/SP	Sem informação

Fonte: <http://www.abralic.org.br/>. Acesso em: 21 dez 2019. Elaboração da autora, 2019.

Considerando os dois quadros, dentro do universo de obras de literatura africana e afro-brasileira, e ainda as tantas histórias Quilombolas existentes no país, sem contar as possíveis

²¹⁶ Regina DALCASTAGNÈ, brasileira, pesquisadora, escritora e crítica literária. Sugiro: DALCASTAGNÈ, Regina, “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n° 26, Brasília, jul.-dez. 2005, p. 13-71.

conversações com a filosofia africana que tanto oferece a pensar acerca dos saberes ancestrais, políticos, sociais, saberes acerca da vida em curso, pergunto: qual seria o motivo de tal invisibilidade acadêmica? Por quais caminhos andam as pesquisas, as conversas com as questões Quilombolas, e com a literatura africana? Estaria o conceito de Quilombo como resistência ainda em luta de acesso e publicações? Por que a disparidade numérica na relação entre a quantidade de artigos publicados e artigos encontrados pautados na temática? No mínimo há aqui uma invisibilidade, ou talvez um desconhecimento da área acerca da temática Quilombola, ou um transparentar-se...

E pelo encontrado nas buscas acadêmicas, pelas conversas com a ABRALIC (ainda que breves e escassas publicações), volto para a ideia dos acenos da outra margem, os quais nem todos conseguem vislumbrá-los... então, por agora “Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.” (COUTO, 2003, p. 15).

E seguimos entre acenos e conversas...

4 DO TEMPO DA CONVERSA: *KUKAMBULA*²¹⁷

E é no silêncio e pelo silêncio que o caminho se fez aberto. Ainda sigo, retomo os sentidos que me tiraram o chão conhecido e colocaram-me em **travessia**, em **acenos** e agora em **tempo da conversa**. Retomo os elementos Dagara (presentes no modo de ler e de caminhar por esta tese), e aprendi que sou **Fogo**. Pertença a esse elemento marcado pela data de meu nascimento, entretanto para estar completa e seguir com meu propósito de vida preciso de todos os elementos. Foi com os Dagara que conheci uma profunda conexão com o universo e que cada número carrega uma energia única e intensa. Não são meros números²¹⁸. E por esses elementos, os quais me percorrem neste e naquele agora, da entrada em terras Quilombolas, entendo que cada um nasce pertencente a um dos grupos elementais Dagara:

O elemento **terra** é responsável por nosso sentido de identidade, nosso pé no chão e nossa habilidade de apoiar e nutrir uns aos outros.

Água é paz, concentração, sabedoria e reconciliação.

Mineral ajuda-nos a lembrar nosso propósito e nos dá os meios para nos comunicar e compreender o que os outros estão dizendo.

Fogo relaciona-se com sonhar, manter nossa conexão com o ser e os ancestrais e manter nossa visão viva.

Natureza nos ajuda a ser o nosso verdadeiro ser, a passar por importantes mudanças e situações que ameaçam a vida. Traz mágica e riso. (SOMÉ, 2007, p. 23). grifos meus.

Sigo pelo elemento **Fogo**, na tentativa de manter uma conexão com o ser, em parada no tempo, em busca da palavra (também corpórea) que me permita um contar **com** as pessoas e não somente **das** pessoas, e estabeleça um entendimento de que palavras e histórias estão sempre em acorde dentro de outras tantas histórias. E aqui, em respeito ao que vivi nos Quilombos, busco um contar “não mais como uma história dos vencidos do colonialismo que demandam um reconhecimento de sua humanidade, mas como uma história de vencidos tornados vencedores de seu próprio campo.” (BIDIMA, 2002, s/p)²¹⁹

Convido para retomar alguns dos momentos de entrada, de presença e de acolhida... O Quilombo, perto e longe, está nos números, nos mapas, circula pelos marcos legais, pelos lugares de memória, empenha-se em lutas diárias para provar sua existência e permanência. Mas, o que seria pisar em terras Quilombolas, o que seria essa conexão com nossa

²¹⁷ Origem: Angola. Tradução: apanhar uma coisa em movimento

²¹⁸ A saber: “O elemento de cada pessoa é determinado pelo ano em que nasce: há anos natureza, anos água, fogo, mineral e terra. Antes de nascerem as pessoas escolhem viver em certo ano, para satisfazer o propósito de sua vida. [...] se o seu ano de nascimento terminar com zero ou cinco – ou seja, se você tiver nascido, por exemplo, em 1950 ou 1965 – você é uma pessoa terra; se terminar em um ou seis, você é um bebê água; dois ou sete, fogo; três ou oito, natureza; quatro ou nove, mineral.” (SOMÉ, 2007, p. 70).

²¹⁹ Jean-Godefroy BIDIMA, camaronês, nascido em 1958, é filósofo.

ancestralidade, com essa conversa, com o que desconheço, mas que pulsa em mim de diferentes formas? O que seria abraçar o tempo desse lugar? O tempo narrado pelas avós, avôs e também tios e tias Quilombolas, o tempo que estiveram comigo, o tempo da retomada da escrita e por si um tempo de pensar, de rever, lembrar e traduzir quem sabe o tempo na encruzilhada do sentido, capaz de levar-nos em diferentes direções... Quisera, ainda que por um breve momento, abrir **janelas no tempo**, para contar de três dias distantes no tempo e ao mesmo tempo muito dentro do tempo. Chamo para essa conversa a ancestralidade para além de um conceito ou categoria do pensar, pois

Ela se traduz numa experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram de seu útero cósmico até tornarem-se criaturas nascidas no ventre terra deste continente metafórico que produziu sua experiência histórica, e desse continente histórico que produziu suas metonímias em territórios de além-mar, sem duplicar, mas mantendo uma relação trans-histórica e trans-simbólica com os territórios para onde a sorte espalhou seus filhos. Para além do **conceito de ancestralidade, ela tornou-se uma categoria capaz de dialogar com a experiência africana em solo brasileiro** (OLIVEIRA, 2012, p. 40). grifos meus

E, portanto, ao conferir sentido às atitudes, trago a possibilidade de conversar com a experiência (minha e do outro), ou seja, uma conversa nossa... E aqui, volto para a escolha assumida nesta pesquisa: a conversação como percurso metodológico, distanciando-se das amarras da cientificidade centrada no positivismo, longe do que seria uma entrevista semiestruturada ou entrevista aberta.²²⁰ E, de nenhum modo acredito que uma substitua a outra enquanto opção metodológica, o que proponho é a conversação, a qual exige uma postura de presença e escuta, de tempo sem pressa, e de deixar-se levar ao sabor de uma conversa como se fosse a favor das águas. E sim, conversamos cotidianamente: “[...] conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas, provocativas, emotivas, alegres, tristes. [...] Conversamos enquanto estudamos, enquanto **aprendemos ensinamos**. Por que não enquanto pesquisamos? (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 25) grifos dos autores

²²⁰ “Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, toma-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas.” (MINAYO, 2001, p. 58)

* Maria Cecília de Souza MINAYO, brasileira, professora, pesquisadora e orientadora nos temas: metodologia de pesquisa social, metodologia da pesquisa social em saúde pública, violência e saúde, causas externas, violência, violência autoinfligida, saúde coletiva e saúde e sociedade.

Eis a proposta: uma pesquisa-conversa, não somente com avós Quilombolas que me cederam seu tempo (e *compartiram* suas vidas), mas também pesquisa em conversas com a história da escravidão, com as invisibilidades de uma ‘geografia do invisível’, com a literatura africana (composta por *avós-personagens* e saberes), e também uma conversa de si, afinal, em dado momento a conversa reverberava em mim. Sem a menor possibilidade de apagamento, e sim, de rever, repensar, e equilibrar as ideias. Ainda em conversação, chamo a AvóCatarina a lembrar-me de abrir e fechar janelas (talvez de casas ou do próprio tempo):

Além da avó Nhé e da tia Maria, estava também a AvóCatarina, toda vestida de preto e muito caladinha, com o lenço escuro a tapar o cabelo todo branquinho. Ela era muito calada e tinha sempre aquele hábito de passar o dia todo **a abrir e fechar as janelas** do quarto dela[...], e ia para o quarto dela ver se tinha deixado as janelas abertas, trazia mais uma roupa, um lenço, uma ideia, [...]. (ONDJAKI, 2007, p. 62). Grifos meus

*Jubidé, obidé*²²¹as janelas:

Janela 20 de maio de 2018.

O morro, a vista de uma cidade de pedra banhada pelo mar, a distância banhada pela BR101, a estrada de chão. Olho o chão, as pedras, a terra batida e a poeira deixada pela estrada²²²... Ao longe o mar, os prédios e histórias acontecendo sem saber que ali, no alto do Morro do Boi a história Quilombola resiste. O que sei do caminho é que a casa da Dona Guida beira a estrada estreita, e na dúvida paro para perguntar ao menino sentado na porta de uma das casas, e ele: “*Dona Guida*²²³ *é minha vó. Aqui mesmo moça, só entrar.*”

Entrei, a casa estava cheia de visitas, tinha uma simplicidade nas paredes, no assoalho de madeira, na imagem da santa ao lado da cama. Era uma sala onde a conversa corria solta, como acontece (depois que fiquei sabendo) nas tardes de domingo. Busco encontrar a Sueli, filha de Dona Guida e minha anfitriã. Não, ela não estava, chegaria mais tarde e eu precisava seguir com as apresentações...

Sentei-me ao lado da Dona Guida, que estava sentada na cama e enrolada com uma coberta feita de crochê colorido (lembrou-me as avós que não conheci), do outro lado da sala a cadeira de rodas e o meu pensamento de como lidar com uma cadeirante em uma casa tão pequena.

²²¹ Origem: Guiné-Bissau. Tradução: olha, ouve as janelas.

²²² Meu afeto aos parceiros de vida, Cesar e Pedro Santos, que me levaram até a Dona Guida, pacientemente esperaram minha saída e que no caminho de volta para casa também pacientemente me ouviram, pois eu explodia de tanto falar do vivido naquele fim de tarde de domingo.

²²³ Avó Quilombola Margarida Jorge Leodoro

Pela casa, corriam crianças: “*todos netos, uns emprestados do coração, eles tão sempre aqui.*” E aos poucos, eu já tinha sido inserida nas conversas soltas e também nas risadas.

O cabelo branco, fala pouca, olhar atento aos meus movimentos e as mãos com belos anéis. Essa é a Dona Guida, matriarca da família e presente nas falas do filho²²⁴ e da filha²²⁵ que contavam a história do lugar, das pedreiras, do perigo das explosões da BR 101, da luta e da peculiaridade daquele lugar (nem todos ali do morro, mesmo sendo parentes, não se reconheciam remanescentes Quilombolas). E, “*a mãe que ensinou a gente a ficar de pé, foi ela que disse que somos Quilombolas, e a gente luta por ela também.*” Essa presença, marcada pela fala do filho também me marca, e naquele momento eu estava tão encantada pelas histórias, emendadas pelas memórias dos que ali estavam, que nem notei ela pedir uma caneca de café para mim.

A caneca de metal segurava o calor do café (ainda posso sentir o cheiro) e ela me olhava: “*gostou filha, é sem açúcar.*” E foi perdida nesse olhar que senti sua mão na minha, e ficamos assim, de mãos dadas e ouvindo as conversas, naquele momento era como se fosse uma conversa silenciosa, e às vezes, ela de leve apertava meus dedos nos dela, como se dissesse: isso é importante. Ficamos sem nada dizer, em um silêncio único, inexplicável, só o silêncio.

Kikatamuene²²⁶ na minha mão. Fecha a janela.

Janela: 19 de agosto de 2018.

Era domingo, a cidade vazia tremia ao vento sul que varria o terminal central de ônibus – (TICEN - plataforma A), e ali alguns transitavam apressados em busca de lugar nas filas, a espera de seus ônibus, à espera do destino dominical, e como não era verão supus que a praia não seria o destino final dos que ali esperavam comigo na fila. Eu seguia no meu segundo ônibus, ainda faltavam mais dois para chegar ao meu destino. Durante o caminho, não sei dizer da vazão de pensamentos que me assomavam, sei da sensação do desconhecido e também de uma força que me empurrava mais rápido que o rodar dos pneus na rodovia. Desci uns dois pontos antes, precisava andar, pisar no estreito acostamento da rodovia, sentir o lugar.

Caminhei uns 20 metros, o vento ainda varria a areia fina, e somente eu seguia naquele início de tarde. Cheguei a uma viela (pequenas casas uma do lado da outra dividiam um pequeno espaço de terra), que quase desaparecia entre casas vizinhas e bem ‘aparadas’. Chamei, fui atendida e dali começou uma conversa acerca das lutas e poucas conquistas. Uma acolhida entre

²²⁴ Quilombola Altair Almiro Leodoro

²²⁵ Quilombola Sueli Marlete Leodoro.

²²⁶ Origem: Angola. Tradução: aquela mão.

olhares desconfiados e ao mesmo tempo muito hospitaleiros, atravessamos a rodovia, passamos por uma viela e para minha surpresa ali estava a Lagoa da Conceição²²⁷, longe das famosas rendeiras e muito perto de uma história que eu desconhecia por completo. Ali o vento virou brisa, e sacudia de leve as águas. Sentada diante da avó Jucélia, conheci pedaços de vidas entrelaçados por rendas de bilro (vindas das mãos escravas e feitas com espinhos) e na sua sabedoria diz: *“se você quer mesmo conhecer nossa história, precisa primeiro pisar em nossas terras ancestrais, só sentindo para entendê...”* Olhou para a filha e a sobrinha que nos acompanhavam, e disse somente: *“vão!”* E pelas mãos das duas, fui levada para conhecer as terras Quilombolas, distantes dali alguns quilômetros. Caminhávamos, as três mulheres, na beira do asfalto, no acostamento estreito. Seguíamos em fila indiana e em silêncio, uma composição de tempo, pensamento e passos firmes. Entramos nas terras que vigoram em processo de titulação, e algo me tomou por completo. Sem entender, chorei. Algo ali tomava uma proporção maior do que eu imaginaria, as duas contavam o que ali existia, pisávamos no que tinha sido a senzala, o cemitério, da vida que ali existira e também das mortes. E, quando me viram em lágrimas, pararam de falar. E uma delas disse: *“Veja ela sentiu, ela sabe da ancestralidade, ela de algum jeito já teve aqui.”*

Depois de conversas e lágrimas, voltamos para a casa da avó Jucélia, que nos esperava na porta da sua casa e me convida para entrar: *“Venha, entra aqui. Eu nunca deixo ninguém entrar na minha casa, é muito pequena e apertada, mas fiquei de olho em ti a tarde toda, e vi que és da nossa gente. Quero te mostrar a minha arte.”* E ela me mostra sua renda de bilro, um pássaro azul. E eu, tomada pela emoção só sabia agradecer por tudo que tinha vivido. Ela pega em minhas mãos e diz: *“quando você voltar, no tempo que for, vou pegar nas tuas mãos e te ensinar a renda de bilro”*

Djuntamon!²²⁸ Fecha a janela.

Janela: 06 de outubro de 2018 – 16h

O céu era de um azul de tarde de sábado. Era primavera, as flores já estavam prontas para se mostrar e uma brisa desmanchava meus cabelos. Ao lado, a rodovia movimentava-se apressada sem saber que dali eu a via entre caminhões e carros, mas ela (a rodovia) nem imaginava que ali resistia um Quilombo. E de outro lado, sem que eu pudesse ver, corria com força o rio para o mar.

²²⁷ Lagoa da Conceição, laguna brasileira localizada na Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis/SC. Possui uma Área total de 55,28 km². Suas coordenadas: 27°33'38”S, 48°27'13”O

²²⁸ Origem: Guiné-Bissau. Tradução: juntar as mãos, unir-se em torno de um objetivo.

Faltava pouco para às 16h, era dia de pré-estreia²²⁹, e a comunidade, em poucos minutos, logo estaria ali. A Igreja de paredes azuis convidava: entre. O silêncio esperava minha entrada, bancos de madeira, e ele, o silêncio era de uma fundação desde 1854. Fiquei algum tempo ali, em frente ao altar, em respeito a um sincretismo religioso que eu desconhecia e que muito move as histórias daquele lugar.

As pessoas começaram a chegar e a se acomodar no salão de festas ao lado da Igreja, e entre cadeiras de plástico e bancos de madeira, a comunidade mostrava um misto de alegria e ansiedade. As janelas, cerradas com *tnt*, ao longe o som dos caminhões da BR, e ali dentro num telão improvisado, o curta Itapocu começava a rodar... Era um rio, em meio a uma neblina era rasgado por um senhor remando firmemente numa canoa. Lembrei do avô de Nas Águas do Tempo (COUTO, 2012), lembrei do avô Mariano (Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra), do chefe Bi em seu barco a motor passando pela ponte de Florianópolis, lembrei das tantas travessias de tantas águas... E o curta, segue contando uma história viva, na qual eu era Gharibuu²³⁰, mas para quem ali estava era a própria história. E de tão pulsante, ao ouvir aquela comunidade cantando junto com o filme as cantorias do Catumbi²³¹, não aguentei, chorei.

E a exibição termina. Tio Risca, o senhor que rasgava o rio no início, toma a palavra. Agradece a presença da comunidade e das visitas, fala da tradição do Catumbi, e de que especialmente: “*aqui estamos e aqui permaneceremos fortes e sorrindo*”. Lembrei do avô Mariano: “Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e deságua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida.” (COUTO, 2003, p. 89)

Toma a palavra Daniela, e fala da força de estar: “*nossa força se faz na comunidade, entre tios, tias, avôs e avós, somos todos parentes, e aqui convido para partilhar o que cada um trouxe. Somos família.*” E a mesa era farta, a risada, as conversas, e eu, pelas mãos de Daniela fui apresentada, e quando vi, estava já circulando sozinha entre as pessoas, algumas conhecidas de outras estradas da Educação e outras fazendo-se presentes na minha história pela primeira vez... o que faz conversar com a poeisa de Conceição:

Este lugar é a minha casa, não tenho outra.
Esta casa é o meu lugar, não quero outro.
Ainda que o ventre da infância reconvoque outro exílio.
Mesmo se a angústia das mães antecipa a aurora.
Por isso trouxe ao teu jardim o odor do sal, a raiz do mar [que bordeja o baobá].
(LIMA, 2011, p. 41)

²²⁹ Como já mencionado, sugiro o curta-metragem Itapocu dirigido por André Senna.

²³⁰ Origem: Quênia-Tanzânia. Tradução: estranha, visita.

²³¹ Manifestação cultural presente no Quilombo Itapocu, a qual conversaremos adiante.

De longe Daniela olhava e sorria, como quem diz: estás em casa. E sim, eu estava: em casa, ou melhor, precisava entender o que avô Mariano já me dizia muito antes de eu pisar no Quilombo: “Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si.” (COUTO, 2003, p. 19). E o tempo escoou pelas mãos, era hora de partir, de agradecer²³² e seguir pela BR 101. Deixaria para trás algo corpóreo, de profundo afeto. Tinha a promessa de voltar e de ficar entre eles. Fiquei²³³.

Mandjuandades²³⁴ do Itapocu.

Fecha a janela.

É pelo **xaxualhar**²³⁵ de tantos saberes e das conversas que aqui se abre um conversar entre a literatura com *avós-personagens* e avós Quilombolas, que me deixaram saberes da vida, do tempo, da memória, de ser e estar.

Começo a dizer que conversar coloca-nos em desalinho, assumir uma conversa sem a certeza de seu rumo pode parecer fácil, mas não o é. Trago, mais uma vez a poesia que agora me coloca em conversa e tenho urgência em dizer, em falar do mar, que também esteve em conversa por aqui: “Trespasar é a sina dos que amam o mar”, único verso que compõe ‘Fronteira’” (LIMA, 2011, p. 44). Porque me parece a palavra trespasar é pura conversação, e assumir essa conversação entre *avós-personagens* e avós Quilombolas²³⁶, é um ato de exposição ao que não sei dizer, ao que não posso dizer, mas especialmente formas de expor, de também

²³² E por aqui, meu afeto a Rose Nazário, parceira que me levou ao Quilombo e partilhou comigo o vivido naquela tarde de sábado.

²³³ Tempos depois nos encontramos novamente, agora em Florianópolis/SC, na mesa de um restaurante, em plena formação continuada da rede de ensino do estado. Era dia de ajustar datas e receber minha autorização de entrada no Quilombo. Lá estavam Daniela Cristina Borba e Alessandra Cristina Bernardino (um encontro de Cristinas). Era o momento do intervalo, elas estavam envolvidas na Proposta Curricular Quilombola, e cederam seu tempo para conversarmos sobre a entrada no Quilombo. Elas, meninas Quilombolas, estavam dispostas a permitir minha entrada em seu território, e muito mais: em suas casas. Afinal Dani, é neta de Vó Dica, e Ale, filha de Tio Risca, sujeitos de intensa presença nesta tese.

Dani seguia com a agenda, na tentativa de me trazer o mais breve possível, tinha receio de perder meus prazos. Ale, preocupava-se com o modo de acessar as pessoas, e deu a ideia de cartas, recados que poderiam deixar, ali percebi que pensávamos juntas, não somente quanto ao tempo de permanência e entrada, mas também o modo como as conversas poderiam iniciar. E a conexão se fez: As cartas do avô-personagem VôDitoMariano se fariam presentes, em composição de saberes...

Saí dali pensando na construção da pesquisa, não sabia o que teria pela frente, só uma certeza: não estaria sozinha. Na memória ainda a frase: Bel o nosso povo te recebe, você não vai ficar na mão, nunca!

²³⁴ Origem: Guiné-Bissau. Tradução: coletividade, grupos de convivência de pessoas da mesma geração, geradores de grande solidariedade, expressa na participação colectiva em cerimónias que respeitem a qualquer um dos seus membros.

²³⁵ Origem: Angola. Tradução: sussurrar do vento nas folhas.

²³⁶ Foram 66 áudios (Quilombo Itapocu/SC) com as conversas dos Quilombolas: Antônio Ana de Jesus (tio Coen), Antônio Bernardino Filho (Tio Risca), Balbina da Conceição Catarina, Ladi Maria de Jesus (Tia Ladi), Maria de Borba Marcelino (vó Dica). E ainda a participação da Quilombola, minha anfitriã: Daniela Cristina Borba.

me expor. E, ainda de coragem, de acreditar na possibilidade de dizer de si, e do estranhamento causado pela proposta de ser uma conversa²³⁷, o significado de ofertar o tempo para escuta.

Penso na Tia Ladi²³⁸, de corpo miúdo, olhos curiosos, fala mansa, e na sua preocupação em ‘acertas as respostas’:

B: Não, não precisa se preocupar! É só uma conversa! Mas que a tia tava tensa no começo tava, né, tia? A tia tava que nem me olhava.

TL: A gente é assim mesmo, eu sou tímida mesmo, não sou muito de, sabe, ser entrevistada... Fora as pessoas que eu conheço bem. Agora já te conheço. Mas a gente fica um pouco tensa no começo mesmo.

B: E fica mais ainda por causa do gravador, dá um nervoso.

TL: Não, por causa de não saber das respostas

TL: Ah, eu sou assim mesmo não sou muito de conversar. Me dou com todo mundo, todo mundo gosta de mim, mas eu toda vida fui assim tímida, **mas agora entendi o que tu quer: só me ouvir.**

E a preocupação também esteve com o Tio Coen, homem forte de sorriso lindo. Ele, companheiro de Tia Ladi, estava todo alinhado (*ué não ia me filmar?*), mas com manifesto receio das respostas certas:

TC: Tá, a mulher (Tia Ladi) passou no teste? Acertou tudo? (risos)

B: Não, o teste eu vou dar só amanhã, as notas dos dois (risos). O senhor tá nervoso? De passar na prova? (risos)

TC: Tô, não sei se sei respondê as coisa. O que tu vai pensá?

²³⁷ Anuncio minha escolha gráfica: ao conceber a linguagem como um instrumento humano o qual possibilita que a expressão de uma mesma ideia possa se dar de diferentes formas, nesta pesquisa a transcrição das conversas se constituiu em uma reprodução total do documento-gravação em um documento-material escrito, o qual buscou configurar concordância entre os ditos, os não-ditos e o registrado/transcrito, na busca por assegurar a vivacidade do momento vivido, evitando a *mutilação das informações* (MANZINI, 2006). Assim, as conversas estarão indicadas em sua plena essência, sem alterações ortográficas, sem considerar determinadas regras gramaticais, assegurando o formato original das manifestações linguísticas de acordo com as pronúncias das avós quilombolas. Isso porque acredito no falar das pessoas, na imersão do uso da língua, mesmo ciente de que “o vivido é irrecuperável em sua total vivacidade”. (QUEIROZ, 1993, p. 85).

E, ainda, estarão indicadas em recuo de citação longa, porém em itálico, cujos nomes seguem em iniciais:

B – Bel Gomes (eu)

D – Daniela Cristina Borba

DG – Dona Guida – (Margarida Leopoldo) - Quilombo Morro do Boi.

TB – Tia Balbina (Balbina da Conceição Catarina)

TC – Tio Coen (Antônio Ana de Jesus)

TL – Tia Ladi (Ladi Maria de Jesus)

TR – Tio Risca (Antônio Bernardino Filho) sobrinho de Tia Balbina

VD – Vó Dica (Maria de Borba Marcelino)

²³⁸ Não posso deixar de registrar a timidez e cumplicidade de Tia Ladi... Tempos depois das conversas, voltei ao Quilombo, o quintal estava cheio, era domingo, dia de encontros. Fui até sua casa, e ela: você veio sozinha? Respondi que estava com meu companheiro e meu filho. Ela ajeitou os cabelos e disse: quero conhecer tua família. Saímos de braços dados até a casa da Vó Dica, e lá estavam sobrinhos e visitas. Ela com voz bem firme: Essa menina conversou comigo pro trabalho dela na faculdade. E diante o espanto de todos, ela sorria pra mim, em cumplicidade. Naquele momento, sabia de nossos segredos e do quanto ela vencia a timidez.

B: Então, tio, eu vim aqui pra gente conversar um pouquinho. O senhor senta mais pertinho de mim, aqui. Não tem resposta porque não tem pergunta, é só prosa, como se diz aqui. A Vó Dica me disse **que quando a gente conversa, a gente vive.**

E ainda, o que seria conversar, assim sem perguntas e respostas? Penso na reação do Tio Risca, homem de voz muito doce, em sua varada com a fresca da manhã (*é dia de luz, minha filha*):

B: Então, Tio Risca. Ontem eu já fiquei toda emocionada porque eu conversei com a vó Dica, ela estava na varanda já me cumprimentou de manhã e eu já tava chorando, agora vem o senhor com esse abraço de pai...

TR: Filha, a gente sabia que tu vinha, e a Dica sabe das coisa, ela é gente boa.

B: Então, tio, na verdade, só vim conversar, não é uma entrevista. Quero saber o que tu quiser me contar.

TR: Pois é, mas por exemplo, oh Dani, o que que ela quer saber, por exemplo? Assim, eu já vou dizendo as resposta.²³⁹

B: Tio, vou te explicar. Assim, ó, o meu trabalho fala de avós e avós. E a ideia é conversar, o que o senhor quiser falar, sobre a sua infância, a vida aqui, não sei, o senhor que comanda a conversa, eu só quero te ouvir. É uma conversa, assim: é o que o senhor queira me contar.

TR: O que eu quiser? (sorria) Entendi.

E por aqui, também retomo a reação da Tia Balbina, ao me receber, em sua casa de madeira, em meio a um gramado de um verde vivo, parecia sair de dentro de um quadro: a casa de madeira pintada, impecável, o gramado em todo o quintal, e lá estava ela: mulher alta, esguia, e de cabelos muito brancos. Da cerca vizinha estava o Tio Risca, que dizia: *a menina chegou tia, ela só veio pra conversar. Eu já conversei com ela, ela veio nos ouvir*". Entrei, logo a Tia Balbina me colocou na mesa de sua cozinha de ladrilhos coloridos, e Dani a me acompanhar trazia a segurança que eu tanto precisava: *tia, é minha amiga, pode confiar, ela não veio bisbilhotar, só quer conversar com a gente, com a tia.* E pela palavra conversar, pareceu-me que Tia Balbina abriu um universo diante de mim:

TB: *É conversa mesmo? De qualquer coisa?*

B: *Sim, é isso, só quero ouvir a senhora.*

TB: *Vem menina, senta aqui mesmo na cozinha, lugar quente.*

B: *Oi Tia Balbina, posso chamar de tia?*

TB: *Claro, neh, veio com a Dani, é também sobrinha. Até eu acho um respeito muito grande. Hoje em dia, as crianças não querem mais atender assim, né...*

B: *A senhora nasceu e se criou aqui?*

TB: *Toda vida. E tamo aqui ainda, graças a Deus. E peço a Deus que todas as pessoas durem o tanto que eu tô durando, né, tudo na santa paz. To com essas meninas aí, são meio parente minhas...*

B: *É, eu acho que todo mundo é parente da senhora aqui, né?*

TB: *Tudo né. (risos)*

²³⁹ Fico a pensar naquele momento, em minha tentativa de desatrelar das modalidades estruturadas academicista, lá estava o Tio Risca a colocar-me no campo da entrevista e a colocar-me, em certa medida, a indicar o rumo da conversa... Penso nos estranhos sabores da pesquisa, de estar disposta a uma conversa...

*B: A Tia Balbina tá com quantos anos, tia?*²⁴⁰

TB: Cento e poucos.

B: Cento e poucos... Quanto será que é esse "poucos"? (RISOS)

TB: Ah, eu já tô velha, já... mas ainda dá pra conversá.

Então, o que o conversar provoca? É estar em conexão profunda e para essa compreensão trago Sodré (2018), ao me dizer: “vincular-se (diferentemente de apenas relacionar-se)   muito mais do que um mero processo interativo, porque pressupõe a inser o e existencial do indivíduo [...]” (p. 125) Assim, sigo em vínculo e mergulho (de profundidade e extensão).

E também, nas conversas aqui vividas, em processo de maturar(se), e para isso tempo e encantamento são convocados. Porque mesmo diante do incerto da conversa, esta se produz como experiência, como um encantar-se, e foi assim que estive: *filha, a vida   encantada!   atitude.*²⁴¹. O que me traz uma conversa com Oliveira (2006): “**  uma das formas culturais, e talvez uma das mais importantes, dos descendentes de africanos e indígenas. O encantamento   uma atitude frente   vida.** (p. 162) grifos meus.

Por aqui, a conversa vem sob a forma de memórias, do tempo em conversa e que ficaram povoando meus pensares. Retomo a tentativa de trazer as reverbera es que ainda estão aqui, e pulsam ao sabor da chuva da madrugada que, mais uma vez, escorre pela calha... O silêncio invade minha escrita, minhas tentativas de intercambiar palavras, estranh -las, entranh -las e senti-las, e por aqui chamo o TioRui, vizinho da AvóAgnette:

– Tio Rui, os silêncios afinal servem para quê?

– Para as pessoas estarem umas com as outras.

– Não basta estarmos sentados no mesmo lugar?

– Não. [...]   preciso olharmos para o outro. (ONDJAKI, 2012, p.63 -grifos meus)

O caminho dessas conversas, fez-se em olhares, em estar perto e não se findou nos encontros, no Quilombo, ou na literatura, bem sei que a compreensão total   inexistente nesse universo ao qual me propus navegar. Entretanto,

Isso não significa que uma conversa não possa acontecer – ou continue acontecendo - dentro de cada um dos interlocutores horas, dias, ou mesmo anos depois, pois o tempo, aos nos deslocar, nos permite não são ad-mirar o que não foi visto, mas ouvir o que foi dito, repensar o que foi dito. O tempo nos permite viver outras experiências e estas nos possibilitam retomar uma conversa antiga, com novos entendimentos, recriando **a conversa vivida em tempo** passado. (SERPA, 2018, p. 111)²⁴² sic- grifos meus

²⁴⁰ Tia Balbina está com 101 anos, oficialmente...

²⁴¹ V  Dica- av  Quilombola – Itapocu/SC

²⁴² Andréa SERPA Albuquerque, brasileira, professora Universidade Federal Fluminense, suas pesquisas envolvem Estudos do Cotidiano Escolar, com ênfase em Alfabetiza o, Avalia o, Currículo e Forma o,

A conversa vivida em um tempo outro e minha tentativa de reunir aqui os fios, melhor dizendo os rizomas pelos quais transitei. Fomos acostumados a um fazer pesquisa e um saber arbóreo, como árvores fincadas em terrenos únicos de uma única raiz, e por agora experimento um saber via diferentes rizomas de crescimento horizontal e polifórmico, que se lavram pelas fronteiras, simplesmente sob uma ideia rizomática. (DELEUZE; GUATTARI, 1995) E, por aqui, considero que, assim como as conversações, também as entrevistas, e outros modos de pesquisar, lançam-se a outros rumos e não deixam de produzir conhecimento com os sujeitos e não sobre eles. Caminhos percorridos e também compartilhados.

E seguem em ramificações, em encontros, e em direções outras... Assim, sob a ideia de uma temporalidade nagô, o que importa não são as datas dos fatos, “muito pouco o realismo obsessivo dos fatos, e sim a narrativa de uma experiência existencial veiculada por famílias, vizinhos, conhecidos, toda a gente afim a uma comunidade.” (SODRÉ, 2018, p. 115)

Quisera trazer as todas as conversações vividas para melhor “cientistar”²⁴³ minhas palavras, porém descobri uma imensa impossibilidade especialmente no que se faz experiênciarizoma. Então, a pensar que as conversas têm um ponto de começo, sem saber precisar o ponto final ou mesmo quais percursos, decidi por indicar dimensões, na tentativa de trazer um pouco do que reverberou em mim nesse tempo nos Quilombos, entre as pessoas e entre os rizomas com a literatura africana, com *avós-personagens*, enfim, em conversações. Então, pela poesia em conversa, penso que:

Hoje as palavras nada dizem de naufrágios.
Pétalas apenas
Pétalas não visíveis
Infinitas pétalas
E na ponta dos nossos dedos
O fantasma de uma doce, habitável Cidade
Suas vestes de púrpura e de lenda
Seu corpo, fruto tenaz e justa partilha.
De uma exacta metamorfose **somos testemunhas**.
(LIMA, 2011, s/p) grifos meus

Somos testemunha! E algo de *Kantayeni*²⁴⁴ faz presença no que tento trazer pelas mãos da memória, das sensações, do falado, lido, sentido, por palavras que, com certeza, não abarcarão esta experiência acerca da vida. E sozinha, não será possível, urge aqui, uma parceria, um mergulho nesta proposta, uma imersão nessas águas, as quais “De assim para sim: nesta

²⁴³ Palavra emprestada de Lino, personagem de “O convidador de pirilampos” que por muito tempo esteve em conversa comigo, especial ao ensinar acerca do brilho dos ‘perivelhos’. Sugiro a leitura! (ONDJAKI, 2018)

²⁴⁴ Origem: Malauí. Tradução: Vá e se lance ao longe

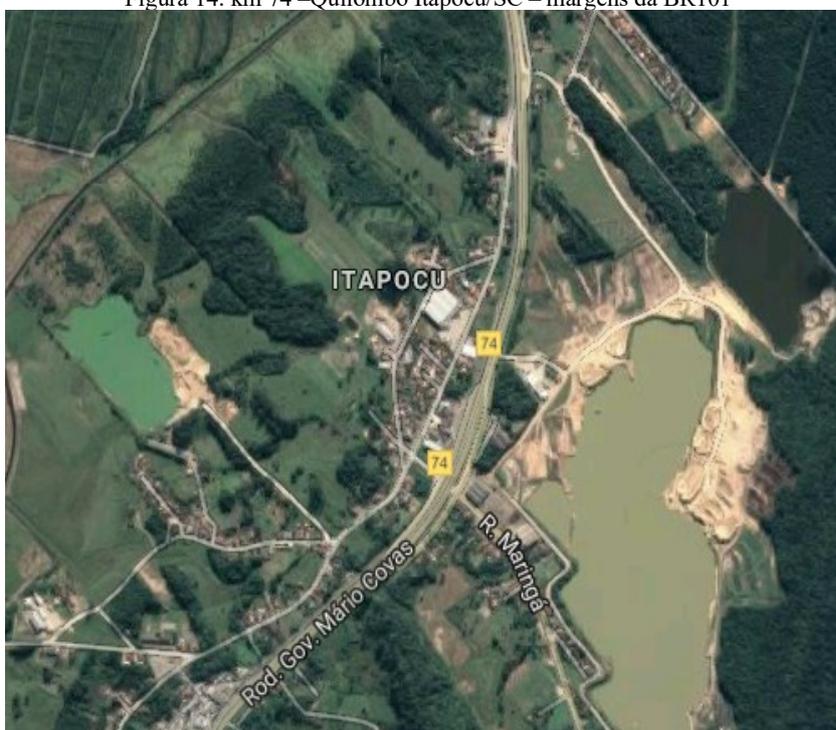
sombra que, afinal, só há dentro de si, você alcança a outra margem, além do rio, por detrás do tempo.” (COUTO, 2003, p. 89)

*Mmanga!*²⁴⁵

Aquele dia do mês de novembro, ano de 2018, amanhecia com céu limpo, ainda com uma brisa gelada, típica das seis horas da manhã. Não sabia o que esperar, na mochila, nada além do gravador, pilhas, caderno e lápis; na cabeça um emaranhado de pensamentos, que agora me parecem tão desnecessários, afinal estava eu atropelando o tempo das coisas, porque “*ele, minha filha, o tempo, sabe colocar tudo no lugar*”²⁴⁶. O ponto de encontro da carona já era meu conhecido, afinal sempre transitei de carona, entre idas e vindas pela BR 101, e essa seria aquela que me levaria ao lugar que tanto esperei entrar.

Mas naquele dia, passar pela BR 101, tinha um significado outro, longe de minhas andanças com a Brasília amarela de meu pai (nos idos da década de 1970), ou das idas e vindas nos tempos em que estive em aula por aquelas terras banhadas pelo mar. Fazia o caminho como se nunca estivesse andado por ali, talvez o medo de perder o ponto de encontro (logo depois de uma curva, km 74, mas havia tantas curvas...)

Figura 14: km 74 –Quilombo Itapocu/SC – margens da BR101



Fonte: <https://www.google.com/maps/@-26.548325,-48.7132013,2668m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 10 dez 2019.

²⁴⁵ Origem: Quênia-Tanzânia. Tradução: Faça uma jornada

²⁴⁶ Avó Jucélia Beatriz Oliveira - Quilombo Vidal Martins – Florianópolis/SC. (setembro/2018).

No carro, o motorista do aplicativo de caronas não acreditava que eu estava a ir para um Quilombo, parar num ponto da estrada e ainda por cima, sozinha. “*tem certeza de que há Quilombos por aqui?*” Sim, temos Quilombos em Santa Catarina, embora a invisibilidade de uma geografia branca e ou o imaginário colonialista mantendo o estigma de que Quilombos desapareceram com o 13 de maio de 1888.

E ali, no ponto marcado lá estava *Dani*, a Quilombola que se fez irmã, a me esperar de sorriso aberto e já pensando que eu tinha me perdido. A caminhada até sua casa, por dentro das ruas e entre as pessoas me fez sentir em casa, os cumprimentos e as apresentações: “*essa é a Bel, minha amiga, veio conversar conosco*”, tive a sensação de nunca ter saído dali, desde minha entrada quando da estreia do documentário Catumbi. Na verdade, o que viria por aqueles dias, seria ver de perto as imagens do documentário, que por si já dariam uma boa conversa. Não sei explicar, mas algo de hospitaleiro havia por ali, e ao mesmo tempo algo de reconhecimento, como se minha ancestralidade dissesse: estás em casa, em sua *Nyumba-Kaya*!²⁴⁷ O que me vem a conversa com o *avô-personagem* Mariano: “[...] a Nyumba-Kaya se ergue de encontro ao tempo. [...] E se confirma a verdade das palavras do velho Mariano: eu teria residências, sim, mas casa seria aquela única, indispensável.” (COUTO, 2003, p. 29). As casas abrem-se para conversas e pessoas, e, por assim, apresento minha tentativa de dizer das conversas que tive em direções movediças. Não foram pontos²⁴⁸, e sim dimensões:

- Pelo *ijèsà*, em ritmo sagrado
- Pelo *iwà*, em essência do ser, da partilha
- Pelo *Muene uabixila*, das infâncias
- Pelas *mukandas*, dos avós

²⁴⁷ “Chamamos-lhe Nyumba Kaya, para satisfazer familiares do Norte e do Sul. “Nyumba” é a palavra para nomear “casa” nas línguas nortenhas.” (COUTO, 2003, p. 28).

²⁴⁸ E por não serem pontos, abando aqui a numeração dos subcapítulos.

PELO *ÌJÈSÀ*, EM RITMO SAGRADO

Aqui, antes de iniciarmos essa conversa, pela dimensão do que aqui se configura, peço licença: *Mo juba/ Gbogbó àsèsè tinu ara/Bibé bibé lo bi wa*²⁴⁹

Era cedo, e o café nos esperava na mesa, início de tantas conversas. Pensava ser muito cedo e ter a todos dormindo, pura ilusão, no quintal, sem muros e com muitas casas, a vida já estava a acontecer... e na Nyumba-Kaya principal, a senhora de lenço na cabeça e olhos curiosos me esperava, sentada na varanda, em um banco de madeira. Era vó Dica que por primeiro me olhou profundamente, espreitava-me a cada gesto, e eu tomada de uma emoção não sabia explicar aquele encontro, ou seria (re)encontro? *“Filha, eu já te esperava, só precisava sentir você, pra saber se você podia entrar na minha casa. Entre, você é das nossas.”* E por essa fala lembrei a avó Jucélia (Quilombo Vidal Martins/SC), com sua também autorização para entrar em sua casa. Estava, então, autorizada a pisar, mais uma vez, numa morada Quilombola, na qual aconteceria um encontro de vozes, de histórias e também de silêncios. Percorri a casa, lentamente e cheguei na sala cujos janelões abertos traziam uma brisa de primavera. Ali, estava também uma mãe com uma criança para ser benzida. Vó Dica é uma benzedeira forte, e de um saber das ervas que só sua ancestralidade explica.

Fui convidada a ver, só ver (*não fale nada, só sinta, filha*) o rito de ‘benzidura’. Não tenho como trazer aqui as palavras que ouvi, o que sei dizer que o bebê (cerca de uns 6 meses) parou de chorar e a cada palavra olhava para vó Dica como se já se conhecessem de outras vidas... *há coisas que não podem ser repetidas*, e por aqui penso na religiosidade, ou melhor no sincretismo religioso daquela morada, lugar onde o Catumbi²⁵⁰ se faz em força, mas também as benzeduras e aparições são presença no cotidiano. E penso no quanto as intolerâncias religiosas deste país, e sob a atual conjuntura política, precisariam compreender que as manifestações religiosas, em especial as religiões afro-brasileiras e seus sincretismos, partem da experiência do sagrado e isso não se contradiz a nenhuma tradição religiosa, e sim a uma amplitude acerca das diferentes concepções de mundo e seus sagrados saberes. Porque,

²⁴⁹Tradução:

Sáudo e venero/A todas as origens do corpo comum/ Nascimento do nascimento que traz a existência. (SODRÉ, 2018, p. 89)

²⁵⁰ Ao que ouvi: surgiu em 1854, em forma de agradecimento de um livramento de escravos fugidos, regidos por Nossa Senhora do Rosário. A manifestação envolve a comunidade, é uma tradição masculina, e celebra a religiosidade e o sincretismo.

[...] não é atribuir à religiosidade um lugar superficial ou secundário, mas principalmente afirmar que o cerne da questão em jogo é a continuidade de outra forma coletiva de subjetivação, diante de um dilema histórico particular (o da diáspora escrava), para qual o fenômeno do culto é roupagem adequada. (SODRÉ, 2018, p. 90)

E, se por aqui nos empenhássemos em conversas, talvez fosse possível compreender suas especificidades religiosas como continuidade e por assim configurar uma convivência tranquila. Por que não?

Não se nega, por aqui, a presença do sagrado. Ao ver vó Dica, no rito de cura daquela criança, veio-me a imagem do orixá Nanã, ou ainda a imagem de Iemanjá, a senhora das águas, porque estava diante de uma *mais-velha* dona de uma força quase inexplicável, somente possível a dizer pelos sentidos. E a conversa seguia... Perguntei acerca de seu poder de cura, e ela olhou-me nos olhos e de voz rouca disse:

B: A senhora cuidou dele (o bebê) quanto tempo, vó? Esse pequeno?

VD: Não, esse pequeno eu não tenho memória.

B: Não, mas foi quantas benzedura que a senhora fez nele?

VD: Três. Ensinei os remédios...Febre do mau olhado, né. Porque dá febre quando é forte..., Mas o menino já tá melhor.

VD – [...] eu agradeço a Deus por esse dom que Deus me deu já ajudei muitas e muitas crianças, sabe. Já tinha muito pior, sabe? Por isso que eu peço que Deus me dê saúde, porque eu já to com essa idade... Eu vou fazer 85.

B: Oitenta e cinco, vó?

VD: É.

B: A senhora faz aniversário quando?

VD: Dia primeiro de janeiro.

B: Primeiro de janeiro? Olha! dia de homenagear Iemanjá, né, Mãe das Águas?

VD: É... E graças a Deus. Tem que ser Deus, porque senão eu não tava mais.

VD: Tem gente que vem só pra cá benzê e nem acredita. É porque agora adulto eu já não benzo mais... Eu benzo mais é criança, eu tenho pena.

A relação do sagrado, também envolve a relação com o tempo algo que se une e foge de uma marcação contábil, talvez por isso, Vó Dica não veja importância em saber por quanto tempo o bebê está em cura pelas tuas mãos. O mesmo acontece pela Tia Balbina: *Moro sozinha faz mais de 30 anos. Não tenho medo nenhum. Em mim não chega nada por perto. **Eu sei quem anda comigo.***

O sagrado envolve essas duas avós de forma significativa e em relação com o tempo e o lugar:

TB: Tem que cuidá, benzê é coisa séria, mas tem de pedir proteção. Eles pegam aquilo que eles querem, com aquela força, né... Então aí tem muito disso, né. A Dica também benzia muito bem... Não benze mais?

B: *Só criança agora, ela disse. Ela tem pena. Ontem eu cheguei lá e ela tava benzendo um bebê de arca caída. Mas eu não sei direito a oração.*

TB: *Mas nem precisa, era só pra tu vê, não fala nada.*

B: *E a tia sempre benzeu, tia?*

TB: *Toda vida*

TB: *É! Ah Bel, aqui vem gente de Blumenau, vem de Curitiba, vem de São Paulo, vem de todo lugar. se benzer.*

B: *É sempre por alguma doença ou às vezes pra pedir uma força?*

TB: *Vem atrás da cura. Se forem na Dica, no tempo que ela benzia, era atrás da cura. Mas tem uns que vem aqui e “ah, porque não veio a cura” A gente reza, mas é deus que cura. Quando deus não cura é porque não é a hora.*

B: *Tem a ver com fé, né.*

TB: *É, tem gente que vem aqui sem fé, não tem aquele ditado “Deus é quem salva”, né?*

E aqui, Vó Dica também traz seus saberes:

VD: *Eu sei o que posso fazê. Eu te levanto, um conselho uma coisa assim, vem gente de longe. É dom que Deus me deu.*

B: *É, e tá na sua mão, né...*

VD: *Nunca tomei nada de ninguém, graças a Deus. É a palavra de Deus.*

B: *E acontece né, vó... acontece. O que aconteceu ali no bebê... A senhora viu como ele olhava pra senhora? Ele sabia, né? Criança sabe, vó... Criança sabe mais do que todo mundo, eu acho.*

VD: *Claro. As criancinha quando vem aqui, a primeira coisa é me olhar. Elas sabem da verdade.*

As crianças sabem a verdade, e por aqui, chamo AvóCatarina: “— Aproveita para contar a verdade ao teu neto.[...]— A verdade, Agnette. Há que dizer a verdade às crianças.” (ONDJAKI, 2009, p. 75), a verdade, os valores, o que nos move: força e determinação. Retomo a ideia de Nanã por sua força: “Uma coisa é certa: **os olhos desta senhora impressionam pelo brilho que transcende os tempos e nos remonta aos primórdios.**” (MARTINS, 2011, p. 25-26) grifos meus. Não posso negar os relatos de fé, não importando a religião e sim a religiosidade, a fé que move um povo:

TB: *esses dias, faz tempo, tinha uma criancinha deles que botaram lá pra eu olhar. Levaram no médico e ele botou prazo: “ó, não dou mais que duas semanas pra essa criança descansar”. Aí ele disseram “ah vou levar tu lá na dona Balbina”! A mulher “deixa ele descansar!” e o pai “não!”.*

Ele chegou aqui esses tempos, dizendo “oi, Dona Balbina!” eu disse “bom dia! Quem é o senhor? Pode até ser um conhecido meu, mas eu não tô reconhecendo. Quem é o senhor?” Ele disse “eu sou aquele morto que veio trazer o vivo agora, aqui pra senhora ver”. Aí até me deu uma coisa assim... Diga quem é você! Ele disse “eu sou aquele que foi desenganado pelos médicos e diziam morto”, aí lembrei “ah, tu és aquele?” “sou eu mesmo, vim pra senhora ver”.

TB: *Ele disse: Vê o que é a fé, né, dona Balbina? Eu disse a ele que tem que ter fé, porque tem uns que vem aqui sem fé e outros vem com fé. Aquilo tudo ajuda, né.*

TB: *Entende, filha, não é só eu que benzo, é o que vem junto. É, a gente **cada um nasce com a sua força**, né...*

E do chamado a benzer? Sempre tinha sido assim, ou seria de geração? Tia Balbina me diz de forças enviadas, não era ‘*coisa aprendida*’, era para ela aceitar o chamado:

TB: Mas eu tinha um apoio que me chamava de noite, Bel... Ele me chamava de noite que eu chegava a levantar pra ver o que era e não era nada. O meu marido já sabia e era eu botar o pé no chão pra levantar, ele dizia “Balbina! Não vai abrir a porta!”. Ele já sabia o que era... Aí eu não abria e ele ia embora. Vivi anos assim, anos. Quando comecei a benzer, passou. Pra onde que vai isso que chamam? Já era isso, já era o chamado.

E a conversar acerca da força e determinação, Vó Dica fala dos ancestrais e me diz que eu precisava estar ali, naquele tempo e não em outro, e da minha conversa, eu só consegui responder: *Eu preciso muito de ouvir as vozes, pro meu trabalho. E tem sido tão difícil, vó... tem sido bem difícil. Eu tô muito honrada de tá aqui, muito feliz.* E eu, ainda inebriada pelas palavras dela, fui levada para outro lugar da conversa:

VD: Ah, de vozes, deixa te contar então: Mas aqui tem disso também. Eles falam, sempre falaram. Porque quem vai lá pro rio, é uma baixada. Sabe? A gente tem que descer pra ir pegar o rio. E ali naquela baixada, que as pessoas ouviam as vozes das pessoas, que falavam, conversavam... Mas era tudo ali dos Quilombo. Porque ali no Resgate morou um Quilombo. Morou Quilombo ali.

B: Escravos?

VD: Escravos. Até barco encostava ali. Vinham dos barcos e escapavam por ali mesmo.

....

VD: E como nós tava falando do Quilombo, lá onde eu te falei pertinho daqui, desce pro rio, tinha um bambuzeiro ali e falavam muita coisa. Só que a gente não entendia. Então ali naquele resgate (chamava resgate), ali morou muita gente do Quilombo. Chegou a chegava até a encostar.

B: Mas a senhora não costuma ir ali, vó?

VD: Eu ia muito! Ia pescar. Pescava peixe, tem até quem duvidava. Mas eles ainda falam, eu acho.

Então, penso em quais relações compreendemos quando estamos a falar da natureza, e de que forma a ideia de que como seres que transitam no universo, somos parte total de uma da natureza, e, portanto, nossa pertença ao Cosmos é inevitável. Qual seria essa compreensão, afinal me parece que há também aqui um esvaziamento de sentido, pois o conceito ocidental de natureza está ligado ao meio ambiente, e tão somente. E por relações Quilombolas a terra, para além do significado de sobrevivência, coletividade e afirmação, também comporta uma relação de restituição em harmonia e equilíbrio de forças, assim como Sodré (2018) aponta para : “[...] um eterno movimento coletivo de trocas – dar, receber, restituir -regido pelo princípio da reversibilidade, inclusive de coordenadas temporais.” (p.189) E por assim, o sentido das relações, das trocas físicas (e não físicas) com a terra, o Cosmos, em uma conversa com o sagrado que não exclui o físico e permite tanto a experiência ‘concreta’ como a “a experiência

sutil e etérea do sagrado ou do segredo, em uma aproximação que torna o sentido mais acessível a um número maior de pessoas.” (OLIVEIRA 2011, s/p) O sagrado caminha também pelas forças da natureza, não sei dizer das vozes que apareceram em todas as conversas, mas a conversa com o Tio Risca levou-me a pensar acerca da Cosmogonia Africana, na qual o universo está interligado em tudo.

B: *E tio, eu ouvi uma conversa, lá perto do rio, onde tem o bambuzal, tem umas coisas estranhas... O senhor já viu alguma coisa das vozes?*

TR: *Vozes assim, não sei. Eu só lembro de um dia que a minha falecida tia Tide tava aqui em casa e ela veio passar uns dias aqui com a minha avó, que era mãe dela. E era um dia assim, na semana santa. E nós vimos ali um pé de paciência (é uma árvore, ela tinha assim tudo folhinha miudinha) e era uma árvore centenária.*

TR: *Aquela árvore deveria hoje, se tivesse em pé, deveria ter quase mil anos. Ela já era um pé de árvore velho, antigo, bem grandão assim, que tu tinha que ter 5, 6 pessoas pra rodear ela de braço. As raízes dela saíam fora da terra nessa altura assim. Nós brincava de se esconder dentro. A gente se deitava ali dentro, ninguém via nós.*

B: *E a árvore caiu?*

TR: *É. E caiu a paciência, caiu. Nós se desgraçamos daqui. Quando nós passamos ali no Cleto, até hoje eu quero saber por quê. Jogaram assim de lá de dentro daquela chácara um pedaço de tijolo. Acho que nem era tijolo, jogaram BUM na nossa frente. Já o cabelo arrepiou. Quando nós chegamos no Ciço ali, chegamo ali a paciência empézinha.*

B: *Sério?*

TR: *Quando eu voltei, já voltei grudado na mãe, né (risos).*

B: *Eu também acho que eu faria isso (risos)*

TR: *Aí depois que tinha passado a BR também aconteceu aqui, cortaram a pedreira ali no meio pra fazer a rua. Ficou, por causa das dinamites, das coisas, ficou muita pedra assim pendurada lá... Ta até hoje ainda. Aí eu disse, nós tava tudo aqui também. Tava tudo ali na frente, na mãe, ali na frente sempre teve gramado. Tava eu, tio Fino, tia Ana, a mãe, compadre João Ricardo, tudo conversando ali. De repente, também numa sexta-feira santa, ficava assim em vigília. Eles não dormiam, só iam dormir depois da meia noite em diante. Quando deu mais ou menos perto da meia noite, nós ouvimo aquele barulho de caindo pedra. Se mandamo por aqui. Quando nós chegamos lá na beirada da BR, a pedreira empézinha, sem uma pedra caída. Nós dissemos “fechou a BR!”, chegamos lá nem uma pedra. Também, meu cabelinho já foi lá pra cima e eu já vim grudado na mãe. Tinha muito medo, assim. Então isso tudo é história de criança, **mas foi verdadeiro.***

B: *Eu acho também, acho que tem muita verdade nisso.*

História de criança, ou memórias de infância? Por quais elementos a memória se faz presença, afinal **foi verdadeiro**. Volto para a ideia das experiências físicas e não físicas, até que ponto a cientificidade tem autoridade para certificar ou não o vivido? Porque nessa conversa, diante minha incredulidade talvez visível no meu corpo, aprendi: *Há coisas filha que a ciência não explica, não duvide, os olhos nem sempre enxergam tudo*. Luto por desconstruir minha visão ocidental, em que tudo é certificável, verificável e não aceita compreensões fora de conceitos concretos, fora de uma ciência da prova, pergunta e resposta. Talvez, também, minha urbanidade me impedia de perceber essa relação com o Cosmos, e com as experiências etéreas

do sagrado. Chamo para conversar Somé (2013)²⁵¹, que me diz acerca de como se chega a presença de um espírito, do sagrado:

Algunos espíritus se huelen, otros te vienen en un sueño, otros en forma de animal, a través de un niño o de un bebé, a través de un mendigo que te pide una limosna... El espíritu no tiene una forma única. Los niños lo sienten con mucha facilidad. En mi cultura los niños pertenecen totalmente al mundo del espíritu hasta que cumplen cinco años, entonces cruzan el umbral del mundo material. Hablando con ellos sabemos dónde está el espíritu. Por ejemplo, cuando un niño te dice: "mamá, mira", nosotros hacemos caso porque ellos nos enseñan a percibirlo. El espíritu te sana, te enferma, te puede hacer sentir bien o mal, pero siempre con un propósito. Cuando mueres, el espíritu vuelve a casa y se reencuentra con sus ancestros.²⁵² (s/p)

E por ali, Tio Risca mediava algo que eu não percebia, com a voz doce ele me induzia a pensar: *há um outro jeito de ver, filha*. Chamo Oliveira (2011) para adensar essa conversa: “É justamente a mediação, a ampliação do espaço para outros aspectos e sentidos da existência que dão significado e sentido para as diferentes manifestações da vida. Uma mediação que inclui o cosmo e o outro, o próximo, o dotado de possibilidades de ações.” (s/p) E ele, o Tio Risca, continua a mostrar outros jeitos de pensar:

TR: *Não sei se tu sabe dessa história, mas era uma chácara. Tinha dia que batia um vento assim que dava pra dizer que era um ciclone que ia te carregar pra cima. Vinha aquele folharedo, vinha aqueles galhos tudo pra cima. Até hoje eu queria saber por que é que acontecia aquilo. E tinha época que parecia que eles jogavam pauzinho na gente, não tinha vento. Mas sem vento. Parecia que eles jogavam pauzinho lá de dentro e eram mesmo, uns gravetinho. E hoje, eu pensei que era só nós que, da redondeza, da família da mãe que via, mas não é. Os branco agora eles dizem pra mim que acontecia isso. Que quando eles vinha da escola, eles já vinham com todo medo pra passar aqui. E acontecia de noite e de dia. Tinha dia que o sol forte assim como tá hoje ele ficava assim igual um funil, um vento louco. Ou tinham dias que tava ventando aqui mas lá nada. Então são coisas que não tem explicação e eu também não sei te explicar.*

B: *Mas existia?*

TR: *Claro, existia. Agora depois que foi desmatado, que foi plantado aipim ali, essas coisas, aí acabou-se.*

B: *Não viu mais?*

TR: *(sorria, só sorria e nada disse)*

²⁵¹ Entrevista a Sobonfu Somé: "Vivimos para desarrollar un don", por Silvia Díez. Outubro, 2013. Disponível em: https://www.cuerpamente.com/nos-inspiran/espiritualidad-desarrollar-don_5690. Acesso 01 jan 2020.

²⁵² Livre tradução minha:

Alguns espíritos cheiram, outros chegam até você em um sonho, outros na forma de um animal, através de uma criança ou um bebê, através de um mendigo que pede esmolas ... O espírito não tem uma forma única. As crianças sentem isso com muita facilidade.

Na minha cultura, as crianças pertencem totalmente ao mundo espiritual até os cinco anos de idade, depois atravessam o limiar do mundo material. Conversando com eles, sabemos onde está o espírito. Por exemplo, quando uma criança lhe diz: "Mãe, olhe", prestamos atenção porque nos ensinam a percebê-la. O espírito cura, adocece, pode fazer você se sentir bem ou mal, mas sempre com um propósito. Quando você morre, o espírito volta para casa e se reúne com seus ancestrais.

Portanto, essa inseparabilidade vento, floresta, animais e pessoas, os seres do Cosmos, leva a um entendimento mais amplo e talvez mostre minha pequenez de pensar, de estar amarrada ao palpável da experiência, mesmo eu defendendo a experiência dos sentimentos, tinha dificuldade em conceber sob outro viés: o do segredo e da ancestralidade. Assim, por experiências que se fazem em outros planos de entendimento, que conectam: “[...] o palpável da experiência, ao transcendente, ao invisível, mas que se manifesta [...] na experiência do sagrado que, por sua vez, não se desassocia do real concreto. (Oliveira 2011, s/p). E por essa inseparabilidade da manifestação sagrado e corpórea trago agora a conversa da Dani, cuja presença, essencialmente forte, contribuiu no rumo das conversações:

D: Outra coisa que eu gosto é o São Gonçalo.

TB: Lá em Araquari ainda fazem

D: Fazem né, mas eu to planejando pra fazer aqui um dia, ano que vem eu to planejando pra fazer.

B: O que é o São Gonçalo?

D: É aquela dança que eles dançam pra melhorar a perna, né, tia? Pede pro santo, quando é atendida a graça, primeiro tu reza todo o terço pra São Gonçalo e depois a gente dança pra ele. Ai eles começam: “São Gonçalo diz que tem, São Gonçalo diz que tem, duas filhas pra casar, duas filhas pra casar” e ai as pessoas vão dançando, vão fazendo reverência... E nunca pode ficar de costas, né, tia?

TB: Não, é sempre de frente.

D: É, sempre de frente. Eu dancei pra São Gonçalo, eu tinha 5 anos de idade. Depois não dancei mais. Foi no Pedro Marta o último São Gonçalo.

TB: Eles gostavam muito.

D: Porque o santo é difícil ter o São Gonçalo, então ele roda. A gente empresta. Vai emprestando pra fazer.

TB: O Luciano quando veio aqui, o Luciano da Maria Marta, sempre ele me puxa. Ele gostava muito de São Gonçalo

B: E vão cantando a música?

D: É, canta, toca violão, e vão sapateando, vai pra frente do santo, cruza pra lá, cruza pra cá... É dançado em par o São Gonçalo. É lindo, lindo, lindo, tem que trazer pra cá.

TB: E o portão tava fechado, foram lá pra Maria, eles cantaram lá.

D: (cantando). “Lá no alto da igreja, o sino bateu, o galo cantou e a luz acendeu” e a gente espera quietinho dentro de casa, eles têm que cantar esse trecho depois é que a gente abre a casa. E a gente acaba esquecendo de ensinar as crianças porque a gente não viu nunca mais, né? Ai lá em casa (risos), a Maria Claudia veio e abriu a porta. Atendeu. Ela não sabia. Ai eu vi a importância. Porque mesmo que não tenha a gente tem que falar. E quando ele termina, a gente acende a luz e abre a porta pra eles entrarem. Eles abençoam. Ai a gente dá um suco, dá uma coisa e a gente faz aquela festa, né... E ai depois eles cantam o canto de despedida e vão pra outra casa.

B: Nossa, que lindo isso, né...

TB: Aqui tinha um tal de Valdemiro, que tocava muito bem viola, e tinha um homem branco que se chamava Gardino. As raparigas ficavam louca pelo seu Gardino. Lembra da Margarida? “Senhor Gardino, o senhor gosta de pipoca? A pipoca daqui não é boa.” (RISOS). Mas era bonito e ele cantava muito bem, e tocava a viola. Tocava desse coisa assim de esfregar...

D: Ah, o violino, a rabeca?

TB: Ele dizia assim “eu gosto muito de covo”, era couve (risos)

E pelas manifestações do sagrado, a conversa vem pelo Catumbi, tradição do Itapocu e que envolve a comunidade e, antes de seguir a conversa, chamo Dani para dizer dessa manifestação:

A nossa comunidade se situa às margens da BR-101, minha visão sobre quilombola é a perpetuação dos nossos costumes, nossas tradições, religiosidade. O símbolo da nossa comunidade é marcado pelo sincretismo religioso. O Cacumbi surgiu por volta de 1854. O rito passa de pai para filho e é formado majoritariamente por homens, porque o culto reverencia a Nossa Senhora do Rosário, catumbi significa sapateiro ou canela de ferro. A festa da comunidade é dia 23 a 25 de dezembro. Nos velórios a dança também é feita reconhecendo a santa como protetora, sendo a base do ritual africano, na cultura de devoção aos orixás. Oxum possui sincretismo com Nossa Senhora do Rosário, que são considerados símbolos de fertilidade e protetora das crianças [sic]. (SANTA CATARINA, 2018, p. 25)

E, na cozinha de ladrilhos coloridos, Tia Balbina, retoma a presença do Catumbi, como tradição, como memória, como algo a se contar:

B: Tia, e o Catumbi? A festa? A senhora sempre participou, tia?

TB: Era eu que fazia tudo, capacete. Eu que formava toda virada de anjo tudo. Tudo por causa da santa, porque ela queria que fizesse e não tinha quem fizesse... Desde os meus 7 anos eu ajudava. Nunca tinha visto ninguém fazer. Depois ficou pra mim. Mas foi indo, foi indo, foi indo e foi ficando mais fraco, porque eles foram crescendo. Iam trabalhar fora. Agora hoje em dia não é tanto como era antes. Mas é bonito ainda, pra quem visita. Tem algumas que acabaram, aqui em Penha... Itajuba, Florianópolis em Santo Amaro da Imperatriz também acabou-se.

B: E tia, como que é? O capitão canta e o grupo responde?

TB: Isso! Agora que tá meio diferente. Colocaram esses padres... Eu acho que fica muito ruim com esses padres. Mas não sei, nunca mais fui. (risos)

Ainda do Catumbi, Tio Risca conta:

TR: Tocava, o tio dela, tocava pandeiro, o avô dela tocava o banjo, o falecido Mazico que era um senhor de cor branca que morava ali do lado da BR que não era BR ainda, tocava cavaquinho... Ai eles precisavam de um cara pra bater o surdo. E um dia o falecido Coca viu eu batendo surdo ali no tambor da igreja nossa senhora, **eu fiz a vez de surdo**. E ele viu, né, aí ele veio aqui falar com a mãe, morava minha mãe aqui, minha vó ali...

Sim o Catumbi é uma boa conversa, segue longe, explica, retorna, ajeita os equívocos e tem o desejo de manter-se viva. Por isso, peço-te licença, a conversa foi longa, linda e inesquecível. E aqui me vem a palavra demorar, que nas minhas andanças encontrei outra semântica: (de)morar, de fazer morada, e por esse fazer morada, como algo que fica, permanece, preciso falar do Catumbi, como manifestação do sagrado, mas também como manifestação da comunidade. Volto para outra janela, já aberta anteriormente, o dia de minha entrada no Quilombo Itapocu...

As pessoas ali estavam acomodadas entre cadeiras de plástico, bancos de madeira, ou mesmo encostadas nas paredes daquela sala de igreja. As janelas cobertas de *tnt*, na tentativa de escurecer o local para a apresentação do documentário. O som vindo dos caminhões, por vezes abafava o documentário, mas isso pouco importava. Eu olhava ao redor e havia ali algo que não conseguia explicar, a comunidade toda estava presente, de olhos grudados na tela improvisada e nada importava além do documentário. No decorrer das imagens, tive a impressão de que tudo mesmo não importava, éramos um só, uma unidade, uma parte de um grande Cosmos, um grande *axé*, cuja palavra “[...] dá conta de força e ação, qualidade e estado do corpo e suas faculdades de realização” (SODRÉ, 2018, p. 133). E o curta, seguia contando da comunidade e do Catumbi, mas em dado momento, o silêncio da plateia foi rompido por um murmurinho quase inaudível, foi quando percebi que eles cantavam junto com o documentário. E essas vozes tomaram potência e tornaram-se uma só. Não sei aqui retomar as palavras da canção, mas era algo impossível de se conter, e chorei... volto para o sofá da casa da Vó Dica, em conversa Tia Ladi:

TL: *É, o Catumbi nos dias 24 e 25.*

B: *É nos dois dias?*

TL: *Dia 24 é à noite. E dia 25 tem a missa, né. Depois à tarde tem lá no salão. Mas os parentes vão todos eles participar. Meu pai e meus irmãos que já são falecidos, participaram. Meu filho também já participou. Todos eles, os parentes. Marido dela (vó Dica), todos.*

TL: *vai passando, né. Do mais antigo pro mais jovem. Só que mudou bastante. Mudou muito. porque os mais antigos que participavam já faleceram né... Aí agora, hoje, é mais as novas, e são jovens, e às vezes não querem.*

VD: *Saía com a bandeira, passear, visitar as casas. Ia longe.*

TL: *É, assim, ó, como agora: chegava dezembro, aí vinham participar nas casas uma semana antes, duas semanas antes, fazer visita nas casas. Até chegar o dia da festa. Não vem mais, não é mais como era.*

B: *E as mulheres só podem carregar a bandeira?*

VD: *É, carregam a bandeira.*

B: *Só carregam, não entram no canto? Não podem cantar?*

TL: *Não. Só os homens.*

B: *Mas acompanham?*

TL: *Acompanha.*

VD: *Nós era mocinha nova, Nós ia com a vó Chica, a vó do meu marido. Cada um levava a bandeira, a vó Chica levava um e a Catarina levava a outra. E nós acompanhava, ia com elas. Quando elas cansavam, a gente pegava um pouquinho e levava.*

TL: *A gente desde criança já conheceu, né. Era outra igreja, mais simples, e bonita...*

VD: *A gente não queria perder essa festa, Deus me livre!*

TL: *A gente trabalhava lá. Hoje também trabalha, né... A gente vai pra ajudar, assim, tudo né.*

B: *E o grupo, são quantos homens que acompanham?*

VD: *Ah, depende. Época de festa sempre tem mais, né.*

TL: *Mas na época que os antigos participavam, era bastante. Aí hoje é tipo 12 pessoas...*

VD: *Quando eles começam a cantar, na nossa época, meu sogro era o capitão. Era o que mandava.*

VD: *É, puxa o canto. Cantava e lá de longe a gente já sabia: ó, o seu Antonio vem cantando. É, bem alto. Era muito lindo...*

TL: *Daí eles passam nas casas. Dia 24, Natal, ali, à tarde, eles tem assim as casas que pegam. Aquelas pessoas que querem ver eles. De tarde até de noite eles participam, né. Aí dia 25 de manhã também, eles param só dia 25 de tarde.*

VD: *Aí nas casas que são longe, elas dão o almoço.*

TL: *É, um vai passando pro outro. Quando um não pode mais, aí passa pra outro.*

B: *E as flores também é tudo mandado fazer?*

VD: *As flores, é. As flores quem faz é a Balbina. Mas acho que ela não faz mais, né... É, ela já ta velhinha e não faz mais.*

Talvez, por agora, eu precise abrir e fechar as janelas, deixar a brisa entrar, chamo AvóCatarina para compor o que quero dizer:

Limitávamo-nos a deixá-la chegar, falar e voltar a partir. Tantas vezes que nunca comentámos as suas visitas. Porque, na verdade, aquilo não era estranho. E alguém acha estranha uma presença quotidiana? Mesmo que seja de um morto. Se aparece todos os dias, passamos a tratá-lo e a encará-lo como mais uma presença de todos os nossos dias. (ONDJAKI, 2002, p. 84) sic

Estaria, então, diante de presenças que eu não poderia compreender. Talvez já entendesse isso, via AvóCatarina, cuja presença literária se faz como fantasma. Não, essa não é a melhor palavra para dizer dos seres que se desprendem do corpo material, melhor dizendo, empunho o pensar nagô cujo universo é composto por dois grandes planos: “[...] o mundo terreno (o aiê), onde vivem a humanidade; o mundo ultra-humano (o orun), habitado pelas entidades sobrenaturais, os orixás, os ancestrais, todos os seres de espírito, **reais, embora destituídos de corpo.**” (SODRÉ, 2018, p. 118) grifos meus

Seres reais, embora destituídos do corpo. O que nos custa é permitir esse olhar, e chamo AvóCatarina que tanto me socorre nos momentos de incredulidade: “— Mesmo que não me vejas, eu estou por perto. A vida também é feita de coisas que não sabemos explicar, mas que estão sempre lá.” (ONDJAKI, 2012, p. 76). Foi o que ouvi da Tia Balbina, embora ela tenha usado outras palavras:

TB: *A senhora vê como eu tenho força... A minha mãe já faz anos que ela morreu. Mas foi esse ano que ela veio me visitar. Ela veio me visitar. Ela veio aí, me chamou assim “Balbina!”. Quando ela disse isso eu fiquei “ai, meu senhor Jesus...”. Eu tava me levantando de manhã, tava com o pé no chão já pra levantá. Aí eu disse assim “quem falou comigo?” e ela disse “sou eu, eu sou a tua mãe”. Aí quando ela disse que era minha mãe eu pensei “eu não vou abrir a porta”, imagina, eu tava sozinha... Aí ela disse “eu sou tua mãe”. Eu disse “eu sei...”. Quando ela disse isso, se a senhora visse a senhora ficava louca... Essa casa, esse quarto, esses vizinhos tudo que moram aqui, aquilo tudo virou claridade. Clareou tudo, tudo, tudo!*

B: *(senti um arrepio, que não podia explicar)*

TB: *Eu levantei procurar, na porta. Mas não achei mais ela.*

B: *E era a voz dela, era ela?*

TB: *(sorria para mim) sim, ela estava aqui.*

Sim, ela estava. E por aqui, chamo Couto (2011) a dizer da morte, espaço de passagem, e em permanente conexão com os planos da existência, porque não são passado, estão em prontidão: “disponíveis a, quando convocados, se tornarem presente. Em África, os mortos não morrem. Basta uma evocação e eles emergem para o presente, que é o tempo dos vivos. (COUTO, 2011, p. 123-124). E eu, só pergunto:

- No céu cabe tanta chuva, Avó?
- São os mortos a chorar ou a rir. Anda a morrer muita gente.
- Não assustes os miúdos, Catarina — a Avó Agnette pediu.
- As crianças não têm medo da verdade. A chuva limpa o mundo. Vou lá acima **fechar as janelas**. (ONDJAKI, 2009, p. 18)

Mas, antes de fechar as janelas, perdoe Avó Catarina, preciso contar de minha despedida da conversa com a Tia Balbina... Eu tinha horário para ir embora, precisava partir por compromissos que me chamavam e me levariam para longe de tudo que experimentava ali, não só naquela morada de Tia Balbina, mas de todo aquele lugar e das pessoas que se fizeram morada em mim. Estava quase na hora da despedida, o tempo avisava nos ponteiros do relógio a hora de voltar, quando Dani olha-me e acena com a cabeça em sinal positivo, em uma pausa da conversa, sabendo de meu desejo acalentado, pergunta:

- D: A senhora benze ela?*
- TB: Benzo.*
- B: Benze, tia? Eu ia ficar muito honrada.*

E me levou pelas mãos para fora de casa, fez-me sentar em um banco de madeira, de costas para a porta de entrada da casa. O que aconteceu ali, naquele momento, em conexão com os espíritos, com a terra, com o sagrado, fez-se em segredo. Não posso dizer todas as palavras, o que posso dizer é da sensação, ter aquela mulher de *cento e poucos anos*, a murmurar palavras sagradas (*[...]Chamo a vós, meu pai, porque tenho necessidade da sua força. [...]*), para além de uma religião, quebrando de vez minha incredulidade, e me conectando com algo desconhecido, que eu não via, mas estava a acontecer. Suas palavras finais bem baixinho ainda estão aqui: *coragem você vai precisar*. E, de fato, passados alguns dias precisei demais dessa proteção e coragem...

- TB: Deus que conserve vocês sempre com a alegria que tem, quando vê um mais pobre não tratar mal...*
- D: Nunca, né, isso nasce com a gente. Isso de gostar das pessoas, independente de elas serem ricas ou pobres.*
- TB: É verdade.*
- D: Já é da gente, vocês que ensinaram isso pra gente.*

B: Muito obrigada, perdoe ter invadido sua casa.

*TB: Não, que isso, aparece quando quiser aqui no meu rancho. É um ranchinho de pobre, mas **a gente entra e conversa.***

B: Muito obrigada por me benzer com essas mãos sagradas, muito obrigada, muita saúde.

TB: Deus acompanhe vocês, muitos anos, muitos anos, com toda essa alegria de vocês. Aqui a gente recebe o pobre, recebe o rico. Porque o rico às vezes cisma que não precisa da gente, mas aqui tem muita certeza.

D: Bença, tia.

TB: Deus abençoe. Dá um abraço lá na Dica.

D: Ela mandou outro pra senhora.

B: e eu em pensamento também pedi a ‘bença’...

Lembrei de Somé (2013) acerca do que seria o espírito da vida: “–Es una luz que guía. Es la fuerza vital que está en todo. Es lo que te permite despertar cada día y saber que estás vivo.”²⁵³

Agora sim: “Vou lá acima **fechar as janelas.**” (ONDJAKI, 2009, p. 18)

²⁵³ Por minha livre tradução: É uma luz orientadora. É a força vital que está em tudo. É o que permite que você acorde todos os dias e saiba que está vivo.

PELO ÌWÀ, EM ESSÊNCIA DO SER, DA PARTILHA

Retomo para a imagem da mesa, como lugar de *compartir*, porque a primeira conversa com o Quilombo foi acentuada pela frase: *Mas vocês estão convidados a participar de nossa mesa, cada um trouxe um pouquinho de comida, e o que importa é estarmos juntos, é o que a gente partilha de verdade*²⁵⁴. Fico a pensar na palavra *ìwà* (essência do ser) e ainda no sentido de *compartir*, ou seja, se somos parte um todo, o que temos, somos e sabemos também precisa compor essa ideia comunitária, *por sermos e estarmos aqui...*

Retomo a força do trabalho de um povo de luta, dentro e fora de seus Quilombos, que estaria ligado ao legado da escravidão, a um pensar colonialista que entendia terra como poder, ou ainda a uma lógica capitalista que exclui, emudece, apaga e ‘*nos deixa de lado*’, trago a conversa da Dona Guida (Quilombo Morro do Boi): *ih, filha, aqui eu fazia de tudo, lavadera, limpava, vendia palmito, descia o morro, tinha que trabalhá, não tinha jeito, tinha filho pra criá, e tinha as pedreira, faze comida pros filho levá. O patrão nem sabia o nome da gente, a gente era a negrada do morro, só assim chamavam a gente.*

Penso nesse contexto de trabalho Quilombola, nas condições de trabalho, nas periferias das cidades, no acesso à educação, nas relações de poder, na posição de superioridade, e nas marcas da escravidão... Na verdade, são violências, atentados à vida e sua dignidade, em nome de um poder capitalista, colonialista (disfarçado, mas ainda vigente). Portanto, a conversa toma rumo de potência e traz-me um saber: “Assim, o que surge como elemento a ser credibilizado não é a emergência de uma noção que suavize as violências praticadas pela empresa colonial, mas sim a emergência de outro horizonte filosófico, orientado pela ancestralidade.” (RUFINO, 2019, p. 16)

Volto para Vó Dica, a dizer da força do trabalho:

VD: *Com essa idade, doente, sacrifícios... Já passei muito sacrificio na vida, [...]. Com quatro filho pra criar e outro na barriga. E trabalhava, minha filha! Trabalhava, trabalhei muito... com quatro filhos e outro que tava na barriga. Deus me deu muita, muita, muita força.*

B: *E a senhora trabalhava de quê, vó?*

VD: *Ah, eu trabalhava de tudo. Se mandava eu capinar, eu ia. Se mandava eu roçar, eu ia. Cozinhava em casamento... trabalhei nesse Sinuelo²⁵⁵, na construção, que estavam fazendo esse Sinuelo ali. Meu primeiro serviço assim, foi ali. Trabalhava eu e 12 homem ali. Me pegavam aqui 6h da manhã e me largavam tarde da noite. Mas graças a Deus, agradeço a Deus porque somos pobre, mas pobre com **muita capacidade**.*

²⁵⁴ Quilombola Daniela Cristina. Quilombo Itapocu. Novembro/2018.

²⁵⁵ Posto e restaurante fundado em 1963. Localizado na BR 101, cidade de Araquari/SC.

Sim, uma capacidade incrível de fazer, de permanecer, de lutar por si e pela comunidade, e pelos seus:

TB: *Credo... Trabalhei na roça enquanto era criança, até ser moça, até casar... Depois fiquei casada muito tempo e trabalhava aqui no nosso terreno mesmo. Trabalhava longe, que nem daqui lá no cemitério, colocava um pano assim nas costas, um filho aqui e ia pra lá, mulher. Ai chegava lá, botava aquele pano no chão, muito fiz isso, fiz muito com a Janaína, depois que eu peguei ela pra criar. Botava ali no chão e eu ia pra enxada. Saía de noitinha e os passarinhos piavam... Era uma escuridão!*

B: *E a senhora nunca teve medo?*

TB: *Não. Não tenho medo. Nada pra mim, graças a deus, me faz mal.*

B: *Então a senhora sempre foi da enxada, de plantar.*

TB: *Fui, fui. De solteira me criei assim e depois que casei, continuei na mesma vida. Plantar mandioca, plantar aipim...trabalhar, e muito.*

E seus cabelos brancos, as mãos enrugadas, trazem também as mãos da Vó Dica, em sua força para estar e se manter:

VD: *Aquela firma ali era do Silva, antes que eles compraro aquilo ali, ele me disse: 'se tu tiver coragem, pode tirar tudo, que te pago.' Ai mandei amolar meu Machado. (risos) Sai daqui era escuro, levei até o final o dia. Não tirava espiga, não tirava nada, só tirava as folhas e jogava. Tirava para queimar no fogão. fazia fogo, para cozinhar e fazer rosca. Eu sei que eu tirei tudo. uma quantidade! ai tava tudo empilhado naquelas pilhas. Ai ele dizia assim: 'meu Deus tia dica, a senhora é uma mulher de coragem.' Eu perguntava por que meu filho? ele dizia: 'para senhora cortar tudo isso no machado? olha, mulher nenhuma faz isso, só a senhora.'*

VD: *e eu lá sou mulher de medo de trabalhá?*

Ou ainda, Vó Dica a dizer do seu enxoval, ainda menina:

VD: *gostava muito era de pegar na enxada. muito. Eu lavrava aipim. Quando eu ia casar eu lembro naquela época, lá naquele Engenho que nós brincava... Eu arranquei oito saco de farinha. e vendi para acabar de comprar meu enxoval.*

B: *nossa, então já tinha trabalho já antes de casar?*

VD: *(olhou para as mãos e me olhou nos olhos). Sim, já batalhava, e tirava goma ainda, para fazer rosca. Não tinha medo.*

E em que idade o trabalho vinha? Por quais infâncias estaríamos a conversar?

TR: *Só que naquele tempo, nós tudo trabalhava, todos os mocinhos de 7 anos pra frente já ajudava os pais na roça. Fazia farinha, a mãe, coitada, não podia dar uma camisa pra gente e dava só uma camisa e uma calça que a calça tinha que ficar pro ano inteiro. Então andava no domingo e já tirava na segunda pra mãe lavar, se tu ia sair, vestia a mesma roupa e saía. Mas eu era muito feliz, quando eu era criança, muito. Por causa dessas lembranças que eu tenho hoje das pessoas mais antigas receber a gente em casa. Isso eu não esqueço nunca. Então moravam os meus tios moravam aqui, o avô dela, bisavô. Eu ainda era criança, porque uma pessoa com 15 anos ainda é criança.*

Os pequenos e suas funções:

D: E antigamente os pequenos já tinham uma função né? um era buscar a água...

TL: Tinha poço lá longe ainda, para pegar água ia buscar água, com dois baldes assim, e vinha embora. Nós não tinha água dentro de casa, para esquentar água numa panela alguma coisa assim grande, para tomar banho...

VD: Para lavar roupa...

TL: E era uma água tão limpa, porque era uma água corrente que vinha assim, né... ficava a roupa bem limpinha. Se perdesse, ficava sem roupa! Porque naquela época, quase a gente não tinha. O que a gente tinha, tinha que cuidar porque era só o que a gente tinha, senão ficava pelado. (risos) verdade! Mas é. porque era pouquinho, naquela época duas ou três muda de roupa. chegava da escola, com aquela roupinha, a mãe já dizia: lava roupa para estender e secar para amanhã.

E também aqui o trabalho do Tio Coen:

*TC: Ai nós ficava lá, nós salgava peixe, né... Naquele tempo usava aquelas cestas assim... Depois que o meu pai me ensinou, aí eu já ia sozinho. Ia sozinho lá, aí era tudo muito fresco. 4 corvina, 5 corvina, botava nas costas e vinha embora. Sol quente! Quando chegava em casa lá era umas 3 horas da tarde. Sol forte e com peso nas costas. Quando vinha uma carroça de lá, aí pegava carona de carroça e vinha. (risos) Quando não tinha carroça, tinha que ir a pé. Você viu que longe. **Mas era pra viver.***

E pelo Tio Risca, a presença dos avós na comunidade, de quem se conhece há muitos anos e comparte a vida, e também traz a vida:

TR: Eu sempre fui muito ligado com os meus avós. Porque na verdade, eu tive um avô só, mas ele era avô e pai, ao mesmo tempo. O meu pai faleceu eu tinha 4 anos e meio. E ele virou meu pai e avô. E a minha avó mesma coisa, era outra mãe que eu tive, a vó Rosa.

*TR: Era a parteira aqui do lugar, né, e a minha avó foi muito respeitada aqui, na época. Tanto ela quanto a Tia Chica, que eram as parteiras, elas eram muito respeitadas. A Tia Chica ainda era da cor da Dani, mas a minha avó era bem pretinha. Então, elas eram muito respeitadas por esse povo aqui. Porque teve coisas que médico não deu jeito e elas deram. Na nascença das crianças, né. O Célio, a minha avó quebrou a clavícula tentando tirar ele, pra salvar ele e a mãe. Quebrou a clavícula foi puxar ele pra fora, porque ele tava com o pé assim, ele conseguiu colocar o bracinho pra fora e ela puxou com tudo. E quebrou, muito molinho. Nunca esqueço disso, eu tinha 10 ou 12 anos por aí, quando o Célio nasceu. E a minha avó que curou ele, porque enfaixou ele todo. **Tudo isso aconteceu aqui.***

Ou ainda, o cuidado com o outro, não importa a hora, traz a ideia da comunidade, do respeito, de estarmos junto, de ser *ubuntu*. Tio Risca diz do respeito: *isso eu tenho até hoje, acho que já vem de mim, de trás, eu sempre respeitei os mais velhos, os mais velhos sempre foram meus amigos. Não sei se isso é por deus, eu acredito que seja.* E a Vó Dica, traz o cuidado sem hora marcada:

VD: Graças a deus, era feliz. Muito pobre, naquela época a gente era muito pobre. Hoje a gente pode dizer que a gente é rico. Principalmente na saúde. Eu nunca fui doente, eu tinha saúde. Corria com todo mundo. “Fulano tá te chamando lá porque tá doente.” Não tinha hora. Às vezes cansada de trabalhar, levantava, lavava a cara e ia. Pra lá e pra cá, acodindo um e outro. Tudo pra cá, essas tia, essas netas, minha irmandade...Tudo uma família só.

Sim. E “É nossa família. E a família não é coisa que exista em porções. Ou é toda ou não é nada.” (COUTO, 2003, p. 126).

Preciso de parada... ao que ouvi, essa força de um compartilhar a vida, em uma esfera muito maior que eu poderia supor. Além de uma visão egóica, ampliada para o conceito de estar em comunhão, em responsabilidade com a vida ao redor. Socorre-me aqui, Somé (2013), ao dizer que.

El egocentrismo es la ilusión de que tú eres el centro del universo y haces las cosas, cuando en realidad apenas haces nada. La verdadera responsabilidad es devolver lo que se recibe. No puedes quedártelo para ti. Lo devuelves a quien te lo ha dado o a alguien que lo necesita. **Tienes que compartir lo que tienes, nada puede quedarse estancado.** Una relación sana se define por la reciprocidad y también porque tu don esté a pleno rendimiento, en lugar de escondido y sin trabajar. Esa es tu responsabilidad.²⁵⁶ Grifos meus

Volto ao conceito de família, de responsabilidade, e novamente assalta-me o olhar que vi naqueles olhos marejados, de voz muito doce. Falo do Tio Risca, e de seus modos de ver o mundo, modos de compartilhar:

*TR: Então, tudo isso eu tenho essas lembranças, porque minha avó e meu avô, a maioria do tempo... Meus dois irmãos dormiam lá na casa da minha mãe, mas eu dormia com a minha avó e com o meu avô. Eles já tavam velhinhos... Eu vinha dormir aqui. Então eu tinha muita estima por eles, muita estima. Quando eu fui servir o quartel e eu comecei a trabalhar, eu mandava as mercadorias tudo pelo ônibus, naquele tempo o ônibus eram brusquense. Eu tinha muita amizade com o Edio e com o Anivaldo, que era um motorista e o outro cobrador. Então e mandava mercadoria e esperava aqui. Primeiro era aqui, depois passava a BR, não, antes da BR. Ai eles esperavam lá na BR. Eu mandava sacada de mercadoria pra eles, **pra que a vida continuasse.***

Perceba: **Tienes que compartir lo que tienes, nada puede quedarse estancado.** E assim, fica o saber Quilombola do compartilhar...

²⁵⁶ Por minha livre tradução:

O egocentrismo é a ilusão de que você é o centro do universo e faz as coisas, quando na realidade quase não faz nada. A verdadeira responsabilidade é devolver o que é recebido. Você não pode guardar para si mesmo. Você o devolve a quem o entregou ou a alguém que precisa. Você tem que compartilhar o que tem, nada pode ficar preso. Um relacionamento saudável é definido pela reciprocidade e também porque o seu presente está em plena capacidade, em vez de oculto e não trabalhado. Essa é sua responsabilidade.

É o que vivi nos Quilombos que percorri, nas histórias que ouvi, e pelas geografias que busquei desvendar... ao lembrar uma *avó-personagem* que por aqui se faz como participação especial: “Vavó Xíxi Hengele, velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada todo o dia, todos os casos e confusões”. (VIEIRA, 2006, p. 21).

Importa dizer, também acerca desse trabalho relacionado ao vivido pelo Tio Risca:

TR: Eu vou contar agora um caso de quando eu trabalhei na prefeitura. Tinha concurso e aí fui lá ver o concurso que ia sair. Tinha concurso pra fiscal de obra, pra auxiliar, e tinha pra professor também. Falei pra minha irmã, na época ela trabalhava lá, era secretária da educação. Ela disse “meu irmão, tu já escolhesse qual que tu vai fazer?” Eu disse: “já, eu vou fazer pra fiscal de obra.” Ela: “tu é louco! tu não tem estudo! tu vai fazer pra fiscal de obra e tu não vai passar” eu disse “vou sim. Não é porque ela tá dizendo que eu não tenho capacidade. Eu vou fazer.” Aí o que é que eu fiz? Fui lá, fiz a matrícula pra fiscal de obras. E eu tinha um bar ali na frente. Deixei minha mulher com o meu filho trabalhando, eles trabalhavam até meia noite, deixava eles tomando conta, me prendia dentro do quarto, fui lá na biblioteca, peguei bastante livro. História, geografia, matemática, ciências. Ficava até 3h da manhã estudando, 3h eles já tavam tudo dormindo e eu ia dormir. Acordava de manhã cedo 7h, ia abrir o bar, ficava um pouco ali. [...] Tinha três vagas, eu passei em terceiro lugar.

B: Eita! Coisa bonita

TR: Até o Josué, eu fiquei bravo com o Josué. Ele disse eu fui empregado na prefeitura porque o Acir que me botou. Eu disse “se dependesse de vocês, eu não tinha trabalhado nunca na prefeitura. Eu fiz por meu mérito!”. Aí minha irmã “visse, minha irmã, tu achou que eu não ia passar, passei em terceiro” ela disse “eu não acredito que tu derrotou todo aquele pessoal de Joinville” eu disse “é, por meu esforço”. Aí por que que eu passei? Os caras de fora, muitos sabiam, muitos não sabiam, data quando foi passou pra município, o ano, e eu sabia tudo. Alguns dados que eles colocavam aqui sobre a nossa região. Caiu coisa aqui sobre o Catumbi. Eles não sabiam. Eu botei tudo as respostas certas, isso aí me ajudou a passar. Aí tá, comecei a trabalhar na prefeitura, comecei a trabalhar aqui.

Até aqui, uma história de superação, era o que eu pensava que o Tio Risca queria me dizer. Estava enganada, a história tem uma outra profundidade, e levou-me para outro rumo de conversa. Algo que eu, mesmo ouvindo dele e de seus olhos marejados, não conseguia acreditar, afinal estamos em que tempo mesmo? Ah, sim, alguns ainda acreditam na ‘abolição da escravatura’ em seus mais de 100 anos, e que nesse país vivemos uma democracia racial. Puro engano, mito e manipulação dos dados:

*TR: Eu vim descobrir agora faz pouco tempo que quem **me barrou** não foi o (xxx). Foi o (xxx).*

D: Também fui barrado, descobri faz uns anos.

*B: Como assim **barrado**, tio? do concurso, do trabalho? Como assim?*

TR: Assim, ele só aceitava branco trabalhar...

Eles não queriam ninguém daqui, fosse alguém assim mandando ou trabalhando num ambiente assim mais elevado, sabe? O único negro que fez o concurso pra fiscal foi eu e ainda aqui do Itapocu (quilombo). Tu acha que eles iam me permitir trabalhar aqui? Como fiscal? Nunca. Ele só me permitiu se eu fosse trabalhar na pá. Foi, eles disseram pra mim. “Só permitimos se tu quiser trabalhar na pá e na enxada. E se tu não quiser, nós vamos te mandar embora” eu disse “tudo bem, vocês que sabem. Só

que tem uma coisa, ein, eu vou pra justiça, vou lá pro fórum, tá vendo?” E eles tinham comprado um caminhão zero, tava na frente da prefeitura. “Vocês vão ter que vender aquele caminhão lá pra me pagar a minha indenização. Vocês que sabem” Fiquei 8 anos em casa e eles nunca me incomodaram, nunca. Diz que o advogado lá da prefeitura chamou eles e “olha, cara, vocês deixam o neguinho lá do Itapocu sossegado, se tu não quiser perder a tua candidatura de prefeito. E vocês, Zé, vocês vão perder a secretaria que tu como tu é vereador, tu perde também se ele entrar na justiça.”. Ficaram quietinhos, botaram o rabo entre as pernas. Fiquei 8 anos em casa. Quando o falecido(xxx) que era o outro prefeito que ganhou, olha a ironia: do mesmo lado do prefeito (xxx) Quando ele ganhou, quando fazia mais ou menos uns 6 meses que ele tava na prefeitura, ele me chamou pra trabalhar lá. Cheguei lá, eu disse “por que, prefeito?”, aí se reunimos tudo dentro da secretaria de obras, lá na garagem. Ele disse “olha, o Risca vai trabalhar agora com nós aqui, eu quero que vocês respeitem ele, porque ele vai ser um componente junto com a gente aqui e tal tal tal.” Ai eu disse “pois é, tu tá dizendo que eu vou trabalhar. Mas eu vou trabalhar de verdade ou vai me encostar? Se for, to indo pra Itapocu e vocês podem me levar pra justiça, porque eu não vou me sentar num banco.”. Ai ele “Não, não, já quero te dizer, tu vai comandar 8 homens, vai ser chefe de 8 homem. O pessoal da rua e do valo e da roçada é contigo.”

TR: *(respira fundo, como se buscando a memória)*

TR: *Tá legal, eu aceito o desafio. Só que tem uma coisa: quem vai comandá os homens sou eu. Ele foi obrigado a aceitar. Mas tinha uns puxa saco do prefeito, que era da obra, o (xxx), o filho do (xxx), eles judiavam desse pessoal que trabalhava na rua. Ai comecei a trabalhar lá.*²⁵⁷

Essa conversa, de tão absurda e real, deixou-me atordoada a pensar naquilo: *Tu acha que eles iam me permitir trabalhar aqui? Como fiscal? Nunca. Ele só me permitiu se eu fosse trabalhar na pá.* E por onde estariam os direitos constitucionais? Estariam abafados, longe dali, assegurando a quem mesmo?

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - **promover o bem de todos, sem preconceitos** de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

(BRASIL, 1988, s/p) grifos meus

E a olhar para esse homem, ali sentado naquela mesa, fiquei a pensar nessa experiência, que mesmo por minhas tentativas de entender, jamais saberia de fato que ele sentia ao me contar, e o que sentiu ao viver tudo aquilo. Porque me dói profundamente, envergonha-me nascer num país que exclui, humilha, reprova, nega e destrói pessoas. E para a conversa chamo a poesia, para esses tempos estranhos (vergonhosos):

²⁵⁷ Considerando a importância das conversas, opto por indicar os nomes citados por (xxx).

Conheço tempos estranhos
 Prenhes noites e manhãs
 de nascimentos e medos e sortilégios.
 De mãos dadas com a vida
 cantá-los-ei
 nos pendentes frutos do mamoeiro (LIMA, 2011, p. 29)

E Tio Risca, sabia o que eu pensava. Baixei os olhos, não tinha coragem de olhar para ele. Pensava na fala do vizinho da Avó Agnette, o Tio Rui:

- Gostas de estrelas?
- Gosto bué, tio Rui. Brilham sem gastar a pilha. Só nunca consegui entender a cor delas.
- As estrelas não têm cor, são como as pessoas.
- Eu pensei que a cor das pessoas ficava na pele delas.
- Não. A cor das pessoas fica nos olhos de quem as olha... (ONDJAKI, 2012, p. 85)

E no auge de sua sabedoria, mesmo sabendo como eu me sentia diante de suas palavras, Tio Risca pegou minha mão e disse: *Filha, só escuta...* e diante de mim, aquele homem, em um ato de compartilhar a vida, ensina-me:

TR: *Segundo dia, nós tava trabalhando lá no mato perto do falecido Jamiro. Eles com a ferramenta assim debaixo do braço, meio escorado, na parada pra comer... Eu disse "não senhor, vamo sentar, rapaziada, ninguém é cavalo pra tomar, fazer lanche, comer pão ou outro almoçar em pé. Não senhor, tudo sentado." "Ah, mas os homem podem aparecer aqui" eu disse "e daí? se eles aparece." Isso em dois dias que eu tava lá. Tá, aí eles se sentaram, né, sentaram olharam um pro outro... Aí se sentamo tudo nas raízes das arvores, lá, tomamo café, aí eu disse: "ó turma, amanhã a gente vai fazer o café e tu não precisa trazer pão de casa, tu não precisa trazer lanche de casa, não precisa trazer nada. Se tu ta acostumado a tomar o teu café, tu traz. Mas o lanche nós vamos fazer vaquinha entre nós 9. [...]*
Toparam toparam. Chegou no terceiro dia: "Risca, tu vai lá na padaria comprar pão?" Aí eles me davam dinheiro e eu que ia. Chegava lá, comprava o pão, aí lá na padaria eu pedia pra guria passar uma manteguinha pra nós. Quando dava dinheiro, comprava umas rodelinhas de mortadela. E levava lá pro mato. Chegava lá, sentava e tomava o café. Falei "ó, turma, nós vamos fazer o café até meio dia e de tarde também" eles "ah, esses homens ao entrar de pau e cima de nós" eu dizia "não vão não. Quando eles vierem aqui e eu não tiver, vocês não levantem, continuem tomando o café e se eles perguntarem porque que tão sentados, diz que o Risca que mandou. E tamo obedecendo ordem dele." E assim fizeram.
Aí o Claudinei (da prefeitura) chegou lá, dando de dedo no Jone. Eu disse "Sou eu que tô mandando ou é vocês que tão comandando? Por que tu não vem aqui comandar no meio do mato, com os pernilongo te pegando? Aí tu não vem. Se amanhã tu continuar vindo aqui, eu vou pro fórum. Não vou passar nem no prefeito, eu vou direto no fórum e dizer que tu tá a anos castigando o pessoal."
Nunca mais apareceu.

Estou a falar de alteridade, de um ensinamento real, fora das teorias. O Tio Risca mostrava uma humanidade, e o mesmo tempo, uma responsabilidade. E ele também, o Tio Risca, não compreendia certas coisas, em especial aos bailes 'separados'. *Filha, porque a gente*

brincava junto, ia pra escola junto, volta do baile junto, mas lá dentro não podia dançar junto. Até hoje não entendo isso...

B: *tio, explica isso melhor, acho que eu não entendo*

TR: *nem eu (risos) Por exemplo, aqui sempre teve a divisão de negros e brancos. Mas era uma divisão que hoje eu fico pensando que era uma palhaçada, sabe? Porque tu era branca, mas eu ia lá na tua casa, eu dormia, eu comia, tomava café, era bem recebido, tudo bem. Elas vinham aqui em casa era a mesma coisa. Tá me entendendo? Então, a única diferença que nós tinha era não dançar junto.*

TR: *É, essa era única coisa que a gente não fazia, era dançar junto, branco com negra ou negro dançar com uma branca. Não sei por que existia isso, porque o resto era tudo igual.*

B: *E os bailes eram sempre final de semana?*

TR: *Sempre final de semana, nas festas que tinha aqui. Dia dos pais, dia das mães, as festas que tinha. Tinha uma festa no mês de agosto que era São Sebastião, depois tinha da Nossa Senhora do Rosário que era final do ano, que tem até hoje. Mas tinha os bailes durante o ano. Dia dos pais, dia das mães, na páscoa. E a gente se divertia muito, então nós não podia ir pra salão à noite. Eu sempre ia de calça curta, ... quem me ensinou a dançar foi a minha mãe. A minha mãe dançava que era uma beleza. Ai meus primos e meus irmãos se deitavam com a bunda virada pro salão no banco e dormiam a noite inteira. Eu não, eu dançava a noite inteira. (risos).*

Porque eu também não entendo...e aqui a canção me ajuda: “São pensamentos soltos traduzidos em palavras Pra que você possa entender O que eu também não entendo...”²⁵⁸ E por aqui, a conversa rumou para a musicalidade, a corporeidade, que já de entrada a presença do corpo-música faz-se presente:

TR: *ah, as meninas (mulheres), elas eram muito empoderadas. E depois que a gente foi crescendo junto, a Neusa do seu Rosa, a Maria Helena do seu Divino, a Laís, a Lourdes, a Ladi, tinha as filhas do seu Vivino. Eu andava nas festas, elas andavam de braço comigo. A Terezinha do seu Chico Ferreira, cansei de o baile terminar aqui, na época que o baile era aqui dos brancos, só que nós podia entrar. Então, quando terminava o baile, a Terezinha dizia, “vamo até lá em casa”. Isso de manhã, né, de madrugada, na hora que acabava o baile, lá ia eu com a Terezinha de braço, que nem dois namorados. Chegava lá o seu Chico Ferreira com a Dona Maroca iam dormir e eu ficava com a Terezinha. Terezinha fazia café, e 9h eu vinha pra casa. E ela ia dormir e eu ia pra casa. Isso é amizade!*

E ao dizer das amizades, Tio Risca, olha e diz: *tu é Bel de Izabel?* E eu já sorrindo: *sim, de Izabel Cristina, encontro de Cristinas, eu e a Dani e também Alessandra, sua filha. (risos) E ele: então deixa te contar do meu nome...*

TR: *Ah, essa é uma história ... Tem a entrada das filhas do seu Tomás, ali, lá eu não sei se tu ouviu falar, tinha um engenho de farinha. Lá atrás tinha uma casinha, era lá que o meu pai trabalhava com o Sr. Hercílio. E o meu pai trabalhava com eles, com a família deles. Eu nasci lá naquela casinha atrás, vim descobrir isso faz pouco*

²⁵⁸ Da canção: O que eu também não entendo. Intérpretes: Jota Quest. Compositores: Buzelin / De Oliveira / Fonseca / Junior / Lara / Mello

tempo. Aí, quando eu era recém-nascido, meu pai foi morar lá no Morro da Cruz, e trabalhava um senhor lá de São Francisco que depois veio a ser dono de cartório. Mas quando ele era solteiro, ele veio trabalhar com o meu pai aqui, classificar a madeira pra ser os trilhos de trem. Eles tiravam essas madeiras nobres, canela, laranjeira, peroba, essas madeiras de lei pro trilho de trem. E aí ele não tinha onde parar, e o meu pai ofereceu, tinha um quarto a mais na casa... Meu pai ofereceu a casa se ele queria passar ali, aí ele só ia final de semana pra lá. Ele pegou e veio. Aí como eu chorava a noite, o meu pai dizia assim: “Risca. Risca o fósforo, pra ver se esse menino chorando.” Aí ele pegou e começou a me chamar de Risca.

B: Ah, é Risca de “risca o fósforo”? De bebê, então!

TR: Sim, é de berço, até hoje com esse apelido. Eu podia ter incluído esse meu nome no meu nome, eu não sabia, quando eu servi o quartel.

B: Mas o seu nome mesmo é...?

TR: Antonio Bernardino Filho. E o meu nome tá errado ainda, meu nome era pra ser Antonio Bernardino da Conceição Filho. E aí, essa é a história de criança, todo mundo começou a me chamar e o apelido pegou força. Eu sempre digo que esse meu apelido também foi por Deus, porque assim... Eu sou mais conhecido pelo apelido. E raramente, nem ela me chama de Antonio.

TR: É, mas no dia a dia, assim, é só Risca. E eu tenho uma irmã, a minha irmã mais nova, tá com 60 e poucos anos... Ela nunca me chamou de Risca, porque eu já era grandinho quando ela nasceu, aí eu que cuidava dela. Aí ela me chamava de Ica, Ica. Até hoje me chama de Ica. Eu disse pra ela “por que tu não me chama de Risca?” ela diz “não sei chamar de Risca, só de Ica.”

Mas eu sou o Risca. (risos)

E por aqui, Tio Coen, também diz da força de quem é:

B: Então, tio, como é o nome do senhor mesmo?

TC: Antonio Ana de Jesus.

B: O senhor gosta que chame de Antônio ou o senhor tem apelido?

TC: O apelido meu é Coen, Se perguntarem onde que mora o Antonio de Jesus, ninguém conhece. Agora se tu perguntar onde que mora o “Coen”, aí todo mundo conhece. **Esse sou eu.**

E pela Vó Dica, vem a sonoridade do nome:

VD: Meu nome é Maria de Borba Marcelina. Por causa do meu marido, que era Marcelino, né.

B: E Dica é já desde pequena?

VD: Meu irmão mais velho que botou o apelido. De Dica. Aí ficou “Dica, Dica, Dica...” (musicando) aí eu vou chamar Dica. Eu nem atendo por Maria. É só Dica. “Oi, Dona Dica, oi Tia Dica.” **Eu sou a Dica!**

A força dos nomes²⁵⁹, de quem se é “*esse sou eu*”, e, nesse conversar, talvez possa aqui também nomear esta escrita, e todo seu significado que explode como poética da relação com

²⁵⁹ E aqui, trago, mais uma vez, em conversa de pé da tarde, Conceição Evaristo, porque penso nos nomes, e nas nossas referências apagadas:

Chegam os anos 80, em 1981, nasce a minha filha, que recebeu um nome africano, por influência das nossas discussões, da formação que a gente recebia no movimento negro, já buscando uma recuperação dos nomes e origens que a gente perde. Nossos ancestrais africanos perderam o contato com nossa língua materna, e aí recebemos esse nome cristianizado. Os anos 80 foram uma efervescência busca por recuperar esses nomes. Minha filha tem 37 anos e se chama Ainá. Nesse período, muitos pais influenciados pelos movimentos negros colocaram esses nomes.

a vida, os Quilombos, as pessoas. Trago o AvôMariano: “Mesmo antes de ter nome de gente, essa foi a primeira palavra que lhe dei: madzi. E agora lhe chamo outra vez de “água”. Sim, você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver.” (COUTO, 2003, p. 238). E explode em viver, como o dia que nasce, e que tenho visto no silêncio das madrugadas, entre a noite e os primeiros suspiros do dia. Portanto, nomeio agora esta tese de Amondi²⁶⁰, nascida ao amanhecer. Não somente para um dizer acadêmico, mas para refletir o que se é, e sob quais fronteiras caminhamos, especialmente no que se diz da cultura, da identidade de um povo, muito além de rótulos ou do imaginário. Entender a dinâmica do viver de um povo, suas ancestralidades, é trazer para outros espaços a sua permanência, mas algo que seja na justeza de saberes, não na superioridade. E não é um processo ampliado nas esferas da sociedade, e urge legitimação, porque, em conversa Gomes (2003)²⁶¹ traz que,

[...] quando pensamos a articulação entre educação, cultura e identidade negra, falamos de processos densos, movediços e plurais, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais. Processos que estão imersos na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, entre a memória e a história. (p. 06)

E nessa articulação, cuja ideia de um tempo que circula não é propriedade exclusiva de África, importa dizer que as sociedades pautadas na lógica da oralidade, assim também concebem o tempo e as articulações acerca dele. E aqui encontrou uma dimensão importante das conversações: “Para a oralidade, só existe o que se traduz em presença. Só é real aquele com quem podemos falar.” (COUTO, 2011, p. 123-124) Acredito que com quem falamos, compartilamos, contamos, dançamos, somos oralidade a pulsar, afinal o Tio Coen²⁶², já anunciava: *“o bom mesmo é os causos que a gente ouvia quando era pequeno, os adultos contava a gente morria de medo, mas tava ali grudado, tinha o profeta de vestido cumprido, as vozes do bambuzero, a gente ouvia e aprendia...”*

É uma influência marcada pelo conhecimento que já tínhamos da luta por liberdade, dos direitos civis, a luta das colônias africanas em seus processos de libertação contra a Europa. A pauta, as universidades, falando do curso de Letras, passam adotar a literatura africana.

Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-a-quest%C3%A3o-racial-n%C3%A3o-%C3%A9-para-o-negro-resolver-1.389051>. Acesso em: 23 dez 2019.

²⁶⁰ Origem: Nigéria. Idioma: Luo.

²⁶¹ Nilma Lino GOMES, brasileira, nascida em 13 de março de 1961, traz em suas pesquisas a organização escolar, formação para a diversidade étnico-racial, movimentos sociais e educação, relações raciais, diversidade cultural e gênero.

²⁶² Tio Coen trouxe, nas nossas conversações, os causos, os mistérios, os segredos das vozes do rio. Histórias que ouvia quando ficavam na beirada do rio, e que estava a me contar, sua conversa teve a potência de um Griot, e da qual agradeço esse pulsar.

E, retomo a conversa, na qual com sorriso aberto, o Tio Risca pergunta: *você sabe dançar, né filha?* E aquela pergunta me pegou de surpresa: “*Hummm tio, na verdade eu só disfarço*”, juntos rimos e eu pensava no que a musicalização compunha aquele universo:

TB: *Quem dera fosse agora como era antigamente... A nossa infância, nós dançava! Segunda-feira, terça-feira... Porque eu tinha um cunhado ali que era o melhor tocador de sanfona. Ele chamava João Luiz. A gente era só atravessar a rua e tava no baile. Ah, nós dançava... Todos nós gostava de dançar.*

B: *E quem ensinou a senhora a dançar?*

TB: *Ensinou? Ninguém ensinou!*

B: *Aprendeu sozinha, tia?*

TB: *O preto já traz o samba no pé, filha (RISOS). Não precisou ensinar.*

A mesma musicalidade também veio com a vó Dica: *Essa menina (a Dani) era só eu botar a música, e ela vinha e a gente rodava, rodava...* E a Tia Balbina trouxe os bailes, na sua meninice que brotava naquele momento:

TB: *Não deixavam ir sozinha no baile. Tinha uma tal de Candinha.... Era só atravessar a rua, mas tinha que ir com a Candinha pra Candinha cuidar. Era mais velha.*

TB: *Nós tudo dançava. Segunda, terça, quando tinha a gente ia.*

B: *E tinha horário pra chegar em casa, tia?*

TB: *Não, horário não tinha. A hora que ela que levava nós acabava o baile elas vinha trazer “ó, tá aqui sua filha, Dona”.*

TB: *É, minha filha, tudo se acaba, como dizia minha mãe... Só amar que não.*

Chamo para conversa Gomes (2002), ao me ajudar a entender a corporeidade ali presente, e que circulou as conversações “[...] o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo.” (p. 41)

As manifestações corpóreas, as músicas fizeram presença entre avós Quilombolas e também na imagem: do que pode a música, a dança? Pode mudar tudo, porque a cena é de quando a AvóAgnette estava no hospital, ia operar o dedo do pé²⁶³, passaria a ser a AvóDezanove, e o médico a presenteia:

—Ya entendi que no se puede regalar flores a la señorita – sorria o camarada Rafael – pero hay algo que le quiero regalar.

Ali devia ser a sala de espera das operações e a TiaTó estava lá já com aquela bata verde bem feia de quem vai entrar na sala de operações. Uma aparelhagem toda antiga com direito a gira-discos e duas colunas estava montada num canto.

— Sí me permite – o camarada RafaelTruzTruz fazia gesto com a mão no ar acho que era para a Avó dançar com ele.

²⁶³ Na obra, AvóAgnette fez a operação por conta de ter diabetes. Aqui, duas de ‘minhas’ avós Quilombolas também passaram por cirurgias parecidas em função da mesma doença.

A avóNhé aceitou a sorrir.

— Não sei se estou em condições, senhor doutor.

— Sí, lo está, no se preocupe. Un ultimo baile antes del procedimiento.

Tocava uma música dos filmes, eu já conhecia aquele som, bonito e calmo, algumas enfermeiras vieram ouvir o som e ficaram a olhar paradas enquanto a Avó bailava com o médico, a TiaTó estava com os olhos molhados, não sei se tinha medo ou era só assim vontade de lágrimas, com dificuldade mas com jeito a Avó começou a dançar aquela música de antigamente, já sei, era um tango.

—esto es para que, cuando esté mejor, lo bailemos otra vez. Usted va a ver que bello trabajo vamos a hacer aquí. Solo necessito que esté tranquila, abuela.

— Obrigada doutor, nunca pensei dançar tango na sala de espera do Hospital Militar.

—La vida esta lhena de sorpresa, señora Agnette.

Dançavam assim **como se as horas dos relógios tivessem parado** naquele hospital. (ONDJAKI, 2009, p.83-84)

E é nessa sensação de o relógio ter parado seus ponteiros, que sigo em conversa a lembrar da Vó Dica a dizer da beleza das festas do Catumbi, ou ainda da Tia Balbina a me cantar versos em companhia de Dani.

D: (cantando) *“Do Rosário...” eu não me lembro dela completa, mas também é linda.*

TB: (cantando) *“Sois a mais formosa das outras flor, tu és a mais formosa”*

Sim, as duas cantavam na minha frente, a Tia Balbina de voz forte embalava aquela cozinha, e eu a encantar-me com aquela musicalidade, com as memórias e suas significações:

D: *Tinha outro canto também que a gente cantava quando falecia as pessoas, né. Não era segura na mão de deus, era outro. Também bonita, não me lembro nem um pedacinho, era tão bonito. Ah, lembrei! (cantando) “Acompanha esta alma que vai para glória”*

TB e D: (cantando) *“Glória seja o dia que o espirito vem, glória espirito santo para sempre, amém.”*

B: *E essa era pra despedida.*

TB: *É. Eu nunca me esqueço, sabe, de noite na noite que morreu a falecida Dina, a estrada era em cima da casa. Aí os homens não podiam entrar na casa e foram tudo se encostar naquela cerca do lado de lá. Aí queriam rezar, mas não tinha quem puxasse o cântico. Lembra? Aí disseram assim, “chama a Balbina”. Eu disse, “mas por que, vieram em chamar?”, ela disse “eles queriam que a senhora puxasse o cântico”. Aí eu cheguei e puxei o cântico pra ela. O Zé ficou tão satisfeito com aquele cântico, quando eu puxei, que ele botou os dois braços assim na soleira da janela e ele ria assim, sozinho. Até hoje eu me lembro daquilo. Porque conforme a pessoa, tem que ter o cântico. Porque hoje em dia só tem coisa nova, e ele decerto queria escutar uma coisa assim mais antiga...*

D: *Um cântico nosso, né. Que cantava a minha avó, que agora eu canto um pedacinho porque eu lembro. E é coisas que a gente vai lembrando. E aí assim, o novo vem. Mas o velho fica.*

TB: *É verdade.*

D: *Porque é lindo. Eu me lembro, tem dia que eu me deito lá e lembro. Digo ai meu deus... Um pedacinho.*

TB: *É, é. Antigamente, se a pessoa era velha, eles puxavam reza de defunto. Agora não, agora canta outra coisa.*

É pelo sensível que estamos a conversar, e Sodré (2018) ajuda-me a compreender o que vivi naquele momento acerca da musicalidade nagô presente nos diversos tipos de música: “A potência do axé afina-se com a sua energia polissêmica, [...] produzem matizes e matrizes de som, contempláveis pela imaginação e passíveis de absorção pelo corpo.” (p. 140)

E a conversa segue pela corporeidade e, ruma para o que se diz de casa, pessoas perto, sempre perto... perguntei para Vó Dica, como era a vida em família, muita gente, confusões, brincadeiras...E ela, ajeitou o lenço da cabeça, soltou uma gargalhada leve e me disse:

VD: Graças a Deus! Essas daí (as netas), ajudei criar, bendizer... Elas viviam comigo toda vida. Depois o pai delas morreu, elas já moravam comigo mesmo. Aí ficavam com eles aí, um cuidava do outro, porque já eram mais pequeno. [...]

B: Todo mundo crescendo junto?

VD: É.

B: São quantos netos, vó?

VD: Netos? Só tenho[...]. São 11.

Fiquei a refletir nessa casa cheia, nos netos e netas circulando, o que também acontecia na casa da vó Jucélia (Quilombo Vidal Martins) e da Dona Guida (Quilombo Morro do Boi), e o que seriam as relações de família onde todos somos parentes, de algum modo... veio a imagem da *avó-personagem* AvóAgnette e sua grande cama: “A AvóAgnette fazia entrar num abraço todos os muitos netos que nós éramos, nem sei como conseguíamos caber naquela cama, mesmo sendo de casal, uma cama não foi feita para tantos netos ao mesmo tempo.” (ONDJAKI, 2009, p. 26)

E a casa cheia, netos e netas, agregados, melhor dizendo ‘*emprestados*’, assim é essa *Nyumba-Kaya*. Perguntei como é ter a casa cheia, viver no mesmo quintal, juntos, e sem contar as pessoas vindas de outros lugares, as *visitas*, como isso acontece?

VD: Graças a Deus! Porque tão tudo aqui, ó! Pertinho de mim! [...]

B: Aí vem umas visitas... (risos)

VD: Aí tem as visitas, visita muito da boa. Essa visita, eu tô vendo, não enxerga as coisa... não sabes, mas eu sei, tu é a tal. Tu é uma pessoa muito boa, muito legal mesmo. Sei por que tá aqui, por isso deixei tu entrar na minha casa.

B: Assim a senhora me emociona...

VD: É, mas a gente tem que dizer o que é.

B: Eu tô muito honrada de tá aqui conversando com a senhora. Pra mim é muito importante. Muito, muito...

VD: Tem pessoa que chega aí e às vezes nem me conhece. Eu sei quem você é, sei o que veio fazer. (e não veio pra benzê – disse baixinho) [...]

Assaltou-me a ideia de família, ou melhor como muito dizemos na educação de contextos familiares ou ainda contextos comunitários, e tudo me pareceu com grande esvaziamento semântico, recorro ao que mais me afeta para rever essa semântica:

[...] é preciso observar cuidadosamente alguns dos seus fundamentos: espírito, crianças, anciãos, responsabilidade, generosidade, confiança, ancestrais e ritual. [...] não é preciso começar (a observar) muita gente. Preferiria um círculo de poucos bons amigos a me perder em uma multidão de pessoas, as quais não ligam umas para as outras. (SOMÉ, 2017, p. 46)

E o que seria ligar para as pessoas? Muito longe do uso de aparelhos telefônicos, aqui o exemplo vem de perto, de sentar-se ao lado, e de umas mãos enrugadas pela vida brincar com os anéis que eu trazia nos meus dedos. À essa mesma cena, lembra a avó Dona Guida (Quilombo Morro do Boi), que por horas em conversa também segurava minha mão em acolhida, e aqui lembrei a AvóCatarina: “mas eu não sabia que a mão assim toda enrugadinha da AvóCatarina era tão suave. Fechei os olhos. Quando os abri, ela já não estava lá: a AvóCatarina era muito rápida a desaparecer.” (ONDJAKI, 2007, p. 63-63). Volto para a palavra acolhida que percorreu as duas cenas, pois me senti acolhida, eu, a *estranha visita*:

VD: *Mas você, filha não precisa de benzê, só quer conversar e sentir...*

VD: *Eu via. Eu olho pras pessoas e eu já sei quem são e quem não são.*

Olha para Dani diz:

“Vem uma amiga minha aqui, ela é professora e ela veio pra se comunicar aqui comigo. Conosco aqui.” Aí eu disse pra Dani: *traga, deixa ela vir. Ela é boa pessoa, não é não? Um boa pessoa, uma boa amiga. Eu sei, eu vejo.*

B: *A senhora me emociona.*

VD: *É verdade, eu sei... Eu sei. Eu conheço as pessoas. Quem é bom e quem não é.*

B: *Muito obrigada.*

VD: *É verdade. E tu chegou ali e eu pensei “é tudo que eu pensei mesmo”. Dai você ficou, senão eu mandava embora. (risos)*

E o que implica esse entendimento de ser remanescente Quilombola, de estar onde se está?

B: *Vó, e o que é morar aqui, pra senhora? O que é ser do Quilombo, o que é estar aqui?*

VD: *Pra mim, estar aqui é uma maravilha. É uma maravilha! É um lugar que a gente já nasceu e que já está aqui. Já conhece todo mundo, as pessoas, né. E depois, o Quilombo é uma coisa que uma pessoa vive... no coração das pessoas, as pessoas são muito ligadas. Especialmente o negro. Negro deu muito valor, o valor é pra todos. São todos iguais, porque são todos filhos de Deus. São filhos de Deus, então tem que dar valor pra todos. Olhar bem, porque também tem o bom e tem o ruim ali. Então o que é melhor, fica. E o que não é melhor, já se livra, já se liga. [...]*

B: *Tem essa força, só?*

VD: *Sim...*

A ideia da casa, da morada, *Nyumba-Kaya*, também esteve me conversa com Dona Guida (Quilombo Morro do Boi):

DG: *É... aqui é bom pra gente morar, né, porque aqui a família mora perto um do outro... daquela rua pra baixo é tudo minha família!*

B: *Daqui pra baixo? É tudo sua família?*

DG: *É, um é primo, outro é tio, mas é tudo assim né. Parentada. Desde lá do pé do morro até aqui.*

B: *Lá de baixo até aqui? [...]*

B: *Tudo sobrinhos seus? Morar perto de família é bom, né?*

G: *É, é. E tem netos e filhos por aqui também, a gente fica mais forte assim.*

E do tio Coen, veio a conversa pela luta, de moradia e sobrevivência:

B: *E o senhor sempre morou aqui, nesse terreno?*

TC: *Não, eu morava lá pra dentro. Aqui onde eu me criei, tudo. Nós era em 4 irmãos, aí os dois irmãos casaram né, e vieram morar pra cá. Aí ficou a minha mãe e a minha tia lá. Eu nasci, a minha mãe teve eu de solteira, ne... Eu fiquei lá mais ou menos o que? Uns 30, 25 anos. Aí mudei pra cá. A gente era muito pobre, né, era só a minha mãe que trabalhava. Aí fui crescendo, quando eu tinha uns 12 anos comecei a ajudar, trabalhar também... Naqueles tempos, trabalhava no mato, tirando muda, tudo. Então eu já ajudava um pouco, né, aí roçava... Aí quando deu a idade, fui pro batalhão (Joinville).*

Chegava no fim do dia, não tinha nada o que comer. Fazia aquele miolo de pão, tomava com café. Pra sustentar. Aí casei, tivemos sete filhos. Quatro meninas e três meninos. Uma das meninas morreu tinha 23 anos, morreu de acidente de moto. Mas tamo sempre junto.

E pela Tia Ladi vem a força de uma casa, da família:

B: *E como é ser vó?*

TL: *Ah, é bom, né. A gente cria os filhos e cria os netos como se fossem filhos também. Tudo que eles pedem, eu faço. Eles vivem em casa, vão almoçar, tomar café... É tudo, né. Todos os dias, eles tão ali. Brincando e fazendo bagunça, fazendo arte.*

B: *É uma chance de ser mãe de novo, eu acho.*

TL: *Não, isso não. (risos)*

B: *Então é só pra fazer mimos, então? (risos)*

TL: *É! É. Família é tudo pra gente. Essa que é minha irmã mais velha (Vó Dica), eu tenho ela como mãe né, porque é minha irmã mais velha, mas eu me criei com ela. Me criei com ela, ajudei a cuidar dos filhos dela... É assim uma com a outra. Pra mim, ela é minha mãe. Ela pra mim, é minha mãe.*

TL: *É, pergunta a Dani. Né, Dani? Manhã é tomar um cafezinho com ela, aí eu vou pra casa, faço alguma coisa lá, encontro com a tia... Aí quando eu preciso dela, corro pra cá, quando ela precisa eu corro pra lá e é assim. A vida da gente é assim. É, assim um ajuda o outro. Sempre foi assim, graças a deus, família unida.*

B: *Senta aqui conosco, vó (Vó Dica)!*

VD: *vou fazê a lista de mercado e vocês conversam aí...*

B: *E assim a vida vai, né, tia?*

Sim, é casa, perto, cheia de risos, pessoas, afetos, netos, sobrinhos emprestados, ‘visitas’, gente de longe, de perto, enfim, fico a pensar na minha sensação de casa, de pertença, pensei nas minhas *mais-velhas* (minha sogra e minha mãe), em avós emprestadas, nos sobrinhos e nas sobrinhas em dia de verão, nos que se fizeram família, nos alunos e alunas que me deixaram estar, no parceiro que escolhi para viver, nos que me escolheram como mãe, em quem cruzou a montanha, nas amizades que chegaram para ser irmandade, os lenços, perto e longe,

os primos e primas (e tem as primas-irmãs) que sempre estarão presentes, enfim, então retomo a Avó Agnette:

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para as novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

— Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

— Vão pra casa, filho.

— Tantas vezes de um lado para o outro?

— Uma casa está em muitos lugares — ela respirou devagar, me abraçou. — É uma coisa que se encontra. (ONDJAKI, 2007, p. 146)

E aqui, preciso da suspensão do tempo, para dizer, ou melhor tentar traduzir uma imagem que ainda reverbera em mim...o que encontrei naquela morada, naquele momento, não sei se consigo traduzir em palavras o que de fato eu senti... Estávamos eu e Tia Ladi no sofá, a Dani circulava pela sala a nos alegrar e dizer da vida no Quilombo. E a vó Dica sentou ao nosso lado: *vou fazê a lista de mercado e vocês conversam aí...* o caderno era daqueles grandes, as folhas um pouco amareladas, a caneta bic na mão traçava uma lista de compras em grandes quantidades. E eu, curiosa, corri os olhos e perguntei: *nossa vó, quantas coisas de mercado, lá em casa é tudo de unidade (risos)*. E ela, bem ligeira me diz: *filha aqui a família é grande e não faz dieta. (risos), mas fica aí conversando com a Ladi*. E a conversa seguia, quando ela escreve algo na última folha do caderno, rasga e me olha por um bom tempo. Não sei dizer por quanto tempo ela me olhava, sentia seu olhar profundo em mim, embora eu estivesse a dar atenção para Tia Ladi. Foi quando, numa pausa da conversa, ela me puxa e diz: *Eu não escrevo muito bem, mas eu gosto de escrever*. E suas mãos ‘enrugadinhas’ depositaram nas minhas mãos o papel dobrado. Fiquei sem saber se abria ali ou não. Ela ajeitou o lenço do cabelo e diz: *isso é muito verdade*. Trago comigo o papel, olho para ele agora, e por vários momentos as palavras do papel fizeram-me fortaleza... não esperava aquele papel, e claro, chorei ali mesmo, em meio a conversa. E Tia Ladi, como que adivinhando, segurou minha outra mão e sorriu, com aquele sorriso tímido. Éramos mulheres, eu *a estranha visita*, mas naquele momento éramos uma só, uma casa que encontrei. O que tinha no papel? Guardo em segredo.

Da casa que encontrei, das andanças (idas e vindas) atingem-me diretamente a poética, da qual se faz imagem: casa e aconchego. Da certeza: casa é algo que fica.

Alguém um dia entrançou os dedos para agasalhar no
[quintal a chama; alguém ao rio fundiu a própria veia para
[alimentar a sede do solo, o património [...]

Sirvo-te o chá. Sento-me diante dos teus olhos.

Estamos em casa (LIMA, 2011, p. 93- 94) sic grifos meus

E por afetos chegamos na conversa acerca do amor, amores, casamentos, versos, porque Tia Balbina conquistou seu companheiro por versos cantados que trago aqui:

B: Tia, e as cantigas da ratoeira?

TB: Ah, tinha verso, nós cantava. À meia noite, vamo cantar uma roda de ratoeira!

D: A senhora fez um versinho pro Tio Juvino (marido da tia), né? Na ratoeira.

TB: (cantando) "Ratoeira bem cantada, faz chorar, faz padecer. Também faz um triste amante do seu amor se esquecer." Então aquela que não sabia cantar a gente dizia "canta, mulher" aí elas diziam pra gente cantar e eu (cantando) "A menina não canta, de vergonha que ela tem. Tem vergonha pra cantar, mas pra namorar não tem". (risos)

B: E a senhora fazia os versinhos na hora, tia?

TB: Na hora. Comigo não tinha ruim não.

D: Ela fez um pro tio Juvino, no baile.

TB: Não sei, fiz? (risos) Acho que eu nem me lembro mais como era o verso. Quando disseram que era pra cantar ratoeira ele saiu pra rua me chamando. Encostou na parede assim e segurou o chapéu, que ele sempre usava chapéu. Aí eu contei. Eu não contava pros meus irmãos porque eles não queriam que eu namorasse com ele.

B: Ah, não?

TB: Não queriam, porque eles achavam que ele era ruim. Mas ele foi um bom marido. Às vezes é coisa da cabeça da gente, né...

TB: Aí eu cantei pra ele assim: (cantando) "Faz três anos que eu te amo, faz 4 que eu quero bem, 5 que eu tenho amizade, sem contar para ninguém."

B: Aí ele se apaixonou, né? E vocês foram casados quanto tempo?

TB: Ah, muito tempo...

B: Aí ele se apaixonou logo no primeiro verso?

TB: Foi, foi. (risos) Agora às pessoas não têm mais aquela união de antigamente, né? É pouco né, que tem daquela união. Pra mim não tinha ruim.

TB: e tu é casadinha?

B: sim, tia, há 20 e poucos anos

TB: gostei desses poucos (risos) Ah, que bom! É custoso durar 20 e poucos (RISOS)

E sua mão, enrugadinha, tamborilava na mesa de madeira, entre as xícaras de café. Fiquei a pensar naquela cena: *Quando disseram que era pra cantar ratoeira ele saiu pra rua me chamando. Encostou na parede assim e segurou o chapéu, que ele sempre usava chapéu.* O que seria essa relação de meninice e amor? Tive a sensação de que ela voltava no tempo, naquele dia daquele tempo, porque seus olhos brilhavam e mesmo depois de cantar os dedos ainda bailavam no ar... e por aqui me vem a coragem de dizer de si, de quem se ama, e parece que isso está a desaparecer: as canções, o verso, a poesia, a poética da relação... Penso que,

Feliz o que de mim restar, depois de mim
Se uma só das canções cantadas
Viver além daquele que em mim agora canta
Da hecatombe não salvaria contudo
Uma só das canções que cantei e canto
Às entranhas do olvido
Antes roubaria o riso das crianças
E a idade do provérbio

Assim aos vindouros
Intacto ofertaria o enigma da luz.
(LIMA, 2011, p. 39)

E por amores, a imagem vem pelo Tio Risca:

TR: *E tinha um parque ali perto da praça em Joinville, perto da estação rodoviária, tinha um parque bem grande. E aí eu fui à missa no Sagrado Coração de Jesus e na volta, pensei “ah, vou ali no parque”. Parece que deus tava assim “vai lá que a tua mulher tá lá”. Bom, eu acho né...*

Antes tinha o Kenia (baile) lá, tem até hoje, que era nossa Sociedade dos negros, que começava mais cedo. Eu disse “não, eu vou lá no parque primeiro”. Cheguei lá e encontrei a Maria Helena com a Dilsa, aí me chamaram “vem cá, que nós queremos te apresentar uma colega nossa do sul.” Aí apresentaram ela, começamos a conversar, aí as duas saíram. Aí pedi pra ela pegar uma balança, daquelas balanças assim. Ela pegou uma e eu peguei outra, ficamos a se balançar, eu e ela. Eu conversando com ela, aí ficamos ali no parque um pouco, aí disseram assim pra mim “ó, Risca, agora nós já vamo embora”. Eu disse, “mas já? Faz o seguinte, vamos ali no Kenia”. A Dilza: “ah, não, meu pai pode brigar”. O pai dela me conhecia muito já, né, eu disse “diz pro teu pai que depois eu levo vocês na casa de vocês e depois eu falo com ele e digo que vocês tavam comigo”. Daí, não queriam ir, até que foram. Chegamos lá eu dançava mais com ela, era mais baixinha, eu nunca gostei muito de dançar com mulher alta. (risos). Aí eu dançava mais com ela. Começamos a conversar, conversar... E aí tamo juntos até hoje.

Mas, de amores e casamentos, a conversa seguiu para outros tempos:

B: *A vó casou com que idade?*

VD: *Eu tava com, ia fazer 21.*

B: *E a tia? Com que idade?*

TL: *22.*

B: *Quase a mesma idade vocês.*

D: *Mas da tia não teve casamento.*

B: *Por que, tia?*

TL: *(só ria)*

D: *O noivo veio trazer o dinheiro da carne, esqueceu e aí voltou.*

TL: *É, ele disse “vou te dar o dinheiro da carne, pra ti comprar a carne.” Aí, tinha a mãe da Dani, que era criança e tinha a outra de Joinville, a Lucia. Ele morava lá do outro lado da BR. Aí eu disse “ah, então nós vamos lá. Cedinho, anoiteceu, ali pelas 19h” Hoje em dia já não dá mais né, antigamente tu podia sair assim à noitinha sozinha, mas agora não dá mais, né... Aí nós fomos, atravessamos aqui e fomos. Chegando lá, a gente conversando, tudo, e ele esqueceu de dar o dinheiro. Aí nós viemos embora. Quando nós tava atravessando de novo, pra vir embora, ele veio ligeiro, ligeiro. Mas ele, em vez de chegar pertinho de nós, ele gritava lá embaixo. Aí nós pensava que era um ladrão, né. (risos) Claro! Uma pessoa gritar assim atrás da gente. Aí eu disse, eu era a mais velha, né: “vamo correr! vamo correr que vem vindo um correndo atrás de nós correndo e gritando, ele vai pegar nós.” Corremo, corremo, corremo, atravessamos ali em cima pra vir pra cá, tropeçava, caía, passamos. Quando foi o outro dia de manhã, ele foi lá em casa, né, na minha casa da minha mãe, aí levou o dinheiro, deixou o dinheiro. Aí eu tinha vontade de avançá-lhe assim na cara e dá-lhe. Do susto que a gente levou.*

D: *Chegasse na casa da tia Dulce embaçada?*

TL: *Deu vontade de chegar assim e meter na cara dele. Porque ele não veio, né, quietinho, pertinho de nós... E falar assim “Ó, o dinheiro tá aqui.” Não, olha... Gritou, gritou.*

D: *Chegaram lá na casa da tia Dulce morta, pálida, Uma ficou pra trás! A minha mãe ou não sei quem que ficou.*

TL: *A Lúcia.*

D: Ficou uma pra trás e o povo das casas tiveram que ir correndo buscar. (risos, muitos)

E os risos continuam... a Tia Ladi, ainda que tímida ria solto a pensar naquele dia, e eu, também estava ali em conversa com o tempo.

TL: (ainda em risos) *É... Essas meninas elas só queriam era andar grudada comigo, todas elas. Ai hoje, quando a gente senta pra conversar, um assunto dali, um assunto daqui né... Que a gente viveu, assim.*

Mas quando eu era criança, eu era sempre magrinha e a Dica fazia vestido pra nós.

B: Costurava?

TL: *Costurava, com aquela máquina de mão. Chegava época de natal, quando era essas épocas assim, ela comprava tecido pra fazer vestido pra nós. Pras filhas dela e pra mim. Ai eu já dizia, ela já sabia, tem que ter um cintinho pra mim usar. Senão não queria. E a duas, a mãe da Dani e a outra, ela fazia roupa igual. Fazia os vestidinhos igual.*

D: *As gêmeas que não são gêmeas. (risos)*

TL: *Fazia sempre igual. Meio rosa, rosinha, Ela comprava tecido e ela mesmo fazia. Ah, tinha que ter um cintinho pra mim, acinturadinho. Se não tivesse o cintinho, eu não gostava. A gente quando gosta de uma coisa assim, né, se acostuma. Daí não consegue ficar sem. Eu até hoje, com essa idade que eu tô, saio pra comprar roupa, alguma coisa assim ou se dão pra mim, de presente, alguma roupa, (claro, a gente não vai falar na cara da pessoa), mas quando eu vou comprar pra mim, assim, eu escolho, eu gosto.*

TL: *Antigamente eu usava bastante vestido, né.*

B: *E dos vestidos que a senhora tinha, a senhora gostava mais de que cor?*

TL: *Ah, eu gosto de rosa, branco, azul, mas vermelho e amarelo não. Não gosto da cor. Vez em quando eu chego e ela diz “ai, tenho uma coisa aqui pra te dar”, mas ela já sabe. “Ai, tenho uma blusa amarela tão linda!” ela brinca comigo. Eu digo “ah, isso aí pode dar pros teus parentes.” (risos) Ela começa a rir.*

Sim, eu também sorria, e mais uma vez, a Tia Ladi, trazia o riso:

TL: *nós tamo esperando uma pessoa aí (aponta para a Dani) que diz que vai mexer no guarda-roupas.*

B: *Ah, é verdade! Eu já ouvi uma conversa dessa, uma vez.*

TL: *Uma pessoa aí (risos)... Ai vamo esperar, ver o que vai ter pra nós.*

B: *Eu também quero estar nesse dia, sabe, tia. Se bem que as pernas muito compridas não vai me resolver muito. (risos)*

TL: *É, umas blusinha dá... Calça não serve, mas blusinha, sim. (e ri comparando a altura de Dani comigo)*

B: *Ai, ó, tia, eu acho que quando ela mexer no armário, que vai ter uma doação.*

VD: *Eu vou esperar, porque eu tô mais perto. (risos)*

B: *É só me avisar que eu venho também, fazer a visita nesse dia.*

TL: *Só que é só de ano a ano.*

B: *Ah, de ano a ano? E esse ano ainda não foi?*

TL: *Não, por enquanto não.*

(risos soltos)

E, Tia Ladi, ruma a conversa entre risos, mas eu ainda estava a pensar na relação de um tempo que não era meu, mesmo que me esforçasse para entender, só poderia mergulhar na conversa e sentir toda a memória que elas traziam. Pensei na AvóAgnette:

- [...] Sabes o que a minha avó diz, Ró?
 — Não... O quê que ela diz?
 — Que quando vivemos os melhores tempos da nossa vida, nós nunca nos apercebemos... — aí olhei para ela. — Mas eu acho que não é bem assim...
 — Então?
 — Eu sei perfeitamente **que estes são os melhores tempos da nossa vida**, Romina... Estas correrias, estas conversas que nós temos aqui no pátio, mesmo cada um a aumentar assim a versão dele — aí eu sorri. (ONDJAKI, 2006, p. 93-94) grifos meus

E por essa conversa, voltamos para a ideia de casa como o lugar da ancestralidade, dos saberes preservados, do respeito e do lugar de guarda, chamo AvóDulcineusa: “

- Eu não confio em mais nenhum. Só em você, meu neto, só em você eu deito fianças.
 —Faz chacoalhar um saco que traz peso na cintura. E pergunta:
 —Sabe o que é este saco?
 —Não sei, Avó.
 —É aqui onde escondo as chaves todas da Nyumba-Kaya. Você vai guardar estas chaves, Mariano.
 —Faço menção de me desviar do encargo. Como podia aceitar honras que competiam a outros? Mas Dulcineusa não cede nem concede.
 —Tome. E guarde bem escondido. Guarde esta casa, meu neto. (COUTO, 2003, p. 33)

A pensar no que se pode guardar Nyumba-Kaya, além de segredos, também relações de afeto. Refiro-me ao que a vó Dica trouxe de memória e de cumplicidade ao falar de um dos filhos:

VD: Depois disso ele trabalhava na Catarinense, começou a trabalhar na Catarinense com 12 anos de idade. o outro era mais pequeno, e não ia. ficava na casa dos amigos, correndo e jogando bola. Mas esse outro, ia de pé todo dia lá na Catarinense e quando ele recebeu o primeiro pagamento ele disse eu vou comprar uma televisão porque eu posso pagar. Porque nós não temos, aí eu tenho que ir assistir na casa dos outro. a mãe vai comprar uma televisãozinha. a mãe vai comprar? Vou comprar, eu disse. aí chegou o pagamento, e ele: “Oh mãe, só vou tirar um dinheirinho para comprar comida para o passarinho. ele gostava de passarinho (até hoje ele gosta) e o resto a senhora pode ficar, a senhora faz o que quer. Pensei: já sei o que eu vou comprar, vou tirar uma entrada e comprar uma bicicleta para ti, para tu ir trabalhar. Não, capaz! deixa aí um dinheirinho para nós comer, ele dizia.
VD: Eu fui lá na loja, tirei a bicicleta para ele. ele chegou do trabalho, tava lá a bicicleta para ele, Ele quase morreu de contente. ria que se acabava, dizia: “ah agora não vou mais de pé! agora só vou na Zika” Aí ele me chamou: “Oh mãe, agora que a senhora pagou a bicicleta, eu vou tirar uma TV para senhora. para vocês não precisarem ir na casa dos outros assistir. Lá longe, na casa da dona Maria da Luz.

E por muito tempo, ouvi de minha *mais-velha* (minha sogra) histórias de televisão dos vizinhos, de irem nas casas vizinhas e assistir escondidos da janela, o que se passava naquela tela: “por ali havia, na Garopaba, sete televisão, só. E o Seu Lídio, padrinho do Bigô, abria a

*casa para eles tudo assistir, era o ‘Meu Pé de Laranja Lima’²⁶⁴, os pequenos ficavam tudo espalhados na casa, era um salão grande, mas o Bigô assistia debaixo da mesa, mas daí já era ‘Éramos Seis’²⁶⁵, daquela época, né. O Lídio era o único que abria a casa pra todo mundo assistir, os outros nada.” Ou ainda a história de meu primo *mais-velho*, que vira pela primeira vez uma televisão, na casa de uns parentes ‘ricos’, e ao voltar para casa queria mostrar aos irmãos o que era. Colocou os pequenos de frente para uma maleta de alumínio brilhante como um espelho e por detrás das crianças ele imitava um *cowboy*, o que os pequenos viam era o reflexo do *cowboy* na maleta (*pin pem, pof*)²⁶⁶. E por anos, quando já éramos adultos, ríamos com ele da criatividade. Eu sempre achei genial, uma cena linda o seu compartilhar...*

Volto para vó Dica:

VD: *Eu dizia, Dona Maria bota corrente lá, para esses dois meninos não irem lá ficar incomodando. onde já se viu, abrir a porta para eles assistirem televisão lá na sua casa... ela dizia: ‘não tadinho, eles vão lá e até me ajudam.’ ela dizia: ‘deixa eles assistir, minha filha, nem te incomoda, eles não fazem arte, não fazem nada, são os menininho bom.’*

VD: *ai, deixei, aí quando deu a oportunidade de comprar a televisão, eu disse: ‘o Tonho, agora a mãe vai tirar uma televisão, para vocês, para nós. Ele disse: ‘a mãe vai tirar? o mãe, por que a senhora não deixa esse dinheirinho para a gente ir comendo? para a gente não precisar comprar fiado?’ E eu disse para ele, mas vocês precisam! aí fui lá, tirei, aí eles ficaram muito contente... E a Dona Maria, agoniada, que eles não iam mais para lá. Aí teve um dia, que ela tava passando aqui e eu tava na frente, ela disse: ‘Dica, o que aconteceu com os menino? Que não apareceram mais para assistir? Eu tô preocupada, pensei que tivesse acontecido alguma coisa. Eu disse: ‘não, Dona Maria, não aconteceu nada não, consegui comprar uma televisãozinha. E ela: ‘ah bom, que Deus ajude. Mas tu também, hein, só para eles não irem na minha casa?’ (risos)*

E pela televisão, trago para a conversa a televisão em preto e branco da AvóAgnette, ou melhor, trago a televisão colorida do SeuLima, amigo, vizinho da AvóAgnette:

[...] Eu à espera da imagem a qualquer momento. Olhei o cinzento da televisão e umas três luzes apareceram de repente como se fossem um semáforo maluco e tive a certeza que aquela era mesmo a televisão mais bonita do mundo. Fez um ruído tipo um animal a respirar e acendeu devagarinho. Não consegui ficar calado e disse bem alto: «chééééééé, essa televisão é bem esculú!»²⁶⁷, e todos riram do meu espanto assim sincero: era a primeira televisão a cores que eu via na minha vida.

[...] Na imagem tudo já estava misturado, parecia um quadro molhado com aguarelas bem exageradas. Pensei nos meus primos, a essa hora lá na casa da Praia do Bispo, com a televisão da avó Agnette a preto-e-branco, e aquele plástico azul que até hoje não sei para que servia. Quando eu contasse da televisão a cores exageradas na casa do Lima, os primos iam me acreditar, ou será que todos iam rir e me chamar de mentiroso com força?

²⁶⁴ Novela brasileira, exibida pela antiga TV Tupi, na década de 1970.

²⁶⁵ Novela brasileira produzida pela TV Tupi e exibida em maio de 1967.

²⁶⁶ Minha tentativa de reproduzir os sons que ele imitava do cowboy...

²⁶⁷ Esculú: muito bom, corruptela de exclusivo. (ONDJAKI, 2007, p. 158)

Fiquei com inveja dos filhos do Lima que todos dias iam ver cores naquela televisão a cores: a telenovela *Bem-Amado* com o Odorico e o Zeca Diabo, o *Verão Azul* com o Tito e o Piranha, os bonecos animados do *Mitchi*, o Gustavo com três fios de cabelo e até a Pantera Cor-de-Rosa com o cigarro bem comprido. «Tudo a cores, como uma aguarela bem bonita», pensei, enquanto a tia Rosa me fazia festinhas na cabeça. (ONDJAKI, 2007, p. 25) sic

Penso nesse colorir e as imagens acima trazem as crianças em sua força, em dinamicidade, e formas de olhar o mundo ao seu redor, trazendo a possibilidade de aprendermos “[...] de novo, esquecer o que já sabemos e permitirmo-nos voltar a aprender como já o fizemos um dia. (LEAL, 2004, p. 25)²⁶⁸. A dimensão dessa conversa rumo para as infâncias, e meu desejo acerca-se de um encontro com uma infância que nos habita. Venha, ainda converso:

²⁶⁸ Bernardina Maria de Sousa LEAL, brasileira, professora e pesquisadora nas áreas: Filosofia com Crianças, Infância, Filosofia e Literatura, Leitura e Escrita, Linguagens, Experiência do pensar.

PELO *MUENE UABIXILA*²⁶⁹, DAS INFÂNCIAS

Deparei-me, há muito tempo, com uma conversa da qual me marcou profundamente no contexto da educação pelo conceito que implica algumas palavras em relação ao discurso e que a meu ver está intimamente ligada ao que dizemos de alteridade e respeito. É a palavra **acerca** “(esse advérbio é menos inconveniente do que sobre, na medida em que nomeia um dar voltas, um situar-se em torno de)” (KOHAN, 2010, p. 127). E, a partir dessa conversa, não consigo mais usar a palavra: **sobre** infância, **sobre** sala de aula, **sobre** Quilombos, **sobre** a vida, **sobre** alguém. Porque me parece tão vertical, tão olhar de cima para dizer de quem está abaixo, então, concordo com Kohan (2010), o advérbio me acalenta ao dizer acerca de algo. Assim, também, como fico a discorrer o que seria esta conversação aqui presente, que pode em um primeiro momento ser uma pesquisa menor pela opção metodológica, ou ser uma possibilidade outra de pesquisar, seja com sujeitos reais, literários ou ainda com a teoria e seus autores. Por que não? E por aqui, ainda embrenhada no que seria pesquisar, retomo ao que fortemente defendo: um idear que nos permita um **contar com as pessoas e não somente das pessoas**.

Então, *Muene uabixila* das infâncias é uma tentativa de dizer de uma pluralidade, não no sentido de categoria ortográfica (plural - quantitativo, numérico), muito além disso, o entendimento de que as crianças vivem diferentes infâncias, em diferentes contextos, e talvez, a palavra não possa abarcar esses sentidos de ser criança, de ter infância:

Em certo sentido, escrever em torno da infância é também uma oportunidade para explorar os limites das palavras pronunciadas sobre a infância mais literal e que têm um efeito silenciador sobre a outra infância, a mais constitutiva e ao mesmo tempo esquecida. Por isso, se ainda encontro sentido em escrever a infância, é na tentativa de encontrar palavras que exponham esse esquecimento nas palavras que mais habitualmente pronunciamos, nos modos como descrevemos mais naturalmente a infância literal, na maneira evidente como a sabemos, e nos tempos e lugares que (não) propiciamos para uma e outra infância, [...] A tentativa é de que as palavras mostrem esse fundo inexplorado e impensado dos discursos que dizem conhecer a infância. (KOHAN, 2010, p. 127-128).

Portanto, o modo como se olha a infância, por vezes, coabita uma forma generalizada e que lhe subtrai o seu lugar de direito. Preocupa-me esse ‘saber sobre a infância’, o qual projeta uma imagem imediatista e única, como se a infância não fosse pluralidade, o que difere do sentido plural (numérico, quantidade). Porque há uma diversidade na infância. Então, assumo revisitar alguns lugares de infância, a partir dos olhares e memórias das *mais-velhas* aqui em conversa, um *criançar* só explicado como quem olha pela primeira vez, do inusitado, do

²⁶⁹ Origem: Angola. Tradução: acercando-se; aquele que se acerca.

inesperado, do *criançado*... Penso que nesse traçado, há uma possibilidade de repensar nossas práticas, nossa circulação nesse lugar de potencialidades, as quais por vezes nos impõe incertezas e nos coloca em movimento, porque, como já disse, falar das infâncias sempre será um desafio, uma desconstrução, para logo em seguida reconstrução. E por aqui, os quintais parecem os lugares de acontecimentos das infâncias: “No quintal a gente gostava de brincar com palavras/mais do que bicicleta/principalmente porque ninguém possuía bicicleta.” (BARROS, 2003, não paginado). Venha, estamos conversando, criançando:

E a conversa direciona para o tempo de criança, na escola, em um tempo outro de acesso, de participação, de preocupação das políticas públicas. E, assim, como as avós, muitos desistiram, não continuaram. Pergunto-me o motivo de a escola não lhes atender, ou melhor de não atentar para suas especificidades e não assegurar-lhes o direito a educação, a qual será (ou deveria ser): “[...] promovida e incentivada com a colaboração da sociedade [...]”. (BRASIL, 1988, s/p). O que se tem de políticas públicas, que possam, efetivamente, atender essas pessoas que ficaram pelo caminho? E isso não foi opção, não por elas, muitas vezes porque a escola não contemplou suas necessidades, não se fez presente e simplesmente deixou ir, a evasão como um processo natural da educação. E não é. Sei bem o desafio da Educação de Jovens e Adultos, da complexidade de se manter jovens e adultos em sala e por consequência em finalização de cursos, já estive lá, sei bem das dificuldades. Pergunto: quantos ainda estão pelo caminho? E, ainda, a quantas andam as políticas públicas referentes a uma educação escolar quilombola²⁷⁰, conquistas e retrocessos. Importante dizer da diferença entre educação quilombola e educação escolar quilombola, sendo a primeira abarcada no convívio e no cotidiano da comunidade, dentro dos grupos sociais, compondo-se em relações intergeracionais, de trabalho, de saberes com a terra, com o sagrado, e a educação inerente ao seu próprio povo. Já a segunda, educação escolar Quilombola, “é um recorte do processo educativo mais amplo. Ela implica na necessidade de organização de uma ação educacional, de construção de processos de escolarização específicos e diferenciados, voltados fundamentalmente para o fortalecimento e valorização das comunidades Quilombolas.” (SANTA CATARINA, 2018, p. 29) Tomo a

²⁷⁰ Lembrando que:

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, promulgação em 21 de novembro de 2012, definem que a Educação Escolar Quilombola, requer pedagogia própria, respeito à especificidade étnico-racial e cultural de cada comunidade, formação específica de seu quadro docente, materiais didáticos e paradidáticos específicos, devem observar os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica Brasileira, e deve ser oferecida nas escolas Quilombolas e naquelas escolas que recebem alunos Quilombolas fora de suas comunidades de origem.

Informações retiradas de:

<http://etnicoracial.mec.gov.br/educacao-escolar-quilombola>. Acesso em: 30 dez 2019.

conversa, agora, a partir da publicação do Documento Final da Conferência Nacional da Educação (CONAE)²⁷¹, cujas orientações seguem:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local. Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.
- c) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.
- d) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.
- e) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização.
- f) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- g) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas (BRASIL, 2010, p. 131-132).

A Educação Escolar Quilombola abarca as etapas formativas da educação básica, mas é também importante dizer dessa preocupação desde a Educação Infantil (desde os bebês), que nas suas diretrizes específicas também reconhecem, pela primeira vez, a especificidade de outra população que não a urbana. Importa demarcar as conquistas, mas igualmente, dizer do distanciamento no que se refere a materialização concreta dessa conquista.

As propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, **quilombolas**, caiçaras, povos da floresta, devem:

[...]

Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis; [...]

Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural; [...]. (BRASIL, 2010, p. 24)

²⁷¹ Embora não seja objeto deste estudo, mesmo assim, importa colocar em evidência o que o golpe político-jurídico-midiático de 2016 (o qual acarretou no impeachment presidencial), provocou sobre o campo educacional ao promover o desmonte da estrutura do Fórum Nacional de Educação – FNE, excluindo entidades históricas da área e, por consequência, reduzindo a participação de representantes da sociedade civil nas discussões relacionadas à CONAE. Decorrente desse processo, emerge um movimento de luta pela educação pública, o qual institui o Fórum Nacional Popular de Educação – FNPE, com a tarefa fazer pressão sobre o governo federal, de modo a implementar os planos nacional, estaduais, distrital e municipais de educação, pela via da viabilização da Conferência Nacional Popular de Educação (CONAPE).

Embora as conquistas e os movimentos articuladores das lutas educacionais, ainda estamos longe de assegurar os conceitos específicos, aos quais as questões Quilombolas circundam, como a articulação: terra-comunidade, trabalho-compartir, memória-sagrado. E a pensar nisso, retorno ao Tio Risca:

B: Por que o senhor não volta a estudar? Pra terminar

TR: Porque agora eu tô com 74 anos. E agora não adianta, né. Eu deveria ter começado a estudar de novo quando eu era novo, pra agora eu já tá formado em alguma coisa. Mas agora não me adianta mais... Só pra conhecimento, mesmo.

B: Eu tenho uma amiga que dá aula pra jovens e adultos. (aponto para Dani e ele ri)

TR: Mas hoje eles não querem mais, passou dos 72 anos eles não querem treinar mais. A única coisa que eu tinha, só pra me ensinar particular né, alguém.

D: Mas o senhor na faculdade ia ser um arraso! Meu deus!

TR: Não.

B: Ia sim.

D: Cai numa UFSC da vida, é lá mesmo. Meu deus do céu.

TR: E o que é engraçado é que desde criança eu sou assim: eu vi uma pessoa fazendo alguma coisa, eu ficava só olhando. Eu tenho capacidade pra fazer aqui, eu vou fazer e faço. E até hoje eu sou assim. E outra coisa, eu faço uma casa dessa inteirinha sem marcar um nada no caderno. Essa vai lá, vai lá, entra aqui, sai aqui... Faço tudo e depois vou montando tudo as peças e vou guardando aqui. Guardo tudo aqui. 71 anos. A maioria dos meus documentos eu sei de cor.

Estariam as universidades deste país, prontas para compreender as pessoas vindas dessas comunidades? Não me refiro somente às comunidades quilombolas, falo também da nação indígena, dos povos do campo²⁷², estaria a academia disposta a esses saberes?

B: E da escola, a tia foi até que ano?

TL: ah fui só até o segundo.

B: E por que saiu tia?

TL: Eu saí porque... não sei, minha mãe também não incentivava, né. A gente dizia 'Ah não quero mais ir para escola', e ela dizia 'não quer ir não vai'.

TL: Mas era assim, não quer ir não vai. hoje, o que estudei, me ajuda, graças a deus, eu sei ler. Mas já não sei fazer conta de somar, fazer nada. Só o meu nome, e um livro, assim se me der, eu leio, mas não é muita coisa.

B: E a vó foi até o quarto ano?

VD: É, mais ou menos. Eu saí ainda porque eu briguei, senão ainda tava lá. meti-lhe o pau no (xxxx) e não foi pouco. porque ele era malvado.

D: É, ela (tia Ladi) não tem perfil de quem briga... agora, essa tua irmã...(risos)

VD: É brava. Sou. Era.

B: Tia, não tem vontade de voltar a estudar?

TL: Ah agora já tô com 66 anos...aprender o quê?

Tia Balbina traz a preocupação com o bisneto, na escola:

²⁷² Considerando: “os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural”. (BRASIL,2010, Art.1.º).

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em: 29 dez 2019.

TB: *Estudei pouquinho, pouquinho... Naquela época a gente estudava pouquinho. Agora não, né. Mas ainda hoje estuda quem pode né, porque... Sai caro, né. Eu tinha uma menina, que chamava Janaina, bem amiga aqui dos meninos. Ela queria estudar bastante, ela queria estudar. Mas é muito caro. Vinicius tem ido à escola?*

D: *Sim! Tá direitinho!*

B: *Quem é ele?*

D: *O Vinicius é o bisneto dela.*

B: *EL. Ah! Tem que ver como tá, acompanhar...*

TB: *Tem! Hoje em dia na escola tá triste, né...*

D: *Ele é bonzinho!*

TB: *É, É? Sempre dá um conselho lá pra ele. Cuida.*

Tio Risca e a profissão:

TR: *Estudei até o ginásio, comecei o segundo grau mas não completei. Ficou duas matérias pra trás e não completei. Mas eu me arrependo de não ter estudado, quando as minhas irmãs, minhas duas irmãs fizeram faculdade. E eu com o meu irmão não quisemo estudar. Só que aprendemos uma profissão.*

B: *Qual é a sua profissão?*

TR: *Eletricista. E o meu irmão trabalhava na parte de mecânica, mas só lidando com peças dentro da empresa. E era uma profissão, que era como eles diziam, almoxerife, né. Hoje é uma profissão. E eu aprendi quando a Alessandra (filha) tinha 2 anos de idade, porque a coisa começou a apertar e eu fui pro Senai. Fiz o curso, recebi os meus canudos, e desde lá eu to trabalhando, eu trabalho de eletricista e trabalhei nas empresas, trabalho particular...*

Enquanto converso (em presença física ou não) busco um pensar acerca das infâncias que nos provoquem a sair do lugar, a esvaziar os saberes fossilizados. Afinal,

TL: *É, quando a gente é criança é muito bom, né. Aí depois a gente fica adulta, casa, tem os filhos, mas depois é difícil se aproximar uma da outra, né. Aí hoje, eu sinto saudade delas (amizades) né... Quando dá certo da gente se ver, isso é muito bom. Eu gostava de fazer tudo, né, quando a gente era criança, jovem.*

Chamo Kohan (2010) para fortalecer o significado de escrever acerca da infância, das infâncias. Porque se desenhava diante dos meus olhos uma infância perto, distinta das tantas que conheci de perto, a subverter o que acreditava saber, pois aqui assumo esta escrita como: “[...] uma manifestação de resistência a uma forma de relação conosco mesmos e com aquilo chamado de humanidade: assim, o desafio ao escrever a infância é deixar-se escrever por ela; a escrita torna-se política por que serve de testemunho [...]” (p. 126). E pela voz doce do Tio Risca, tive a sensação de que ele me pegava pela mão a me mostrar sim, uma pluralidade da infância que ele conhecia bem, entre ser criança e ser criança-adulto:

TR: *No meu tempo de infância, eu sempre tive uma meta na minha vida, quando eu comecei a entender, dos meus 5 anos pra frente, que a minha mãe precisava ser ajudada, eu comecei a entender o que é uma vida de uma pessoa que fica com 5 filhos. Certo? E dali pra cá eu botei na minha cabeça que eu tinha que ajudar*

a mãe, meus irmãos, e assim eu fiz. Então a minha vida, eu sempre digo pro pessoal aqui, eu tenho muita saudade daquela minha época de criança. Apesar de a gente passar uns perrengues, na época, mas eu sinto muita saudade, porque hoje os meus netos não têm a liberdade que eu tive. Por exemplo, a liberdade que eu quero dizer é assim, a gente jogava futebol, conhecia pessoas diferentes. Eu tinha um padrinho que trazia chocolate pra mim. Mas como eu não gostava de chocolate, eu nunca falei pra ele que eu não gostava, sempre dizia que gostava. Aí eu repartia tudo com meus amiguinhos, eu queria era saber da bola. Ele trazia duas caixas de chocolate grande, dessas barras grandes, sabes? Eu trazia duas daquelas ou três e trazia uma bola. O chocolate eu dava pra gurizada, repartia. A bola não. A bola era comigo. Mas tinha muita chácara, muita coisa, aí a gente já chutava a bola lá e já ia pro espinho. Da árvore, né, da laranjeira. (risos) E era assim, mas eu tenho até hoje muita saudade.

E ele ria, a dizer da saudade, mas também das diferenças do tempo do agora, das tecnologias que as crianças acessam, *elas não brincam com o corpo, ficam trancadas...*

TR: *Como é que nós ia fazer folia? Se nós tinha área de lazer. Lá no passado, agora no presente, que era tecnologia, e governo que faz campanha de futebol. Aquele tempo nosso prefeito nem ligava pra gente. Quem fazia os campos de futebol era nós. Quem tinha terreno dizia “Ah, vocês podem fazer um campo ali.”, aí nós tinha um atrás da escola, no antigo cartório nós tinha um, e aqui era um campo de futebol. Então nós tinha três campos de futebol, hoje nós não temos nenhum. Então por que que os meninos tão aí, roubando? Porque que eles tão fumando, bebendo muito? Porque eles tão sem, não tem aquele negócio de por exemplo o mais velho ir pra lá, ver eles jogando e dizer “ó, tu não faz isso, vai te fazer mal” e antigamente tinha.*

Qual tempo a infância está, em alguns contextos? Por aqui, em vários momentos as crianças (habitantes das memórias) estiveram vivendo tempos adultos. Penso no neto, do conto O Rio das Quatro Luzes (COUTO, 2009) que entra em conversa agora:

— Eu já não quero ser criança – explicou o menino.
 — Como assim? – perguntou o pai.
 — Quero envelhecer rapidamente, pai. Ficar mais velho do que tu. De que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Por que nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta e medida.

A esse menino, por ele, sinto uma dor que me envolve a pensar nas tantas crianças que estiveram em travessia, mas não como metáfora, e sim em diáspora, trancados em porões, sem saber o que acontecia em volta, o que aconteceu das ‘crias de peito’ e das ‘crias de pé’. O que seria o nome das embarcações “meninos felizes”, os quais nunca chegaram perto da felicidade. E, o que nos restou dessas crianças e seus descendentes (nós), o que receberam deste país, para além da crueldade, do embranquecimento, apagamento e o massacre de sua cultura? Essas crianças, ainda que num fagulhar de esperança, trouxeram-me seus remanescentes que viraram

avós e fazem questão de ensinar: *aqui estamos e aqui ficaremos*. Não explicar o que me move, neste agora da escrita, talvez o desejo que suas vozes ecoem pelo país e que sejam, de fato, ouvidas. Ou talvez, minha vergonha ao olhar uma história segregadora, maquiada por tantos números, trazendo geografias tão invisíveis. Porque “não podemos aceitar que o mundo seja destinado unicamente à esfera da humanidade completamente desumana, seja pela negação dos seres inculcados sob a lógica do desvio, ou pela bestialização daqueles que acredita, ser distintos, a partir do regimento dessa lógica.” (RUFINO, 2019, p. 17)

Falo, então, das tantas vozes, e de meu desejo de permanência, porque a ideia inicial era percorrer uma conversa na intenção de saber o que os avós Quilombolas deixariam para os que estão chegando (*Ero eyin ntele*)²⁷³. Mas, como a conversa nos leva a lugares não mapeados, assim como a Ilha Desconhecida²⁷⁴, o que tive foi muito mais que isso, foi um esperar, especialmente acerca das infâncias, do qual não almejava, mas aconteceu. Sim, estamos a conversar acerca das diferentes infâncias que se faziam materializadas em minha frente, como se fosse possível apalpá-las, cheirá-las... e talvez isso seja possível, afinal, por que não? Trago a poesia, quem sabe possa ajudar...

há que saber cheirar poemas. ser derretido por um sotaque com resíduos de infância. ser pisado por uma frase linda. aceitar uma ignorância vindoura e certa. ser um palácio a olhar um burro. ser uma cigarra e contar a estória verdadeira da formiga. há que saber encontrar o ponto exacto onde uma chuva já não quer chover [isto fica perto, muito perto, do coração das pessoas]. há que ser francamente infantil. muito mesmo: deixar a pacaça demarcar um livro inteiro. (ONDJAKI, 2009a, p.69) sic²⁷⁵

E pelos cheiros da infância, e também pelo que me move na educação: o lugar das tantas infâncias vividas pelo país. Trago umas das temáticas do projeto Territórios do Brincar²⁷⁶:

²⁷³ Tradução: “os de trás (os jovens) os estão seguindo (dando-lhes continuidade)”. (RIBEIRO, 1998, p. 61)

²⁷⁴ Estou aqui a conversar com o conto A ilha desconhecida, de José Saramago:

“Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas...” (SARAMAGO, 1998, s/p)

²⁷⁵ Na obra, o autor não usa o recurso de letras maiúsculas.

²⁷⁶ O programa Território do Brincar é um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil.

Entre abril de 2012 e dezembro de 2013, os documentaristas Renata Meirelles e David Reeks, acompanhados de seus filhos, percorreram o Brasil. Eles visitaram comunidades rurais, indígenas, Quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral, revelando o país através dos olhos de nossas crianças. Renata e David registraram as sutilezas da espontaneidade do brincar, que nos apresenta a criança a partir dela mesma. [...]Este intenso trabalho de pesquisa foi sistematizado, dando origem a diversas produções culturais: um filme de longa metragem, dois livros e duas séries infantis para TV, filmes de curta metragem, artigos, além de uma exposição itinerante que, entre 2014 e 2015 percorreu o Brasil para levar um pouquinho do Território do Brincar para escolas, festivais, praças, etc. Informações retiradas de: <https://territoriodobrincar.com.br/o-projeto/>. Acesso em: 29 dez 2019.

Figura 15: Cozinhadinha em Territórios do Brincar



Fonte: <https://territoriodobrincar.com.br/videos-categorias/>. Acesso 28 dez 2019.

As imagens acima são *prints* de vídeos do projeto Territórios do Brincar, os quais muito me afetam a discorrer acerca das brincadeiras das infâncias, espalhadas por este país que pouco conhece nossas crianças, o que dirá das infâncias já idas nos Quilombos. Assumo um pensar imagético: as brincadeiras atravessam espaços e tempos, são ressignificadas, mas sempre estiveram em presença. E a cozinhadinha faz-se presença:

D: *Vó, contou da cozinhadinha que vocês brincavam quando eram criança?*

VD: *Contei! Eles chegavam “ô, tia Maria! Deixa a gente brincar de cozinhada!” “olha, pede pro João. Se ele mandar, ela vai. Se ele não mandar...” “ô, tio João!” “O que eu vocês querem, suas cacá?” “viemo pedir pro senhor deixar a Dica ir brincar de cozinhada!” “Onde é que vocês vão brincar?” “Lá no tio Martinho” Lá a gente fazia farinhada, tudo. Lá plantava madioca, aipim. Então a cozinhada era lá.*

B: *E era exatamente o que, vó?*

VD: *A cozinhada? A gente pegava um peixe. Se não tinha peixe a gente usava carne. Cada um tirava um pedaço, coisa de criança. (risos)*

E o pai dizia: “vocês não me saem de lá! E não vão pra casa dos outros fazer arte. E tem outra: acabou a cozinhada, em casa! Eu vou cuspir no chão. Se ela chegar aqui e o cuspe tiver seco, ela vai apanhar.” “Credo, tio! Por que o senhor fala isso?” “Não, eu tô dizendo e ordem é ordem.”

Aí acabava a cozinhada e vinha!

A Tia Ladi trouxe o brincar e também o que era *cozinhar mesmo*:

TL: *Nós brincava sim, sim quando era criança. brincava de pular corda, essas coisas assim... amarelinha, nós fazíamos assim no quintal, na areia, a gente passava o dia todo brincando. Domingo então, fazendo cozinhada fazendo comida...*

B: *Mas, fazia mesmo?*

TL: *(olhou-me estranhando) Claro, fazia, cozinjava mesmo! Fazia aqueles foguinhos, colocava umas pedras, uma lata, algo assim... E fazia um foguinho. pegava uma panelinha, como a gente cozinha hoje em dia. Cozinjava aquela comida, fazia café, era muito bom.*

Já o Tio Risca traz a imagem das amizades nas brincadeiras de casinha:

TR: *E eu toda vida tive essa amizade, tanto por homem, como mulher. Porque eu sempre respeitei as meninas daquela época. Não é que nem agora, que os meninos não podem brincar com menina que vai atacar. Nós não era assim, nós era amigo. Tanto que nós brincava de casinha. Nós era, por exemplo, brincava assim: tu era minha mulher e eu sou teu marido. Aí tinha os filhos, daí eu saía a matar passarinho, essas coisas, nós armava assim uma cabaninha pra brincar. Aí os guri saía pra caçar sabiá. Tinha muita rola. E as meninas ficavam esperando, nós chegar de volta. Dizia “ó, minha mulher, trouxe aqui nosso prato pra fazer nosso jantar”. Era bem divertido, sabe (RISOS). E a gente cozinhava. Mas a gente nunca teve aquela malícia, nunca. E as meninas também não tinham malícia com a gente.*

E, ainda, depois de algumas risadas soltas no ar, Tio Risca, retoma a conversa:

TR: *Depois, tempo de criança, voltando atrás, contando uns causos pra ti, aqui nós brincava muito de carrinho, nós fazia carrinho de laranja, fazia aquela tripa de carrinho, né. Eu ia ali, cortava bambu, fazia os eixos da laranja, e fazia aquelas tripa de carrinho de laranja.*

B: *As rodas eram laranja?*

TR: *Isso, as rodas laranja. E depois, eu também fazia carrinho de madeira, mas eu não sabia fazer a roda, até que fui no seu Leme, que era um senhor que trabalhava de carpinteiro e ele me ensinou como é que se fazia a roda. Aí ele pegou e passou, riscou uma roda e serrou dois pedacinhos e eu disse “eu já sei como é que é pra fazer.”. Aí eu peguei, vim pra casa, já completei aquela roda que ele tinha riscado. Porque agora eu já sei, tu ia serrando tu serra assim e assim, e tira o toquinho. Apreendi, porque ele me ensinou, né. Aí eu já sabia fazer a roda. Eu fazia muito carrinho aqui, e, meu irmão, meus primos vinham brincar, era assim. E se não, quando chegava nos domingos, nós ia jogar futebol. A gente tinha um time de adulto e tinha um time das crianças.*

B: *Mas jogavam juntos?*

TR: *(olhou-me espantado, sorrindo) Não, os adultos jogavam lá no time deles, eles disputavam torneios, essas coisas. E nós tinha um segundo time que era o futuro time pra quem fosse crescendo. Depois os mais velhos iam largando o time, né. O meu irmão, Louro, falecido Coca, largou, foram ficando mais velhos e largaram o time, aí os mais novos entravam. Aí eu entrei, por exemplo, no lugar do compadre Louro. O Edi já entrou no lugar do falecido Coca. Outro no lugar do falecido Aleu, depois o Aleu também deixou. E aí a gurizada ia entrando, né. Eu peguei o time aqui com 15 anos de idade. Meu irmão não queria nem por nada que eu jogasse, ele tinha medo que eu me machucasse, né. Mas nos treino eu treinava com eles quando faltava um. Então tinha esse time de criança. Aí nós ia disputar lá na barra do Itapocu, nós ia pra Barra Velha, era tudo assim. Aí quando os grandes arrumavam um time lá, nós chamava eles de “os grandes”, né. Adulto. Aí nós ia muito de caminhão, nessa época. Não precisava andar de ônibus, né. Aí eles levavam o time da gurizada e eles. Eles arrumavam um time lá de Barra Velha também, daí nós ia com o time principal.*

B: *Iam abrir o show. (risos)*

TR: *É muito bom.*

Aqui a presença de adultos e crianças, *um a espiar o que o outro fazia*, trouxe-me o pensar da cumplicidade, do quanto a infância nos exige aproximação, um criança, um brincar junto, acompanhar essas possibilidades de estar em conexão ao que é brincar, estar... Lembro, ainda, do avô-personagem, que lutava para trazer ao neto, os **amplos territórios da infância**:

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar a sós com os pais da criança. Então o velho explicou: a criancice é como o amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, tornarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecerem ao tempo, esquivarem-se do corpo e do juízo. E concluiu: - Esse é o milagre que um filho oferece - nascermos noutras vidas. E acrescentou: - E agora vou-me embora, porque senão ainda adormeço com as minhas próprias palavras. (COUTO, 2009. p. 114)

E, assim por esse criançar, Avó Dica transforma-se em uma menina diante dos meus olhos, sua fala fazia-me acreditar que o tempo não se pode aprisionar nos calendários, e o que se sente é como uma faísca a centelhar no espaço, sem rumo certo, quase como uma conversa entre idas e vindas:

VD: *Mas tinha meu irmão que era mais safado (morreu, coitado), se escondia na rua e quando elas voltavam, ó: assustava!*

B: *Ah, pra dar susto? Eu já tinha infartado! (risos)*

VD: *Assustava! Mas elas eram mais medrosas. Ali elas carcavam-lhe o pé (risos). Caiu no bueiro.*

B: *E ninguém veio socorrer?*

TL: *Aí eu levantei e corri (risos) Levantei, fui me agarrando nuns mato, assim, que era uma ponte, um negócio assim. Elas correram na frente e eu fiquei, né. Mas me levantei e corri também. Eu cheguei nelas e me deu vontade de... Né? Elas saíram correndo e me deixaram sozinhas!*

B: *E nem olharam pra trás, de certo.*

TL: *(ria solto e balançava a cabeça.)*

B: *Pescava na linha, vó?*

D: *Na linha. Eu ia com os meus filhos, que eram pequenos e com a minha cunhada. Hoje ela é falecida, coitada. “Ô cumadre! Cumadre, vamo lá no resgate, pescar?” Aí nós pegava minhoca, linha (nós pescava de minhoca) e nós ia. E eu tinha um irmão que era muito levado, marido dela. Aí eu chegava “vamo, cumadre, vamo” e ele: “onde você vão?”. Eu digo: “nós vamos lá no resgate, pescar” e ele: “vocês vão é pegar merda” (RISOS)*

Ele dizia: “tu vai atrás da Dica, Maria? Vocês vão pegar merda!” Eu dizia: “não, nós não vamos pegar merda! Vamos pegar peixe! Pra ti comer! E fica quieto aí.” e nós ia.

Chegava lá, tinha o Adilson. Aí eu riscava a linha, pegava a isca. Nós já tava pegando peixe. E ela não pegava nada de peixe! (risos).

E o meu filho, que era muito brincalhão, dizia: “ela vai pegar é um mussum!” Mussum é um peixe muito grande e ela tinha muito medo. E nós pegava e ela não pegava. Ela dizia “cumadre, eu vou lá pra frente!” (risos).

Eu dizia “corre lá, corre lá que ela vai cair na água” (RISOS)

E por força do rio, dos orixás das águas, lembro de Luar-do-chão e dos ditos do avôMariano:

De assim para sim: nesta sombra que, afinal, só há dentro de si, você alcança a outra margem, além do rio, por detrás do tempo.

Todos necessitam de grandes causas, precisam ter pátria, ter Deus. Eu não. Me bastou ter esta árvore. Não é dessas de se domesticar em jardim. Esta árvore, tal como eu, não tem cultura ensinada. Aprendeu apenas da embrutecida seiva. O que ela sabe vem do rio Madzimi. Longe do rio, a maçanqueira morre. É isso que a faz divina. Foi por

isso que sempre rezei sob esta sombra. **Para aprender de sua eternidade, ganhar um coração de longo alcance. E me aprontar a nascer de novo, em semente e chuva.** (COUTO, 2003, p. 258-260) grifos meus

Sim, porque agora chove forte, com estampido de quem sabe ser chuva, ser vida que corre e escorre. Converso com as imagens que me invadem, não sei se possível traduzir o som da gargalhada que ouvi naquele dia de pescaria, sim porque, de certa forma, eu estava lá ao lado da Vó Dica, em *beirada do rio*:

VD: Ele (o irmão) tinha o jeito. Ele pegava, erguia, jogava pra lá e “vupt!”, mais um bicho: mussum. Ai eu dizia: “e agora, Adilson, o que é que eu vou fazer com isso?”. Ele dizia: “deixa que eu tiro”. Já puxava a linha, tirava o mussum. “Tia, tá aqui agora. Esse bicho que tu vai fazer. Esse bicho nós vamos levar pra comer, tia, porque isso aí é peixe.” “Cruzes, rapaz! Tu é bobo?” “É peixe, tia” Dava assim o pedaço mais melhor que tinha, tirava assim aquela lixa que tinha, temperava ou deixava no molho. Pra fritar. Não tinha peixe melhor.

B: Coisa boa! E rendia, né? Se era um peixe grande...

VD: Rendia... Então nós ficava lá, pescando. Cansei de pescar lá e dava pra quem quiser comer. Faz tempo que eu não vou porque eu não posso andar, hoje, né. Mas quando eu podia... Fazia muito! Lá praqueles canto. Eu gostava de ir pra lá.

Porque uma conversa acerca das infâncias precisa de mergulho, ouvi isso nas andanças pelo Quilombo, e sim, precisa estar no lugar, sentir... Chamo o avô do conto O Rio das Quatro Luzes, que me fez ver isso, afastou minha adultez, e reforçou os que ouvi no Quilombo:

E dava-lhe este conselho: ele que, entretanto, fosse menino, distraído nas brincadeiras. E contou-lhe os lugares secretos da sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, iniciava-se nos **amplos territórios da infância**. Na companhia do avô, o moço acriançava-se, convertido em menino. E assim foi sendo. (COUTO, 2009. p. 111) grifos meus.

E foi sendo... Um criança esteve em conversa, e que me trouxe de volta, me fez parada na varanda de casa para evocar o que explode dos mares:

Uma criança escuta a concavidade de um búzio.
Talvez seja o momento de outra viagem
Na proa, decerto, a decisão da viragem.
Aqui se engendram alquimias
[...] Há grutas e pássaros de fogo
Rebentos de incômodos recados.
O difícil ofício de lavar a paciência.
Acontece a arte da viagem
Tanta aprendizagem de leme e remendo...
É quando o olho imita o exemplo da ilha
E todos os mares explodem na varanda.
(LIMA, 2011, s/p) Grifos meus

PELAS *MUKANDAS*²⁷⁷, DOS AVÓS

E sentada naquela varanda, ainda no bolso a folha de caderno da escrita de vó Dica, penso nos mares, nos rios, nas águas que se fizeram Quilombo, das travessias e dos acenos dos panos brancos. O que ficaria disso tudo? Por vezes, a sensação de uma escrita que poderia tomar o mundo (ou não), mas fica o desejo inicial das cartas de AvôMariano, e o que ficaria para os novos tempos... Porque se tinha um ideal de, durante as conversações, trazer *mukandas*, o que avós Quilombolas deixariam para quem viesse, ou para quem ainda está? Preste bem atenção:

Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. Aprenderá como se diz aqui: cada homem (e mulher) é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si. Sempre que for o caso, escreverei algo pra si. Faça de conta que são cartas que nunca antes lhe escrevi. Leia mas não mostre nem conte a ninguém. (COUTO, 2003, p. 56)

Porque essas *mukandas* têm um motivo de permanência, de pertença, fazem-se na conversa, no desejo, nos afetos, e por que não, no axé, como força vital, ação e reação no mundo. Então, atente: “E é por isso que visitará estas cartas não a folha escrita, mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. [...] esse é o serviço que vamos cumprir, eu e você, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura.” (COUTO, 2003, p 64-65)

Ao dizer de recados para as próximas gerações, a conversação tomou uma potência de histórias contadas ao pé do dia, entre céu azul, varanda, cozinha de ladrilhos coloridos, sofá da sala. Histórias segredadas, fazem-me lembrar do que fica, e chamo a sabedoria-presença da AvóCatarina: “Anos mais tarde descobrimos por que ela não aparecia nas alturas de contar estórias: secretamente, durante anos e anos, sussurrava a um ou a outro uma pequena estória para ser contada. Daí que tivéssemos sempre tantas estórias para contar e ouvir. Era a AvóCatarina que as contava.” (ONDJAKI, 2001, p. 84).

Falo disso, porque assumo a responsabilidade de contar os recados que ouvi, de trazer a potencialidade da oralidade, “o que significa uma interpelação de todos os sentidos – audição, tato, olfato, paladar, além da visão.” (SODRÉ, 2018, p. 228). E por fim, o que preenche meus vazios:

²⁷⁷ Origem: Angola. Tradução: carta, bilhete.

TR: *Eu acho que o mundo tá muito mudado, as pessoas mudaram muito. Por causa das invenções que veio, telefone celular, computador, essas coisas, o mundo foi mudando. Mas o legado que eu deixava pra eles, da minha parte, uma palavra de incentivo pra eles é o **respeito que eles tem que ter com as pessoas mais velhas**. E hoje, as pessoas mais novas, que nem os meus netos, não podem deixar de estudar, isso é muito importante. Eu tiro por mim, que eu não quis estudar, mas eu fui aprender uma profissão.*

Então, pros meus netos, eu gostaria de deixar esse recado. Que eles se tornassem homem, mas homem de bem, respeitassem as pessoas, que não roubassem nunca na vida, não precisa disso. E que trabalhassem. Ganhando pouco ou muito, tem que trabalhar. Sem trabalho o homem não vive.

TR: *Homem e mulher, né. Se não trabalhar, não vive. Então eu digo tanto pras netas mulher, quanto pros netos homem. Sempre tenha a sua independência, mas estudando. E seja uma pessoa de bem.*

B: *(eu olhava para ele, e sentia uma força em sua voz doce que não sabia explicar)*

TR: *Eu acho assim que a vida da gente, o que tá faltando hoje é a pessoa reconhecer que a outra é uma pessoa humana. Não é verdade? Por exemplo, com que orgulho que eu tô falando isso pra ti aqui? Eu tenho que me orgulhar, porque alguém lembrou-se de mim. Pra mim falar alguma coisa da minha época de infância, da minha época de moço, que eu graças a deus cumpri a minha meta, que era ajudar minhas irmãs e meu irmão já falecido. E mais a minha avó, o meu avô e mais um primo que vivia com nós. A minha missão nesse sentido eu cumpri. Agora eu tenho uma missão com os meus filhos, com a minha mulher, eu tenho um compromisso que eu não posso dar mancada. **Eu não posso agir diferente**. Eu acho que eu não quero falar isso e é sem querer me aparecer.*

E só por aqui, por essa dimensão da conversa, eu já teria muito o que refletir... Nesse momento o Tio Risca traz algo de essência, um saber que me avisa: “você cruzou essas águas por um motivo de nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar.” (COUTO, 2003, p. 64). Sim, estou em nascimento, porque as palavras do Tio Risca: **Eu tenho que me orgulhar, porque alguém lembrou-se de mim**, na verdade, trazem-me a certeza de que ter a conversa com ele, sua generosidade de dizer de si, foi um presente, algo a se levar para sempre. Ainda em sua fala, retomo uma palavra presente em diferentes momentos: missão. Estaria eu a conhecer a sua missão na vida, ou o que seria uma missão em vida? Recupero Somé (2013) em sua sabedoria burquinabê acerca de como reconhecer uma missão ou dom, ou plano do destino:

En mi cultura se dice que **a lo largo de la vida irás conociendo a las personas adecuadas que te ayudarán a recordar cuál es tu don**. Elegimos convivir con la gente que de una manera suave nos lleva a eso, pero quien más te ha retado o te ha puesto las cosas difíciles puede ser quien mejor ha propiciado que reconozcas tu don. Amamos un problema cuando es una puerta que nos descubre nuestro don, ya que nuestra misión de vida nos lleva por un río lleno de meandros. A mí de pequeña me dijeron que mi don era enseñar y yo me negaba a aceptarlo. Tenía seis años y ya me gustaban mucho las historias. Escuché muchas, pero no podía ver que esos relatos formaban parte de lo que tenía que enseñar. Cuando le pasaba algo a alguien yo le contaba una historia... Y entonces me decía: "¡Cuánto me has enseñado!". Entonces yo me enfadaba: "No, no. Es solo una historia, yo no enseño nada". Escaparte de tu don es imposible porque la vida te va colocando en un rincón hasta que lo aceptas y lo reconoces. Pero en Occidente la comunidad a menudo no

sabe reconocer el don de las personas ni contribuye a que lo desarrollen, y así es mucho más difícil fluir porque un don reconocido resulta más ligero de llevar.²⁷⁸

O que dizer? “ao longo da vida você conhecerá as pessoas certas que o ajudarão a lembrar qual é o seu presente.”, e ele, o Tio Risca, fez isso o tempo todo da conversa. Só uma palavra agora me ocorre: *Kanimambo*²⁷⁹ Ao seu dizer, revela-se também o respeito, palavra de força também trazida pela Vó Dica:

*VD: Só um recado. Que era pra se cuidar bem, **respeitar os outros pra ser respeitado**, porque toda vida eu falei isso pra eles. Não beber, porque hoje eu tô aqui, amanhã eu não tô. Eu já não posso fazer nada por eles, né. É o recado que eu ia passar, porque é o que eu to passando sempre pra eles. Cuide bem do seu marido, cuide bem do seu namorado, porque é pessoa boa. Eu sempre to aqui. Eu quero ver eles bem. Não quero ver eles mal. Porque a pessoa que respeita, é respeitada. Como eu digo pra eles, se não respeitar, quem vai respeitar eles? Né? Toda vida eu falei. As pessoas de antigamente eram mais honradas. Tinha um que gostava de passar mão, mas eram muito poucos. É isso que a gente tem que se cuidar.*

Quando o Tio Coen disse de seus recados para quem ainda está por vir, demorou a me olhar, parece que buscava o que dizer, mas na realidade, ele estava era a reunir força, pois naquele momento sua voz, tomou força, precisão: *eu quiria que eles fosse sempre honesto. Não minti pra ninguém. Todos eles, que **lembrasse da gente, de como a gente viveu e não esquecer***. E, continuou olhando nos meus olhos, naquele momento, por segundos, havia uma conversa sem palavras. Lembrei da Avó Catarina: “Gosto muito das nossas **conversas mesmo quando às vezes nem conseguimos dizer nada.**” (ONDJAKI, 2009, p. 82) - grifos meus.

A voz da Tia Balbina também ecoa aqui:

TB: Eu diria que eles fossem sempre como nós fomos. Porque nós não fomos rebeldes, nós não roubemo, nós não matemo... Agora as crianças já não ligam mas tanto pra gente. Agora se um diz assim “não, não faz isso”, o outro já vem e diz “tu tá bobo, vai atrás dessa velha!”, né? É, tiram do caminho! Hoje passou o mais velho aí, foi na barra velha comprar carne. Ele disse “ah, falaram que a senhora tinha operado o pé,

²⁷⁸ Por minha livre tradução:

Na minha cultura, diz-se que ao longo da vida você conhecerá as pessoas certas que o ajudarão a lembrar qual é o seu presente. Optamos por viver com pessoas que de maneira gentil nos levam a isso, mas quem mais desafiou você ou que dificultou as coisas para você pode ser a pessoa que melhor o incentivou a reconhecer seu presente. Adoramos um problema quando é uma porta que descobre nosso dom, pois nossa missão de vida nos leva ao longo de um rio cheio de meandros. Quando criança, me disseram que meu presente era ensinar e eu me recusei a aceitá-lo. Eu tinha seis anos e realmente gostava de histórias. Ouvi muitos, mas não via que essas histórias faziam parte do que eu tinha que ensinar. Quando algo acontecia com alguém, eu contava uma história para ele ... E então ele me dizia: "Quanto você me ensinou!" Então ficava com raiva: "Não, não. É apenas uma história, não ensino nada." Escapar do seu presente é impossível porque a vida o coloca em um canto até que você o aceite e o reconheça. Porém, no Ocidente, a comunidade muitas vezes não sabe reconhecer o presente das pessoas ou contribuir para o seu desenvolvimento e, portanto, é muito mais difícil fluir porque um presente reconhecido é mais leve.

²⁷⁹ Origem: Moçambique. Tradução: obrigada.

*mãe. Eu vim ver como é que tá”. Eu disse “to indo, meu filho. Manca, mas tô indo”.
Porque hoje em dia eles se preocupam, né.*

TB: *Então, tinham que aprender a respeita, não pode esquecer.*

Retomo as conversações aqui em curso, especialmente ao que diz do esquecimento como manobra de massacre. Aparece aqui, nos recados, a imensa semântica de **não esquecer**. Penso no significado disso, vindo de remanescentes Quilombolas, sua preocupação de manter as gerações em respeito, em lembrança de quem se é. Chamo Rufino (2019) para dizer que,

A narrativa inventora do mundo, a partir do advento da modernidade ocidental, produz presença em detrimento do esquecimento. Se engana quem pensa que a história é uma faculdade que se atém somente àquilo que deve ser lembrado, a história, como um ofício de tecer narrativas, investe fortemente sobre o esquecimento. Assim, é na perspectiva da produção da não-presença da diversidade que se instituiu uma compreensão universalista sobre as existências. (p.14)

Portanto, de não esquecer, da ideia de lembrar sempre, mesmo que em outra dimensão, Tia Ladi ruma a conversa:

TL: *Ah, eu gostaria de deixar pra eles que o dia que eu morrer, assim, que eu amo muito eles... Assim, que a gente cria pra ver a vida a todo custo, mas a gente sabe que não vai acontecer isso, **porque um dia a gente se vai daqui, né.** E é isso. Eles vão crescendo e vão crescer, vão viver a vida deles... O que eu desejo pra eles é isso aí, né, que eles sejam felizes, que sejam uma boa pessoa. É isso.*

TL: *Assim como eu criei meus filhos, dei educação pra eles, a mesma coisa pra eles. Depois também, eles casam, tem a família deles, é assim que a gente cresce.*

Sim, Tia Ladi, a gente cresce, e de tudo que está em conversa, trazes a ideia de regar, ou de ‘aguar’, como diz minha *mais-velha*: *tu já aguou as plantas hoje? precisa aguar todo dia, pra cresce forte.* E aqui me ocorre que não estamos a falar de água, somente. Chamo AvóDulcineusa: “— Já alguém deitou água à casa? —Todos os dias a Avó regava a casa como se faz a uma planta. Tudo requer ser aguado, dizia ela. A casa, a estrada, a árvore. E até o rio deve ser regado.” (COUTO, 2003, p.31). Ou ainda as águas das plantas da AvóAgnette:

Ouvi os passos dos chinelos da Avó bem devagar, vi as primeiras luzes da manhã. Um dia alguém disse que aquela era uma luz muito fresca, eu ria de ouvir essas frases dos poetas, ‘luz fresca’, como a água da Avó regar as plantas verdes de manhã, isso quando a água vinha. Se a água não viesse, a minha Avó, que é muito engraçada, regava mesmo assim. (ONDJAKI, 2012, p.29)

— É que regar faz bem às plantas, mas também faz muito bem a quem rega. Mesmo sem água de verdade, como tu dizes. (ONDJAKI, 2009, p.114)

Muito mais que as *mukandas* aqui deixadas, estão os saberes em cada conversa, em cada riso, gesto, afeto. Engano meu achar que as *mukandas* estariam restritas ao que pedi (*o que deixariam de recado para os que ainda estão por vir?*). Foi muito mais profundo que isso. Só

agora percebo que a composição de todas as conversas são por si as *mukandas*, e não somente o que me disseram nessa dimensão da conversa, já na primeira entrada, em dia de pré-estreia, ou da conversa com as meninas quilombolas em seu intervalo de formação continuada, a dizer de cartas. Porque estamos a falar do sagrado, do *compartir* a vida e as *coisas da vida; do acercar-se das infâncias e de mukandas*. Mas também estamos a dizer de historicidade, de escravidão, de crime, mortes, pobreza, racismo, preconceito, invisibilidades, legislação e morosidade, manobras políticas de embranquecimento e, claro, de esquecimento. *É* como se chegasse o momento de entender o que o avôMariano estava a fazer quando de suas cartas enviadas não por suas mãos: “Assim eu uso a sua mão, vou na sua caligrafia, para dizer as minhas razões. Sou como besoura. Abro as asas, as de fora, só para perder o resguardo. Porque lá dentro, bem ocultas, estão as outras asas, as voáveis, essas que me levam para além de mim.” (COUTO, 2003, p. 138).

Outras asas, talvez essa tenha sido a dimensão mais profunda desta conversação. A possibilidade de estar, de perceber nas pessoas as suas tantas histórias e acalentar o desejo de que essas histórias sejam, de fato, ouvidas. Não pelas minhas palavras, mas pela minha tentativa de rizomas, de trazer as geografias do invisível. Quiçá fosse possível sim voar por espaços esquecidos, e trazer para perto o simples direito de estar nas suas terras, e ser quem se é. Talvez, essa seja uma conversa solitária, ao som da chuva, que mais uma vez brinca de escorrega na calha barulhenta. Porque, assim como o avôMariano eu também sou chuva: “É esta chuva, e aponte para a janela, esta chuva que não pára, já quase não nos resta mais céu. Lhe confessei um segredo, no momento: estou sempre ganhando esperteza com a chuva. Há coisas que só vejo através das gotas, em dia chuvoso.” (COUTO, 2003, p. 149).

A chuva fez presença em muito dias desta escrita, como agora, como o tempo que escorre, sem que eu consiga segurá-lo, porque “Todo o tempo está em suas mãos, fosse um mar feito de uma só onda.” (COUTO, 2003, p. 197) Mas de uma onda que não consigo domar, afinal as águas do mar, este que também esteve em presença, são impossíveis de se conter com as mãos, talvez o máximo para este momento seria sentar nas varandas que transitei e vê-lo explodir.

Na verdade, não somente do mar, mas também das águas que se fizeram pertença desta escrita, assim quero dizer do significado sagrado e ancestral das águas a mostrar força e permanência. Não é fim de conversa, eu diria uma retirada, para que as conversas continuem, neste e em outros planos (você escolhe). Pelas águas, trago o dia que o *avô-personagem* de um certo menino estava a ter seu sono sem peso, e naquele momento, o neto sabia o que estava a acontecer:

Não houve necessidade da mensagem. Longe, na residência do casal, o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo. E os seus olhos intemporaram-se em duas pedrinhas. No leito do rio afundaram-se quatro luzes. Da feição que fui fazendo, contei-vos o motivo do nome deste rio que se abre na minha paisagem, em frente à minha varanda. O rio das Quatro Luzes. (COUTO, 2009. p. 111-116)

Sim, deste rio que se abre em paisagem, na minha paisagem e minha passagem. Aqui são cinco luzes que estarão sempre perto: Tia Balbina, Tia Ladi, Vó Dica, Tio Coen e Tio Risca, e também Daniela e Alessandra, por presença e lembrança. É hora de deixar o curso das águas e seguir em outras direções, não para deixar a escrita, mas para criar asas:

Afinal, tudo o que escrevi foi por segunda mão. (por várias mãos Quilombolas) A sua mão, a sua letra me deu voz. Não foi senão você que redigiu estes manuscritos. E não fui eu que ditei sozinho. Foi a voz da terra, o sotaque do rio. O quanto lembrei veio de antes de ter nascido. Como essa estrela já morta que ainda vemos por atraso de luz. [...] E levem-me para o rio. Aproveitemos a madrugada que é boa hora para se nascer. (COUTO, 2003, p. 259)

Assim, a ver as águas que correm para o mar, Malembelembe²⁸⁰ retiro-me.

²⁸⁰ Origem: Angola. Tradução: muito devagar, cautelosamente.

UMA ÚLTIMA PALAVRA

Das tantas que ouvi, deixo a mais forte: *Karama!*²⁸¹

²⁸¹ Origem: Quênia-Tanzânia. Tradução: respeito

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Perigo de uma história única**, publicada em outubro de 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 22 jan 2018.
- AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In KI-ZERBO, J. **História Geral da África**. São Paulo: Ática, 1981. v. I.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 2, p. 375-391, ago. 2015.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad, Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história no processo de formação Quilombola**. Bauru: Edusc, 2006.
- ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: SANSONE Livio; PINHO, Osmundo Araújo (organizadores). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2ed. Rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.
- BARBOSA, Paulo Corrêa. **Minas dos Quilombos**. Schuma Schumacher, Caces. – Brasília: MEC / SECAD, 2010.
- BARBOSA, Paulo Corrêa. **Quilombos, espaço de resistência de homens e mulheres negras – texto para reflexão com o/a professor/a**. MEC/SECAD. DF, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002193.pdf>. Acesso em: 22 jan 2018.
- BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz. **Memória sobre a abolição do commercio da escravatura**. (sic) Biblioteca do Senado Federal: Rio de Janeiro, 1837. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/174453/000093755.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 mai 2019.
- BARROS, Manoel de. Escova. **Memórias inventadas: A infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BEDESCHI, Luciana; ZANCHETTA, Maria Inês. **Cidadania Quilombola**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.
- BERALDI, Gastón. Literatura y filosofía: La literatura como problema em Deleuze o La escritura como phármakon. **EIKASIA: revista de filosofia**. org. mayo.2013. p.165-175. Disponível em: <http://www.revistadefilosofia.org/49-07.pdf>. Acesso em: 21 jan 2020.
- BIDIMA, Jean-Godefroy, Introdução. Do cruzamento: contar experiências, compartilhar o significado. **Rue Descartes**, 2002/2 (n.º 36), p.7-18. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2002-2-page-7.htm>. Acesso em: 22 jun 2019.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOTEGA, Gisely Pereira **Toca de Santa Cruz (SC):** tramas das mulheres negras, Quilombolas e yalorixás nos processos de socialização com as crianças. 2016. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação

BRASIL. 1988. **Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: promulgada em 5 de outubro de 1988.** *Coletânea de Legislação Ambiental e Constituição Federal.* Organização: Odete Medauar. 7ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. 2008.

BRASIL. **Annaes do Parlamento Brasileiro.** Sessões de 1826 a 1830. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/27462>. Acesso em: 26 mai 2019;

BRASIL. **Código Criminal 1830.** Manda executar o Código Criminal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm. Acesso em: 26 mai 2019.

BRASIL. **Conferência Nacional de Educação CONAE.** Documento final, 28 de março a 1º de abril de 2010. Brasília, 28 mar. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto nº. 6.044/2007.** Aprova a Política Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos - PNPDDH, define prazo para a elaboração do Plano Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos e dá outras providências. Brasília, DF: 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6044.htm. Acesso em: 22 mai 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010

BRASIL. **Povos e comunidades tradicionais de matriz africana** – cartilha - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais: Brasília, 2016

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010:** dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em: 29 dez 2019.

BUZELIN, Márcio et al. **O Que Eu Também Não Entendo.** 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LBZiqoPojSQ>. Acesso em: 10 nov. 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção.** 11ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação Quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.

CARVALHO FILHO, Luís Francisco. Impunidade no Brasil: Colônia e Império. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 181-194, Aug. 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200011. Acesso em: 26 mai 2019.

CERQUEIRA, Daniel. et al. **Atlas da Violência 2018**. Nota Técnica Ipea. Brasília: junho de 2018.

CHAVES, Rita. O Passado Presente na Literatura Angolana. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.3, n.6, p. 245-257, 1ºsem. 2000.

CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros**: O tráfico escravista para o Brasil. Tradução de Elvira Serápicos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

COUTO, Mia. **À porta da modernidade, há sete sapatos sujos que precisamos descalçar**. 2005. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/mia-couto-a-porta-da-modernidade-ha-sete-sapatos-sujos-que-necessitamos-descalcar>. Acesso em: 20 dez 2019.

COUTO, Mia. Língua que não sabemos que sabíamos; Luso-afonias - a lusofonia entre viagens e crimes. In: **E se Obama fosse africano?**: e outras intervenções. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTO, Mia. Nas águas do Tempo. In: COUTO, Mias. **Estórias abensonhadas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. O rio das Quatro Luzes. In: COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 111-116

COUTO, Mia. **Perguntas à língua portuguesa**. 1997. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/perguntas-a-lingua-portuguesa/118>. Acesso em: out. 2010.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **A história africana e os elementos básicos para o seu ensino**. Núcleo de Estudos Negros (NEN): Florianópolis, 1997.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado**: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2012.

DANTAS, Luís Thiago Freire. A invisibilidade da filosofia africana no discurso acadêmico brasileiro. **Educação e Filosofia**, v.30, n.59, p.405-424, jan./jun. 2016

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix . **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIOP, Birago. Le souffle des ancetres. In: **Leurres et lueurs**, Presença Africana: 1960.

ESTÉS. Clarissa Pinkola. **A Ciranda das Mulheres Sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. RJ: Rocco, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. **Peles Negras Máscaras Brancas**. Renato da Silveira (Trad.). Salvador/BA: EDUFBA, 2008.

FELINTO, Marilene. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão: o Quilombo da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

FORREST, Andrew. **GLOBAL SLAVERY INDEX 2016**. Disponível em: <https://downloads.globalslaveryindex.org/GSI-2016-Full-Report-1516542386.pdf>. Acesso em: 21 jan 2018.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GILROY, Paul. **Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro: Ed.34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIULIANO, Facundo. **Rebeliones éticas, palabras comunes: conversaciones (filosóficas, políticas, educativas) con Judith Butler, RaúlFornet-Betancourt, Walter Mignolo, Jacques Rancière, SlavojŽižek**. Buenos Aires: Miño y DávilaEditores, 2017.

GLISSANT, Édouard. **Caribbean Discourse**. Trad. J. Michael Dash. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Editora Sextante, Lisboa, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educ. Pesqui. vol.29 no.1 São Paulo Jan./ Jun 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1>. Acesso em: 28 set. 2019

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **SciELO.br**. Nº 21, Set/Out/Nov/Dez 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

GOULART, Maurício. **Escravidão Africana no Brasil: Das Origens à Extinção do Tráfico**. São Paulo; Alfa-ômega, 1975. p. 202-209

GROSGOUEL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 32-35, June, 2007.

GUTIÉRREZ, Horácio. O tráfico de crianças escravas para o Brasil durante o século XVIII. In: **Revista História**, São Paulo, 120, p.59-72. jan/jul. 1989.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, nº 2, jul./dez, 1997.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik, Tradução Adelaine, La Guardia Rezende & outros. 1 Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Editor). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2ª edição revista. Brasília: UNESCO, 2010.

HOUNTONDJI, Paulin. **O antigo e o moderno. A produção do saber na África Contemporânea**. Luanda: Pedago/Mulemba, 2012.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catharine. **Análise da Conversação**. São Paulo: Parábola, 2006 [1943]

KOHAN, Walter Omar. (org.). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: Ensaios de Filosofia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 125-138, set./dez., 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13083>. Acesso em: 28 dez 2019.

LEAL, Bernardina Maria de Sousa. A infância, entre a literatura e a filosofia. In: KOHAN, Walter Omar. (org) **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. **A escravidão nas Américas**. 2016. <https://www.geledes.org.br/escravidao-nas-americas/>. Acesso em: 21 jan 2018.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. Edição especial, Lisboa, Caminho, 2012.

LIMA, Conceição. **O país de Akendenguê**. Lisboa: Caminho, 2011

LIMA, Conceição. **Quando florirem salambás no tecto do pico**. Edição da Autora: São Tomé e Príncipe, 2015.

LOUW, Dirk. Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Tradução: Luís Marcos Sander. Vol. 340, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao353.pdf>. acesso em: 22 nov 2019.

LUCENA, Danielle Cabral de. **A proteção conferida pelo Art. 68, ADCT, às comunidades remanescentes de Quilombos**. 2014. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.51732>. Acesso em: 20 jan 2018.

MALOMALO, Bas'llele. Eu só existo porque nós existimos. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Tradução: Luís Marcos Sander. Vol. 340, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao353.pdf>. acesso em: 22 nov 2019.

MAMIGONIAN, Beatriz Galotti. **Africanos livres: a abolição de do tráfico de escravos no Brasil**. 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: _____. A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise. Texto utilizado para obtenção da titulação de livre-docência. UNESP: ONEESP, s/d.

Digitalizado. Disponível em:
<http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista>. Acesso em 22 mai. 2018.

MARTINS, Cleo. **Nanã: a senhora dos primórdios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001, p. 171-209.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona: Lisboa, 2014.

MBEMBE, Achille. O Tempo em Movimento. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 3, dez/2017-mar/2018, pp. 21-41, 2017

MBEMBE, Achille. O tempo que se move. Trad. Michelle Cirne. **Cadernos de Campo**. São Paulo, v. 24, n. 24, p. 369-397, june 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/96622/114118>>. Acesso em: 03 ago 2018.

MENEGUELLO, Cristina. **Da Ruína ao Edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana**. São Paulo: Annblume, 2008. -84.

MEYER, Dagmar Elizabet. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: Costa, Marisa Vorraber; Bujes, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social- Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Clovis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MOURA, Clovis. **Rebeliões na senzala, Quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele. As faces de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MUNANGA, Kabengele. Entrevista: Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil, concedida para Lilian Milena. 2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Kabengele-Munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-Brasil/5/44091>. Acesso em: 23 nov 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2002.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo**: documentos da militância pan-americana. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. Pronunciamento de Abdias Nascimento em 13/05/1998. Senado Federal. Brasília: DF, 1998. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/texto/226669>. Acesso em: 18 ago 2018.

NERI, Jefferson Crescencio. **Proteção jurídica e gestão em colaboração do patrimônio cultural Quilombola**: as arqueologias práticas comunitárias como base para a proteção e autogestão cultural e territorial sustentável, do lugar ao planeta. 2017. 355 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Programa de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

O'DWYER Eliane Cantarino. (Org). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

O'DWYER Eliane Cantarino. **O papel social do antropólogo**: aplicação do fazer antropológico e do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 18, p. 28-47, maio/out. 2012.

OLIVEIRA, Paulo César Pereira. Povos Tradicionais de Matriz Africana. Texto apresentado no **Seminário "Territórios das Matrizes Africanas no Brasil"**, Brasília, 14 e 15/12/2011. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/igualdade-racial/relatorio-seminario-territorios-das-matrizes-africanas-no-brasil-povos-tradicionais-de-terreiro/view>. Acesso em: 25 dez 2019.

ONDJAKI. **A bicicleta que tinha bigodes**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ONDJAKI. Afinal Odorico sabia cantar. In: TAVARES, Ana Paula; MARMELO, Manuel Jorge; ONDJAKI; ASSUNÇÃO, Paulinho. **Verbetes para um dicionário afetivo**. Alfragide: Caminho, 2016.

ONDJAKI. **AvóDezanove e o segredo do soviético**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ONDJAKI. **Materiais para confecção de um espanador de tristezas**. Lisboa: Caminho, 2009a

- ONDJAKI. **Momentos de aqui**. Coleção letras angolanas. Luanda: Editorial Nzila, 2002.
- ONDJAKI. **O convidador de pirilampos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- ONDJAKI. **Os Transparentes**. 1ª. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2013a.
- ONDJAKI. **Uma escuridão bonita**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PIROLA, Ricardo Figueiredo. O governo e o desgoverno dos escravos: a pena de morte escrava e a lei de 10 de junho de 1835. In: **IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Universidade Federal do Paraná Campus Universitário Curitiba, PR, 2009. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/ricardofigueiredopirola.pdf>. Acesso em: 28 mai 2019.
- PRANDI, Reginaldo. O CANDOMBLÉ E O TEMPO Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais - VOL. 16 Nº. 47**, 2001.
- PRISCO, Yá comendadora Carmen S. **As religiões de matriz africana e a escola - Guardiães da Herança cultural, memória e tradição africana**. São Paulo: Sem editora, 2012. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/As-religi%C3%B5es-de-matriz-africana-e-a-escola_apostila.pdf. Acesso em: 23 jul 2019.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: LUCENA, Célia Toledo et al (org.). Pesquisa em ciências sociais – olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: CERU e Humanitas, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo. **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas**. São Paulo: CLACSO, 2005. p. 227-278.
- RAMOSE, Mogobe. A importância vital do “Nós”. Tradução: Luís Marcos Sander. In. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Vol. 340, 2010.
- REIS, João José. Presença negra: conflitos e encontros. In: IBGE. **BRASIL: 500 anos de povoamento**. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 232 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>. Acesso em: 18 jan 2018.
- RIBEIRO, João Luiz de Araújo. **A lei de 10 de junho de 1835: Os escravos e a pena de morte no Império do Brasil**, dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ, 2000
- RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **De Boca Perfumada a Ouvidos Dóceis e Limpos: Ancestralidades Africanas, Tradição Oral e Cultura Brasileira**. Itinerários, Araraquara, Nº 13, 1998.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de, SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversar como metodologia de pesquisa – uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de, SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa – por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Editorial Mórula: Rio de Janeiro, 2019

RUI, Manuel. **11 Poemas em Novembro**. Luanda: Ed. Lavra e Oficina, 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Santa Catharina (1820)** Tradução e prefácio: Carlos da Costa Pereira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/20441>. Acesso em: 22 mai 2019.

SANTA CATARINA. **Política de educação escolar quilombola**. Secretaria de Estado da Educação. – Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. **Revista Crítica de ciências sociais**. nº 48 – jun 1997. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF. Acesso em: 23 jul 2019.

SANTOS, Izabel Cristina da Rosa Gomes dos. **Lugar da infância: os miúdos narrantes nas obras de Ondjaki**. 2015. 238 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2015.

SANTOS, Simone Ritta dos. **Comunidades Quilombolas: as lutas por reconhecimento de direitos na esfera pública brasileira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. Cia das Letras: São Paulo, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, Richard. **Respeito: a formação de caráter em um mundo desigual**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SERPA, Andréa. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de, SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa – por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SILVÉRIO, Valter Roberto. A diferença como realização da liberdade. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SKLIAR, Carlos Bernardo; BÁRCENA, Fernando. Pensar y sentir las diferencias. Cartas entre la amistad, la incomodidad y el sinsentido. **Revista Teias**, [S.l.], v. 16, n. 40, p. 6-27, mar. 2015. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24547/17527>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). Tradução Tiago Ribeiro. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de, SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa – por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003

SOARES, Elza; WISNIK, José Miguel; SIQUEIRA, Alê. **A carne**. São Paulo: Dubas Música, 2002. 01 partitura (01 p.). Música popular. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/elza-soares/a-carne.html>. Acesso em: 29 maio 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017,

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. Trad. Débora Weinberg. São Paulo: Odysseus, 2007.

SOUZA, Jessé. [et al.] **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda: estórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WALDMAN, Maurício. Africanidade, espaço e tradição: a topologia do imaginário espacial tradicional africano na fala ‘griot’ sobre SundjataKeita do Mali. **África Revista do Centro de estudos africanos**. USP. São Paulo, 2021: 1998. p. 228

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**, São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – SELEÇÃO ABRALIC - QUILOMBO – QUILOMBOLAS – QUILOMBISMO

Quadro 16: Seleção ABRALIC – palavras Quilombo – Quilombolas – quilombismo (2004 – 2018)

ANO	ARTIGO ENCONTRADO	AUTORIA	ARTIGOS PESQUISADOS
2018	Memória, processos de identificação cultural e desobediência epistêmica na/da comunidade Quilombola da ilha de São Vicente em Araguatins-TO	Alex Montel de Sousa	420
	Zumbi e o Quilombo dos Palmares por Almeida uma protagonista negra: história, literatura, poesia e resistência	Karla Cristina Eiterer Santana	
2017	As representações da África no Quilombo dos palmares: história, identidade e cultura africana	Karla Eiterer. Enilce Albergaria.	697
	Quilombos Editoriais	Fabiane Cristine Rodrigues. Luiz Henrique Silva de Oliveira.	
2016	Quilombismo/maroonage: revisões da escravidão e o ideal libertário na literatura negra contemporânea das Américas	Denise Almeida Silva.	669
2015	Literatura negra brasileira: quilombismo, teoria e praxis	Denise Almeida Silva	400
	(Des)alinhando o canto-poema das cantadoras Quilombolas do extremo sul da Bahia	Gean Paulo Gonçalves Santana	
2014	Nenhum artigo encontrado	-	Não informado
2013	Construção de identidades culturais afrodescendentes no livro as canções e histórias de um capoeira, de Ulisses Gomes da Silva (Esquilo)	Francílio Benício Santos de Moraes Trindade	492
2012	Nenhum artigo encontrado	-	218
2011	Nenhum artigo encontrado		Não informado
2008	Tecendo estórias em comunidades rurais Quilombolas maranhenses aqui e acolá	Joseane Maia Santos Silva	
	Memória, utopia e construção de identidades na epopeia Quilombola "canto dos palmares", de Solano Trindade.	Elio Ferreira de Souza	
	Por uma poética da diferença: a escrita Quilombola de José Carlos Limeira	Zoraide Portela Silva	
2007	Nenhum artigo encontrado	-	
2006	Nenhum artigo encontrado		
2004	Nenhum artigo encontrado		

Fonte: <http://www.abralic.org.br/>. Acesso em: 20 dez 2019 - Elaboração da autora, 2018.

APÊNDICE 2 - SELEÇÃO ABRALIC – PALAVRAS AVÓS - MAIS VELHOS -LITERATURA AFRICANA

Quadro 17: Seleção ABRALIC – palavras avós - mais velhos -literatura africana (2004 – 2018)

ANO	ARTIGO ENCONTRADO	AUTORIA	LOCAL	Publicados
2018	O ensino de literatura africana em língua portuguesa e suas perspectivas	Cristiane da Silva Umbelino. Danglei de Castro Pereira.	Brasília/DF	420
2017	nenhum	-	Rio de Janeiro	697
2016	nenhum	-	Rio de Janeiro	669
2015	Cecília e Carolina: a representação das avós em Luandino Vieira e Mia Couto	Ana Claudia da Silva	Belém	400
	Literatura brasileira e africana em diálogo: reflexões acerca da representação da infância nas obras Meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro de Vasconcelos, e Comandante Hussi, de Jorge Araújo	Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira		
	Novos caminhos e novos olhares para o ensino de literaturas africanas de língua portuguesa no ensino regular	Irene Izilda da Silva. Marcio Jean Fialho de Sousa		
2014	A literatura africana no ensino médio como instrumento para a mudança de postura na direção de uma educação antirracista	Karina Lobo Magalhães Castro. Paulo M. Nunes	Belém	119
2013	Deus ex machina: o insólito em “A estranha máquina extraviada”, de J. J. Veiga e “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, de Mia Couto	João Olinto Trindade Junior	Campina Grande	492
	Duas velhinhas diante do mundo: estudo comparativo entre “a avó, a cidade e o semáforo”, de Mia Couto e “o grande passeio”, de Clarice Lispector	Etiene Mendes Rodrigues		
	O olho de vidro de meu avô: um olhar solidário em dois mundos	Francielly Câmara Lopes Tânia Maria de Araújo Lima		
	O discurso no tempo: uma análise comparativa da literatura africana sob a perspectiva memorialista	Luiz Paulo de Carvalho Ferreira Rosilda Alves Bezerra		
	O que há de negro na atual literatura africana de língua portuguesa?	João Edson Rufino		
2012	nenhum	-	Campina Grande	118
2011	A tradição nas modernas literaturas caboverdiana e moçambicana: uma análise de sangue da avó, manchando a alcatifa e filho és, pai serás	Elisangela Aparecida da Rocha	Curitiba	-
2008	nenhum	-	São Paulo	-

Fonte: <http://www.abralic.org.br/>. Acesso em: 21 dez 2019. Elaboração da autora, 2019.